# FORMULÁRIO Da ALTA MAGIA

Sociedade das Ciências Antigas

Por

P. V. Piobb

Edição inteiramente revista e aumentada com abundante documentação explicativa referente a todos os tempos e todos os países no tocante às práticas derivadas do antigo ensinamento esotérico.

Traduzido do original francês

"Formulaire de Haute Magie"
Éditions Dangles – 1937

Sociedade das Ciências Antigas

# FORMULÁRIO Da ALTA MAGIA

Por

P. V. Piobb

Edição inteiramente revista e aumentada com abundante documentação explicativa referente a todos os tempos e todos os países no tocante às práticas derivadas do antigo ensinamento esotérico.

Traduzido do original francês

"Formulaire de Haute Magie"
Éditions Dangles – 1937

Sumário

PREFÁCIO ..... 6
PREFÁCIO DA NOVA EDIÇÃO ..... 6
ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO DAS FONTES DOCUMENTÁRIAS ..... 8
I – INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA MAGIA ..... 10
Exposição do Tema ..... 10
II – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS MODALIDADES MÁGICAS ..... 16
Definições ..... 16
Bosquejo Histórico ..... 17
Definições Etimológicas ..... 23
Universalidade das Práticas ..... 25
Distinções Qualitativas ..... 29
Doutrina ..... 31
Casos Particulares de Satanismo ..... 37
Aparência Hebraica ..... 41
III – CONDIÇÕES GERAIS DAS OPERAÇÕES MÁGICAS ..... 44
Observações Preliminares ..... 44
Regras Concernentes à Prática Operatória ..... 46
Condições Concernentes ao Operador ..... 50
Graus principais da aptidão mágica ..... 52
IV – CONDIÇÕES PARTICULARES DAS OPERAÇÕES MÁGICAS ..... 52
Momentos Favoráveis ..... 52
Tabela das horas planetárias ..... 53
Tempo Mágico ..... 53
Tábua das Moradas da Lua ..... 55
Qualidades elementares dos Planetas ..... 57
Inimizades e Amizades dos Planetas ..... 58
V – CHAVES E CLAVÍCULAS ..... 58
Importância e Utilidade ..... 58
Valores e Qualidades ..... 59
Chaves Denárias ..... 60
As Sephiroth ..... 61
Os Alfabetos ..... 61
As Clavículas ..... 63
VI – CLAVES PRINCIPAIS DA TEORIA E DA PRÁTICA ..... 64
Tábua de Esmeralda ..... 64
Evangelho de São João (início) ..... 64
Dispositivo das Sephiroth da Cabala ..... 65
Considerações das Sephiroth da Índia ..... 65
Adaptação grega das Sephiroth (Mito das Musas) ..... 66
Chave duodenária das divindades gregas ..... 66
Atribuições cosmogônicas das Sephiroth ..... 66
Hierarquia angélica, segundo as Sephiroth ..... 67
Nomes divinos correspondentes as Sephiroth ..... 67
Mundos da Cabala ..... 67
Chaves do Extremo-Oriente (aplicáveis à Astrologia) ..... 68
VII – ESOTERISMO GRÁFICO ..... 68
Figuração dos segredos ..... 68
Escrita talmúdica (Alfabeto de Esdras) ..... 70
Letras do alfabeto hebreu (disposições ordinárias, segundo Esdras) ..... 71
Adaptação do alfabeto hebreu ao Tarot ..... 71
Esoterismo das Letras Hebraicas ..... 72

Significado das 22 palavras sagradas ..... 72
Alfabetos ditos simbólicos (anteriores ao cativeiro da Babilônia) ..... 73
Alfabetos ditos mágicos (variante fantasiosa do hebreu) ..... 73
Alfabeto de criptografia alquímica ..... 74
Alfabeto atribuído aos Templários ..... 74
Alfabeto hieroglífico dos egípcios ..... 75
Radicais iniciáticos dos chineses (empregados como símbolos) ..... 75
Clavícula geral de Salomão ..... 76
Chave cabalística ..... 77
Chave esotérica ..... 77
Elementos das figuras simbólicas ..... 78
Significação das Cruzes Diversas ..... 81
Sinais Alquímicos ..... 82
Figuras distribuidoras (ditas figuras de geomancia) ..... 86
Aspectos das figuras geomânticas ..... 86
Figuras de repartição (denominadas *Koua* pelos chineses) ..... 87
VIII – DISTINÇÃO DAS PERSONIFICAÇÕES ATUANTES ..... 87
Categorias diversas das personificações ..... 87
Papel cósmico dos Anjos ..... 93
Quadro dos Anjos que governam as horas do dia ..... 93
Quadro dos Anjos que governam as horas da noite ..... 94
Setenário dos Arcanjos ..... 94
Setenário dos Demônios ..... 94
Quaternário dos Espíritos inferiores ..... 95
Atribuições dos Espíritos às letras hebraicas ..... 95
Lista das Personificações superiores ..... 96
Lista das 36 Personificações zodiacais ..... 98
IX – FUNÇÃO DOS NÚMEROS ..... 99
Particularidades ..... 99
As cifras ..... 100
Esoterismo dos números ..... 100
Números evocativos ..... 102
Números mistos ..... 103
Números figurativos ..... 104
Números simbólicos ..... 105
Emprego dos diversos números ..... 106
Chave quaternária dos números ..... 109
Chave duodenária por *adição* ..... 110
Chave duodenária por multiplicação ..... 111
Diversidade das chaves denárias ..... 111
Quadrados mágicos ..... 112
Método para montar quadrados mágicos de ordem ímpar ..... 113
Método para montar quadrados mágicos de ordem par ..... 114
Dissimulação dos números ..... 117
Quadrado mágico de Albrecht Durer ..... 118
Cifras criptográficas dos alquimistas ..... 119
Cifras talismânicas de Agrippa ..... 120
X – CORRESPONDÊNCIAS SIMBÓLICAS ..... 121
Princípios teóricos ..... 121
Distinção dos gêneros ..... 123
Modos de emprego ..... 126
Derivações supersticiosas ..... 127
Correspondências astrológicas ..... 129

Correspondências musicais ..... 129
Simbolismo dos Metais e Pedrarias ..... 130
Propriedades mágicas das pedrarias ..... 132
Classificação planetária de plantas diversas ..... 133
Simbolismo geral dos Vegetais ..... 136
A dormideira (planta) é emblema ..... 136
A íris (planta) é emblema ..... 136
Propriedades mágicas das plantas ..... 137
Atribuições ritualísticas dos vegetais ..... 139
Simbolismo ordinário dos animais ..... 140
Correspondências mágicas dos perfumes ..... 141
Correspondências gerais e especiais de diversas partes do corpo humano ..... 142
XI – RITOS E RITUAIS DE CERIMONIAS ..... 145
Usos cerimoniais ..... 145
Objetos indispensáveis ..... 147
Local das cerimônias ..... 147
Paramentos do operador ..... 148
Atitudes e gestos ..... 149
Modalidades ritualísticas ..... 150
Diversidade das cerimônias ..... 151
Modalidade dos efeitos mágicos ..... 153
XII – FÓRMULAS CERIMONIAIS SEGUNDO AS TRADIÇÕES MÁGICAS ..... 154
Instalação do templo mágico ..... 155
Indicação dos paramentos ritualísticos ..... 155
Recomendações para operar ..... 155
Observações quanto aos círculos mágicos ..... 155
Primeira fórmula para o estabelecimento de círculos mágicos ..... 156
Segunda fórmula para o estabelecimento de círculos mágicos ..... 157
Dispositivo do círculo mágico para grandes operações ..... 157
Dispositivo do círculo mágico para operações comuns ..... 158
Particularidades do círculo de fumigações ..... 159
Acessórios diversos do operador (segundo a Magia exata) ..... 160
Ritos comuns ..... 162
Fumigações segundo os dias da semana ..... 163
Pós para fumigações (segundo suas correspondências planetárias) ..... 163
Pós especiais para fumigações coloridas ..... 165
Livro dos Espíritos, para a Magia comum ..... 166
Outras fórmulas de Ritos comuns ..... 166
Rito ordinário dos Sacrifícios religiosos ..... 167
XIII – MANTRAS E ORAÇÕES ..... 168
Textos empregados (segundo a Alta Magia) ..... 168
Orações propiciatórias (segundo a Magia comum) ..... 169
Versículos de Davi, Referindo-se aos 72 Gênios ..... 172
XIV – PANTÁCULOS E TALISMÃS ..... 173
Uso e Fabricação ..... 174
Derivações segundo a Magia Utilitária ..... 178
Pantáculo Universal ..... 183
Pantáculo do Sol ..... 183
Pantáculo de Mercúrio ..... 185
Pantáculo de Vênus ..... 186
Pantáculo de Marte ..... 187
Pantáculo de Júpiter ..... 189
Pantáculo de Saturno ..... 191

Pantáculo da Lua ..... 193
XV – PRÁTICAS DIVERSAS EXTRAÍDAS DA BRUXARIA OU DO FETICHISMO ..... 193
Amuletos Astrológicos ..... 193
Ritos de Feitiçaria ..... 194
Anéis da Sorte ..... 195
Anéis talismânicos (ditos talismãs de natividade) ..... 196
Emprego dos Talismãs (de toda espécie) ..... 198
Fabricação de anéis considerados como rituais em Feitiçaria. ..... 199
Antigos caracteres chineses empregados como fetiches ..... 203
Quipos peruamos ..... 203
XVI – MAGIA PESSOAL ..... 203
Sede dos Dons Excepcionais ..... 203
Classificação das possibilidades ..... 208
Desenvolvimento das Possibilidades ..... 210
Exercício da Meditação Psíquica ..... 213
Modalidades da Egrégora ..... 214
Particularidades da Aura ..... 214
Psicometria ..... 215
Radiestesia ..... 216
Métodos Mágicos de Vidência ..... 217
Fórmulas para a fabricação de espelhos mágicos ..... 217
XVII – EMPREGO DAS DROGAS PSÍQUICAS ..... 218
Aumento artificial das possibilidades pessoais ..... 218
Filtros diversos, empregados em Feitiçaria ..... 219
Haxixe ..... 220
Unguento populéum ..... 221
Loção diabólica ..... 221
Pó de briônia ..... 222
Tintura de calumba ..... 222
Discordium de Frascator ..... 223
Electuário satânico ..... 223
Unguento infernal ..... 224
Lilium de Paracelso ..... 224
Tintura de Landerer ..... 225
Alimentos de efeito psíquico ..... 225
Pílulas para os sonhos ..... 225
XVIII – PRÁTICAS DERIVADAS DA MAGIA PESSOAL ..... 226
O Enfeitiçamento ..... 226
Fórmulas diversas de enfeitiçamentos de amor ..... 227
Fórmulas diversas de enfeitiçamento de ódio ..... 229
Modalidades de Vampirismo ..... 230
O Espiritismo ..... 231

# PREFÁCIO

Pierre Vincent Piobb nasceu em Paris, em 1874. De origem italiana, sua família estabeleceu-se na França, vinda de Florença. Viaja pela Europa, investigando o Hermetismo, a Magia, a Cabala, a Astrologia e, principalmente, o Simbolismo usado nos rituais. Torna-se conferencista, requisitado por instituições do assunto, escritor, ocultista e jornalista. Passa a ter seus artigos em revistas científicas e culturais. Trava contato com a Maçonaria, a Rosacruz do Reverendo Swinburne Clymer quando este assume o poder constitutivo da Ordem dos Magos para o continente europeu. Clymer então exerce, na Confederação Universal de Ordens, Sociedades e Fraternidades de Iniciados, o cargo de Supremo Grão Mestre em 1929 e, até a passagem derradeira de Piobb, em 1942, com 68 anos, essas organizações Iniciáticas tiveram extrema importância em sua vida, pois Clymer não iria para a Europa.

*O Formulário da Alta Magia* foi a primeira obra de Piobb e considerada até hoje como uma das mais elucidativas.

Foi autor também de *Les Mystères da Dieux: Venus* (1908); *L'Evolution de 1'Ocultisme et Ia Science d' Aujourd'hui* (1911); *Le Secret de Nostradamus; Le Sort de L'Europe d'Après Ia Célebre Prophetie des Papes de Saint Malachie* (1939); e *Clef Universelle des Sciences Secrètes* (1950). De Robert Fludd traduziu para o francês o *Tratado de Geomancia* e *Tratado de Astrologia Geral.*

# PREFÁCIO DA NOVA EDIÇÃO

Quando esta obra foi dada a público – por volta de uns trinta anos atrás – tinha-se a impressão de que seria uma simples *introdução,* apresentando um tema que era mais conhecido pelo nome que por sua própria essência. Então, pareceu dispensável a distinção entre uma *Alta Magia,* eivada de dados geralmente sérios e por vezes sábios na antiguidade, e uma *Baixa Magia,* mergulhada em uma massa informe de superstições e fantasias da Idade Média. Os pesquisadores prontamente encontravam neste *Formulário* os elementos principais dos estudos que desenvolviam, sem a necessidade de apelar para as bibliotecas.

A seguir, no entanto, foi constatada a necessidade dessa distinção, ressaltando-se a parte séria e de sabedoria, apresentadas pela natureza da antiguidade, bem como aquela referente à superstição e fantasia que, no decorrer dos séculos, deu lugar ao conjunto bastante bizarro que foi denominado *Feitiçaria.*

Tendo sido consideravelmente encurtadas as facilidades para viajar, o público tomou contato com os vestígios de antigas civilizações na Ásia e também com tribos da África, Oceania e América, cuja organização social é ainda rudimentar. Sempre misteriosa e geralmente incoerente, um pouco da Magia de toda parte é apresentado aos pesquisadores, sob variados aspectos.

Tornou-se absolutamente necessário fixar conceitos sobre uma matéria que o leitor seria tentado a rejeitar de todo, não só por sua complexidade como, sobretudo, por ser demasiado confusa.

Foi isso que motivou a presente edição.

Ela se distingue da precedente não apenas por ser mais completa, porém e, principalmente, por se ter tornada mais explicativa.

Foi integralmente preservada a *Introdução* que serve de pórtico à obra, excetuando-se certas correções para melhor conformação com a terminologia da linguagem atualmente em prática no referente à ciência, visando-se também a uma melhor apresentação do assunto.

Embora a documentação tenha sido consideravelmente ampliada, no fundo permanece bastante semelhante.

Além disso, a cada parte do volume foram anexadas abundantes exposições, a fim de que as matérias consideradas sejam esclarecidas no extremo limite possível. As *considerações preliminares*, em especial, são apresentadas sob um aspecto que parecerá novo a vários pesquisadores.

Para que tão detalhadas explicações pudessem ser fornecidas, o autor jamais cessou de se aprofundar no assunto em questão, após longos anos de estudos os quais abrangeram também os temas relacionados, sem exceção. Por outro lado, ele pôde dispor, a seu bel-prazer, de uma quantidade volumosa de documentos, tão raros, que seria difícil encontrá-los, pelo preço que fosse, sendo ainda pouco cômodo de consultar.

Tal fato, evidentemente, aporta um interesse todo particular a esta nova edição.

Em verdade, foi preferível que tais fontes, assaz desconhecidas, houvessem sido explicitamente indicadas. Não obstante, o leitor compreenderá perfeitamente, pelos próprios esclarecimentos fornecidos a cada passo, o motivo do mistério que paira sobre toda a Magia, estendendo-se aos detentores desses documentos. Muitos interessados considerarão bastante lógico e natural esse mistério; outros o julgarão insólito.

As explicações iriam extremamente longe – mais do que seria permitido fornecê-las e, em todo caso, muito além do que, em alguma época, alguém ousou aventurar-se. Seja o que for que se pense, neste sentido, a presente edição se toma curiosamente importante.

Alguns leitores, inclusive, chegarão a considerar que, por vezes, o autor leva longe demais a precisão, com isto projetando demasiada clareza sobre diversos pontos que, até o momento, sempre foram cuidadosamente cobertos por um véu impenetrável.

Se nisso, entretanto, fica implícita certa ousadia – para não dizer temeridade – convenhamos que o autor teve o direito de ostentá-la. De qualquer modo, seria interessante compreender-se que a natureza de tal direito poderia ser apenas material, ao invés de simplesmente moral. Sem dúvida, seria vaidade pueril assumir a autoria de alguns trabalhos pessoais – por mais conscienciosos e desinteressados que fossem – com isto arrogando-se uma imaginária autoridade, para dar a entender ou perceber profundidades hipoteticamente suspeitadas.

Se as explicações fornecidas forem julgadas fecundas ou estéreis, se provocarem reflexões ou apenas sorrisos, se forem levadas em consideração ou desdenhadas – que importa àqueles que, por trás do espetáculo desordenado que a Magia oferece aos olhos do público, tal como se mostra hoje em dia em vários pontos, trabalham em discreto afastamento, procurando conservar o patrimônio intelectual da humanidade?

Talvez se tenha desejado orientar um pouco as inquietações, ver as angústias, em um domínio bastante afastado da vida prática, mas muito próximo da vida interior – assim, complicado como um labirinto engenhoso, confuso como um espesso caos, inextricável como um matagal emaranhado, a *selva escura* de que falou Dante.

Nisto não foi excluído de ver, igualmente, um dos motivos desta edição.

*P. P.*
*Abril de 1937*

# ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO DAS FONTES DOCUMENTÁRIAS

Em cada capítulo da obra, as referências documentárias se aplicam ao conjunto do texto compreendido *após uma referência precedente*, seja qual for o número dos parágrafos ou das distinções de parágrafos que existirem.

Os *documentos anônimos*, geralmente anteriores ao século XIV, encontrados unicamente em algumas coleções particulares no estrangeiro (na Europa e fora dela) e que foram gentilmente colocados à disposição do autor, levam a indicação: ***Doc. Estr.***

As *obras impressas ou manuscritos* sem assinatura, anteriores ao século XIV, existentes na França, apenas em bibliotecas particulares, que puderam ser consultadas pelo autor, levam a designação: ***Doc. Fr.***

As *notas e observações*, recolhidas pelo próprio autor no curso de suas viagens ou que lhe foram gentilmente comunicadas por diversos agentes diplomáticos e funcionários coloniais, levam a menção: ***Doc. Part.***

As *Constatações*, feitas atualmente por arqueólogos de todos os países e geralmente admitidas como clássicas, levam a abreviação: ***Pes. Arq.***

As *Assertivas e Fórmulas*, comuns aos autores antigos e modernos (citados ou não no presente índice Bibliográfico) que se ocuparam da questão e cuja opinião constitui o fundo tradicional da doutrina mágica, levam a notação: ***Div. Aut.***

Os *Trabalhos especiais* do autor, resultantes de suas pesquisas e reflexões, seja sobre o objeto desta obra, seja sobre matérias conexas, consignados ou não em volumes já publicados, sob sua assinatura, levam a subscrição: ***P. P.***

Os *outros documentos* têm suas referências a seguir:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Anôn.* | (ANÔNIMO) | Art se se rendre hereux par les songes | 1747 |
| *Ag.* | CORNELIUS AGRIPPA | Philosophie occulte | 1531 |
| *A. Gr.* | ALBERTO O GRANDE | Des secrets des vertus des herbes, des pierres, bestes et aultre livre des Merveilles du Monde | 1500 |
| *A.H.* | ABEL HAATAN | Trairá d'astrologie judiciaire | 1902 |
| *Al. Tir.* | ALEX TIRON | Etudes sur la musique grecque | 1866 |
| *Apoc.* | SÃO JOÃO | Apocalipse | |
| *Bar.* | DR. BARADUC | La Force Vitale | contemp. |
| *B.L.* | BOUCHÉ-LECLERCQ | L'astrologie grecque | 1899 |
| *Bo.* | JULES BOIS | Œuvres | contemp. |
| *Boh.* | . . . . . | Coutume Bohémienne | contemp. |
| *Cal.* | CAGLIOSTRO | (Propos attribués) | s. XVIII |
| *Camb.* | . . . . . | Coutume du Cambodge | |
| *Car.* | CARDAN | Œuvres | 1663 |
| *Chass.* | CHASSANG | Dictionnaire grec-français | contemp. |
| *Ch. B.* | F.Ch. BARLET | Œuvres. | contemp. |
| *Cho.* | CHOMPRÉ | Dictionnaire de la Fable | |
| *Chr.* | CHRISTIAN | Histoire de la Magie | s. XIX |
| *Cl. 1* | Mons. BARAULT *Bispo de Aries* | Traduction de Ia Clavicule de Salomon du Rabbin Abognazzar (manuscrito da Biblioteca nacional) | s. XIV |

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Cl. 2* | (ANÔNIMO) | Le secret des secrets, autrement la Clavicule de Salomon ou le véritable Grimoire (manuscrito da biblioteca do Arsenal, tendo pertencido ao Cardeal de Rohan) | s. XVIII |
| *Cl. 3* | (ANÔNIMO) | The Key of Solomon, segundo os manuscritos rabinicos do Museu Britânico e de Landsdowne | contemp. |
| *C. P.* | C.POUSSIN | Le spiritisme devant l'Histoire et devant l'Eglise | 1866 |
| *Dht.* | LE. DEINHART | Die Psychometrie | 1891 |
| *Dor.* | DORVAULT | Officine de Pharmacie pratique | contemp. |
| *D.P.* | BARON DU POTET | La magie devoilée | 1875 |
| *Dr. N* | (ANÔNIMO) | Le Dragon Noir, coligido de antigos Grimórios. | 1896 |
| *Du.* | DUPUIS | Origine de tous les cultes | 1794 |
| *Duc.* | DUCANGE | Glossarium medice et infímoe Latinitatis | 1678 |
| *E B* | ERNEST BOSC | Œuvres | contemp. |
| *E.D.* | ETIENNE DUCRET | Les sciences occultes | contemp. |
| *Ench.* | LEÃO III papa | Enchiridion. | s. IX |
| *Etim.* | LITTRÉ | Dictionnaire étymologique | s.XIX |
| *Fd.* | ROBERT FLUDD | Oeuvres | 1617 |
| *Fh.* | FOMALHAUT | Manuel d'Astrologie | 1897 |
| *Fir.* | FIRMICUS | Traité des Mathématiques celestes | 1551 |
| *Gass.* | Cadete de GASSICOURT e Barão DU ROURE DE PAULIN | L'hermétisme dans l'art héraldique | contemp. |
| *Gu.* | STANISLAS DE GUAITA | Œuvres | s. XIX |
| *Greg.* | GRÉGOIRE (abade) | Histoire des sectes religieuses | 1810 |
| *H.K.* | HENRI KUNRATH | Amphitheatrum sapientiae aeternae | 1609 |
| *H.T.* | HERMES TRISMEGISTO | Obras atribuídas a. | 1502 |
| *Ita.* | . . . . . | Costume italiano | |
| *Lanc.* | LANCELIN | Histoire mythique de Shatan | 1903 |
| *Lebai.* | LEBAIGUE | Dictionnaire latin-français. | contemp. |
| *L. de R.* | LÉON DE ROSNY | Les écritures figuratives e hiéroglyphiques | 1870 |
| *Len.* | LENAIN | La science cabalistique ou L'art de connaître les bons Génies | |
| *Lev.* | MOISÉS | Levítico (Livro III do Pentateuco) | |
| *Litt.* | LITTRÉ | Dictionnaire français | s. XIX |
| *L. S. M.* | (ANÔNIMO) | Livre des Secrets de Magie (manuscrito da Biblioteca de Arsenal) | 1823 |
| *L.V.* | LEONARD VAIR | Três livros de sortilégios, bruxarias ou encantamentos | 1583 |
| *M. M.* | MALFATTI DE MONTEREGGIO | Etude sur la Mathèse | 1844 |
| *M.V.* | MORIN DE VILLEFRANCHE | Astrologia Gallica | 1 61 |
| *P.A.* | PIERRE D'ABANE | Elements de Magie | 1 98 |
| *Pa.* | . . . . . | Coutume de Paris | |
| *Par.* | PARACELSO | Œuvres | 1658 |
| *Pern.* | DOM PERNETTY | Dictionnaire mytho-hermétique . | 1787 |
| *Ph.* | PHANEG | Conferência sobre Enfeitiçamento, feita na Sociedade de Estudos Psíquicos de Nancy. | 1906 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Phil.* | PHILASTRE | Le *Yi King* ou Livre des Mutations (anais do Museu Guimet) | 1885 |
| *P.M.* | PIERRE MORA | Zekerboni (manuscrito da Biblioteca do Arsenal) | s. XIII |
| *Pps.* | PAPUS | OEuvres | contemp. |
| *Px.* | PICATRIX | La clef des clavicules (manuscrito da Biblioteca do Arsenal) | 1256 |
| *R.B.* | W. ROUSE BALL | (Fellow and tutor of Trinity College, Cambridge). Récréations mathematiques et problemes des temps anciens et modemes (ed. francesa) | 1908 |
| *Ric.* | DR. RICOCHON | Tablettes et formules magiques | contemp. |
| *Roch.* | Coronel A. DE ROCHAS | Les frontières de la Science | 1908 |
| *Sd.* | SÉDIR | Les miroirs magiques | |
| *Sd.* | SÉDIR | Les plantes magiques | 1895 |
| *S.Q.* | SISTO QUINTO, papa | Sermão de 5 de janeiro | 1585 |
| *Sw.* | SWEDENBORG | Œuvres | s. XVIII |
| *Teos.* | TEOSOFIA | Obras diversas de línguas inglesa e francesa, publicadas por autores diferentes, mas expressando a unidade doutrinal da sociedade fundada por Mme. H. P. Blavatsky | contemp. |
| *Trith.* | JEAN TRITHÊME | Histoire de la Magie | s. XV |
| *Vulg.* | SÃO JERÔNIMO | La Vulgate | s. IV |

# I – INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA MAGIA

## Exposição do Tema

O que é a Magia?

Uma argumentação sucinta fará o leitor compreender.

"Na Idade Média" diz o ilustre M. Berthelot[1], "uma pessoa era acusada de magia, quando ficava estabelecido que, por meios diabólicos, ela se empenhava conscientemente em alcançar alguma coisa".

No século XX, pode-se ainda encontrar a acusação de magia, quando fica estabelecido que alguém, através de meios pretensamente sobrenaturais, alcança resultados declarados impossíveis por intermédio de qualquer outro meio.

A despeito dos corajosos sábios que ousaram desafiar tal acusação, a questão não avançou um só passo: na Idade Média, os mágicos eram queimados vivos; no século XX, eles são cobertos de ridículo – o que ainda parece pior, uma vez que o ridículo jamais concebeu mártires.

Em seu horror pelo sobrenatural – horror legítimo que, além disso, parece ter sido sempre a característica da verdadeira ciência – a ciência moderna rejeita impiedosamente cada tentativa que julga ser operada segundo princípios ignorados por seus dogmas estabelecidos. Assim, rejeita o milagre, da mesma forma que todo evento relevante do domínio da religião.

[1] Marcelin BERTHELOT, Origines de l'Alchimie.

Por seu turno, a religião tem horror da ciência; ela receia que a ciência divulgadora se ponha a esmiuçar suas práticas e lá descubra um reino de fatos, naturais e patentes que, reduzidos a suas justas proporções, tornariam inútil qualquer hieratismo; ela teme, em poucas palavras, que o sábio assuma o lugar do sacerdote. Assim, a religião rejeita todo o milagre que não seja operado segundo os princípios consagrados por seus dogmas estabelecidos.

Logo, que seja quem for que efetue e seja bem-sucedido em uma experiência, fora das leis cientificamente reconhecidas, é tratado impiedosamente de fugido do hospício pela ciência e de partidário do demônio pela religião.[2]

E cada partido tem um nome preparado para indicar esse demente e esse excomungado: é um mágico, dizem eles.

Acontece que o mágico é apenas um pesquisador, tentando fazer com que o sobrenatural se encaixe no natural. Quanto à magia, afinal de contas e segundo a expressão de Karl du Prel, é apenas "a ciência natural desconhecida".

Felizmente a nossa época, rica em espíritos liberados de preconceitos, gerou certos homens que não receiam aventurar-se nesse terreno ardente, que é o domínio do oculto. Assim sendo, vimos renascer a Astrologia e a Alquimia, enquanto que a Magia, propriamente dita, vê-se novamente como objeto de estudos positivos e profundos.

Hoje é feita a distinção entre esses três tipos de ciências antigas, as quais antigamente eram confundidas pelo mesmo vocábulo.

A Astrologia trata dos corpos celestes, em sua natureza e seus movimentos: é uma ciência dos mundos.

A Alquimia se ocupa da matéria, em sua essência e em sua evolução, completando a "quimia" ou química: é uma hiperquímica.

A Magia se dedica aos fluidos que, propriamente ditos, são a manifestação de um estado energético da matéria, conhecida em parte pela ciência atual: ela começa onde termina a física, é uma hiperfísica.

Entretanto, existem motivos para que a ciência seja distinguida do charlatanismo e a religião da superstição.

Charlatanismo é a bazófia que procura impor-se, usurpando os métodos da ciência fria e positiva.

Superstição, palavra derivada de um verbo latino que significa *sobreviver* é, como justamente acentuou Eliphas Levi, "É o sinal que sobrevive ao pensamento; é o cadáver de uma prática religiosa".[3]

A Baixa Magia engloba as duas coisas ao mesmo tempo: é superstição, no sentido de compor um resumo de práticas que foram racionais e também charlatanismo, porque tais práticas foram deformadas, como que à vontade, por criaturas que buscavam apenas iludir os semelhantes. Assim, a Baixa Magia não passa de repelente caricatura da ciência suprema dos magos, merecendo todo o

---

[2] Eis o que escreveu um autor contemporâneo do partido da religião: "As repetidas experiências do coronel de Rochas revelaram, segundo parece, a existência de uma lei até agora ignorada, segundo a qual o demônio se serviria, em certas circunstâncias, do ministério dos magos e feiticeiros." BERTRAND, *Science et Religion: La Sorcellerie*, Paris, 1899, p. 60.

[3] Eliphas LEVI, *Dogma e Ritual de Alta Magia*. Dogma, cap. 18.

desprezo a ela testemunhado pelos séculos, sem exceção, ao ficar conhecida como feitiçaria, goécia ou magia negra.

A Alta Magia conquistou a atenção das pessoas sérias, dos espíritos mais esclarecidos. Ela aparece como uma ciência bastante incompleta, uma vez que, até aqui, seus segredos foram velados pelos mistérios dos símbolos e por serem suas leis de muito difícil percepção. Não obstante, apresenta um formidável interesse, que Max Muller não vacilou em reconhecer: "Limitamo-nos a constatar", disse ele, "que todo sortilégio mágico, por absurdo que hoje possa parecer, teve primitivamente sua razão de ser, cuja descoberta é o ponto culminante de nossas pesquisas[4] ".

A Alta Magia repousa sobre o princípio de que, na natureza, existem forças ocultas a que denominamos fluidos.[5]

Esses fluidos são de três naturezas:

1ª Magnética e puramente terrestre;
2ª Vital e principalmente humana;
3ª Essencial e geralmente cósmica.

Seria inútil explicar o que são os fluidos magnéticos, quando a física moderna, ao servir-se da eletricidade de modo muito mais completo que os magos da índia ou da Pérsia – os mais reputados dentre todos – jamais conseguiu fazê-lo. Entretanto, a eletricidade não passa de uma das formas dos fluidos terrestres, sendo os outros apenas suspeitados pelos sábios.

Fluidos vitais são aqueles aos quais são atribuídos mais comumente os eventos do psiquismo, isto é, as manifestações misteriosas e hiperfísicas do Ser. Eis o que diz o Dr. Baraduc, quanto a isso: "Além das substâncias químicas, sólidas, líquidas ou gasosas, além das energias conhecidas que penetram os corpos e elaboram o arcabouço material, o homem é penetrado por uma força de vida, superior às forças conhecidas, superior por sua atividade e sua inteligência, estando em troca harmoniosa com nossa própria força, que sustenta, e intervém na constituição de nosso corpo vital fluídico, alma humana, *spiritus vitae* de Paracelso".

"Por seu íntimo contato com o espírito e a matéria, pelas predominâncias psíquicas ou físicas que daí resultam, ela gera o temperamento vital de cada um, bem como sua personalidade."

"No conjunto de forças que nos rodeiam, existem as absolutamente inferiores, brutais, definidas ou em estado livre, umas ávidas de adaptação, outras mais ou menos adaptadas, isto é, mais ou menos inteligentes, até as inteligências superiores, que formam seres realmente distintos[6]".

Quanto aos fluidos essenciais (ou cósmicos, melhor dizendo), são eles de uma ordem mais elevada; a magia ousou apenas preocupar-se com eles, os quais cooperam conforme a direção geral do Universo.

Entretanto, é necessário atentar-se para os nomes pelos quais esses fluidos eram designados na antiguidade: eles variam, segundo a maneira adotada por cada povo, na apresentação dos elementos de uma teoria reservada apenas a um pequeno número de iniciados; após tal consideração, a teoria permanecia secreta.

---

[4] Max MULLER, *Nouvelles Études de Mythologie*.
[5] Neste sentido, ver a obra do Dr. G. LE BON, *L 'Évolution de la Matière* e toda a série dos trabalhos de diversos sábios que, após 1907, foram publicados na França e no estrangeiro, sobre a Energética e as forças do mundo dito intermediário.
[6] Dr. BARADUC, *La Force Vitale*, conclusões.

A Alta Magia considera, pois, forças pouco conhecidas, mas naturais, que podem ser utilizadas sob quatro formas:

*a)* 1ª) O homem atuando sobre si mesmo;
2ª) O homem atuando sobre seu mundo exterior;

*b)* 3ª) Os fluidos atuando no astro (a Terra);
4ª) Os fluidos atuando fora do astro (no sistema solar).

As duas primeiras formas se referem aos fluidos de que o homem pode dispor, enquanto que as duas últimas dizem respeito aos fluidos espalhados na Natureza.

Daí, segundo antigas concepções, surgem duas espécies de Magia: a *Magia Microcósmica (a)* e a *Magia Macrocósmica (b).*

Cada uma dessas quatro formas, no entanto, podem funcionar de duas maneiras:

*a)* a maneira pessoal;
*b)* a maneira cerimonial.

A maneira é pessoal, quando o fenômeno se opera sem o auxílio de qualquer rito exterior. É cerimonial no caso contrário.

Por esta última forma é que a Alta Magia se confina ao domínio das religiões. Poder-se-ia mesmo dizer que a religião, em suas manifestações exteriores, não seria outra coisa além da Alta Magia cerimonial.

A esse respeito, disse Charles Barlet: "A Magia cerimonial é uma operação pela qual o homem procura, através do próprio jogo das forças naturais, reprimir as potências invisíveis de diversas ordens, a fim de que funcionem segundo o que delas é requerido. Para tanto, ele as capta, surpreende-as, por assim dizer, ao projetar forças das quais não é o senhor, por efeito das correspondências que presumem a unidade da Criação – mas para as quais pode abrir vias extraordinárias. Daí os pantáculos, as substâncias especiais, as rigorosas condições de tempo e lugar que devem ser observadas, sob pena dos maiores perigos, porque se a orientação for mal dirigida ou falha, o audacioso estará exposto à ação de poderes diante dos quais nada mais é que um grão de poeira".

"A Magia cerimonial é de ordem absolutamente idêntica à nossa ciência industrial. Diante do vapor, da eletricidade ou da dinamite, nossos poderes são praticamente nulos; entretanto, se lhes opusermos forças naturais tão potentes quanto eles, através de combinações apropriadas, nós os concentramos, os acumulamos, os constrangemos a transportar ou aniquilar massas que nos anulariam, a reduzir para minutos distâncias que só percorreríamos em vários anos; a nos prestar mil serviços".[7]

Quanto à magia pessoal, sua importância não é menor. Somente ela poderá divulgar os segredos do mecanismo de duas forças empregadas quotidianamente pelo homem, mesmo quando ele use a Magia como M. Jourdain usava a prosa: para o *Amor* e o *Verbo.*

O Amor é a alavanca poderosa que Lucrécia invocava nos seguintes termos, ao início de seu poema:

*Aeneadum genitrix, hominum divomque voluptas,*

---

[7] F. -Ch. BARLET, artigo de L'*lnitíatton* (janeiro de 1897).

*Alma Venus, coeli subter labentia signa*
*Quoe mare navigerum, quoe terras frugiferentes*
*Concelebras; per te quoniam genus omne animantum*
*Concipitur, visitque exortum lumina solis,*[8]

cujo papel Dante precisou neste verso, conclusão de sua obra: *L 'Amor che muove il sole e 1'altre stelle*[9], e sobre o qual Papus se pronunciou, com bastante ponderação:

"O Amor, desde a misteriosa afinidade que impele um átomo contra outro, desde a insana impulsão que conduz o homem à mulher amada, através de todos os obstáculos, até o arrebatamento misterioso que lança a inteligência, desvairada pelo ignoto, aos pés da Beleza ou da Verdade, o Amor é o grande móvel de todo ser criado, atuando à maneira de imortalidade".

"Eis por que", acrescenta ele, "a Magia, considerada sinteticamente, é a ciência do Amor"[10].

A Magia, no entanto, é também a ciência do Verbo. E o Verbo é uma outra alavanca, mais possante e ainda mais misteriosa que o Amor. Em sua natureza terrestre, o Verbo é apanágio unicamente do homem: é pelo Verbo que ele exprime seu pensamento, que se comunica com os semelhantes, que os convence às próprias ideias, os guia e conduz; é ainda pelo Verbo, que ele consegue acender o amor em uma individualidade de sexo oposto ao seu. O Verbo é quase desconhecido. Não obstante, o Dr. Baraduc constatou sua potência, assim corroborando os princípios mágicos: "O Verbo", disse ele, "chega a modificar a vitalidade visceral e psíquica do indivíduo e, sucessivamente, tornando-o subjetivamente doente ou bem de saúde!"

Podemos ver como são perturbadores os problemas que a Alta Magia envolve, da mesma forma como vemos o quanto são profundos os mistérios cujo véu ela ergue.

Compreende-se que tais problemas e tais mistérios tenham resfriado o entusiasmo da maioria dos adeptos e que ninguém tenha querido assumir a responsabilidade de divulgá-los.

Compreende-se, ainda, que a mais elementar sabedoria impediu que tais alavancas e tais forças temíveis fossem postas a serviço do primeiro a chegar. Ainda hoje, apesar da instrução generalizada, apesar do alto nível de elevação do público, não seria demasiado aconselhar-se a prudência. "Não se deve brincar com forças desconhecidas!", alertou o coronel de Rochas. "Não se deve praticar a química, sem antes conhecer os primeiros elementos", acrescenta Charles Barlet. Com efeito, ambos têm razão; não se entrega um automóvel a quem ignore como dirigi-lo, da mesma forma que não se permite impunemente a fabricação de explosivos e nem mesmo o exercício da profissão farmacêutica ou cirúrgica.

Isso não significa, contudo, que a mecânica, a química, a farmacopeia ou a cirurgia devam permanecer ignoradas e que, a pretexto de não poderem ser exercidas sem estudos especiais, se cometa o erro de impedir a sua compreensão.

Parece-nos que o mesmo acontece quanto à Alta Magia.

Por outro lado, as operações mágicas não são efetuadas segundo o puro capricho do homem, mas exigem certas condições cósmicas, traduzidas por uma particular determinação do indivíduo que

---

[8] "Mãe dos filhos de Enéias, entendimento entre homens e deuses, Vênus benéfica, tu que, sob os signos móveis do Zodíaco, animas o mar navegável e a terra frutificante, pois é através de ti que todo ser vivo é engendrado e recebe, ao nascei, as luzes do sol", (LUCRÉCIA, *De natura rerum*).
[9] "O Amor, que move o sol e as outras estrelas (DANTE, *A Divina Comédia*).
[10] PAPUS, *Tratado Elementar de Magia Prática.*

opera, do outro indivíduo (o sujeito) sobre o qual atua a magia, do lugar e do momento onde se passam os fenômenos – sem o que, o resultado é impiedosamente negativo.

Assim sendo, ninguém se torna mágico por querer sê-lo e pouco importando a ocasião em que irá operar.

A Magia – e este é um fato lógico – não pode, de modo algum, mesmo ínfimo, perturbar a majestade da ordem universal.

Semelhante verdade tem sido bastante ignorada.

No entanto, foi dito recentemente, com autoridade:"... É a tão célebre magia natural, denominada por Platão conhecimento das coisas ocultas pela conjunção, participação e associação, verdadeiramente feitas, do agente com o paciente, isto é, do céu com a terra...".[11] E ainda: "A principal causa de que se valem os enfeitiçadores para enfeitiçar com maior eficácia e veemência, é a força, a influência dos corpos celestes, que se estende não apenas aos homens, mas também aos animais, às árvores e às pedras".[12]

Assim sendo, o estudo da Alta Magia resulta legítimo e proveitoso, embora se mostre bastante difícil.

Esse estudo exige, por outro lado, daquele que pretende iniciar-se, qualidades de bibliófilo inúteis em qualquer outra ciência: os textos de referência pertencem a obras raríssimas, encontradas a um preço demasiado alto ou existindo apenas em bibliotecas, das quais algumas são rigorosamente privadas. Não é possível alguém se ocupar razoavelmente de uma ciência, cujos dados são fragmentos esparsos em mil lugares diversos: dessa forma, arriscamo-nos a perder um tempo precioso na preparação, um tempo que seria empregado mais judiciosamente, de maneira científica.

Foi isso que motivou a elaboração deste *Formulário.*

Nele, o interessado encontrará uma base conveniente para o estudo da Magia, sob todas as suas formas e todas as duas derivações. Foram inseridas fórmulas breves e simples, condensando a linguagem simbólica que os autores antigos costumeiramente emaranhavam em uma fraseologia abundante. Há reproduções gráficas, provenientes das melhores fontes, fornecendo os exemplos necessários que permitirão comparações com outros objetos ou temas do mesmo gênero, os quais podem ser encontrados através de outras vias. Explicações concisas, porém claras, permitirão sobejamente que se reconheça e compreenda a complexidade de uma matéria particularmente variada e singularmente vasta.

Tanto o buscador – ou qualquer que seja o seu título – como o simples curioso, disporão assim de uma exposição precisa das teorias e aplicações da ciência dita dos magos, em seu aspecto mais aceitável – qualquer que seja o país ou qualquer que seja a época.

O trabalho preparatório de documentação – que até o momento não havia sido feito com o cuidado necessário – é assim oferecido sob um aspecto útil, capaz de provocar diversas considerações.

Esse trabalho, no entanto, abrange uma complicação comum.

---

[11] MIZAULD, *Secrets de Ia Lune.*
[12] Léonard VAIR, Trois Livres des Charmes, Sorcelages et Enchantements.

Em verdade, uma teoria cientificamente explicativa das modalidades mágicas poderia ter apresentado um certo interesse. Entretanto, falharia logicamente em sua função: um formulário não pode e nem deve ser um tratado.[13]

## II – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS MODALIDADES MÁGICAS

### Definições

A Magia é o meio pelo qual, dentro das medidas permitidas pelas possibilidades, a engenhosidade humana se serve das energias existentes no Universo, sob qualquer forma que estas sejam.

*(Div. Aut.)*

Existem três tipos de Magia:[14]

A *Teurgia* ou Magia iniciática que, em todos os tempos, foi reservada ao ensinamento e prática a uma elite de adeptos, especialmente escolhidos entre os membros de confrarias dedicadas ao estudo de uma ciência muito superior ao saber adquirido ordinariamente.

*(Div. Aut.)*

A *Alta Magia* ou Magia usual, geralmente confundida com a precedente, mas bastante distinta da mesma, uma vez que os princípios nos quais se fundamenta constituem um conjunto doutrinai, distanciado apenas em aparência do saber adquirido ordinariamente.

*(Doc. Partíc.)*

A *Feitiçaria* ou Magia deformada, que a maioria dos buscadores toma pela Magia única ou original e que, com grande frequência, entra em contradição com o saber adquirido ordinariamente, tendo em comum com a Alta Magia apenas o emprego de imagens e de práticas, mais ou menos alteradas.

*(P.P.)*

Existem, também, três categorias de *praticantes:*

Os *teurgistas,* que os antigos gregos denominavam *Epoptas* e os hebreus *Reis Magos.*[15]

Os *magistas,* designados pelos antigos gregos sob o nome de *Mystes* e os hermetistas da Idade Média sob o de *Sábios,* aos quais ainda é reservada a denominação de *Magos.*

Os *feiticeiros,* que os antigos romanos confundiam facilmente com os *adivinhos vulgares,* aos quais foi atribuída a qualificação de *mágicos,* nos séculos passados, e de *faquires,* em nossa época.

*(P.P.)*

Assim sendo, temos três gêneros de *práticas* a considerar: A *prática teúrgica,* que apresenta necessariamente um caráter muito secreto, por isto sendo inteiramente desconhecida e mesmo insuspeitada, exigindo do operador aptidões excepcionais, bem como uma instrução cuja profundidade e amplidão ultrapassam o que possam imaginar os buscadores mais avisados ou experientes; em vista disto, não poderia ser tema de um volume destinado ao público.

---

[13] Esta teoria foi emitida, sob a forma de hipótese em *L'Évolution de l'occultisme.* obra do mesmo autor.

[14] No que concerne aos tipos de Magia, é necessário declarar que, de autor para autor, existem diferenças, porém eles sempre partiram dessas bases. (N.T.)

[15] Atualmente o termo *Mago* (2º Estágio = Mistérios Maiores) *é* usado para aqueles que passaram pelas operações mágico-ritualísticas, de forma prática, então cognominados *magistas* (1° = Mistérios Menores). O mago já não precisa do ponto de referência, ele usa sua vontade para agir e dirigir no mundo da Luz Astral. O magjsta, ainda em processo iniciático de desenvolvimento, requer a ajuda e o treinamento de rituais mágicos com pontos de referências.

*(Doc. Estr.)*

A *prática mágica*, cujos elementos principais são encontrados na presente obra – mantendo sempre um compasso misterioso, até mesmo secreto, em certos sentidos – exige certamente, para ser compreendida e, com ainda mais razão, para ser exercida com eficácia, um saber assaz extenso, embora acessível a qualquer um suscetível de adquirir o desenvolvimento intelectual necessário, juntamente com o desenvolvimento psíquico cuja utilidade se impõe.

A *prática feiticeira*, também possuindo segredos, porém mais facilmente penetráveis, com ajuda das indicações contidas neste *Formulário*, emprega apenas meios tradicionalmente transmitidos, pouco ou mal compreendidos em geral, e para o exercício da qual não há necessidade de muita ciência, nem de um grande desenvolvimento psíquico.

*(Doc. Partic.)*

## Bosquejo Histórico

Se uma evolução deve considerar o que concerne à Magia, de um modo geral, é preciso, referindo-se ao exame sério de documentos que se reportam à profundidade científica e a revelam, convir que, apesar da tendência atual em encontrar-lhe uma origem popular, ela procede de argumentações sólidas, cuja exatidão se ressalta ainda mais com o tempo, afastando-se das ideias um pouco curtas que, principalmente sobre a eletricidade, eram correntes no século passado.

Por certo, essas argumentações deixam pensar que os inícios da Magia devem ter sido puramente teóricos, que não foram estabelecidos de um só golpe, em sua totalidade, nem mesmo por um só homem. Os experimentos, sem dúvida, serviram para corrigi-los, antes de entrada a parte prática. O fato não excluirá a possibilidade da pré-existência, nos povos primitivos, de certas tendências a verem, nos fenômenos da Natureza, manifestações de energias mais ou menos deificadas em seguida, contra as quais é necessário acautelar-se e com as quais é prudente harmonizar-se. Neste caso, os primeiros teóricos da Magia procuravam apenas descobrir a "razão das coisas"; entretanto, não dispondo de instrumentação para efetuar constatações válidas, eles deixaram de lado o ponto de vista puramente *físico* e imaginaram, imediatamente, o ponto de vista *energético*. Na ocorrência, sua ousadia é apenas aparente, pois provém do fato de que toda teoria é mais facilmente elaborada, quando séries de experiências são atentamente seguidas.

É perfeitamente natural que esses primeiros teóricos fossem conhecidos, na medida permitida por sua proximidade territorial. Frequentá-los, envolvia apenas uma questão de vizinhança. É bem provável que tivessem tido alunos, os quais se multiplicaram, formando um *colégio. É* provável, ainda, que tais colégios assumissem um caráter *iniciático*, sendo certo que os membros deveriam evitar comunicar a outros o ensinamento recebido. Porque, o que se denomina *Iniciação*, sem precisar o termo foi, incontestavelmente, o "núcleo" da intelectualidade dos povos.

Desde seus começos, a Iniciação, por mais rudimentar que fosse, assumiu uma natureza rigorosamente secreta. Isto, pela muito simples razão de logo ter parecido inútil ensinar a indivíduos rudes, de inteligência pouco desenvolvida, uma matéria que eles não compreenderiam convenientemente.

Então, à medida que os colégios iniciáticos trabalhavam, que a Iniciação avançava e se tornava uma ciência, depois uma Alta Ciência, o distanciamento intelectual entre o iniciado e o profano permaneceu sensivelmente o mesmo. Com isso, os iniciados se tornaram uma *elite* em sua terra.

Sem dúvida, é verdade que eles compuseram um gênero aristocrático, no sentido grego da palavra. Também é exato, e assim registraram os historiadores, que nas épocas em que as associações Iniciáticas se tornaram deveras importantes, conquistando um lugar exagerado na sociedade,

algumas dentre elas ficaram insuportáveis aos profanos, o que lhes ocasionou ataques e perseguições judiciais.

Então – e não apenas uma vez, mas várias – os iniciados dispersaram-se, reagruparam-se novamente, reconstituídos, uns aqui, outros acolá; a dificuldade devia ser enorme para haver uma "coligação". Em outras palavras, à falta de um fio condutor, surgiram diversidades, se não na Iniciação em si, pelo menos nas "correntes de ideias" que, no correr dos séculos, difundiram-se através do mundo.

De resto, o iniciado se tornava rapidamente "padre", um fato que complicou a questão. Consideremos que, na antiguidade, a denominação "padre" não possuía o mesmo valor que lhe é reconhecido hoje em dia. Um *hiereuta* ou *hierofante* – para nos atermos aos vocábulos helênicos – nada tinha de "pastor", como o Cristianismo designa o "ministro do culto". A ideia de "pastor" implica o proselitismo, ao passo que o iniciado tem, como primeiro dever, de acautelar-se contra isso. Ele não procura aumentar o número de adeptos de sua associação, pelo contrário, pois deve conservar o caráter restrito de seu grupamento, o que o torna uma elite, quando sucede uma expansão, esta se origina da forca das coisas – em virtude da atração que toda elite exerce e, assim, quase contra sua vontade. Daí derivou-se o nascimento de *ritos* diferentes, os quais sempre manifestam divergências de pontos de vista, em geral traduzindo-se por cismas.

O padre antigo nunca foi mais que o oficiante de um rito, ao qual permanecia estranha a plebe dos profanos. Tratava-se de um *magista,* a quem era transferido o encargo de *operar,* substituindo uma ou mais pessoas que, não possuindo a instrução nem a prática necessárias e, em resultado, a qualidade requerida, não podiam cumprir essa tarefa adequadamente.

Em um sentido e em certos aspectos rituais, o padre cristão se encaixa nessa definição. Entretanto, a religião cristã associa os fiéis ao rito, o que não acontecia na maior parte das religiões antigas, pois que o fiel – se assim podemos chamá-lo, já que o termo não se aplica a tal casta – permanecia fora do cerimonial. Havia, sobretudo entre os romanos, *ritos particulares* para uso dos profanos, praticados pelo "pai de família", em seu lar ancestral e na qualidade de "chefe de clã" (isto é, de *gens),* à maneira dos etruscos – ou pretendendo que assim fosse. Esses ritos, contudo, nada tinham de mágico. Na Grécia e na Judeia, especialmente, houve *ritos gerais,* espécie de festividades processionais em que toda ou quase toda a população tomava parte, mas também sem qualquer caráter mágico: eram antes "manifestações" de uma comunidade de origem étnica, se não, de unidade nacional.

Os ritos particulares, individuais ou coletivos – na antiguidade e ainda nos tempos modernos, para certas religiões distintas do Cristianismo – possuíam um caráter *politicamente tradicional* pois representavam a afirmação da família ou da raça. O "culto dos ancestrais" (isto é, dos *Manes)* era desse mesmo gênero: manifestava uma filiação hereditária; o "culto das divindades privadas" (isto é, os deuses *Lares),* do mesmo modo. Este, no entanto, afirmava, sobretudo um parentesco com certos das: desta forma, ficava provado que se pertencia à mesma *tribo,* embora membro de uma família especial.

A Alta Magia, em princípio, nada tem a ver com esses ritos particulares. Examinando melhor, tem-se a impressão de que certas práticas – e também certas imagens – aproximam-se singularmente das empregadas pela Alta Magia. Nisto, há um risco de erro, em particular porque é difícil distinguir-se claramente as modificações que podem ter sido efetuadas, através dos anos, em matérias paralelas. Nasce então a ideia de que um rito particular possui, apesar de tudo, um caráter mais ou menos mágico, vendo-se nele um aperfeiçoamento nas cerimônias ditas *hieráticas,* porque são celebradas por um padre.

Ora, é justamente o contrário. Porque, se foi presumido que apenas um iniciado pode operar de modo válido – em vista do que se chama "a transmissão dos poderes", assunto que será tratado mais adiante, no capítulo das *cerimônias* – convenhamos que o "pai da família", profano por definição, não possui nenhuma qualidade nesse sentido. Sendo ele um iniciado – o que, muitas vezes acontecia – saberia que não tinha o direito, conforme a expressão consagrada, de "misturar o sagrado e o profano"; ou isso, em todo caso, será apenas uma "paródia".

Assim sendo, se os ritos particulares estiveram impregnados de Magia, o fato denota que os profanos teriam algum conhecimento, mas não algumas de suas "chaves" – cujo uso e importância estão indicados nesta obra – e sim de certos "aspectos" e práticas verbais suas, cuja disposição e emprego sô podem demonstrar exatidão através da aplicação justa dessas "chaves", isto é, das fórmulas que resumem as "diretivas" a serem aplicadas.

Estas últimas eram preciosamente conservadas para si mesmo pelo iniciado e, a este respeito, ele prestara juramento de não revelar as explicações que lhe permitiriam usá-las de modo conveniente. Quanto às outras, pelo contrário, eram percebidas pelo profano, fosse durante as cerimônias a que assistisse ou em suas visitas aos templos. Nada o impedia de imitá-las, sobretudo tendo-se em vista que o relaxamento social não envolvia mais a autoridade "teocrática" ou, pelo menos, o respeito existente nos inícios de sua instituição.

Quando, em decorrência de circunstâncias políticas, revoluções e guerras, os iniciados se dispersaram, desapareceram e tornaram a agrupar-se, formando novos núcleos, essa "profanação" – no sentido exato da palavra – assumiu, necessariamente, uma ampla extensão. Religiosamente falando, cada um praticou – de modo profano – sua Magia particular. Sem grande força social, os iniciados não se empenharam a fundo em impedi-lo, limitando-se geralmente a declarações algo veementes, excluindo os "profanadores" do domínio em que, via de regra, era inscrita a "religião" da época. A sentença pronunciada tomou o nome de *excomunicação*, nas eras cristãs; em realidade, sob outras denominações, ela foi aplicada em todos os tempos.

Com o correr dos séculos, as *modalidades religiosas* ganharam variedade: em suma, apesar das doutrinas e das formas rituais, apresentaram sempre o aspecto de uma "religião". Os profanos que seguiam os preceitos, em geral deformados, de toda religião anterior, passavam por "estranhos" aos olhos dos fundadores de uma nova religião e, sendo da mesma raça, deveriam, com toda razão, excluir-se, excomunicar-se.

O hábito do Cristianismo desviou um pouco a noção exata do que deve ser entendido pelo termo "religião" – termo este, é bom lembrar, não conhecido na antiguidade pela significação que hoje lhe dão.

Em verdade, a religião é a adaptação à vida social dos princípios filosóficos que constituem a própria essência da Iniciação. É a remoção da *matéria iniciática* para a praça pública.

Quando os homens se juntam em clãs, por agrupamento das famílias, mais tarde em povo, pela reunião de clãs, adotam uma "constituição", isto é, uma regulamentação dos relacionamentos sociais. Tal constituição talvez seja algo rudimentar, porém sempre serviu para definir o exercício da vida política. Ela precisa, também, a autoridade moral que o chefe deve possuir. Embora essa autoridade moral seja expressa pela força, uma vez que o chefe tem necessidade de se impor e de governar, ela implica, entretanto, uma superioridade intelectual, onde o povo vê, sobretudo, uma demonstração da habilidade em conduzi-lo e onde é forçoso reconhecer a aplicação de uma certa "arte", a qual envolve talento e instrução ao mesmo tempo. Os historiadores não deixaram de assinalar que os fundadores de impérios e os grandes conquistadores – em todas as épocas e em todos os países – tão selvagens e cruéis como poderiam parecer, com o retrocesso dos séculos, possuíam uma instrução superior à da massa, relativamente à época em que viveram e a seus povos.

Não se pode afirmar que os chefes sempre foram iniciados e nem mesmo que os mais notáveis dentre eles tenham podido passar por tais. Entretanto, deve-se convir que, certamente, haviam adquirido sua instrução através do contato, direto ou indireto, com os *colégios iniciáticos* – posto que apenas esses colégios eram capazes de ministrar ensino.

Em vista disto, os chefes se viam "nas mãos" dos iniciados e, nos inícios da sociedade, de uma maneira absolutamente total. A "constituição" do povo se ressentia, sem dúvida, pois se encontrava eivada das ideias filosóficas que os iniciados professavam. Também a sociedade da época acusava a forma sob a qual se apresentavam as concepções metafísicas.

Quem quer que formasse parte dessa sociedade – fosse quem fosse o povo possuidor de tal "constituição" definida – caracterizava-se pela maneira como manifestava habitualmente as próprias concepções metafísicas, isto é, por sua "religião". Assim, praticar uma determinada "religião", equivalia a declarar sua "nacionalidade".

A fé, como hoje a entendemos, era apenas uma parcela mínima nos tempos antigos, formando o conjunto de argumentações denominado "as convicções". Um romano, assim como um grego ou um hebreu, não acreditava em suas divindades: ele as adotara, seguindo os ritos cultuais, mais por "convicção nacional" que por "convicção religiosa".

Em tais condições, quem quer que praticasse ritos diferentes, constituía um estranho a expulsar – ou então a ser morto – se ele insistisse em que fazia parte da mesma raça. O chefe de um povo não pode tolerar infrações aos regulamentos que caracterizam a "nacionalidade".

Ameaçado de expulsão e mesmo de morte, o praticante de um rito diferente evitava, ao máximo, ser acusado. Ele se ocultava, ao celebrar suas cerimônias. Se estas possuíssem um caráter privado, se empregavam uma magia particular, a dissimulação não era difícil. Em longo prazo, o público terminava percebendo que aquele "sectário" de uma religião diferente não mantinha os mesmos hábitos religiosos que a plebe. Então, podia surgir algum desentendimento.

Tudo, no entanto, dependia da maneira pela qual era motivada essa singularidade. Por pouco que o "sectário" da religião prescrita ou estrangeira mostrasse ao público haver uma razão de ser para suas práticas, que ele havia sido aprovado em uma iniciação, mesmo muito elementar e, inclusive, falsa, sua singularidade emprestava-lhe uma auréola que o preservava, em certa medida, do rigor das leis, além de carrear-lhe certa reputação e até influência. Pouco conhecendo da *matéria iniciática*, os profanos maravilhavam-se facilmente com tudo que a ela se assemelhasse. Temos o bem conhecido caso da pitonisa de Endor$_r$ consultada por Saul.

Tal é o caso de todos os "bruxos". Aos buscadores de nossa Idade Média, eles pareceram impregnados de bafios do maniqueísmo. E os próprios maniqueístas davam a impressão de já terem por doutrina uma mescla de zoroastrismo e de teorias neoplatônicas. Entretanto, apesar do Cristianismo nascente, os neoplatônicos do período alexandrino, embora simples filósofos, não procuravam instaurar concepções abandonadas?

Ao abordarem-se, mais tarde, regiões em que não haviam penetrado a "maneira" greco-latina – América, África, Oceania e Extremo-Oriente – nem sempre foi levado em conta o fato de que outras "religiões", cujas manifestações não eram percebidas, teriam existido anteriormente nesses países, ou talvez se houvessem infiltrado sob formas bastante modificadas, assim dando uma impressão de feitiçaria. Assim, aceitou-se como "primitivo" tudo que não passava de rudimentar, embora mais antigo que se tentasse supor – uma falha, aliás, oriunda da falta de documentação.

A feitiçaria americana, africana ou oceânica não passa, realmente, de feitiçaria: não possui nenhum

caráter iniciático e se fundamenta na falsa Magia. Quando se quer obter resultados – o que por vezes ocorre – acontece que, para ser empregada alguma coisa, nem sempre há necessidade de saber-se como a dita coisa foi inventada, nem mesmo de que ela se compõe e que o emprego de qualquer instrumento, por pior que seja esse uso, sempre produz um efeito. O mesmo acontece, ao dirigir-se um veículo sem saber como funciona, não sendo motorista ou mecânico; todo mau motorista, sabendo dar a partida, conseguirá avançar no caminho – e até causar um acidente.

Tal é o perigo da feitiçaria.

Na Ásia, entretanto, o faquirismo e seus derivados davam a impressão de empregar uma Magia mais verdadeira. Embora considerados "feiticeiros", em vista de estudos sérios e profundos, os faquires deram prova de uma incontestavelmente mais alta sabedoria que certos "fetichistas" americanos ou africanos – e oceânicos – antes seus compatriotas. Eles assombram frequentemente os europeus. Estes talvez sejam incitados a tomá-los, senão por iniciados da melhor qualidade, pelo menos por alunos excelentes de *colégios iniciáticos,* onde é ensinada uma ciência que, sob o nome de "yoga", assemelha-se em grande parte a essa *Alta Ciência,* cuja existência, afinal, pouco se conhece.

Tal maneira de ver não é um erro, em absoluto. Ela não passa de mais uma "ilusão", a crédito do faquirismo.

É verdade que o faquir recebe um ensinamento especial. Entretanto, esse ensinamento tem mais a natureza de um "treinamento" que de alguma instrução, no sentido exato do termo. Que ele pratica a "yoga", é inegável, que ele a conhece o suficiente para explicar seu mecanismo e o método, é provável; é duvidoso, no entanto, que seja capaz de expor os motivos e a profundidade. De resto, a "yoga" e tudo que a segue – especialmente o que se poderia chamar de "desenvolvimento dos poderes" – derivam, sem dúvida, da Alta Ciência, embora uma simples reflexão nos diga que dela não faz parte.

Quem fala em "ciência", fala também em leis e demonstrações. Quanto mais se eleva a ciência, mais deve ela fornecer as "razões das coisas", segundo a expressão latina. Daí, a ciência se dirige, sobretudo à argumentação; ela desafia todo "elemento sensorial" e, quanto a este ponto, prefere uma demonstração ao testemunho dos sentidos. Eis por que a ciência experimental – a única que merece o nome de ciência – emprega uma série de instrumentos para evitar, ao máximo possível, qualquer ajuda dos órgãos dos sentidos. Em que, então, um 'yogue", por mais elevado e desenvolvido que seja, poderá fornecer demonstrações válidas e desta forma alcançar uma "certeza", filosoficamente falando? Mesmo que, através da "yoga" seja possível ver-se a contextura das coisas e avaliá-la, isso significa compreender o assunto? E, compreender, não é o objetivo de toda ciência?

O faquir talvez tenha saber; compreenderá também?

Na Ásia, a persistência de religiões constituídas sob formas que bem se poderia qualificar de sábias, em diversos sentidos, assim como a perpetuação de um ensino em certas confrarias asiáticas que, apesar de sua decadência, ainda conserva algo de iniciático, explicam perfeitamente o fato de que o faquirismo e a "yoga" nele implicados tenham podido parecer tão importantes aos olhos europeus – em geral pouco a par do que se deve entender por *iniciação.*

De fato, esta palavra é empregada em vários sentidos que, embora não essencialmente contraditórios, terminam gerando confusões.

A iniciação consiste na elevação do *pensamento* ao máximo das possibilidades. Trata-se de pensamento, logo, de *reflexão;* por conseguinte, também de *elementos* de reflexão e ainda de *fatos* concretos ou abstratos, mas sempre patentes e, de qualquer modo, certos ou explicáveis segundo um

sistema que satisfaça à *razão* – e não apenas àquilo que bem se poderia denominar o *sentimento.* Em vista disto, pode haver uma *ciência iniciática* que será, incontestavelmente, uma ciência – superior, sem sombra* de dúvida, posto que ela fornecerá "as razoes das coisas", desta forma resolvendo os problemas mais elevados da metafísica, respondendo todas as perguntas propostas pelo homem e que entrevê a ciência experimental e satisfazendo a razão inteiramente.

A existência da teurgia prova, de modo inegável, que semelhante ciência existiu. Não obstante, é extremamente difícil reconhecer como os homens – pelo menos alguns entre eles – conseguiram estabelecê-la, de maneira a poderem ensiná-la em seguida. As múltiplas "fechaduras" que guardavam e ainda guardam os segredos impedem que se perceba a evolução, da qual ela é o produto.

Terá ela sempre existido? Tal é a pergunta que se tem o direito de fazer, uma vez que nada se fala a respeito e nem é feita a menor alusão.

Essa ciência, portanto, é entrevista na Alta Magia. O exame minucioso das "chaves", dos *pantáculos,* dos *talismãs* e dos *ritos* põem em relevo a aplicação de diversos *princípios racionais,* revelando uma altitude de pensamento que só à custa de muitos esforços foi atingida pelos homens da atualidade - e à qual mal atribuem toda a importância que ela apresenta.

As *chaves, pantáculos, talismãs* e *ritos* são explicáveis racionalmente. Por conseguinte, se as explicações forem consideradas válidas, devem basear-se em princípios que em nada ofusquem a razão. Entretanto, para que a razão as aceite, é preciso que sua exposição se veja acompanhada de demonstrações – porque, no domínio verdadeiro da razão pura, as provas ordinárias são insuficientes.

Tem-se procurado ver uma certa "tradição" na própria aplicação destes princípios. Em um sentido, houve muitas vezes "tradição", isto é, a transmissão das modalidades de aplicação e também dos princípios – porém nem sempre.

Convém que nos reportemos aos fatos da história. Esta mostra que os povos não apresentaram, outrora, a estabilidade que hoje os caracteriza. A "migração" foi a regra geral da humanidade, antes do surgimento da civilização. E, ainda, quando em determinado ponto do globo, a sociedade se organizava de maneira a ganhar, pouco a pouco, o aspecto civilizado, em diferentes partes do mundo efetuavam-se as migrações. Diz-se, ainda, que várias civilizações foram destruídas por invasões que, afinal, não passavam de migrações.

Os historiadores assim o reconhecem e, para eles, essa "fusão de raças" se tornou uma fonte de explicações políticas. Entretanto, os pesquisadores em matéria de tradição encontraram mais dificuldades no andamento de seus trabalhos, porque é muito raro que o extermínio de uma raça sedentária por um povo migrador haja sido total, a ponto de não ser considerada a existência de um sobrevivente que seja. Assim, bastaria que houvesse esse sobrevivente, para subsistirem as formas religiosas. Desta forma é que são conservadas as ideias correntes que uma raça manifestou.

Aos olhos dos invasores – que, bem entendido, tinham sua religião nacional – o sobrevivente poderia passar por "feiticeiro". Se, entretanto, esse sobrevivente fosse hábil, conseguiria encontrar seu lugar, com tranquilidade, pelo menos, no seio da nova organização social. Seus descendentes, com uma certa adaptação ao meio, aos poucos absorveriam os costumes dos conquistadores, embora conservando as próprias "tradições" na privacidade. Então, surgindo um segundo invasor e reproduzindo-se o fato, teríamos duas "tradições" superpostas. Estas terminariam entrelaçando-se em pouco tempo, porque a desgraça comum aproxima os homens; se os chefes dos últimos invasores não se dessem conta, teriam sua "tradição" praticamente "intoxicadas" pelas anteriores – se bem que, depois disso, o pesquisador não compreenda mais nada.

Daí, declarar-se que uma determinada tradição tem ligações com uma anterior, será uma tarefa difícil de provar. Entretanto, ainda há pior. A partir do momento em que as tradições se misturam e desta forma se alteram, deixam de parecer lógicas aos contemporâneos. Surge então uma Iniciação, sem dúvida uma novidade, para o povo que não mais a tinha; ela não impõe novas maneiras, mas talvez adaptada das antigas, na medida do possível. Assim, o pesquisador tem a impressão de que se revela uma filiação, quando, em verdade, foi um ponto de partida. O próprio Cristianismo, novo em todos os sentidos à sociedade da Roma imperial, após Constantino adotou as basílicas pagas por igrejas, mantendo sempre sua disposição, tirou proveito das ideias jurídicas correntes, das quais nasceu o Direito Canônico, endossou os trajes sacerdotais, no estilo usado em Bizâncio e não os modificou sensivelmente depois disso. Buscando-se uma filiação tradicional, haverá um engano, porque o Cristianismo foi um ponto de partida. O mesmo se pode dizer quanto ao Islamismo, para citarmos apenas eventos recentes. Uma grande prudência se impõe em matéria de "tradição".

Constatações superficiais poderiam impelir a crer que a Magia, no ocidente da Europa, é de filiação hebraica, uma vez que a maior parte dos pantáculos e talismãs levam inscrições em hebreu. Tender-se-ia, então, a nisso identificar uma "tradição" judaica – com muito mais facilidade, aliás, que a *Cabala*[16], esta uma explicação de diversas coisas, em conexão com a Alta Magia e, incontestavelmente, rabínica. Seria grande imprudência adiantar-se tal afirmativa, posto que a Magia é positivamente universal. Entre os pantáculos ou talismãs europeus e os pantáculos e talismãs chineses, por exemplo, a principal e talvez única diferença, consiste no emprego de outras línguas que não o hebreu. Desta forma, é incontestável que os povos do Extremo-Oriente, por suas origens anteriores ao povo judeu, não possuem qualquer conexão com este.

Em vista disto, parece muito difícil estabelecer a história da Magia, mesmo para um povo definido. De qualquer modo, este simples bosquejo foi suficiente para que se perceba a complexidade do tema.

*(P. P. – Doc. Partic. – Doc. Estr.)*

## Definições Etimológicas

*Teurgia* é uma palavra grega: *theourgia*, composta de *theos*, que quer dizer deus (uma divindade qualquer) e de *ergon*, que significa *obra, trabalho, ação, efeito.*

A expressão *theourgia* possuía dois sentidos: aquele de *ato da potência divina* (isto é, positivamente: *efeito de uma potência ou energia superior* porque, na palavra energia, encontramos

---

[16] O termo *Kabalah*, que poderia estar aportuguesado *{Cabala)*, não revelaria a TRADIÇÃO ARCANA se de outra forma fosse escrito. Em Kabalah prática de operações literais e numéricas, a Gematria (valor numerológico das palavras) traduz: K = 100 (Koph) + B = 2 (Beth) + L= 30(Lamed) + H= 5 (He) = 137 – número este que se refere, na chamada Soma Teosófica (1 + 3 + 7) ao n° 11 (no Tarot é igual ao Arcano Maior – a Força, no sentido vulgar; e Poder Concentrado, no sentido esotérico). Os números 1, 3 e 7 mostram ainda: 1 = a Unidade, o Logos, o Nous, a Mônada, a Centelha 3 = a Trindade, ou seja, a maneira como a unidade se faz manifesta. 7 = Aonde a unidade se manifesta (os planos da Natureza, ou seja, sua própria criação). A criação, portanto, espelha o seu Criador = 11. Um espelha um. Outrossim, no Tarot o n° 11 corresponde à metade de 22 (Arcanos Maiores do Tarot) e é igual à soma das 10 Sephiroth mais a Sephirah Oculta (DA'AT – O fruto proibido do conhecimento) da Arvore da Vida.
K, B, L, H – somente a letra B é dupla, as demais são simples, mostrando que, no quaternário, habita a quintessência.
O termo Kabalah vem de KBL, que seria igual a 132, ou seja, o Selo de Salomão (132 = 6). O n° 132 contém os números 1 e 3, mostrando que a potência *é* masculina (números ímpares – masculinos; números pares – femininos); por sua vez, o n9 6 é o primeiro número perfeito, ou seja, a soma de seus divisores, sem contar com ele próprio, revela ele mesmo, por isso chama-se a Kabalah de Santa Kabalah por sua perfeição. Quando somamos o n° 5 do H ao final da palavra, ela passa a significar aceito, recibo, já que só KBL é receber. E 5 sâo os sentidos do homem (pentagrama). O 6 é a lei de causa e efeito (carma); resultado: o homem pode, ao ter recebido a Tradição, cumprir, resgatar, queimar o seu carma. Por fim, queremos enfatizar que existem outras interpretações também de grande valor. (N.C.)

*ergon)* e o de *entrada da própria potência em ação;* neste último sentido, temos a tradução para o português de *teurgia,* explicada pelos dicionários como *espécie de magia.*

*(Chass.)*

Não existe um correspondente para *teurgia,* em latim; foi empregado o termo por Santo Agostinho (século IV), sob a forma *theurgia,* no sentido de *evocação dos espíritos.*

*(Lebai.)*

Em grego, o praticante da *teurgia* tinha o nome de *theourgos,* equivalendo a *teurgo,* em tradução direta. Tal palavra, no entanto, possuía sentido laudatório, caracterizando *aquele que praticava atos dignos da potência divina.*

*(Chass.)*

*Magia* é, igualmente, uma expressão grega: *mageia.* De qualquer modo, este substantivo provém do adjetivo *magos* que, em grego, reproduzia um vocábulo *persa,* cuja consonância era quase idêntica. O latim a traduziu por *magus* e Cícero a empregou para designar o *sábio entre os persas.* Em português, dizemos *mago.*

*(Chass.-Lebai.)*

A raiz da palavra *magos* é MAG. De um modo geral, significa *amassar,* evocando também a ideia conexa de *maceração.*

Isso faz pensar que o mago entre os antigos persas se entregava a operações de *amassamento* com certos pós, mais ou menos análogos à farinha de trigo. Sem dúvida, o mesmo se aplicava à fabricação de drogas com produtos macerados em líquidos.

Certamente os gregos estavam a par de tais operações, posto que empregavam o verbo *mageireuein,* significando *preparar a cozinha,* enquanto que a palavra *mageirikos* significava, para eles, *cozinhar.* Os gregos modernos ainda as empregam e, por vezes, como abreviatura, usam a palavra *magos,* querendo dizer *cozinheiro-chefe.*

*(Chass.)*

A raiz MAG deve relacionar-se a esta outra – MAK – que, exprimindo a ideia de comprimento e de *grandeza,* lhe é idêntica, em suma, pelo simples endurecimento da pronúncia da letra G.

Assim, ao dizer-se *magos* e ao falar-se de *mage,* não estaria longe de qualificá-lo como *grande* personagem.

Pertencendo o grego à família *ariana* ou indo-europeia, suas raízes, evidentemente, são as mesmas do *sânscrito.* A escrita, no entanto, é diferente, uma vez que o alfabeto grego derivou-se do *fenício,* desta forma possuindo origem *semítica.*

O radical MAK e as palavras gregas dele derivadas transferem-se para o latim como *magis,* advérbio significando mais – *magas,* que quer dizer grande – *magister,* de onde proveio a palavra francesa *maître* (mestre) e várias outras que, passadas para a nossa língua (francesa), após terem pertencido à *romana,* sempre implicam uma ideia de superioridade, tais como *maire* (prefeito), *maxime* (máximo), *magot* (pecúlio).

*(Chass.)*

*Sorcellerie*[17] (feitiçaria) é uma palavra francesa, assim como *sorcier* (bruxo, feiticeiro). Na língua francesa antiga havia o verbo *sorceler*, o qual significava praticar *sortilégios* ou, de preferência, *sorcelages*, como se dizia outrora, usando-se ainda o termo *sorceries.*

A expressão *sorcier* vem do baixo latim *sortiarius*, esta derivada do latim correto *sors.* Então, tinha o significado de *aquele que deita sortes.* O sentido de *sors* latino, contudo, não corresponde exatamente à palavra *sorte*, da frase em questão.

Em latim, a palavra *sors* queria dizer, adequadamente, *tabuinhas ligadas entre si por cordões.* Primitivamente, portanto, tratava-se de uma espécie de caderno de anotações, pois eram tomadas notas em tabuinhas com uma leve camada de cera em sua superfície. Não obstante, prevaleceu a expressão *tabulae*, em especial para designar os *registros* que, afinal, são apenas os cadernos de anotações, um pouco maiores.

Finalmente, a palavra *sors*, substantivo do verbo latino *serere*, que quer dizer reatar (no sentido de *ligar)*, designava tão-somente as próprias tabuinhas, em especial *certas tabuinhas*, sobre as quais eram inscritos, de modo mais ou menos durável, as fórmulas e sinais que tinham relação com a *arte mágica.* A palavra em apreço foi confundida pelos romanos com a arte adivinhatória, disso resultando que o termo sors queria dizer *predição* e, em resultado, *o que reserva o acaso ou a sorte;* daí advém a expressão *deitara sorte*, como ainda falamos. Em latim, sors significa, da maneira como empregada por Júlio César e Cícero, a *bola* com a qual se jogava ou deitava a sorte, da mesma forma que a *cédula*, introduzida na urna para a votação.

*Sors* se tornou então *a sorte*, manifestação misteriosa do destino e, em decorrência, de causalidades invisíveis, que parecem dirigir os homens.

*(Lebai.)*

O feiticeiro, se arvorando em mestre dessas causalidades invisíveis, tornava-se, portanto, *aquele que deita sortes.*

O vocábulo francês "sorcier" foi adotado em muitas das línguas europeias, com diversas alterações: em valão (relativo à Valônia, Bélgica francófona), diz-se *sôrsi*, em provençal *sorthuier*, em espanhol *sorters*, em italiano *sortiere*, em inglês *sorcerer.*

*(Litt.)*

Esta última constatação faz ressaltar que a prática de uma magia deformada, proveniente da mistura de tradições druídicas com a religião romana, sem dúvida também com concepções germânicas, persistiu por longo tempo nos países de língua romana.

*(Div. Aut.)*

## Universalidade das Práticas

Na qualidade de tema de estudo pelos teóricos primitivos, a Magia deve ser entendida como uma "física", comparável em espírito, se não em sua literatura e concepções, à ciência experimental que leva esse nome em nossos dias.

É ela a *física inicial*, da mesma forma em que é concebida a alquimia como a *química primeira* e a astrologia definida como a *astronomia antiga.*

---

[17] *Sorcellerie* significa Bruxaria, Feitiçaria, Encantamento, etc, porém, para nós há pequenas diferenças:
*Feitiçaria* – requer o uso do fetiche. Seu praticante, o feiticeiro, não necessita ter conhecimentos especiais; precisa, sim, de conhecimento na arte do fetichismo e na fabricação do feitiço.
*Bruxaria* – são práticas ritualísticas que podem ou não ter uma prospecção (alvo); seu operador, o bruxo, tem poderes especiais de altíssimo nível. Ambos realizam encantamentos. (N.C.)

Com grande rapidez, mais depressa que a alquimia e, sobretudo, que a astrologia, ela abandonou o domínio do concreto e se voltou para o abstrato ou, de preferência, em direção daquilo de que se aproxima e salienta, fisicamente falando, do *invisível*.

O motivo é simples. O objetivo das observações astrológicas – o céu e as estrelas – sempre permanece acessível ao sentido visual, não desaparecendo em momento algum porque, durante o dia, o sol se manifesta regularmente, atestando a perenidade do concreto celeste. A astrologia não podia, portanto, desligar-se facilmente do concreto. Daí porque, em diversas épocas cujas tendências, apesar de certa argumentação racional, tinham um caráter mais material que filosófico – como no período alexandrino, por exemplo – foi vista seduzindo inteligências inquietas, desejosas de conhecer a "razão das coisas", permanecendo tão perto da Natureza quanto possível.

O objetivo dos estudos alquímicos – a matéria com seus compostos – leva à visualização de um domínio bastante próximo do abstrato. Certamente a matéria é concreta; no entanto, seus compostos, constituintes dos corpos químicos, dispersos na Natureza, são fabricados por estados evolutivos que, com frequência, escapam aos órgãos dos sentidos, sendo revelados apenas por instrumentos aperfeiçoados. Em resumo, a química se ocupa da *intimidade da matéria.*

Logicamente, a alquimia se encontrava preparada para considerar a parte invisível que existe nos corpos materiais, sob o aspecto de energia latente. Daí porque, nas épocas em que as inteligências se compraziam em filosofar, mais apaixonadas pela metafísica que preocupadas em realizações práticas – à época da Renascença – foi possível constatar-se uma infinitude de obras alquímicas de valores diversos e variadas apresentações que, a pretexto de falarem sobre o concreto experimental, tratavam quase apenas – quando menos as mais sérias – de temas metafísicos.

Além disso, os alquimistas empregavam uma linguagem particular, formada de reminiscências incontestavelmente Iniciáticas em origem, muito fechada para o profano – e a expressão "hermética" se torna significativa, nesse sentido – em verdade, de difícil compreensão até mesmo para o pesquisador que, embora familiarizado por estas leituras, com um certo simbolismo linguístico, não possui um método que lhe permita transpor as ideias sem modificar as palavras ou empregar vocábulos diferentes para exprimir essas mesmas ideias.

Os alquimistas então, em vista do papel que lhes cabia – um papel que se concebe nitidamente, ao examinar-se de perto os "Rosa-cruzes" – não podiam expressar-se em linguagem clara. Quanto aos astrólogos, não encontraram o mínimo obstáculo, dispondo de ampla liberdade para se exprimir abertamente.

O objetivo dos estudos mágicos – a energia universal, com suas modalidades ordinárias, que são as forças existentes na Natureza – ao contrário, toca o abstrato de tal maneira, que foi necessária a grande engenhosidade dos físicos modernos, a fim de que pudessem empregar as forças naturais, não se preocupando em saber de que, essencialmente, elas consistem.

For si mesma, a energia é uma abstração, como o tempo ou o espaço. Não possui definição válida. É conhecida apenas por suas modalidades e especialmente pelos efeitos das mesmas.

A mecânica racional – que é a geometria do movimento – se ocupa de forças, mas sem explicar a "essência"; do mesmo modo a geometria das figuras, que não expõe seu valor intrínseco. De qualquer modo, a energia e suas modalidades, sob quais sejam as formas que se apresentem à inteligência, não são vistas naturalmente, uma vez que são indescritíveis. Apenas suas manifestações ou, melhor dizendo, seus resultados, afetam os órgãos sensoriais. Portanto, elas pertencem ao *invisível.*

Assim sendo, o magista via em concreto apenas os efeitos, cuja causa – de interesse unicamente seu – residia em um domínio inacessível pelos meios ordinários. Tal era reservado somente aos exercícios da inteligência, desta forma intangível ao comum dos mortais e "tabu", se assim podemos dizer, para a massa desprovida de instrução suficiente. Não devemos tomar o magista por um matemático de profundos conhecimentos, a quem as abstrações são de tal modo familiares, que o fazem perder o concreto de vista. Entretanto, pelo exame atento das *chaves*[18] – que não passam de fórmulas matemáticas – percebe-se claramente que a *abstração* (no sentido que damos hoje ao termo, cientificamente) era muito melhor manejada na antiguidade, que em nossos dias. É verdade que os meios matemáticos não eram os mesmos, em absoluto, mas existiam seus equivalentes; além disso, é forçoso reconhecer que a faculdade de raciocinar e de abstrair-se, filosoficamente falando, sempre se nivelou à inteligência uniforme. Deve-se, ainda, convir que a instrução livresca, embora alimentando evidentemente a inteligência, não a constitui, de modo algum.

Assim, a metalurgia da antiguidade, por rudimentar que possa parecer aos industriais de nossa época, também procurava metais puros, cuja maioria – bem sabemos – só existe em estado natural sob a forma de compostos químicos.

A Idade do Bronze, que os historiadores consideram tão pouco avançada, pelo ponto de vista social, supõe, não obstante, a metalurgia do cobre e do estanho, da mesma forma que a Idade do Ferro implica a extração do minério, a fundição, a batedura e a tempera. O homem inteligente sempre refletiu, refletiu bastante, sem dúvida, porque não tinha à sua disposição os manuais que suplementassem suas reflexões. Tratava-se, outrora, de um indivíduo bastante raro – uma exceção, poderíamos dizer – mas, justamente daí provinha a sua excelência e a consideração que o cercava.

Em vista de seus estudos possuírem um caráter abstrato, o magista assumia uma importância especial. Ele se tornou o "mestre" ou, em latim, o *magister*. Com toda a razão, passava por sábio. Foi dessa fama que o bruxo procurou tirar proveito; e também foi assim que o "charlatão" tentou angariar crédito.

O magista, no entanto, em vista de suas considerações abstratas, passando de causalidades a causalidades, ultrapassando o domínio onde são consideradas as forças ordinárias da Natureza, passou a abordar as regiões onde se concebe a existência de energias diretoras do Universo.

Filósofo, ele poderia ter-se contentado em estabelecer um "sistema" explicativo, ao qual seu talento daria qualquer valor metafísico, caso o tivesse achado satisfatório. Voltado para a ciência e positivista de certo modo, ele preferiu permanecer "prático".

Os antigos, aliás, eram mais "práticos" do que se possa imaginar. Eles não perdiam de vista a finalidade utilitária. É nos momentos em que a civilização se instala no luxo e no conforto, quando o comércio prospera, com a circulação monetária facilitando a vida e a segurança garantindo agradáveis lazeres, que os homens pensam em literatura e se voltam para a filosofia. Entretanto, isso acontece segundo o caráter dos povos, uma vez que todos os antigos não tinham a mania de escrever, como os gregos e romanos de certa época.

Apesar da profusão de inscrições egípcias e da amplitude de textos orientais, em princípio apenas o indispensável era gravado na pedra e nos tijolos, assim como nos papiros. Por outro lado, a noção de indispensável, essencialmente elástica, variou bastante com o tempo.

---

[18] *Clef* serve para designar chave ou clave. Em francês existe também o termo *clé* para clave. Optamos por chave por conter sempre fórmulas e operações matemáticas que permitem abrir as "portas das Arcas" (de Noé, da Aliança e também do simbolismo mágico do Arco-íris, Arca de Isis e os Arcanos). As claves são usadas, principalmente, em magia sonora e na Arqueometria (ARKA-MATRA). (N.C.)

É por isto que não se conhece qualquer tratado de Magia, propriamente dito, que provenha da antiguidade. Aqueles que levam tal título ou que mostram pretensão de justificá-lo são obras relativamente recentes feitas mais para ludibriar o público do que para instruí-lo.

Em troca, deparamos com uma infinidade de objetos mágicos: pantáculos, talismãs, anéis rituais, fórmulas de orações ou remédios, indicações de ritos – tudo que, em suma, serve para as operações mágicas; nada, porém, ou quase nada que diga respeito à teoria.

*(Doc. Estr. – Doc. Fr.)*

Tais objetos mágicos são *universais* – no sentido de existirem em todos os países, mais ou menos antigos, pouco variando de forma e, por assim dizer, todos no mesmo estilo.

Se existiu então uma teoria da Magia, segundo a qual ficavam estabelecidos os objetos a serem utilizados na prática, é forçoso convir que, em si, ela teve um caráter universal.

Em qualidade, a universalidade se explica pelo fato de que as concepções abstratas, quando apresentam um caráter científico e não somente filosófico, não podem afastar-se muito de um "normal", podendo-se então dizer que sua espécie é a da *razão,*

Admitindo-se que a teoria energética da Magia seja racional – como é, por exemplo, a da mecânica que leva este nome ou como a geometria ordinária – não é de estranhar-se a universalidade da Magia. Porque a *razão* é universal.

Evidentemente, para que tal postulado tenha toda a sua força, seria necessário apoiá-lo através de documentos. Se pudéssemos dispor dos tratados de Magia, se os mesmos houvessem sido conservados para nós, seria possível examiná-los e discuti-los. Entretanto, jamais se soube que houvessem existido e, pelo contrário, tudo leva a crer que nunca tenham sido escritos. Em tais condições, apenas a argumentação, fundada na consideração atenta e advertida dos objetos mágicos – universais –, permite expor o postulado.

Isto é exato, contudo, porque a natureza das chaves – geralmente explicáveis pela Cabala – a disposição dos pantáculos e talismãs, sempre geométrica – a maneira dos ritos –, lógica, depois que a telegrafia sem fios permitiu que se penetrasse no domínio das ondas – revelam uma altitude de concepção à qual não pode ser recusada a qualidade racional.

*(P. P. – Doc. Part.)*

Nota – Para maior informação, o leitor encontrará diversas explicações concernentes à Cabala; concernentes também às ideias geométricas e mecânicas em que se fundamenta a concepção do Zodíaco, usado tanto pelos astrólogos como pelos magistas; concernentes à alquimia que, em uma parte bastante extensa, tem conexão com a Magia (especialmente quanto aos metais empregados na fabricação de pantáculos, talismãs, anéis ritualísticos e utilização de pedras preciosas); concernentes, enfim, à própria Magia, sobre a qual foi emitida uma "hipótese" referindo-se à física moderna, em uma obra intitulada *"L 'Evolution de l'Occultisme et Ia Science d'aujourd'hui"*, publicação esta, que remonta a 1912. Escrito unicamente com a finalidade de "regular" um certo número de pesquisas que tinham sido feitas em vários lugares sobre vários assuntos e de compará-las ao avanço da ciência puramente experimental, esse livro tem, naturalmente, a atualidade do progresso cientifico de sua época. Não obstante, linda assim ele é considerado valioso, sobretudo no relativo à Magia. É verdade que, a partir de então, a telegrafia sem fios obteve resultados que, naquele momento, mal eram visualizados; estes, no entanto, não invalidam a *hipótese sobre a Magia* em nada, pelo contrário, confirmando o que as primeiras constatações de laboratório, no domínio das ondas, já haviam sugerido.

*(P.P.)*

## Distinções Qualitativas

Antes de tudo, convém acentuar que os objetos e os meios cujo caráter parece mágico, à primeira vista, seja a que título for, podem originar-se: da *magia verdadeira, o*u da *falsa magia.*

*(Div. Aut.)*

Magia verdadeira é aquela que, fazendo uso de objetos e meios estabelecidos segundo sua regularidade habitual, conforma suas práticas -seja em uma cerimônia pura ou alterada – às *normas traçadas* pelas *chaves autênticas.*

A *Alta Magia* é, necessariamente, verdadeira; não obstante, pode apresentar-se sob uma das duas qualidades seguintes:

1ª *Magia pura,* quando suas práticas são regulares;
2ª *Magia alterada,* quando suas práticas sofreram alterações mais ou menos grandes.

*(Doc. Part.)*

A *feitiçaria* pode descender da magia verdadeira quando, fazendo uso de objetos e meios estabelecidos regularmente, como aqueles de que se serve a Alta Magia, é possível reconhecer-se que suas práticas – embora alteradas – conservam ainda uma certa conformidade com as *chaves* autênticas, ou pelo menos com as *clavículas* (que derivam das anteriores).

Uma feitiçaria verdadeira se encontra, desta forma, bastante próxima da *Alta Magia alterada.* É distinguida apenas por fracos indícios, apresentando-se, em resumo, como uma *heresia,* em relação à Alta Magia. Esta, no entanto, mesmo alterada tem um caráter preferentemente de *rito especial,* isto é, de um cerimonial diferente, mas autêntico.

*(Doc. Part)*

No domínio da heresia, portanto, constata-se rapidamente a decadência ritualística, sobretudo na matéria. A palavra *heresia* provém de um verbo grego que significa *escolher.* Quando a feitiçaria pode ser qualificada de verdadeira, é o feiticeiro que *faz uma escolha* na prática de um rito da Alta Magia, desde então especial. Ele se denuncia pelas omissões que comete, principalmente no cerimonial e ainda na fabricação de objetos.

*(P.P. – Doc. Part.)*

Quando a feitiçaria emprega também objetos aparentemente regulares, mas observando práticas que revelam apenas distantes conexões tradicionais com o cerimonial autêntico, não passa de um *simulacro* da verdadeira feitiçaria. Entretanto, nem por isso se trata de falsa magia.

*(Div. Aut.)*

A *falsa magia* constitui uma *paródia,* propriamente dita. Os objetos que emprega são mais ou menos estabelecidos como *imitação* dos objetos regulares, enquanto que suas cerimônias oferecem apenas uma *bastante vaga semelhança* com o ritual autêntico. Não obstante, pode-se ser iludido, caso a paródia seja bem executada; ela seria aceita como uma feitiçaria dissimulada, o que então deixa de ter grande valor.

Existe ainda uma falsa magia, da qual nem mesmo se pode afirmar que seja uma paródia. Trata-se da *magia fantasiosa,* cujos objetos, embora não sendo de aparência medíocre, nada possuem em comum com os regulares, e cujos ritos, se nela implicados – o que não é constante – nenhum sentido revelam.

*(Doc. Part.)*

Nota. Deve-se ressaltar que a *falsa magia* e mesmo *a magia fantasiosa*, apesar de tudo, fazem parte do quadro geralmente chamado de *Magia.* Trata-se, no entanto, de uma *falsa semelhança.*

Em aparência, uma falsa semelhança é constituída por todo objeto que seja declarado mágico, resultante de pura ficção, bem como por toda gesticulação qualificada de rito. Os falsos semelhantes dependem do charlatanismo. Não podem, sem dúvida, referir-se à menor superstição, palavra que, por sua origem latina, implica a ideia de *sobrevivência* e, então, conferiria aos objetos ou gesticulações um certo "bafio" das concepções sobre as quais a Magia comumente se fundamenta. Entretanto, caso o público te iluda a seu respeito, eles podem gerar *hábitos supersticiosos*, os quais podem, a longo prazo, transformar-se em superstições reais (como a colheita do *muguet* (lírio do vale), em 1º de maio).

A falsa magia, contudo – que, propriamente dita, não depende da feitiçaria –, repousa em *ideias supersticiosas.* Em geral, é a magia dos campos, cujos praticantes - ignorando inteiramente a feitiçaria mesmo que degenerada, aliás – intitulam-se feiticeiros.

Quanto à magia fantasiosa, é preciso considerá-la como a *magia intencional.* Em geral, situa-se mais na linha das ideias conformistas – isto é, *tradicionais* – do que poderia supor. Além de uma fantasia excessiva, que a classificaria então na categoria dos falsos semelhantes – ainda que nela nada exista de charlatanismo – a Magia denominada fantasiosa é aquela adotada pelos povos primitivos.

Neste caso, os ritos não possuem qualquer sentido mágico, representando uma *gesticulação* naturalmente espontânea, em matéria de proteção ou de súplica. Os objetos, por outro lado, não são insignificantes, de modo algum: no caso, são escolhidos intuitivamente e por vezes adornados, em decorrência de ideias que nada têm de supersticiosas ou tradicionais, mas sendo de essência mágica, uma vez que o povo primitivo não possui ancestralidade aceita.

A magia fantasiosa representa, então, o "balbucio" da arte, se não, da própria ciência.

Devem, no entanto, ser mantidas, como pertencendo à magia fantasiosa, as aplicações dos princípios, através dos quais são constituídos os objetos regularei. Neste caso, bem entendido, não existe qualquer rito a considerar. Os objetos assim constituídos, "à maneira" da magia verdadeira, são regulares por sua forma, não pela constituição. A ideia a eles atribuída não tem sentido mágico, embora seja da mesma ordem.

Tal é o caso dos *brasões*, que os Cruzados aprenderam a criar no Oriente. Eles não são mágicos, de modo algum; uma vez que precisam graficamente, seja o indivíduo, seja a família, constituem uma marca distintiva e indicam uma tradição social. Sem serem absolutamente uma ideia mágica, nota-se que, aquela da qual procedem, aproxima-se bastante da concepção que, entre os romanos, presidiu ao culto dos deuses Lares ou Penates, indicadores da família e do clã.

Por fim, o brasão passou a ser colocado sobre o escudo, como se a tradição de família completasse a proteção do indivíduo.

Tal é também o caso dos *anéis de casamento*, cujo uso ainda se perpetua. Evidentemente, eles nada têm de mágico e tampouco são anéis ritualísticos; entretanto, implicam a ideia de aliança, isto é, do relacionamento entre duas vontades – assim como o anel ritualístico tem por fim unir, magicamente, a vontade do operador à do gênio ou espírito personificador do fluido invisível. Deve-se, então, perceber a lógica de serem as alianças de casamento geralmente abençoadas pelo sacerdote que celebra a união.

*(P.P.)*

## Doutrina

Não existe qualquer resumo de preceitos que representassem uma *doutrina* concernente à Magia. O motivo se encontra na diversidade gerada pelas distinções qualitativas que somos obrigados a fazer e também da complexidade de sua evolução histórica, segundo se constata.

É possível, no entanto, levando-se em consideração estas duas argumentações, estabelecer-se os princípios, sobre os quais se fundamenta a prática da Magia, em cada um de seus diversos estados.

Em seu estado mais elevado e, por conseguinte o melhor, a Magia resulta na aplicação de uma teoria relevante da "matéria iniciática". Exposta em linguagem moderna, tal teoria é a seguinte:

A *iniciação*, no referente ao ensino filosófico, constituído de maneira lógica e racional, considera um *Universo esférico.*

Sendo a terceira dimensão a última que, na escala das "potências matemáticas", pudesse permitir, ordinariamente, a representação do espírito humano, o Universo – ou "tudo que existe" – é concebido como comprimido no interior de uma esfera, quer dizer, na figura geométrica apresentando o máximo de volume.

Estendendo a concepção ao extremo, esta *esfera universal* tem o *infinito* por periferia.

Os mundos estelares, compostos de uma estrela central (única ou múltipla) e de diversos planetas, movem-se no interior da esfera universal, pelo efeito de forças cósmicas.

Os seres de cada planeta – seres de cada reino da Natureza e de toda espécie – são constituídos e organizados em virtude da ação energética do astro que os carrega. Eles vivem – dotados de vida latente como os minerais ou de vida efetiva, como os vegetais e animais, segundo suas maiores ou menores possibilidades de movimento próprio – sempre em função de uma ação energética que, tendo sido extraída do astro que os carrega, lhes pertence, química e biologicamente, como coisa particular. Eles se reproduzem – caso o permitam suas condições de vida – igualmente, em razão da energia de que seu organismo dispõe.

Existe, então, um *encadeamento de seres* – isto é, de "coisas que existem" e de "modalidades de seres" – em seguida o ser mais vasto, chamado Universo, *indefinido* em sua composição e *infinito* em sua figuração, passando pelos complexos estelares (que são definidos) e os planetas onde o concreto se torna tangível para quem quer que os habite, até o ser – seja ele organizado ou não – existente em um astro qualquer.

O ser humano que existe no planeta chamado *Terra* – a qual pertence a um mundo cujo centro é o Sol – é então considerado como "parte componente" do Universo.

Tal encadeamento de seres, portanto, implica em movimento – não apenas para que cada um se desloque, mas também para que cada um seja construído "atômica e celularmente", que cada um se desenvolva, evolua e se reproduza (caso lhe seja necessário). E o movimento, supõe uma energia motriz.

Nestas condições, em correlação com o encadeamento de seres no Universo, existe um *encadeamento de forças,* cujo caráter geral é *cósmico.*

Detendo-se aqui, o "sistema filosófico" seria *panteísta.* Os melhores autores que, na antiguidade, ousaram expor uma ideia, não conseguiram ir além. O exame dos textos hebreus, assírios, egípcios,

gregos, etc. assim levou a pensar que o *panteísmo* havia predominado, salvo raras exceções, antes do surgimento do Cristianismo.

Refletindo-se nisto, o panteísmo é apenas um estágio, em um modo de ver. Ele marca uma pausa, na qual se compraz a inteligência ainda pouco disposta a prosseguir. Semelhante pausa se equivale ao *Myste*, entre os gregos de Elêusis, sendo, portanto, aquela da Alta Magia. O *Epopta*, no entanto a ultrapassa obrigatoriamente, pois este *Rei Mago* deve praticar aquela Magia superior, denominada teurgia.

Sem dúvida, é pelo fato de a teurgia sempre haver tido – e ainda tem – um caráter extremamente secreto, que foi qualificada geralmente de panteísta, a maioria das solitárias concepções metafísicas que a antiguidade professou abertamente. Não se pode conjeturar de modo diferente.

Todavia, se existe um encadeamento de forças cósmicas no Universo – como uma espécie de rede, distribuindo energia por toda parte – necessária se torna a suposição de uma "usina central" (como falamos comumente hoje em dia), que tenha o papel de "fonte de energia".

Não é difícil conceber-se tal ideia, em vista da construção geométrica da esfera, porque toda esfera tem um centro, necessariamente. Essa "usina central", como é lógico, só poderia encontrar-se no centro e, de qualquer modo, ela existe.

Menos fácil de imaginar é a composição, o funcionamento dessa "usina central". A Cabala hebraica resolveu o problema em uma palavra: ela declara que isto é *Ain Soph*, em outra palavra, *inconcebível* Em linguagem industrial, poderíamos dizer: "entrada proibida".

Assim, ela precisa a natureza dos segredos que o Epopta deve conhecer, para lhe ser permitida a entrada. De início, tais segredos se referem a uma *qualidade*, em seguida, a uma *quantidade.* É preciso que o indivíduo seja *qualificado,* para poder entrar – da mesma forma que a proibição de passagem por uma porta, não interdita aqueles que têm esse direito, por isto mesmo, possuindo qualificação para cruzá-la. No entanto, a *quantidade de chaves* a possuir se traduz por uma quantidade de saber, naturalmente, dependendo da inteligência do iniciado. Quando este for considerado apto para compreender, ele compreenderá, mais ou menos bem, em especial se fez suas lições e as reteve na memória, podendo servir-se das mesmas com maior ou menor grau de destreza. Em verdade, não basta apenas possuir as chaves que abrem as fechaduras ou conhecer as "palavras" que permitem sua abertura – é preciso saber como manobrar cada chave.

Seguindo nisto o sânscrito, os gregos deram o nome de *théos* à "causa primeira da energia universal". A raiz da palavra é DIF, com um *digamma* (sexta letra do alfabeto grego arcaico); dela se originou o latim *divus. Deus* e o francês *Dieu;* em sânscrito, produziu *Deva.* Alguns procuram ver, inclusive, que o vocábulo latino *Jovis* (aplicado a Júpiter) originou-se como representante da forma primitiva *Diovis.*

Esta raiz evoca a ideia de *clarão* (na luz), portanto, de *dia* (no concernente à claridade) e, tendo fornecido o grego *Zeus,* dá também uma ideia de divindade.

Nisto consiste toda a teoria da Magia. O clarão da luz e aquilo a que os homens chamaram de *dia* originam-se comumente, sem contestação possível, da luminosidade que o Sol esparge sobre a Terra. O que o Sol possui é uma manifestação de energia. Ao ser dado o nome de *théos* à fonte primeira de energia, cada fonte secundária será tornada um théos, isto é, uma divindade, porque o apelativo assume um caráter genérico. Daí a pluralidade dos deuses, quando paramos no panteísmo; daí, ainda, a multiplicidade das divindades inferiores, que se deve imaginar a fim de serem caracterizadas as fontes de energia derivadas, existentes na Natureza terrestre. Cada uma dessas divindades não pode ser denominada um *théos,* já que a energia da qual são fonte, deriva de uma

outra que, não sendo terrestre, deve ser considerada superior, em vista da hierarquia sideral. Então, recebem denominações diferentes.

Os antigos pareciam ter tido a noção exata, talvez precisa, da distinção que hoje fazemos entre *energia utilizável* e *energia propriamente dita.* Desta distinção é que provém a diferença existente entre a teurgia e a Alta Magia.

Tem procedência a hierarquia energética que distinguimos na denominação das *potências* consideradas. Não obstante, as hierarquias, conhecidas neste sentido, diferem segundo a "mentalidade" dos povos: para alguns, é suficiente uma simples hierarquia esquemática; para outros, é importante o detalhismo – e a apresentação dos detalhes varia, segundo as tendências a que as coisas fiquem mais complicadas ou menos.

O sistema *cabalístico é* o mais breve de todos: menciona tão-somente os quatro planos hierárquicos a serem visualizados. Recebem eles a denominação de *mundos, em* uma advertência para que cada um seja considerado um *universo particular:* sendo todas as esferas geometricamente semelhantes, a concepção se torna racional. Então, é possível considerar cada universo particular como do universo inteiro – ou inversamente.

Os mundos cabalísticos são:

1º) O *mundo da emanação,* no qual *Ain Soph* (a Causa Primeira) ocupa judiciosamente o centro e onde se manifestam as primeiras e as mais gerais energias que, logicamente, emanam da fonte central; este mundo recebeu o nome de *divino;*

2º) *O mundo da criação,* onde as energias precedentes construíram e constroem sempre, no tempo e no espaço, aquilo que denominamos de *concreto;* este é o mundo da *criação contínua;*

3º) *O mundo da formação,* onde as energias criativas dão às coisas concretas *formas definitivas,* no sentido de que a evolução de cada uma se opere dentro de um quadro genérico; este é, em suma, o *mundo das espécies.*

4°) *O mundo da ação,* onde cada individualidade, criada em uma determinada espécie, *age* – de modo intrínseco, como o mineral ou extrínseco, como o vegetal – e manifesta a *vida,* em graus diversos e variados. Tal é o *mundo da Natureza,* da maneira como apareceu sobre a Terra.

Assim, o esquema é metafísico, podendo dizer-se que constitui a base de todas as hierarquias energéticas, consideradas pela Magia.

No *mundo da emanação,* agrupam-se os *Elohim* hebraicos, os *Devas* hindus, a maior parte dos deuses greco-romanos e os *Eons* dos gnósticos.

No *mundo da criação,* encontram-se os *Arcanjos* e os *Anjos* inferiores, na hierarquia dos *Elohim* (a este respeito, Moisés acentuou que a Gênese, isto é, a geração das coisas, teve início com a operação criadora da coletividade dos *Elohim),* bem como todas as "potências", também denominadas *potencialidades* que desempenharam o mesmo papel entre os diversos povos.

No *mundo da formação,* colocam-se os *Gênios* hebraicos ou chineses, os *Espíritos superiores* da Cabala, os *Decanos* gregos e egípcios.

No *mundo da ação,* encontram-se as divindades ditas inferiores, entre todos os povos: os *Espíritos comuns,* aos quais é atribuído um bom ou mau caráter, segundo os efeitos normalmente constatados: os *elementais* dos cabalistas, os *demônios* dos cristãos, as diversas *representações de força da*

*Natureza,* idealizadas pelos etruscos e tudo que lhe corresponda, entre os povos cuja inteligência se eleva pouco acima da compreensão dos fenômenos correntemente constatáveis.

Com a "mentalidade" prática, em geral demonstrada pelos antigos, todas estas representações das energias cósmicas receberam uma *personificação.* Havendo dificuldade para conceberem a abstração, esta norma de agir a tornava acessível. Os argumentos implicando abstrações eram traduzidos pelos "contos mitológicos", de fácil memorização e enredo interessante -muito engenhosos, de qualquer modo, permitindo que apenas o iniciado compreendesse seu verdadeiro sentido.

Não obstante, esse *antropomorfismo* favoreceu singularmente a extensão de ideias supersticiosas que, por sua vez, deram lugar à difusão da feitiçaria.

*(P.P. – Doc. Fr. – Doc. Estr. – Div. Aut.)*

Desta história iniciática, foi extraído um conjunto doutrinário, abrangendo os melhores meios de emprego – de maneira conveniente, mas segundo as possibilidades oferecidas ao homem –, de todas essas energias cósmicas, levando-se em conta suas diversas formas.

É a isto que corresponde a definição da Magia.

A noção de *Ain Soph,* expressa pelos cabalistas, limita a amplitude das possibilidades humanas. Caso a energia fosse prontamente "utilizável" à saída de sua primeira fonte, não seria difícil imaginar-se um meio de aproveitar as "correntes" (para empregarmos uma expressão atualizada) existentes ou supostamente existentes na própria intimidade dessa fonte. O que é *Ain Soph,* não possui apenas uma natureza inconcebível e pouquíssimo concebível, mas é também inacessível, magicamente falando.

Da mesma forma, o esquema cabalístico considera como primeiro mundo, o da *emanação,* isto é, o ponto em que a inteligência humana começa a discernir o "processo" energético.

As *potências* ou *potencialidades* que existem nesse mundo são de ordem bastante geral, como é lógico, e sua utilização só poderia apresentar características idênticas. Personificadas, merecem incontestavelmente o maior respeito – da mesma forma como é conveniente respeitar-se fisicamente uma corrente de voltagem muito elevada. Sua utilização não é impossível, mas se torna pouco praticável, por exigir proteções adequadas de parte do operador, ao mesmo tempo em que uma habilidade da qual são capazes apenas os especializados. De qualquer modo, os efeitos obtidos serão de ordem geral, não podendo, em hipótese alguma – a menos que por repercussão –, afetar um particular objeto.

O mesmo se aplica mais ou menos às energias que se encontram no mundo da *criação.* Sua personificação implica um respeito bastante idêntico. Sua utilização, sem dúvida mais possível, talvez mais praticável, também é suscetível de provocar apenas um efeito geral – e ainda só pode ser manejada adequadamente por especializados.

As forças sediadas no mundo da *formação,* pelo contrário, são mais acessíveis e manejáveis magicamente, se bem que ainda possuam um caráter bastante elevado. Não se trata mais de deuses ou divindades secundárias, mas de semideuses (como diziam os gregos e romanos), são gênios, de preferência (como concebem os asiáticos). Apresentam uma forma específica que, embora não verdadeiramente concreta, pode ser concebível: uma espécie de "plasma energético" que, circunscrito em seu desenvolvimento, pode ser imaginado e, havendo necessidade, representado figurativamente.

Os decanos egípcios, que parecem ter sido herdados pelos gregos, também constituem *plasmas energéticos*, variáveis, sem dúvida, mas determinados com bastante facilidade. Por isto, puderam ser representados plasticamente, em geral de maneira feliz – embora extravagante para quem, não possuindo noção desses plasmas, bem depressa os toma por uma ornamentação fantasiosa. Podemos reencontrá-los em diversas partes, nos vestígios da antiguidade e também nas esculturas das catedrais ditas góticas: não se falando em estilo, a imagem dos decanos e de seus derivados é sempre a mais facilmente identificável.

A personalização dessas forças passa, assim, ao "segundo plano": não há mais necessidade de personagens consideráveis, uma vez que sua importância se revela secundária. A história dos semideuses também é curta, pelo menos no sentido iniciático – posto que os gregos, amantes da precisão, e os egípcios dos detalhes, sentiram-se no dever de explicar amplamente, em mitos por vezes complexos, o papel desempenhado por várias forças do mundo da formação (aquelas que mais preocupam metafisicamente, tais como as forças conservadoras das espécies animais ou, ainda, as forças geradoras entre os indivíduos, assim como as forças ditas sociais, que concorrem para a evolução da humanidade).

É muito possível o emprego mágico que se poderia fazer – bem mais possível que parece à primeira vista. A engenhosidade do "sistema" empregado na antiguidade (em especial na Caldeia) se baseia no fato de que as forças do mundo da formação possuem manifestações bastante vizinhas da Natureza terrestre – neste sentido, traduzindo-se morfologicamente pelo que se denomina as *combinações siderais.*

Os "plasmas energéticos" que as caracterizam são representados de uma forma concreta – portanto, constatável – através das combinações formadas pelo Sol, a Lua e os planetas em redor da Terra, no céu. Este conjunto, denominado astronomicamente "sistema solar", é considerado pela Magia como uma espécie de campo magnético, onde o Sol preenche o papel de *indutor*, cada planeta o de *induzido* e a Lua (ou qualquer satélite), o de *distribuidor* (comparável ao "controller" de Thomson).

As diversas combinações – constantemente variáveis – que esses "elementos energéticos" formam entre si, ocasionam *aspectos* diferentes no campo magnético, cada um deles dando *forma* à energia (aqui, a palavra *forma* tem o sentido que lhe é atribuído pelos físicos, quanto à natureza). Essas formas de energia possuem um *efeito de indução* (eletricamente falando) sobre o conjunto material do globo terrestre: são estas *forças atuantes* -devidamente particularizadas – que, por *transformação em trabalho* (segundo os princípios da mecânica usual), formaram os seres de todos os tipos e os afetam–constante e diversamente – em andamento mais ou menos ativo. Umas, contudo, são de ordem bastante geral, quanto à sua eficácia; outras são de ordem especial e *quase* individual. Estas últimas, contudo, dependem antes do mundo da ação (o último, no esquema cabalístico).

Dentre as forças de eficácia geral, situa-se em primeiro lugar, como a mais constante e menos variável, a que foi chamada de *atração universal*, pelos astrônomos modernos. Em virtude da concepção de Newton e segundo a lei que leva seu nome, a *atração é* a forma de energia, propriamente dita, que anima o movimento dos corpos celestes em todo o Universo; Einstein, todavia, demonstrou que, se tal concepção deveria ser permanentemente considerada justa, a lei que a exprime só é aplicável – da forma como foi enunciada – ao "sistema solar", ficando constatado que se impunham correções para distâncias maiores e outros "sistemas estelares". Tão importante observação, levou a dizer-se que a forma de energia denominada *atração*, é uma *força atuante*, cuja *transformação em trabalho* apresenta um aspecto particular no "sistema solar"; e, já que esse aspecto existe, só pode provir da própria *constituição* do dito "sistema solar".

Portanto, as forças do mundo da formação são uma *especialização* para o "sistema solar" – e, por conseguinte, para o nosso planeta – das energias de mesma categoria existentes em outros "sistemas

estelares". Como não se trata de empregar energia ou captá-la de outras "redes" além daquelas de que a Terra depende diretamente (isto é, hierarquicamente), a *Magia se serve apenas das forças do mundo da formação,* cuja sede se encontra no "sistema solar", considerando tão-somente os "plasmas siderais" que as representam e manifestam.

Dentro desta ordem de ideias, a Magia se confina à Astrologia. Obrigado a observar os astros e a calcular seus movimentos, o magista tinha que ser astrônomo, necessariamente; forçado ainda a reconhecer o valor energético das combinações planetárias e de prevê-los pela matemática - não apenas para fixar datas de operações mágicas, mas também para precisar os efeitos das mesmas – era astrólogo, obrigatoriamente. É o caso do *magista caldeu* e essa magia foi também a do profeta Daniel, instruído nos colégios iniciáticos da Babilônia, conforme atestam seus escritos.

Portanto, existe uma Astrologia mágica *(e não uma Magia astrológica,* porque, no fato, a Astrologia é apenas um meio). Bem entendido, ela possui um caráter extremamente secreto. Entretanto, quanto a isto, a simples leitura dos livros de Daniel (dos quais deve ser separado o sétimo, segundo São Jerônimo) acentua essa característica. Daniel é um contista interessante, sabendo expor perfeitamente as teorias, sem que o leitor apreenda outra coisa além de histórias deliciosas. Inclusive, ele chega a ironizar, à vista do profano: uma prova é a maneira como simula conduzir-se, quando na "cova dos leões".

Completamente ignorada, embora suspeitada, essa Astrologia mágica foi denominada *Astrologia caldaica* na época Alexandrina – quando os neoplatônicos faziam filosofia e eles tentavam reagir contra o nascente, mas invasor Cristianismo, tendo inventado a assinatura de *Hermes Trismegisto,* como pseudônimo coletivo usado pelos mais sábios dentre todos. A partir desse momento, os astrólogos em peso declararam-se caldeus: era uma maneira de dar a entender que sabiam muito mais coisas que as contidas em seus escritos. Em verdade, se estavam a par da Astrologia mágica, foram muito cautelosos quanto a evocar tradições caldaicas, pois, sendo iniciados, teriam, como tantos outros, prestado o rigoroso e inexorável "juramento do silêncio" a esse respeito.

Isto nos leva a pensar que as obras astrológicas dessa época e das seguintes – não sendo nenhuma delas criptográfica e, portanto, *hermética* – não possuíam o valor que se pretendeu atribuir-lhes. Em todo caso, elas não podem revelar além de uma parte muito escassa – a superficial, em todos os sentidos – de uma ciência contendo bastante mais dos *segredos técnicos,* geralmente impossíveis de descobrir pelo estudo pessoal. Inclusive os mais perspicazes e atentos pesquisadores, até o momento não chegaram a avaliá-los.

Em vista da consideração do *determinismo sideral* que deve ter em conta para utilizar as forças do mundo da formação, a Magia assumiu um caráter *determinista* – materialista, seria melhor dizer, como deve ser todo "sistema científico".

Os antigos, entretanto, não se melindraram com o problema do "dualismo" difundido entre os modernos por determinada filosofia e que os incomodava por vezes. Eles não imaginavam a *substância* como oposta à *matéria.* Em sua concepção, a *substância* (da qual seria composta a "alma humana", conforme veremos) não possuía uma *essência* por demais diversa das energias intra-atômicas – dando lugar à *matéria* – capaz de impedir uma forma de "paralelismo", permitindo certa assimilação.

Daí, surgiu a *teoria das correspondências* – derivada da teoria geral, pela qual os minerais e vegetais *correspondem* a estados do ser humano, não apenas físicos, mas também psíquicos ou psicológicos, inclusive intelectuais que, filosoficamente falando, emanam da "alma" e não mais do corpo. Esta é a parte da teoria que se refere ao mundo da ação.

Compreende-se que uma tal doutrina, cuja elevação científica e metafísica já é de difícil captação, sem explicações especiais que a elucidem, deveria ocasionar infalivelmente uma série de ideias degeneradas e derivadas que, com o tempo e a confusão inevitável do entrelaçamento das tradições, acabaria constituindo um patrimônio de fantasias. *É* este o patrimônio explorado pela feitiçaria.

No que concerne à feitiçaria, não pode se tratar de uma doutrina, seriamente: em suas ideias, encontra-se apenas a desordem.

*(P. P. – Doc. Fr. – Doc. Estr. – Doc. Part.)*

## Casos Particulares de Satanismo

Na Europa, a Feitiçaria assumiu uma feição maniqueísta e hebraica, ao mesmo tempo. Tornou-se maniqueísta pelo "espírito" e hebraica pela "letra" (empregando-se estas palavras em seu sentido ordinário).

Parece inegável que o maniqueísmo – datando do século III, cujo autor, Manes, era originário da Arábia – representa uma espécie de restauração de iniciações, anteriores ao Cristianismo. Aliás, os primeiros maniqueístas foram constituídos em uma sociedade que se pretendia iniciática e que, segundo os historiadores, possuía caráter secreto. Sua doutrina baseou-se no *zoroastrismo* vulgar – isto é, na deformação da religião de Mithra que, acobertada pelo nome de Zoroastro, passou e ainda passa, aos olhos de alguns, por ter sido a dos antigos persas. Ela comportava a existência de dois princípios antagônicos: Ormuzd e Ahriman – a luz e as trevas, o bem e o mal. Complicando-se com tendências *gnósticas,* deu nascimento a uma heresia cristã, condenada por diversos concílios. Assim, provocou uma confusão, no que concerne ao *gnosticismo.*

Os gnósticos verdadeiros – aqueles da época inicial do Cristianismo – eram judeus. Eles se ligaram aos *sepherazim,* para os quais os escritos bíblicos possuíam um sentido esotérico e, consequentemente, explicável. Uma tal maneira de ver, comportava um "sistema" de explicação: aquele que, mais tarde, foi revelado pela Cabala rabínica em grande parte, mas não em sua totalidade. Entretanto, após a dispersão do povo hebreu, eles falavam grego. Sem dúvida, a fim de que as concepções hebraicas ficassem ao alcance de seus ouvintes, fizeram uma tradução para a língua helênica, o melhor que puderam. Desta forma, seus *Eons* não são outra coisa senão os *Elohim* de Moisés (a palavra *Eon é* grega e significa o que chamamos de "entidade").

Os gregos, aliás, com sua natural tendência a discutir palavras, para precisar as ideias metafísicas, procurando aproximar estas indicações às elucidações fornecidas pelos evangelizadores, terminaram por estabelecer toda uma teoria, na qual o *Logos* (ou o Verbo) atuava à maneira de um *Eon;* e como Jesus Cristo era, cristãmente falando, o Verbo de Deus, tornou-se então um *Eon.*

A mistura do Judaísmo mal-entendido e do Cristianismo mal aprofundado tomava então um caráter herético, desde o século II.

A esta altura surgiu Manes, procurando dar jeito em tudo. Entretanto, só conseguiu embrulhar o assunto ainda mais, adicionando-lhe ideias supersticiosas da Pérsia antiga.

Ele, no entanto, havia renovado as iniciações de outros tempos. Estas, antes da vinda de Jesus Cristo, não passavam de associações políticas na Judeia e, na Grécia, eram sociedades de socorros mútuos ou esportivas. Desapareceram em seguida, pelo menos entre aqueles que os cristãos denominavam *Gentios* ou *infiéis.* A ideia de Manes era reconstituí-las, porém, por trás de tal ideia, tanto ele como seus seguidores deviam ter preocupações políticas. Na época de Constantino e depois dele, enquanto durou Bizâncio, política e religião foram estreitamente ligadas – muito mais do que se empenharam em relatar os historiadores.

Seja como for, o fato de o maniqueísmo apresentar um caráter gnóstico – mas a certo ponto distanciado da *gnose* – e de seus adeptos se reunirem em sociedades de gênero iniciático, induziu alguns à crença de que todas as sociedades onde, em seguida, foram reconhecidos ritos dependendo da iniciação, deviam ser de procedência ou filiação gnóstica.

É bem verdade que os traços do maniqueísmo se encontram nas doutrinas dos paulicianos, bogomilos, pátaros e cátaros, bem como diversos outros, além dos albigenses.

Também é verdade que o Satanismo, sob todas as suas formas, não passa de uma derivação, se não do próprio maniqueísmo, pelo menos da confusão de ideias por essa seita difundida.

A partir do momento em que se imagina um Deus, certamente bom, posto que cria constantemente a vida na Natureza, e que contra ele se opõe o "destruidor da vida", autor de todos os males de que sofre o homem, este último adquiriu um valor quase igual de consideração. Por conseguinte, sem dúvida seria útil conciliar-se Deus, para proveito de seus benefícios, mas conciliar o Diabo era bem mais prático, a fim de evitar-se as desgraças. Como se vê, temos a introdução de ideias "egoístas" na impossibilidade metafísica.

A Antiguidade, que não misturava "sentimento" à ordem geral do Universo; que reconhecia neste último unicamente o efeito de um *Fatum*, do qual procede o destino de cada um; que, acima de tudo, seguia uma "moral" diferente, onde as sanções no após a morte não podiam deixar de ter, de igual forma, suas determinações – em suma, a antiguidade que via mais claro na Natureza e menos claro no Ser, não possuía a menor ideia do Diabo, tal como a Idade Média a concebia. O próprio Ahriman, entre os persas, nada tem de comum com Satã.[19]

Então, devemos crer que o maniqueísmo teve mais influência do que puderam constatar os historiadores, à falta de documentos precisos, uma vez que o princípio do mal recebeu, aos poucos, uma personificação tão nítida entre os cristãos, eles próprios muito ortodoxos, que os concílios a levaram em consideração e, finalmente, no ano 447, em Toledo, concederam sua definição.

O Diabo foi judeu. Denomina-se Satã, palavra que em hebreu evocava *oposição* e, por conseguinte, a *contradição*, a acusação; deram-lhe sua tradução grega – *diabolos* – que também significava *acusador*, mas com a ideia de calúnia e difamação. Com ajuda da imaginação, ele foi acrescido de todas as qualidades pejorativas que se poderia inventar. Antagonista da divindade, atribuíram-lhe um tão grande poder, que os escribas cristãos se viram no dever de – por prudência – observar que a eficácia de poder do Diabo só existe enquanto Deus a permite.

Apesar de tais advertências, o popular cercou o demônio de uma auréola malsã, bem elaborada para seduzir os "revoltados" – aqueles que, descontentes com a sociedade, caluniadores da Natureza, difamadores da harmonia universal, procuravam acusar a divindade de ter falhado em sua obra.

Tratava-se de um *demônio*, isto é, um *daimon*, segundo os gregos – um *espírito comum* (segundo o sentido indicado pelo gramático Athénée), uma das forças do mundo da ação, facilmente personificáveis em certa medida, em vista de sua proximidade do ambiente costumeiro. A rigor, poder-se-ia torná-lo um personagem importante, quase um gênio (na acepção que os cabalistas deram a este termo), em vista da ideia geral caracterizando sua potência.

---

[19] *Satã* (hebraico *Sathan*, o verbo *Sathan*, incomodar, significa obstáculo, adversário, contraditor, etc.) é vulgarmente qualificado como agente dos Infernos em práticas de Satanismo (Satanás). Porem, teologicamente, Satã é o criador da humanidade, é o irradiante Lúcifer (aquele que fere com a luz) que desabrochou as pétalas dos olhos místicos do autômato criado por Jeovah e conferiu o processo de queda (abismo = conhecimento) impulsionado pela lei de Evolução Eterna e de Carma. (N.C.)

E, sendo múltiplas as forças do mundo da ação, manifestando-se entre as forças constatáveis na Natureza física as do *domínio intermediário* (parafísicas) e, concebendo-se ao lado do *daimon* principal também os *daimons* secundários, a auréola satânica foi adornada de uma borda incomensurável de diabos e diabinhos.

Surgiu uma hierarquia demoníaca bastante comparável à das *potências* do mundo da emanação (o primeiro, no esquema cabalístico), cuja composição pelas denominações dos personagens já revela uma mistura de tradições e cujo valor só existe em virtude de uma confusão entre o domínio extremamente superior das energias e a mais inferior das forças atuantes na Natureza terrestre. Viu-se, então, junto ao Satã judeu, um Belzebu fenício (literalmente, *Baal-Zebub*, isto é, *deus das moscas),* um Lúcifer latino (aliás, dito o *portador da luz)* e um *Asmodeu* (apenas uma *Vênus* oriental, essencialmente benéfica, mas tornada maléfica no livro bíblico, embora não canônico de Tobias). Eles se passavam por "espíritos das trevas" e toda uma literatura se incumbiu de amalgamar essa confusão.

O Satanismo ganhou campo e dominou a Feitiçaria da Idade Média.

Situado em oposição a Deus, que está no alto por ser superior a tudo, Satã viu-se embaixo, nos lugares inferiores – *inferi,* como se diz em latim, no *Inferno,* por conseguinte. E, em um *Inferno de fogo,* uma vez que o *elemento* ou princípio universal chamado *Fogo,* na antiga linguagem simbólica se situa diametralmente oposto (em uma circunferência teórica) ao elemento chamado *Ar.* Na Natureza, o ar é representado fisicamente pela atmosfera respirável, que fica acima da superfície do solo e das águas, no alto, portanto.

Em vista disto, sendo evidentemente bons, os anjos foram para o alto, no Céu – enquanto que os demônios, claramente maus, tomaram a direção para baixo, no Inferno.

Na mistura da *demonologia,* o pesquisador encontrará facilmente os traços de tradições anteriores ao Cristianismo: o fogo infernal se relaciona ao culto do fogo teórico dos antigos *parsis;* o *Baal* fenício chamado *Zebub* (mosca) evoca as práticas de uma magia mais ou menos assíria; Lúcifer (apenas o nome do planeta *Vênus,* para os romanos) e Asmodeu (personificação da deusa do mesmo nome) recordam um certo *sabeísmo* (ou culto dos astros), difundido tanto entre os etruscos, como entre as populações orientais. Aí, havia com que, outrora, serem satisfeitas as mais inquietas inteligências sobre anterioridades.

Era Satã, sobretudo, quem presidia este conjunto. Como sua denominação hebraica recordava tudo o que, nos escritos bíblicos e mesmo evangélicos, simboliza – embora diversamente – a constatação do mal metafísico ou físico, e também como parecia que o Diabo, tal como o concebiam, devia ter existido sempre, após a criação descrita por Moisés, este "príncipe dos demônios" foi assimilado com a Serpente do Gênesis, em primeiro lugar, depois com todos os *espíritos* míticos: a Píton dos gregos, o Leviathan dos hebreus, o Dragão do Apocalipse e, por conseguinte, a Besta, as bestas negras, das quais Hécate era a principal, todas as bestas imundas e monstruosas, o próprio Tífão[20] chinês, que se extraviou nas lâminas do *Tarot.*[21]

---

[20] Piobb quer salientar a analogia da divindade egípcia Tifão com os demônios chineses. (N.C.)

[21] *Tarot* – vocábulo egípcio composto por TA: via e ROT: real, ou seja, o caminho solar, a via seca da Alquimia, É considerado como *o Mutus Liber* das Escolas Arcanas; também chamado de *Livro de Thoth.* Alguns estudiosos falam que o Tarot mais antigo é o egípcio, outros o DASAVATARA (DASA = dez + AVATARA – Encarnação Divina) hindu, composto de 19 naipes de 18 lâminas cada, entendendo-se que Vishnu, o Conservador da Trimurti, falava pelas imagens. Da prática do uso do Tarot temos: *Taromanda* – Processo de adivinhação considerado vulgar. *Tarosofla* – Sabedoria oriunda das revelações do Tarot. *Tarologia* – Estudo do Tarot. *Tarogênese* – Revelação contida nos Arcanos Menores. *Tarotorat* – Revelação contida nos Arcanos Maiores, conforme G. Postel em *Clavis Absonditorum* (1546).
O Tarot mais conhecido *é* composto de 78 lâminas, 22 consideradas de Arcanos Maiores e 56 de Arcanos Menores.
Conservamos a letra T ao final por razões esotéricas da Tradição. Nas Ciências Ocultas, o Tarot está intimamente ligado à Árvore da Vida (OTZ CHAIM). (N.C.)

A imaginação ganhava curso livre – e também a superstição. Uma certa intoxicação penetrava os cérebros mais bem assentados: vários escreventes eclesiásticos, apesar de sua extrema prudência, não conseguiram escapar a isso inteiramente.

O motivo – talvez o pretexto – era a existência incontestavelmente real de forças residindo no mundo cabalístico da ação: forças geralmente invisíveis (como todas as formas de energia), mas suscetíveis de assumir um aspecto morfológico que, por vezes e em certas condições, poderiam tornar-se perceptíveis aos órgãos sensoriais e que, por outro lado, pareciam também proporcionar manifestações de uma intelectualidade curiosamente assimilável à inteligência humana.

É verdade que a Natureza emprega a energia com rara inteligência e construiu os seres com supremo talento. Se nada existe de mais artístico que uma flor, tampouco nada é mais sábio que esta complexidade de movimentos dirigindo todo o universo e, da mesma forma, o átomo; assim, as leis descobertas pela ciência humana atestam a inteligência que a Natureza exibe ao aplicá-las.

Que sejam inteligentes as forças do mundo de ação – mundo inferior, representativo da Natureza terrestre – nada tem de chocante à primeira vista. Entretanto, que elas manifestem sua inteligência, de maneira a dar-lhe uma feição comparável à da intelectualidade humana, é algo que pode surpreender.

Entretanto, o exemplo das faíscas elétricas, dos raios globulares, está bem presente, para que se possa entender. Sabe-se que, neste estado visível, a eletricidade se conduz por si mesma, de maneira que parece inteligente, embora, verdade seja dita, pouco lógica e por vezes extravagante. Trata-se de um passo dado pela ciência experimental no domínio demoníaco.

Pode-se já perceber que os *fluidos* naturais conseguem assumir uma forma sensível, quase uma personalidade, demonstrando as aparências de uma intelectualidade rudimentar. Se existem outras forças, superiores a esses fluidos e comparáveis (não análogas) às forças puramente físicas, temos o direito de supor que elas são suscetíveis a *estados morfológicos*, onde se manifestam, se não realmente intelectuais, pelo menos *inteligenciadas.*

Para os magistas, o vocábulo "espírito" era sinônimo de "inteligência" – um substituindo o outro, sendo fácil compreender-se por quê.

Os *dementais* dos cabalistas e os *elementares* por eles considerados superiores aos precedentes nivelavam-se na categoria dos "espíritos", isto é, de *sopros* (segundo o latim *spiritus* e o grego *pneuma)* e, melhor dizendo, manifestações de fluidos, semelhantes ao vento, que se pode sentir, mas não é visto.

Os "espíritos" dos espíritas têm o mesmo caráter, *fisicamente*, porém sua inteligência parece tal, que é atribuída a um ser humano; e, como este permanece despercebido, é porque desapareceu, está morto. Nada de mais lógico.

Quando certos escreventes eclesiásticos assimilaram todas estas categorias de "espíritos" a demônios, também eram lógicos. Quando Sócrates falava de seu *daimon* particular, não pretendia, entretanto, dizer a mesma coisa; simplesmente, fazia alusão a seu talento, falando em grego. Quando o feiticeiro da Idade Média pretendia ter comércio com os demônios, segundo a expressão consagrada, não se tratava mais da mesma coisa.

O *sabá* [22] do feiticeiro, quando real, possuía o caráter devasso de um tosco impudor; no entanto, quando imaginário, adornava-se com toda a logomaquia engendrada pela confusão ideológica, nas tradições deformadas e incompreendidas.

Não obstante, como o próprio Satã, este *Sabá* era judeu e o hebraísmo coloria a maneira mágica. As letras hebraicas eram empregadas em todas as espécies de molho, por assim dizer; esquecido o sentido ordinário dos vocábulos hebreus, outros eram adotados, por vezes bastante inesperados. Os revoltados contra o estado social estabelecido, os infelizes que penavam sob o peso de privações frequentes e da miséria constante, os sonhadores devorados pela ambição, viam no satanismo da feitiçaria uma espécie de refugio, onde devia residir um "poder" que reparasse as injustiças por eles sofridas.

Daí originou-se a evidentemente errônea assertiva de que, através de práticas mágicas, é possível reverter a ordem da Natureza; então, se um magista chegou jamais a dizer tal coisa, não seria digno desse nome. Daí também se originou a ideia – seguramente despropositada – de que Satã podia tornar-se objeto de um culto; algo que jamais se tinha visto, mas que se viu, com *missas incultas, missas negras* e diversas divagações litúrgicas.

A história pôde constatar que um vendaval de loucura satânica atravessou toda a Idade Média como um ciclone.

Viu-se o surgimento da *goécia*, a mais sombria das magias, a *magia negra*. Então, a feitiçaria delirante chafurdou nos abismos hediondos da ignomínia, onde a escatologia se tornou vizinha do crime e mesmo da antropofagia.

Isto foi o cúmulo. O mágico grego – *goês* – que praticava a *goêteia*, limitava-se em soltar gritos tímidos *(goaô* quer dizer "eu gemo") para invocar os "espíritos" em seus sortilégios (melhor dizendo: seus cantos murmurados com indiferença, da boca para fora). Entretanto, na *goécia* da Idade Média, tratava-se de sangue, aviltamento e podridão.

Não se poderia descer mais baixo no horror infernal.

*(P. P. – Lanc. – Doc. Fr. – Div. Aut – Chass.)*

## Aparência Hebraica

Independentemente da coloração hebraica que afeta a Feitiçaria da Idade Média no Ocidente – aliás, mais para mal que para bem – convém reconhecer que a Magia, mesmo a melhor, apresenta-se sob aparências israelitas. Somos, assim, tentados a ver nela a predominância de certas tradições do povo judeu.

Tal efeito se deve ao emprego quase exclusivo de letras hebraicas, antigas ou modernas, nas inscrições dos pantáculos e talismãs.

---

[22] Façamos uma diferença entre as palavras SABÁ e SABBATH. A primeira refere-se à Assembléia de bruxas, realizada em locais solitários. Derivada possivelmente de uma divindade frígia (Ásia Antiga), às vezes é relacionada com Zeus ou Dioniso. O culto começa à meia-noite e em datas fixas. As mais importantes são 23 de junho (São João Batista) e 21 de dezembro (São Tomás). Existe o grande e o pequeno Sabá. Parece haver relações com as celebrações SABÂCIAS (Baco) e Venusianas. As missas negras que se celebravam na França, no séc. XVII, pertencem a esta classe de celebrações. A segunda palavra refere-se à legislação mosaica do descanso. Os judeus devem não trabalhar e "descansar" no culto divino. A tradição judaica diz que se os israelitas fossem capazes de realizai os Sabbath como tem que ser, o Messias viria sem demora. (N.C.)

Não obstante, pode-se ver que esses mesmos objetos, em regiões diferentes, ostentam inscrições traçadas em caracteres árabes, hindus, chineses e também egípcios, fenícios, assírios e, mais raramente, latinos ou gregos (ainda que, em coleções, exista um grande número deste gênero).

Se os objetos mágicos, na Europa de após Cristianismo, assumiram o aspecto que se constata, a razão reside principalmente na comodidade que, para tanto, oferece a *feição dos hebreus.*

O alfabeto hebraico – tal como ainda é tipograficamente utilizado – foi imaginado por Esdras e, realmente, desenhado por ele no início. Data do século V antes de nossa era, sendo posterior ao cativeiro da Babilônia.

Antes – isto é, anteriormente ao cativeiro – os judeus se valeram de outros alfabetos, modificados sucessivamente, mas sempre comportando *vinte e duas letras.* Tais alfabetos antigos são denominados *simbólicos* pelos magistas ocidentais, que deles se serviam sobretudo para reproduzir as *chaves* que, para eles próprios, constituíam símbolos mnemônicos. Por deformação gráfica, estes deram lugar a outros alfabetos, em geral denominados *mágicos.*

As letras de Esdras – representando o "hebreu quadrado" – são iniciáticas no sentido de que seu desenho é tirado de uma figura geométrica altamente secreta, cuja explicação se situa na base do ensinamento denominado Iniciação. Até agora, contudo, buscador algum jamais suspeitou desse fato e talvez esta seja a primeira vez em que é lícito revelá-lo.

Essa figura foi conhecida em todos os tempos e as últimas escavações que, nos arredores de Susa, descobriram a existência dos *sumérios,* demonstraram que esse povo antigo não apenas apreciava seu valor, mas também sabia como aplicá-la convenientemente.

Esdras soube como se servir da mesma, decompondo-a habilidosamente, de modo a extrair os vinte e dois caracteres do quadrado hebreu.

Algum tempo antes da morte de Maomé, quando foi preciso coligir o Corão, os árabes inventaram a escrita *Dzem,* a qual reproduz os mesmos caracteres, embora apresentando uma certa fantasia de traçado, que os torna irreconhecíveis. Isto nos faz pensar que, na época, os árabes não estavam tão distanciados da verdadeira iniciação que somos incitados a atribuir-lhes; e que existe, para o Corão, como para a Bíblia, para os Vedas, os Upanishads e o Zend-Avesta, uma *gnose* que, repousando sobre os mesmos princípios que a gnose hebraica, nos permite descobrir seu esoterismo. Alguns pesquisadores o intuíram, mas foram desviados para as hipóteses geralmente doutrinárias, quando na verdade se trata de pura criptografia.

A Cabala, embora evitando mencionar o segredo da *grafia* das letras, revela no entanto que a essência da *gnose* repousa sobre o alfabeto composto de vinte e duas letras. São Jerônimo, em *seu Prefácio Galeático* à tradução que fez dos escritos bíblicos para o latim, chama deliberadamente a atenção para este número de letras e acrescenta que, para conveniente disposição dos textos que constituem o *canônico, é* preciso referir-se a ele. Então, São Jerônimo conhecia a *gnose.* Quando, mais tarde, foi atribuída à *Vulgata* todo o seu valor preferencial, tal fato deve ter sido recordado, no curso de discussões durante os concílios.

A Cabala, contudo, parece ter sido conhecida também pelos apóstolos, sem o que São João não poderia ser o signatário de *seu Evangelho* e, menos ainda de seu *Apocalipse.* Tampouco São Paulo poderia ter escrito algumas de suas *Epístolas,* sobretudo as dirigidas aos hebreus. A Cabala, no entanto – anônima como doutrina e como sistema, porém rabínica em sua apresentação – foi denegrida, não só pelos escritores católicos e, mais tarde, no Concilio de Trento, como pelos rabinos modernos, os quais a consideram tão-somente uma fantasia da Idade Média.

É verdade que o *Zohar*[23] – que se constitui no texto principal – aparece ao leitor tão misterioso como o Apocalipse e as profecias de Ezequiel.

Nele, percebe-se apenas uma multidão de alegorias, acompanhadas de singulares alusões aos símbolos. O pesquisador, então, perdido em conjeturas, passa a alimentar com outras doutrinas suas ideias de confrontação.

Porque, sobretudo, vê-se na Cabala uma doutrina, da mesma forma que na *gnose*. Ora, ambos são apenas "sistemas" – embora apresentados com habilidade e engenhosidade, que o mais perspicaz pode enganar-se. A maneira *é hermética*, como pode ser a porta de toda Iniciação: magnificamente enfeitada, exala ao mesmo tempo a atração do mistério e a sedução do sonho. Entretanto, admirar uma porta, descrevê-la e interpretar seus adornos, jamais foi suficiente para abri-la.

A Cabala é um sistema, com fundamentos estabelecidos pelo segredo das vinte e duas letras, as quais devem ser lidas, para depois serem compreendidas. Necessariamente, a Cabala tem um caráter universal, pois se trata de leitura, não importa qual seja o texto, de natureza esotérica e de espírito evidentemente iniciático. Tanto pode ser o Zohar, como o Apocalipse, Ezequiel ou o resto – os Vedas ou o Zend-Avesta, o Corão ou os poemas de Safo, as Sagas nórdicas ou os Livros dos Mortos delineados pelos egípcios – tudo aquilo que, de perto ou de longe, de modo sistemático ou fragmentário, reflita esse ensinamento profundo e imenso, indiscutivelmente racionalista, inimaginável, inconcebível, até mesmo insuspeitável e, sobretudo insuspeitado, dificultosamente elaborado, ainda que sem jamais haver sido sondado nos séculos do passado – constituindo o precioso patrimônio da inteligência humana, que se chama a *Iniciação.*

Sendo assim universal, o "sistema" cabalístico se refletia sobretudo nos objetos mágicos, sem o que estes teriam sido irregulares. Havendo sido revelada em hebreu, no curso da Idade Média, a Cabala influenciou de hebraísmo toda a Magia ocidental, e esta falava hebreu por comodismo. Daí resultou uma moda hebraica, que foi seguida religiosamente – é bem este o termo – por todos quantos praticavam ritos mágicos, em virtude de certo esnobismo que, em diversas épocas, pode ser constatado entre aqueles em que a inteligência não é voltada para a reflexão.

Formaram-se então associações com a tendência que se tinha em constituir *guildas* e fraternidades. Tais entidades seguiram a moda mais ou menos, não tendo sido judaicas nem judaizantes para isso; algumas possuíram até mesmo uma natureza *crística* bastante pronunciada, como a Rosa-cruz, enquanto que outras a dissimulavam, em maior número, sob um *gaelismo* hábil, que deu lugar ao ciclo da Távola Redonda, ou sob um *odinismo* astucioso, que persistiu por muito tempo nos países germânicos. Entretanto, algumas pareceram distanciar-se, ao ponto de serem tomadas por tendo origem judia. A moda permitia uma engenhosa "maquilagem".

O "sistema cabalístico" apresenta uma singular flexibilidade, em vista do *simbolismo* que constitui seu grande intermediário e, aliás, dele derivando em Unha reta: aplica-se a tudo.

Antes de tudo, trata-se de algo eminentemente artístico. Está encaixado em catedrais – estas sempre se mostrando esplêndidas. Experimentou-se torná-lo uma constituição social, com apogeu sob São Luís, embora a malignidade dos homens sempre impedisse que fosse harmoniosa. Usaram-no na música, da maneira como haviam tentado os gregos de Elêusis, método conservado no cantochão. Os árabes sempre empregaram monogramas em suas mesquitas e frisas na decoração de suas

---

[23] SEPHER HA-ZOHAR *(Livro do Esplendor)* foi impresso em 1558 em Mântua (dessa edição seguiram-se as demais) e depois em 1560, em Cremona. A autoria *é* atribuída por grandes estudiosos a Moisés de Leon. No passado, sua paternidade foi dada ao rabino Simeon Ben Jochai. O Zohar é composto de 21 partes. As traduções (já que o original está redigido em aramaico) estão em latim (1684) por Christian Knorr v. Rosenroth; em francês (1906) por Jean de Pauly; em alemão (1932) por Ernst Muller; em inglês (1931) por Harry Sperling e Maurice Simon; e em hebraico (1949) por Yeshayah. (N.C.)

moradias. Os hindus povoaram seus templos de estátuas e baixos-relevos, da mesma forma que os egípcios, assírios e sumérios. Os chineses o usaram para decorar seus vasos, oferecendo ao mundo uma multidão de objetos fascinantes que, sob formas infinitamente variadas, seduzem colecionadores e não servem rigorosamente para nada, exceto serem admirados.

Cada um soube empregá-lo segundo as próprias características, sua tendência espiritual, seu estilo e sua linguagem.

Como seria justo, a Magia ganhou raízes. E, na Europa Ocidental, querendo falar hebreu, embora mantendo-se gótica pelo estilo, apesar da mentalidade crística corrente – talvez também em reação contra esta (não obstante mantendo seu caráter puramente iniciático) e sem dúvida por causa disso – ela afetou esse gênero "cabalístico" que se tornou sinônimo de misterioso e de incompreensível.

Assim, não houve necessidade de ser acentuada a Feitiçaria.

*(P.P. – Doc. Estr.)*

## III – CONDIÇÕES GERAIS DAS OPERAÇÕES MÁGICAS

### Observações Preliminares

Segundo sua definição, a Magia – que é um meio de dispor-se das energias existentes na ordem universal, das "coisas" – deve considerar as *condições gentis* em que se manifestam essas energias.

Se existem forças agindo em todo o Universo – sob várias *formas* de energia e de diversas *maneiras* – suas formas, como suas maneiras, certamente são regidas por leis. De um modo geral, reconhece-se presentemente que uma entre tais forças e, sem dúvida a mais aparente, sob a forma de energia de *atração universal, é* exercida segundo uma lei que tem o nome de Newton, ao qual é devida sua fórmula matemática. Esta lei pôde, além disso, encontrar certas transposições aplicáveis ao estudo das *correntes elétricas* que não passam de uma outra forma de energia natural. Diz-se, igualmente, que o *fluido* (ou forma de energia *eletromagnética)* está submetido a diversas leis que constituem as *condições gerais,* sob as quais o mesmo se manifesta na Natureza.

O conhecimento das leis que regem uma determinada forma de energia é absolutamente indispensável para a transformação de toda força em trabalho (segundo a expressão costumeira em mecânica).

Tendo-se então estabelecido que a Magia tem por finalidade empregar formas de energia – e, finalmente, delas dispor como dispomos ordinariamente da eletricidade – é forçoso pensar que ela implica o conhecimento das leis que as condicionam.

Isso faz supor que, comparativamente a toda ciência aplicada, existe em Magia:

1º *Sábios* que pesquisaram, estudaram e regularam as leis;

2º *Professores* que as ensinaram e mesmo criticaram, a fim de retificá-las segundo as observações coligidas;

3º *Engenheiros* que, valendo-se dos ensinamentos recebidos e levando em conta as retificações feitas, refletiram na aplicação das leis e inventaram, primeiro os métodos, depois os modos de aplicá-las;

4º *Especialistas* que, seguindo os métodos e modos de aplicação, passaram-nos à prática e, finalmente, conseguiram codificar um certo número de regras – de fácil entendimento, dispensando

conhecimentos de raízes profundas – capazes de serem seguidas por todo obreiro hábil no *métier* e permitindo que o mesmo se torne um técnico.

Sob nomes diferentes, tanto uns como outros, sem dúvida existiram na antiguidade.

Por conseguinte, deve-se dizer que a Magia tem suas leis, suas retificações, seus métodos e regras práticas.

Observa-se, no entanto, que o sistema da Magia ultrapassa ou pretende ultrapassar o domínio das "energias físicas" (que é aquele da Natureza terrestre). Nota-se, também, que esse sistema já considera as "energias biológicas" em correlação com "energias químicas", depois "energias cósmicas", nas quais vemos uma causalidade científica das precedentes, e que vai ainda mais longe, ao considerar as "energias diretoras" no Universo e mesmo "energias criadoras" do Mundo. Procedem elas de uma "energia primeira" (denominada comumente a Divindade e ainda admitida, embora seja *inconcebível).* Assim sendo, é bem pensado conceder-lhe o título de *sistema energético de explicação do Universal.*

Em vista disto, a Magia compreende duas partes, sendo uma puramente *teórica* e a outra não podendo ter outra natureza senão a *prática.*

Torna-se lícita a concepção da Magia como formando um conjunto didático. Não obstante, para ser convenientemente ensinado, tal conjunto deve subdividir-se pela distinção de suas duas modalidades.

Necessariamente, a parte *teórica* assume um aspecto *metafísico,* embora não possa ser aceita de modo científico pelo aluno, senão na condição de corresponder às certezas resultantes da realidade dos fatos, sem o que ela perderia todo caráter racionalista, oferecendo uma natureza *fideísta:* crê-se ou não se crê. Em ciência, entretanto, não se trata de crer, mas de saber.

A *parte dita prática* apresenta, essencialmente, ao menos, um caráter experimental (dando à experiência sua mais ampla acepção). A Magia prática, então, excede a primeira. Entretanto, sendo ela vasta – tio vasta como talvez a concepção humana do Universal – deve, por isso mesmo, ser frado-nada. Com efeito, poucas inteligências poderiam abarcar, ao mesmo tempo, todas as ciências comuns que a princípio compõem o ensinamento clássico e, em seguida, o patrimônio, ainda muito mais extenso, das ciências especiais, estas exigindo um certo arrojo na experimentação e alguma destreza no emprego da razão.

É o fracionamento da parte prática o único que aparece nos documentos, aos quais é, por vezes, injustamente atribuído o caráter mágico; o mesmo acontece nos tratados referentes à alquimia, em geral criptográficos, e também nas exposições de métodos astrológicos, ordinariamente vulgarizadoras.

Torna-se necessário – para abarcar a totalidade deste "Sistema energético de explicação do Universal", como para efetuar a síntese dos conhecimentos adquiridos em qualquer época e principalmente a nossa – o uso de uma vasta biblioteca. Seria então possível conhecer-se, talvez entender-se, mas, e quando a saber-se?

Tal como aparece globalmente em sua parte dita prática (para maior comodidade de linguagem), este "sistema" deixa entrever uma filosofia *deísta.* Não se pode conceber de outra forma: o emprego da razão o torna racionalista. Entretanto, nada autoriza a afirmar que, em sua parte teórica, isto é, metafísica – ele não vá mais além: a este respeito, pelo menos em linguagem clara e explícita, não existe nenhuma documentação.

Pensa-se com razão que, se esta parte dita teórica fosse ensinada apenas iniciaticamente – e não poderia ser de outra forma, já que, para ser abarcada, exige uma flexibilidade particular no exercício das faculdades intelectuais -, pensa-se com razão que o essencial metafísico do "sistema" se tornou, geralmente, o apanágio de alguns, que o mesmo sempre possuiu um caráter secreto e, deve-se reconhecer, continua a possuí-lo.

Entretanto, sendo racionalista, a parte dita prática deveria necessariamente adquirir uma natureza *determinista.*

Daí, quando abordadas as condições gerais das operações mágicas, convém ver-se nelas a expressão de um *determinismo geral* regendo leis científicas – ou cujo caráter seja tal – e presidindo ao funcionamento de toda coisa no universo.

*(Doc. Estr.)*

Nota. O fato de a Magia considerar operações onde entram em conta, pelo menos um *sujeito* e um *objeto,* em seguida que o determinismo seja assumido tanto junto a um como junto a outro e, enfim, que existe uma Magia pessoal, podendo o *objeto* ser de essência *subjetiva,* torna-se suscetível de afetar a *objeção do livre arbítrio.* A superstição chegou a tomar a Magia por um meio – nisto sobrenatural – para obter o que a ordem das coisas na Natureza é normalmente incapaz de fornecer: disso, por extensão, a livre vontade do homem.

Por outro lado, a objeção vem singelamente ao pensamento – em decorrência de hábitos assumidos de modo filosófico. Uma vez que o homem é realmente livre de exercer sua vontade, tende-se a assumir que seu livre arbítrio é absoluto, seja qual for o caso.

Ora, existe na mecânica racional um princípio – dito de Galileu – segundo o qual o *movimento é relativo* e, de acordo com o qual, se presume que o determinismo das energias possa decompor-se.

Tal princípio demonstrável permite deduzir-se como agem as forças, em suma, de um modo livre, independentemente de um *movimento de treinamento.* Assim, com o determinismo afetando um treinamento, no qual está compreendido um indivíduo, nada o impede, em absoluto, de exercer suas energias voluntárias em plena liberdade.

Cientificamente falando, somos tentados a dizer que a teoria filosófica da Providência não pode ser admitida sem a existência do *princípio de Galileu.*

*(P.P.)*

## Regras Concernentes à Prática Operatória

A *operação mágica* consiste no emprego de uma forma de energia cósmica – denominada *fluido imponderável* ou *fluido invisível* – com a finalidade de obter-se um resultado, sobre um ponto preciso.

Assim, ela implica um *operador.*

Por outro lado, tal operador pode não ser uma pessoa física – e, melhor dizendo, um "ser humano"; pode ser o que se denomina, em direito, uma "pessoa moral" – portanto, uma *coletividade,* constituída por um conjunto de seres humanos. Nos dois casos, a operação tem um caráter requerido e comporta um mecanismo que, em espécie, toma o nome de *cerimonial.*

Não obstante, pelo menos no mundo da formação (chamado de *Ietzirah* pelos cabalistas) e nos outros mundos superiores a este (o chamado *Briah* ou mundo da criação e *Acziluth* ou mundo da emanação), cada um dos *fluidos invisíveis* recebeu uma personificação (em vista da inteligência que

demonstram na aplicação das leis). Em resultado, a Magia considera que o operador pode também ser uma dessas *personificações.*

Daí por que se formula uma primeira regra: *nenhuma operação mágica pode ser efetuada sem a intervenção de uma inteligência.*

A palavra *inteligência,* contudo (por tradução do latim *intelectos* e não *intelligentia),* aplica-se também tanto a um ser humano ou uma coletividade humana, como a uma personificação de energias ou a uma coletividade fluídica.

Neste sentido, para o magista existe sempre *operação mágica* – mesmo quando o operador é a Natureza, posto que a mesma pode ser considerada como uma coletividade fluídica. Daí a origem de certos mitos e também de diversas superstições.

*(Div. Aut.)*

Quando o operador é humano – o que se situa no caso mais comum da Magia – o cerimonial comporta a observação precisa de seu determinismo. As *inteligências superiores* – assim ditas por não serem humanas, em absoluto – seguem, bem entendido, um outro gênero de determinismo que, não obstante, é comparável no que concerne a suas operações; o exame desse determinismo especial, no entanto, depende da teoria, não da prática.

O operador humano pode possuir o caráter coletivo. De todo modo, embora coletivo, continua sendo considerado um *ser definido:* trata-se, simplesmente, de um *ser coletivo,* cuja inteligência apresenta uma *unidade* real, quando a coesão dos membros da coletividade produz uma estreita colaboração intelectual.

*(Div. Aut.)*

O operador humano pode ou não ter a qualidade de "sujeito", um termo empregado aqui, na acepção que possui em psiquismo.

Donde são, normalmente, consideradas duas espécies de operação:

1ª Aquelas em que o operador não é um "sujeito" e não possui dons excepcionais, e

2ª Aquelas em que, ao contrário, o operador apresenta esses dons, mais ou menos desenvolvidos; neste caso – neste caso apenas – pode-se tratar de uma *operação pessoal,* em que o objeto é ele pessoalmente.

*(Div. Aut.)*

Ao contrário do que se poderia imaginar, as operações que não exigem dons excepcionais são aquelas classificadas entre as mais elevadas em Alta Magia.

Neste caso, o operador possui um *saber* e uma *qualidade* que os antigos denominavam *hieráticas,* o que pode ser compreendido quando nos reportamos ao que certos historiadores gregos relataram sobre os egípcios.

Operações deste tipo têm por finalidade *colocarem comunicação o* operador (segundo a expressão empregada na técnica especial) com tais ou tais forças cósmicas, a fim de dirigi-las para um *objeto designado.* Em suma, seu caráter é *sagrado,* qualificativo dado de boa vontade pelos antigos. Elas correspondem à maioria das cerimônias que, seja iniciaticamente e de modo secreto, seja religiosamente e de modo público, foram praticadas nos templos ou nas cercanias dos templos da antiguidade.

*(Pesq. Arq.)*

As operações que, ao contrário, exigem do operador aqueles dons excepcionais que distinguem os que, em nossos dias, são chamados de "sujeitos", encaixam-se mais particularmente no quadro da Magia comum (do qual faz parte a Magia pessoal).

Em verdade, o *saber* para efetuá-las não é inútil, embora não seja indispensável.

Quanto à *qualidade requerida,* pode ser por vezes, substituída pelos dons excepcionais que, então, revelam as determinações pessoais.

*(Div. Aut.)*

O *saber* consiste, principalmente, no conhecimento do determinismo que deve ser observado, tanto para satisfazer às condições gerais das operações, como às das *correspondências simbólicas* e àquelas que dependem da *prática ritual.*

A *qualidade* consiste, sobretudo, na *faculdade* de poder operar.

Tal *qualidade* é adquirida iniciaticamente através do que, na técnica, tem o nome de *transmissão de poderes* – em virtude do princípio de que um *iniciado,* sob certas condições, pode "tomar um outro, iniciado". Isto porque, da mesma forma como o saber se comunica, também a *qualidade pode comunicar-se.*

Quem quer que, então, possua a *qualidade* para operar, torna-se igual àquele que possuía a mesma *qualidade,* de modo inato. Em efeito, devemos supor, forçosamente, que o *primeiro operador,* na cadeia de "transmissão", não pôde receber de ninguém, antes *dele,* a *qualidade* em questão, a qual lhe foi atribuída, assim, de *modo inato.* Por conseguinte e por mais excepcional que isto seja, no transcorrer dos tempos, outros podem ter também possuído essa qualidade de forma idêntica.

Assim sendo, a *qualidade requerida* para operar é suscetível de ser substituída pelos dons excepcionais existentes em caráter inato. Em resultado, *para o próprio momento da operação,* pode-se dizer que a qualidade *inata* se torna igual à *qualidade transmitida,* ou vice-versa.

De todo modo, existe apenas uma modalidade na qualidade transmitida. Esta, uma vez por todas, é *permanente* e, em certos casos, até mesmo considerada *eterna:* trata-se então do *sacerdos in aeternum,* do qual nos fala David.

Contrariamente, há diversas modalidades na qualidade inata. Embora esta seja inerente ao indivíduo, manifesta-se apenas de maneira *intermitente.*

Através da qualidade transmitida, o operador é capaz de operar a qualquer momento; basta-lhe escolher aqueles que convenham à finalidade proposta. O operador dotado de qualidades inatas é obrigado a esperar que o *enredo* do determinismo cósmico nele desenvolva suas faculdades e que, desta forma, se manifestem seus dons excepcionais.

*(Div. Aut.)*

Para argumentar sobre condições gerais das operações mágicas, deve-se considerar o *momento favorável,* como escolhido voluntariamente ou esperado, sem que a vontade intervenha de modo positivo.

De qualquer modo, trata-se de um *momento mágico,* quando a operação é *efetiva.*

*(Div. Aut.)*

Nota. Nem todas as operações são *efetivas.* Logicamente, se o operador não possui dons excepcionais que produzam magicamente uma *eficácia,* suas operações não podem apresentar caráter efetivo; ou então que, se no momento da operação tais dons não se manifestarem de modo *eficaz,* tampouco haverá esse caráter efetivo. Pode, no entanto, acontecer que as operações se encontrem *voluntariamente* desligadas de todo caráter efetivo, sendo então conhecidas como *simbólicas.* São as *manifestações tradicionais,* cujo fito é evocar certas operações do mesmo gênero entre os assistentes, as quais *poderiam* ser efetivas, em outras circunstâncias.

A diferença entre as operações efetivas e as simbólicas consiste em uma questão de *rito.*

Caso as operações não possam ser caracterizadas de um ou de outro modo, tornam-se *paródias,* propriamente ditas. Muito das *práticas de feitiçaria* deve ser assim qualificado.

*(P.P.)*

Sendo sempre efetuada para conseguir um resultado (seja concreto ou abstrato), a operação mágica comporta, necessariamente, um *objeto.*

Esse objeto é concebido como abstrato, quando o resultado ou efeito idealizado tem um caráter *moral,* isto é, quando o operador tem em mira manifestações intelectuais entre outra pessoa (para esta argumentação, pode ser uma pessoa ou várias – o indivíduo ou coletivamente).

O objeto é concebido como *concreto* – caso mais comum – quando o operador idealiza um resultado *material* para um ser vivo ou coisa inanimada (o *ser* podendo ter, bem entendido, o gênero individual ou coletivo, como a *coisa* pode também ser uma unidade ou um conjunto).

Daí, o *resultado moral* tem por fim desenvolver ou fazer nascer, em outra pessoa ou *pessoas, ideias* como *sentimentos* – de diversas "naturezas".

O *resultado material,* no entanto, tem por fim constituir *estados diferentes* nos organismos vivos, como também na contextura de coisas inanimadas. Tais estados também podem ser de "naturezas" diversas.

Donde se conclui que a Magia – e com maior razão, aquela que, através de deformações sucessivas leva o nome de Feitiçaria – tanto se exerce no *gênero benéfico,* como no *gênero maléfico.*

No *gênero benéfico,* as ideias e sentimentos desenvolvidos ou gerados em outrem, bem como os estados constituídos nos organismos vivos ou na contextura das coisas inanimadas, são orientados para o progresso e o melhoramento.

No *gênero maléfico,* as mesmas ideias e sentimentos, assim como os mesmos estados, são orientados para a regressão e a desordem.

Leva comumente o nome de *Magia branca*[24] aquela que opera no gênero benéfico e *Magia negra* aquela cujos resultados são do gênero maléfico.

---

[24] Um formulário tem, por finalidade, mostrar as principais fórmulas e as que são mais usadas e conhecidas. Mestre Piobb sabia que o vulgo via na conceituação de Magia Branca a magia para o bem e o inverso para a Negra. Porém, as Escolas de Mistérios da Tradição Arcana classificam que a magia branca, a magia negra e a magia cinzenta (soma das duas anteriores) são magias iniciáticas, ou seja, magias ritualísticas, de profissão de fé. O magjsta realiza para si essas magias. O que caracteriza as cores são os ingredientes colocados para combustão, na Corrente Orenda que se situa na Luz Astral. Por exemplo: se colocarmos ervas para combustão astral, vemos, na Forma-Pensamento da Egrégora, a cor verde; se realizarmos uma magia em que o ato sexual fará a combustão através de seu plasma, a Egrégora emitirá a cor vermelha e assim será magia vermelha, etc. As magias têm várias cores e matizes, variando obviamente do alimento empregado no círculo mágico. Ficou, entretanto, para o profano a idéia de branca e negra, como nos apresenta Piobb. (N.C.)

Distinguem-se, igualmente, as *forças brancas* e *as forças negras* – embora as forças não sejam, por si sós, benéficas ou maléficas, podendo qualificar-se de tal modo apenas a finalidade buscada.

*(Div. Aut.)*

Em vista das considerações anteriores, é preciso observar, nas operações, tanto o *determinismo* relativo ao operador como o relativo ao momento favorável (dito *momento mágico).*

Uma *disposição particular* do céu na natividade concede a aptidão para ser exercida a Alta Magia. Isto depende do seguimento das regras ordinárias da astrologia – onde, no momento observado, devem ser distinguidas as *predisposições* que afetam toda uma *série* de seres em uma *espécie* visada, bem como as *disposições* individuais que particularizam o ser na série, segundo o ponto preciso do globo terrestre onde ele viu a luz.

É através do exame das disposições individuais que se constata a *qualidade* do operador, reconhecendo-se ainda se este foi validamente dotado da transmissão real ou se esta é inata. Neste último caso, em que proporções e de que maneiras a mesma apresenta um valor efetivo.

Para aquele dotado da qualidade inata, entretanto, não se segue que a humanidade seja dividida em duas categorias – uma podendo e a outra não podendo operar magicamente.

Aliás, existem *graus* diversos no que respeita à Magia (independendo dos tipos e gêneros considerados); também existem graus nas qualidades inatas.

Entre a inaptidão completa e a aptidão perfeita, contam-se *doze graus principais,* cada um deles possuindo *doze nuances gerais,* as quais se especializam por *doze vezes doze particularidades.*

Isto é suficiente para ser apreciada a qualidade do operador, mas não para avaliar em que medida essa qualidade tem valor efetivo. Quanto a este ponto, os tratados de astrologia são geralmente mudos, dependendo a questão do ensinamento iniciático que – pois tal questão oferece uma importância primordial – jamais permitiu ser a mesma revelada.

*(Doc. Estr.)*

No que concerne à operação em si, a observação do determinismo depende do *tema de eleição,* como é dito em astrologia.

Essa expressão provém de uma má tradução do latim, onde a palavra *electio* significa *escolha.*

Portanto, trata-se do tema estabelecido para um *momento escolhido.* Em verdade, é um *momento cósmico* no qual, em um ponto preciso do globo terrestre, os astros se combinam de modo a formar um *plasma energético* reconhecido como favorável à operação realizada e escolhido em consequência.

Também aí é necessário *apreciar* a eficácia do momento e ainda *avaliar* em que medida. O ensinamento iniciático reservou para si os métodos de apreciação e avaliação, uma vez que – é fácil compreender – o assunto toca a teoria bem de perto. Desta forma, permanece desconhecida a maneira de conhecer-se exatamente a eficácia mágica de um dado momento.

*(Doc. Estr.)*

## Condições Concernentes ao Operador

A fim de ser apreciada a qualidade do operador, *nos dados de série,* dois astros formam, inicialmente, na linha de frente: Marte e Mercúrio.

São consideradas as energias caracterizadas por estes dois planetas em todo indivíduo – a energia de Marte sendo a da *vontade* e a de Mercúrio a da *comunicação fluídica* (sob todas as suas formas para uma dada espécie, porém aqui mais particularmente sob a forma de *poder mágico* ou qualificável como tal).

Torna-se, no entanto, evidente que, em um *plasma energético,* todas as forças representadas por astros que não Marte e Mercúrio devam ser necessariamente consideradas, em virtude das reações recíprocas.

Em tais condições, a energia voluntária de Marte poderá ser modificada a partir de zero até a *exacerbação* (isto é, o máximo na espécie humana). Da mesma forma, a comunicação fluídica – portanto, reconhecida existente – é suscetível de modificações, indo de uma espontaneidade tão rara, que talvez seja única no curso de uma existência, até uma frequência tão grande, que parecerá constante.

De qualquer modo, no meio das reações de forças entre elas, duas outras energias além das representadas por Marte e Mercúrio devem ser examinadas de parte: são aquelas que o Sol e a Lua efetuam.

A reação do Sol sobre todos os planetas compondo um *plasma energético* tem o efeito de reforçar ou atenuar a *potência* (mecanicamente falando) da força que cada planeta representa.

A reação idêntica da Lua tem o efeito de aumentar ou diminuir a *distribuição* de cada *potência,* estabelecida anteriormente pela reação do Sol.

O *dinamismo* de Marte e de Mercúrio, em vista disto, depende do Sol. Entretanto, a possibilidade de *transformação em trabalho* de suas próprias *forças vivas* (sempre falando mecanicamente) depende da Lua. É por isso que, às vezes, dizem que a Lua, segundo suas relações com Mercúrio, caracterizava na espécie a *evolução* do operador: o coeficiente de evolução não é, afinal de contas, mais que uma manifestação das faculdades de adaptação de seja quem for e, por conseguinte, aqui, da adaptação à Magia, em virtude das possibilidades de comunicação fluídica.

*(Doc. Fr.)*

Em particular para Marte e Mercúrio, convém, no entanto, reter as *modalidades zodiacais* de sua *potência* – o Zodíaco compondo um *circuito* detalhado, sobre o qual a energia representada por cada planeta varia de *potencial, intensidade e quantidade.*

Essas *modalidades zodiacais* são, principalmente, as seguintes (em máxima):

**Para Marte:**

O *Escorpião,* máximo de potencial ativo em evolução.
O *Áries,* máximo de quantidade passiva em evolução.
O *Leão,* máximo de potencial ativo em trabalho.
O *Capricórnio,* máximo de quantidade passiva em trabalho.

**Para Mercúrio:**

Os *Gêmeos,* máximo de intensidade ativa em evolução.
A *Virgem,* máximo de intensidade passiva em evolução.
A *Libra,* máximo de quantidade derivada em atividade.
O *Capricórnio,* máximo de quantidade derivada em passividade.

Nota. Nas modalidades acima indicadas, a mínima e a gradação, bem como a degradação energética entre cada mínimo e cada máximo – ou inversamente – por considerações bastante simples de um e outro planeta, encontram–se sobre seu *próprio circuito.*

De maneira rudimentar, porém explícita, a teoria mecânica foi bosquejada pelo autor em seu volume intitulado *L'Evolution de 1'Occultisme et Ia Science d'aujourd'hui.*

*(P.P.)*

### Graus principais da aptidão mágica

| | |
|---|---|
| Marte em conjunção com Mercúrio dá | aptidão perfeita e completa sem esforço. |
| – – trino esq. – – – | aptidão natural, com pouco esforço e sem trabalho. |
| – – sextil esq. – – – | disposições excelentes a aperfeiçoar para o trabalho. |
| – – quadrat. esq. – – – | aptidões inquietantes, manifestadas por nervosismo excessivo. |
| – – trígono esq. – – – | aptidões notáveis e manifestação calma. |
| – – quincúnc. esq. – – – | aptidões débeis, com intermitências de força inquieta. |
| – – oposição – – – | aptidões intensas, mas desordenadas. |
| – – quincúnc. dir. – – – | aptidões muito débeis, com raras intermitências de força. |
| – – trígono dir. – – – | boas aptidões, mas de difícil emprego. |
| – – quadrat. dir. – – – | aptidões muito fortes, porém mal equilibradas. |
| – – sextil dir. – – – | disposições desiguais, de emprego fraco. |
| – – trino dir. – – – | aptidões excessivamente fracas, quase nulas. |

O arco deve ser contado de Marte a Mercúrio.

A potência de aptidão vai decrescendo após a conjunção e até a outra conjunção, isto é, depois de $0^o$ até 360° da eclíptica (tomando-se como $0^o$ o ponto em que Marte se encontra).

Após a conjunção e até a oposição, as aptidões predispõem tanto à Magia cerimonial como à Magia pessoal. Depois da oposição, contudo, essa predisposição é válida apenas para a Magia pessoal.

*(Doc. Fr.)*

## IV – CONDIÇÕES PARTICULARES DAS OPERAÇÕES MÁGICAS

### Momentos Favoráveis

O determinismo de todo *momento cósmico* está em função da posição da Terra em sua órbita e da *posição celeste* do lugar dado, segundo o percurso da rotação diurna da Terra.

Constata-se a *posição da Terra em sua órbita* pela situação do Sol em um grau da eclíptica (neste aspecto, estando a Terra sempre e necessariamente em oposição ao Sol).

A posição de um local qualquer é determinada pelas coordenadas geográficas, a vertical cosmográfica assinalando o zênite. A situação do Sol, sobre o círculo do movimento diurno, denota forçosamente *aposição celeste do local.*

Neste ponto, convém dizer que, para um dia determinado, é preciso levar-se a hora em conta.

Na prática, levada em consideração a *qualidade dinâmica* do Sol em seu próprio circuito zodiacal, os dias e as horas são observados simultaneamente, segundo o circuito fechado das 168 horas da semana.

As semanas, no entanto, distinguem-se entre si segundo a fase lunar que caracteriza cada uma – variando a distribuição do dinamismo solar, em razão da reação da Lua sobre o Sol.

*(Div. Aut.)*

## Tabela das horas planetárias

| Horas | | Domingo | Segunda | Terça | Quarta | Quinta | Sexta | Sábado |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1ª | Sol | Lua | Marte | Mercúrio | Júpiter | Vênus | Saturno |
| | 2ª | Vênus | Saturno | Sol | Lua | Marte | Mercúrio | Júpiter |
| | 3ª | Mercúrio | Júpiter | Vênus | Saturno | Sol | Lua | Marte |
| Horas | 4ª | Lua | Marte | Mercúrio | Júpiter | Vênus | Saturno | Sol |
| Diurnas | 5ª | Saturno | Sol | Lua | Marte | Mercúrio | Júpiter | Vênus |
| | 6ª | Júpiter | Vênus | Saturno | Sol | Lua | Marte | Mercúrio |
| | 7ª | Marte | Mercúrio | Júpiter | Vênus | Saturno | Sol | Lua |
| | 8ª | Sol | Lua | Marte | Mercúrio | Júpiter | Vênus | Saturno |
| | 9ª | Vênus | Saturno | Sol | Lua | Marte | Mercúrio | Júpiter |
| | 10ª | Mercúrio | Júpiter | Vênus | Saturno | Sol | Lua | Marte |
| | 11ª | Lua | Marte | Mercúrio | Júpiter | Vênus | Saturno | Sol |
| | 12ª | Saturno | Sol | Lua | Marte | Mercúrio | Júpiter | Vênus |
| | **1ª** | **Júpiter** | **Vênus** | **Saturno** | **Sol** | **Lua** | **Marte** | **Mercúrio** |
| | **2ª** | **Marte** | **Mercúrio** | **Júpiter** | **Vênus** | **Saturno** | **Sol** | **Lua** |
| | **3ª** | **Sol** | **Lua** | **Marte** | **Mercúrio** | **Júpiter** | **Vênus** | **Saturno** |
| **Horas** | **4ª** | **Vênus** | **Saturno** | **Sol** | **Lua** | **Marte** | **Mercúrio** | **Júpiter** |
| **Noturnas** | **5ª** | **Mercúrio** | **Júpiter** | **Vênus** | **Saturno** | **Sol** | **Lua** | **Marte** |
| | **6ª** | **Lua** | **Marte** | **Mercúrio** | **Júpiter** | **Vênus** | **Saturno** | **Sol** |
| | **7ª** | **Saturno** | **Sol** | **Lua** | **Marte** | **Mercúrio** | **Júpiter** | **Vênus** |
| | **8ª** | **Júpiter** | **Vênus** | **Saturno** | **Sol** | **Lua** | **Marte** | **Mercúrio** |
| | **9ª** | **Marte** | **Mercúrio** | **Júpiter** | **Vênus** | **Saturno** | **Sol** | **Lua** |
| | **10ª** | **Sol** | **Lua** | **Marte** | **Mercúrio** | **Júpiter** | **Vênus** | **Saturno** |
| | **11ª** | **Vênus** | **Saturno** | **Sol** | **Lua** | **Marte** | **Mercúrio** | **Júpiter** |
| | **12ª** | **Mercúrio** | **Júpiter** | **Vênus** | **Saturno** | **Sol** | **Lua** | **Marte** |

## Tempo Mágico

Em geral, tem o nome de *tempo mágico* o que a Astrologia denomina *tempo horário,* segundo as horas desiguais que se contam do nascer ao pôr-do-Sol, em doze *horas diurnas,* e do pôr ao nascer do Sol (do dia seguinte) em doze outras *horas noturnas.*

Esta maneira de contar o tempo é mais exata que a comumente empregada, quando as horas do relógio dependem do *tempo médio.* Era desta que se serviam os antigos; entretanto, para cada dia do ano e cada lugar terrestre, ela exige um cálculo especial.

As vinte e quatro horas do dia são, em seguida, subdivididas em quatro partes, cada uma equivalendo a seis horas desiguais. Falando com propriedade, *é* esta subdivisão que caracteriza o *tempo mágico.* Os romanos tornaram *civis* estas quatro partes, contando-as por *vigílias:* a primeira e a segunda compreendiam as horas diurnas, enquanto que a terceira e quarta vigília compreendiam as horas noturnas.

Em verdade, elas são mais bem distinguidas pelas denominações seguintes (conservadas na liturgia cristã): *laudes* – desde o nascer do Sol, até meio-dia; *vésperas* – desde o meio-dia até o pôr-do-sol; *completas* – desde o pôr-do-sol até a meia-noite; *matinas* – desde a meia-noite até o nascer do dia seguinte.

*(Div. Aut.)*

O valor de cada uma das horas para as operações mágicas, em princípio depende *geralmente* do planeta que lhe empresta o signo; em *seguida, particularmente,* do dia em que está compreendida – e, *especialmente,* da parte desse dia onde está situada. Isto diz respeito a qualquer uma das horas.

Tal valor, no entanto, é *relativo* a quem opera, posto que, no *tema de natividade* de cada pessoa, todo planeta tem um papel definido e preciso, de modo que cada faculdade ou possibilidade é *individualmente* caracterizada.

*(Div. Aut.)*

Levando-se em conta o fato da individualização quanto ao tema do valor das horas, através da prática da magia corrente (com bastante razão, porém de modo bastante geral), ficou constatado que eram favoráveis:

As horas de Saturno, Marte e Lua: para as invocações ordinárias, denominadas ***orações.***
As horas do Sol e Vênus: para os pedidos de amizade ou de amor.
As horas de Saturno e Marte: para as instigações de ódio ou vingança.
As horas de Mercúrio: para estudos e também a fabricação de medalhas talismânicas, bem como a introdução de anéis simbólicos (não ritualísticos) em seu dedo.
As horas de Júpiter e Vênus: para a prática de cerimônias evocadoras das forças superiores, como para a prática das cerimônias ditas simbólicas.

*(Pps.)*

No exame dos *plasmas energéticos,* entretanto, devem ser considerados vários elementos de *apreciação.* Os principais dependem da posição de cada astro no zodíaco e, por outro lado, da posição do Sol, como já foi dito, bem como da Lua que, em virtude de seu rápido movimento, percorre o zodíaco em cerca de 28 dias (um pouco mais, astronomicamente). Ás características da posição zodiacal dos planetas e do Sol – bem conhecidas dos astrólogos antigos – são adotadas pelos magistas sem modificações sensíveis.

As da Lua, pelo contrário, foram objeto de modificações especiais, que exigem a consulta da *tábua de moradas da Lua.*

Por outro lado, convém não se negligenciar inteiramente o que, em uma certa técnica de Astrologia, é conhecido como as *qualidades elementares dos astros,* considerando-se ainda suas *inimizades* (dissonâncias ou desarmonias) e *amizades* (consonâncias ou harmonias).

*(Div. Aut.)*

**Nota.** No que diz respeito à *Magia cerimonial com eficácia* (assim, não apenas *simbólica), é* importantíssimo levar-se em conta – no local em que se opera – a distribuição das *energias telúricas* (entre as quais o magnetismo terrestre é uma das principais). Existe um *perímetro de operação,* já caracterizado magjcamente por sua situação sobre o globo terrestre; entretanto, sobre tal perímetro, as energias telúricas estão sempre dispostas de um modo especial, embora diversificado. O motivo dessa localização característica, bem como da distribuição das energias telúricas em um determinado local, é de fácil compreensão, em virtude do princípio mecânico que leva o nome de Newton; por outro lado, tal motivo jamais foi fornecido explicitamente. Aliás, os magistas faziam a aplicação unicamente pelas *diretivas* estabelecidas pelo *colégio superior dos iniciados,* o qual era, necessariamente, o mais fechado e mais secreto de todos.

*(Doc. Estr.)*

A prova material de que a localização mágica foi rigorosamente observada encontra-se em vários lugares, onde existem igrejas cristãs localizadas precisamente nos fundamentos de templos antigos, consagrados a divindades ditas pagas. Assim, o altar principal de Notre-Dame de Paris, como ficou provado por pesquisas, situa-se exatamente sobre um pequeno e antigo templo dedicado a Mercúrio – provavelmente, a Mercúrio do signo de Virgem.

Tábua das Moradas da Lua

| Morada | Termina em | Signo | Nomes | Operações a Executar |
|---|---|---|---|---|
| 1 | 12º 32' 26" | Áries | *Alnach* | Fazer pantáculos para viagens. Operar encantamentos de amor e de ódio. |
| 2 | 25° 42" 12" | Áries | *Albothaim* | Fazer pantáculos para fontes e tesouros. Operar encantamentos de ódio. |
| 3 | 8º 24' 28" | Touro | *Ascorija* | Fazer pantáculos para viagens por mar. Operar encantamentos de amor. Fazer experiências alquímicas. |
| 4 | 28° 34' 2" | Touro | *Aldebaran* | Operar encantamentos de ódio de todo tipo. |
| 5 | 4º 17' 10" | Gêmeos | *Aluxer,* ou *Abnicoiz,* ou *Alingez* | Fazer os pantáculos para viajar ou beneficiar o talento. Operar encantamentos contra ou a favor da amizade. |
| 6 | 17° 8' 30" | Gêmeos | *Althaia,* ou *Alkaia* | Operar encantamentos para dar a vitória na guerra e para prejudicar as colheitas. |
| 7 | 0° | Câncer | *Addyvat,* ou *Aldyaras,* ou *Aldryahe* | Fazer pantáculos para beneficiar o comércio, as viagens por água e a sorte em geral. Operar encantamentos para obter o favor dos importantes e para semear a discórdia. |
| 8 | 12° 51' 26" | Câncer | *Amathura,* ou *Alamiathra* | Fazer pantáculos para o amor e a amizade ou para viagens por terra. Operar os encantamentos de amizade e de ódio contra os cativos ou para encadear alguém em cativeiro. |
| 9 | 25° 25' 51" | Câncer | *Atars,* ou *Ataris* | Fazer os pantáculos para prejudicar as viagens e semear a discórdia. Operar os encantamentos de ódio. |
| 10 | 8° 34' 18" | Leão | *Alzeral,* ou *Algelhab,* ou *Algelba* | Fazer os pantáculos para o amor. Operar encantamentos para perder os inimigos, firmar edificações, buscar a benevolência e o auxílio. |

| Morada | Termina em | Signo | Nomes | Operações a Executar |
|---|---|---|---|---|
| 11 | 21° 25' 44" | Leão | *Azobre* | Operar os encantamentos para evasão de prisioneiros e sitiar as praças fortes. Fazer pantáculos para beneficiar o comércio. |
| 12 | 4° 7' 1" | Virgem | *Discorsa,* ou *Atorsiama* | Fazer pantáculos para as colheitas. Operar encantamentos para melhorar a sorte dos cativos, escravos, amigos e para destruir embarcações. |
| 13 | 17° 8' 6" | Virgem | *Alalma,* ou *Asalame,* ou *Alhahuhe* | Fazer pantáculos para beneficiar o comércio e as colheitas. Operar encantamentos para a evasão dos prisioneiros e obter os favores dos poderosos. |
| 14 | 0° | Libra | *Achmech,* ou *Azimel,* ou *Azimech* | Fazer os pantáculos para o amor e cura das doenças.Operar encantamentos para destruir as searas e as plantas, para fazer mal aos viajantes e também favorecer a navegação, para obter a felicidade dos chefes de Estado e seus amigos. |
| 15 | 12° 51' 26" | Libra | *Algaphia,* ou *Algalia* | Fazer pantáculos para aumentar a chance de descobrir fontes e tesouros. Operar encantamentos para tais motivos e também para causar mal aos inimigos e beneficiar os amigos. |
| 16 | 15° 42' 52" | Libra | *Alcibene,* ou *Aiabene* | Operar todos os encantamentos de ódio. |
| 17 | 8° 36' | Escorpião | *Alchil* | Fazer pantáculos para tornar felizes os que foram iludidos, para ter sorte, para que os edifícios durem e para viagens. Operar encantamentos de amizade. |
| 18 | 21° 25' 44" | Escorpião | *Arcalo,* ou *Alchalb* | Fazer pantáculos para as conspirações, para proteger-se contra os inimigos. Operar encantamentos para a discórdia. |
| 19 | 4° 27' 10" | Sagitário | *Exarala,* ou *Exaula* | Fazer pantáculos para os exércitos, para a sorte em geral. Operar encantamentos para destruir embarcações, evadir os cativos, prejudicar os bens alheios. |
| 20 | 17° 8' 46" | Sagitário | *Nahaim* | Fazer os pantáculos contra as doenças. Operar os encantamentos de ódio. |
| 21 | 0° | Capricórnio | *Albelda* | Fazer pantáculos para proteger os edifícios, as colheitas e as riquezas. |

| Morada | Termina em | Signo | Nomes | Operações a Executar |
|---|---|---|---|---|
| | | | | Operar encantamentos para romper ligações amorosas. |
| 22 | 12° 51' 26" | Capricórnio | *Caaldalbala,* ou *Caalbeda* | Fazer pantáculos para curar as doenças. Operar encantamentos para semear a discórdia e fazer nascer a amizade. |
| 23 | 25º 42' 32" | Capricórnio | *Caaldebolach,* ou *Caaldebolab,* ou *Caaldebda* | Fazer pantáculos para curar as doenças e firmar a amizade. Operar encantamentos para romper ligações amorosas. |
| 24 | 8° 24' 28" | Aquário | *Zaadodothot,* ou *Caadochoth* | Fazer pantáculos para o comércio, para o amor, para triunfar sobre os inimigos. Operar encantamentos para prejudicar os atos e bens alheios. |
| 25 | 21° 25' 44" | Aquário | *Caaldabachia,* ou *Caalda* | Fazer pantáculos para os exércitos, para ativar a vingança, para proteger os mensageiros, para executar bem suas funções. Operar encantamentos de amor e de ódio. |
| 26 | 4º 17' 10" | Peixes | *Algafarmuth,* ou *Algafabuchor,* ou *Algasaldi,* ou *Alm* | Fazer os pantáculos de amor e de proteção contra todos os perigos. |
| 27 | 17° 8' 26" | Peixes | *Algafennuth,* ou *Algafalbuhor,* ou *Algarfelmucar* | Fazer pantáculos para o comércio, para as doenças, para as amizades, para as colheitas. Operar encantamentos de amizade e de ódio contra os cativos e os que viajam por água. |
| 28 | 0° | Aries | *Anaxhe* | Fazer os pantáculos para o comércio, para os processos, para as colheitas, para a amizade entre os cônjuges. Operar encantamentos para prejudicar o bem alheio e os que viajam por mar. |

*(Px.)*

## Qualidades elementares dos Planetas

*Sol* Quente e seco: Quente 5 ½, Seco 2

*Lua* Fria e úmida: Fria 5, Úmida 6

*Mercúrio* Frio e seco: Frio 1 ½, Seco 1

*Vênus* Quente e úmido: Quente ½, Úmido 4

*Marte* Quente e seco: Quente 2 ½, Seco 3

*Júpiter* Quente e seco: Quente 1 ½, Seco 1

*Saturno* Frio e seco: Frio 3 ½, Seco 3

Nota. As cotas de cada qualidade elementar estão em sua escala de 0 a 6.

*(M. V.)*

## Inimizades e Amizades dos Planetas

As *inimizades* (ou dissonâncias) entre os planetas que uma certa técnica em Astrologia leva em conta, são as seguintes:

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Sol | com | Saturno | para | produzir a oposição de outrem. |
| Lua | – | Saturno | – | – a indiferença. |
| Lua | – | Marte | – | – a versatilidade. |
| Mercúrio | – | Júpiter | – | – o desprezo dos outros. |
| Vênus | – | Marte | – | – a zombaria. |
| Marte | – | Saturno | – | – a suscetibilidade. |

*(Doc. Fr.)*

Por outro lado, são considerados como estando em *amizade:*

| | | | |
|---|---|---|---|
| Sol | com | Marte | para a luta pela vida. |
| Sol | – | Júpiter | – a chance honorífica. |
| Lua | – | Júpiter | – a riqueza. |
| Mercúrio | – | Marte | – o comércio. |
| Mercúrio | – | Saturno | – a inteligência. |
| Vênus | – | Lua | – o casamento. |
| Vênus | – | Júpiter | – a procriação. |
| Saturno | – | Júpiter | – a sabedoria. |

*(A. H)*

Nota. A amizade entre o Sol e Marte é muito violenta em seus resultados, sendo a de Vênus e Lua muito caprichosa: melhor dizendo, não se trata, então, de grandes amizades.

De resto, tanto as amizades como as inimizades indicadas acima apresentam variações bastante grandes.

*(Div. Aut.)*

# V – CHAVES E CLAVÍCULAS

## Importância e Utilidade

Aquilo que, em Magia, designamos pelo nome de ***chaves,*** corresponde à necessidade de serem resumidos em "súmulas", que ajudem a memória, certos desenvolvimentos cujos principais elementos são, em geral, os únicos úteis.

Assim, propriamente dito, uma *chave* é um esquema mnemotécnico.

Entretanto, em se tratando de "mementos" que dizem respeito a uma *prática* referente a uma *teoria,* cuja profundidade é suspeitada, sem saber-se ao certo em que a mesma consiste, quis-se ver nas *chaves* modos de penetração no próprio seio dos mistérios iniciáticos.

A ideia não é falsa em absoluto, no sentido de que um dado "resumo" implica a existência de amplas exposições, por vezes permitindo uma compreensão melhor – desde, naturalmente, que se tenha ao alcance as ditas exposições.

Neste sentido, os "mementos" em questão constituem "chaves" que abrem um domínio instrutivo, caso quem as possua saiba usá-las convenientemente e se – após a abertura dos textos didáticos – tal pessoa tenha capacidade para abarcar o sentido e a importância com exatidão.

Em épocas diversas, pesquisadores individuais – aqueles que contam apenas com suas próprias fontes intelectuais para usar – deploraram que a "tradição" se houvesse perdido. Parecia a eles, com efeito, que os "informes tradicionais", reencontrados no decorrer de seus trabalhos, não fornecessem, em absoluto, os esclarecimentos desejáveis.

Contudo, não é exato que a "tradição" tenha sido perdida: os "informes tradicionais" são abundantes, embora seja forçoso reconhecer que, com grande frequência, tenha sido esquecida a *maneira de servir-se deles.* Ora, o modo de emprego não é inventado – nem tampouco é descoberto. O mesmo acontece com muitos instrumentos usuais: se ninguém explica seu funcionamento, ninguém sabe como manejá-los.

As *chaves mágicas* fazem parte de um conjunto de "informes tradicionais", sendo que os *principais* – embora sejam bastante numerosos – sempre foram mantidos sob o selo do segredo mais absoluto e rigoroso, apesar de muitos outros estarem expressos em textos diversos.

Os "informes tradicionais", aos quais pode ser conferido o caráter de *principal,* efetivamente não pertencem a nenhuma língua. Para satisfazer a curiosidade, saiba-se que eles não consistem de preceitos de natureza doutrinária, nem mesmo de números de figuras mais ou menos geométricas. Trata-se de palavras, sem nenhum sentido evidente, sem qualquer significado patente, mas cada uma delas abre – positivamente – o que se poderia chamar de "compartimento iniciático".

Tais palavras são "referências" que permitem a quem penetra no escuro e intrincado domínio reservado à Iniciação, não perder a "Visão" ou de preferência, o que ordinariamente designamos por este nome. Cada uma delas é um guia em um labirinto.

O que se conhece, preferivelmente, como "informes tradicionais", consiste de disposições de preceitos que levam a meditar-se em uma doutrina – disposições nas quais é penosamente percebida uma espécie de criptografia, onde o número e também a configuração parecem possuir um determinado papel. Entretanto, o caráter destes é, de preferência, *acessório.*

*(Doc. Fr.)*

## Valores e Qualidades

As *chaves* das quais se servem os magistas dependem – algumas delas, sobretudo – de uma doutrina, isto é, de um "reflexo" das teorias. Em verdade, tais chaves são supérfluas para o praticante especialista, sendo-o menos para o aluno-praticante, que ainda sente necessidade de "reunir" alguns ensinamentos.

Neste gênero, inicialmente as melhores são a *Tábua de Esmeralda,* que uma coletividade de educadores iniciáticos, nos primeiros séculos de nossa era, assinou sob o pseudônimo de *Hermes*

*Trismegisto* – e em seguida o *Evangelho segundo São João,* que os exegetas sempre puseram de parte, entre as quatro narrativas da vida de Cristo.

São estas as *chaves doutrinárias* para o Ocidente e para a época que se iniciou com o Cristianismo. Nisto, são acessíveis à "mentalidade" europeia e, em absoluto, parecem obscuras aos modernos.

É interessante saber-se, no entanto, que *chaves* semelhantes, se não idênticas, existem no Oriente. Também o Egito, como a Grécia, empregaram outras, comparáveis a elas. Além disso, a Cabala não vacilou em fornecer as dos hebreus – e também foram encontrados no México os traços das utilizadas na América.

De qualquer modo, não se poderia fazer uma confrontação válida entre umas e outras, sem um exame atento dos números, segundo os quais são dispostos os preceitos – ou as denominações que os representam.

Em toda *chave* o número assume o primeiro papel, ficando o segundo com a configuração.

*(Doc. Fr.)*

Se bem que os números sejam mais considerados segundo as *qualidades* que possuem, do que segundo as *quantidades* que representam, tais qualidades são definidas, tanto essencial, como analiticamente.

Não são arbitrárias as configurações aplicadas respectivamente pelos números. Embora grande parte das mesmas, nas *chaves,* não pareça depender da geometria em absoluto, no entanto dela procederam, em plena regularidade. Cada configuração de *chave,* quando não é uma figura geometricamente exata, deriva de uma outra que possua o caráter denominado *regular.*

*(Doc. Estr.)*

Nota. As explicações úteis, concernentes aos números e seu emprego, assim como as noções principais sobre as figuras, são fornecidas mais adiante, neste Formulário.

*(P.P.)*

## Chaves Denárias

Existe um número que deve receber uma atenção particular, pelo fato de ser encontrado empregado de várias maneiras, uma delas corrente, para o estabelecimento de certas *chaves doutrinais*: é o *número dez.*

Se, geometricamente, esse número exprime o *decágono,* ele constitui também a *numeração decimal.* Por outro lado, forma a base de estabelecimento do que a Cabala denomina *Sephiroth.*

Além do decágono e da numeração decimal, há uma outra relação unicamente *quantitativa:* contam-se 10 vértices ou lados no decágono e 10 números em uma série decimal; da mesma forma, contam-se 10 *sephiroth,* o que ainda é quantitativo.

Sendo, com efeito, o decágono uma figura, o número 10 representa o total de seus vértices ou lados e, por conseguinte, exprime o conjunto da figura. Neste caso, o número 10 possui a *qualidade geométrica.*

No caso em que este número representa os algarismos compreendidos em uma série decimal, existe – em compensação – a *qualidade aritmética,* esta já inteiramente diversa da precedente.

Entretanto, no caso em que representa a quantidade de preceitos dispostos em sephiroth, deve-se dizer que possui a *qualidade simbólica.* Com efeito, aí não está expressando uma série decimal e, sobretudo, não representa o decágono.

## As Sephiroth [25]

O *sistema das Sephiroth* repousa sobre uma *abstração* aritmética ou geométrica do número 2 no número 12, qual seja, 10 – 2. Quando a abstração é feita aritmeticamente, resulta de uma simples *subtração;* entretanto, se feita geometricamente, provém de uma *extração* de vértices do decágono, o que seria fantasiosa, se não tivesse sua razão.

A legitimidade da extração geométrica de *dois lados* (não vértices) do polígono regular de doze lados é facilmente compreendida pelo exame atento da disposição circular das *ideias gerais* (segundo a expressão filosófica). Estas deveriam ser normalmente em número de doze e dispostas sobre um dodecágono; entretanto, são apenas dez, posto que duas delas existem, mas são *inconcebíveis* e não podem ter qualquer representação intelectual: uma é a ideia da *Causa primeira* ou divindade (existe, mas não é representada), enquanto que a outra é a ideia da *Criação* ou, melhor dizendo, da *emanação das formas* concretas e mesmo abstratas de "qualquer coisa" inexprimível. Esta seria *o informe,* em outras palavras, a ausência de formas (ideia ainda mais difícil de ser representada).

Este fato reduz a dez as ideias gerais – e Aristóteles jamais pôde encontrar além de dez, como Kant não pôde mencionar senão dez categorias.

Daí por que as Sephiroth são contadas como dez.

*(Doc. Fr.)*

## Os Alfabetos

Independentemente dessa *chave denária* que, apesar de sua representação hebraica, é universal, existe uma chave muito importante, cujo dispositivo é expresso pelo número 22.

Ela possui um caráter mais secreto que a precedente, posto que é o *alfabeto,* com cujas letras se escreve a teoria (embora esta se dissimule geralmente por meios criptográficos).

Ora, as letras se referem a sons emitidos pela voz humana, e a voz tanto serve para encantações, como para orações.

O motivo pelo qual, em Magia, tanto se canta como se ora, parece geralmente admissível. Entretanto, não se compreende bem a razão por que tais cantos ou tais orações sejam particularmente mais indicados que outros. Não se discerne, sobretudo, o porquê de tais sílabas serem proferidas, de preferência a outras.

Aí residem os motivos e razões que apenas uma teoria pode expor, teoria que seria a dos *mantras.* Reconhece-se, no entanto, que semelhante teoria, cuja aplicação apresenta uma particular importância, deve permanecer iniciática e, em consequência, secreta.

Sendo assim, a *chave das 22 letras* constitui um verdadeiro *mistério* (no sentido grego da palavra).

*(Doc. Estr.)*

---

[25] *Sephiroth* e plural de Sephirah. *Sephirah* significa número, emanação, atributo, esfera. A Árvore da Vida (Otz Chaim) *é* um sistema de concentração, meditação e revelação. É composta de dez Sephiroth. As Serphiroth são estados e não lugares. São pequenos livros contendo particularidades do corpo (organismo) do Criador. (N.C.)

O alfabeto hebreu é um *protótipo.* Isto não quer dizer que sua disposição tenha precedido historicamente a constituição dos outros alfabetos: vários outros – em especial os hieróglifos egípcios e fenícios, cuja *grafia* foi imitada pelo grego – lhe são de tal maneira parecidos, em vista do número de letras, que se acreditaria existir alguma filiação. Isto significa, no entanto, que o alfabeto hebreu é, *principalmente,* o que menos dissimula seu caráter iniciático, enquanto que o hieroglífico egípcio, por exemplo, em geral suprime três letras.

Neste sentido, as 22 letras hebraicas são significativas e a Cabala não se vê forçada a insistir no valor metafísico de cada uma entre elas.

Em sua maioria, os alfabetos dissimulam – com excesso de sagacidade – os princípios sob os quais se funda a disposição das letras. O recorde, se assim se poderia dizer, cabe aos chineses, cuja escrita ideográfica não conta menos de duzentos e quatorze radicais que podem compor, por derivação, palavras constituídas de uma letra cada uma.

O hebreu, contudo, comporta apenas o número suficiente – ao menos, iniciaticamente suficiente. Segundo a Cabala, a subdivisão de suas letras em *três mães, sete duplas e doze simples* torna a teoria acessível. Todavia, não se deve confundir as letras duplas (segundo a Cabala) com as que possuem duas representações gráficas nem, sobretudo, com as letras duplas mencionadas por São Jerônimo, que lhe serviram para estabelecer – não para fazer – sua tradução da Bíblia.

No tocante a este alfabeto, há uma outra consideração a ser sabida, qual seja a de que *não se pode pronunciá-lo.* Dizem que foi preciso inventar-se a *massorah*[26] para ser possível a leitura, em voz alta, de uma frase escrita em hebreu. Não existem vogais, mas elas tampouco são encontradas no alfabeto hieroglífico dos egípcios e no dos fenícios, bem como no alfabeto árabe.

De qualquer modo – e, nisto, o árabe faz com que compreendamos – a *vocalização* que se ajunta a cada consoante importa bem pouco. Pronunciar *ba* ou *be,* por exemplo, é uma questão de *dialeto* e o principal consiste em ser emitida a consoante *b.* O mesmo se aplica a todas as letras.

Em hebreu, no entanto, elas são quase todas *aspiradas,* o que dá às letras *aleph, he, iod, hain,* a aparência de corresponderem às nossas vogais *a, e, i,o (como* também acontece no árabe). Em verdade, são aspirações nas quais a consonância é, mais naturalmente, *ha, he, hi, ho.* Isto denota a elasticidade da letra *Vo* – cuja identificação existe em árabe: ela corresponde ao *W* inglês e se encontra na palavra *douar* que, em inglês, se torna, necessariamente, *dwar.* Sem dúvida, trata-se de um modo de vocalizar-se o som *ou,* mas a letra não é uma vogai, e sim consoante.

Assim, existe uma vocalização especial, a fim de propiciar aos *mantras* sua eficácia vibratória – além da afinação da nota musical afeta a cada sílaba e que, pensando bem, apresenta considerável interesse.

Deste modo, as letras hebraicas possuem um caráter eminentemente importante, pelo duplo título de sua *consonância iniciática* e de sua *vocalização mágica.*

---

[26] Palavra hebraica, significando o corpo de tradições referentes à correta grafia, estilo e leitura da Bíblia hebraica, criado para impedir modificações no texto sagrado. Suas determinações referem até a forma das letras e dos sinais, ao espaço entre eles e à forma correta de escrever determinadas passagens. Piobb refere-se aos chamados pontos massoréticos criados pelos massoretas (mesquitas) com o intuito de conservar intacta a pureza do texto do Antigo Testamento. A massorah é, portanto, um método de tradição judaica. A tradução literal da palavra é tradição. Muitos autores interpretam Kabalah como sinônimo de tradição, porém o termo Kabalah é recibo; Kabalah é receber; Oumessarah é transmitir; e Massorah *é* tradição. A mais antiga é a Massorah Parva. (N.C.)

Sendo cabalístico, no sentido em que a Cabala deixa entrever o caráter iniciático, o alfabeto hebreu serve, então, de *tipo* sobre o qual os outros alfabetos podem ser considerados como moldados.

*(Doc. Estr.)*

## As Clavículas

Existem outras *chaves* possuindo sua utilidade prática, mas longe estão de ter o mesmo valor. Em geral, são denominadas *clavículas (isto* é, *chaves pequenas).*

Provavelmente foi para evitar-se o risco de perdê-las e de tê-las ao alcance, durante a celebração das cerimônias que, em geral, elas hajam sido gravadas em medalhas circulares. Em vista disso, são suscetíveis de confusão com as *medalhas talismânicas* que, sendo estabelecidas à maneira de pantáculos ritualísticos, dependem da Magia deformada. Elas se distinguem, no entanto, por seus exergos ou inscrições que, com frequência, não passam de um amontoado de letras sem significado compreensível, ao passo que os exergos das medalhas talismânicas são, quase sempre, *sentenças* legíveis.

As clavículas ostentam as indicações necessárias para a observância do rito e ritual desta ou daquela cerimônia, a fim de que sejam efetivas ou simbólicas. O rito é nelas recordado através de figuras ou letras que ocupam a parte central da medalha e, desta forma, o operador tem sob os olhos um *gráfico* dos gestos a serem executados, bem como de sua forma e número. Nas clavículas, o ritual é mencionado por palavras ditas *sagradas* e que, segundo sua composição ou apresentação, indicam o que ele deve pronunciar.

As palavras consideradas sagradas, são as que, em hebreu, se reportam à Divindade ou as suas *manifestações diretas.* Formam uma lista que, em si, compõe um sistema de *sephiroth,* embora cada um deles constitua uma *chave.* Seu uso tem sido de natureza religiosa, uma vez que não podiam deixar de constar nas orações. De qualquer modo, tais palavras tornaram-se mágicas por sugestões fornecidas pela Cabala, neste sentido.

Em vista de as *clavículas* serem assaz numerosas, posto que também o eram as cerimônias, foram denominadas *clavículas* quaisquer compilações que as catalogassem. Afinal, quando se deixou de saber exatamente a que se referiam esses desenhos circulares, estabeleceram-se falsas clavículas, dentre as quais inúmeras ficaram populares, também servindo como adorno de feiticeiros, à guisa de fetiches.

Os feiticeiros, aliás, em todos os tempos fizeram uso abundante dos *grimórios,* escritos em linguagem fantasiosa, os quais tais indivíduos pretendiam que fossem *chaves* quando, em realidade, não passavam de cópias de fórmulas de orações inexatas ou de ingredientes cuja composição nem de longe lembrava as preparações mágicas.

É de crer-se que, originariamente, na Europa Ocidental os grimórios fossem apenas escritos criptográficos, lidos com auxílio de uma *grade.* Esta palavra provém do norueguês antigo *grimur,* que se referia à grade de proteção dos olhos sobre o capacete (com mais frequência o elmo) do cavaleiro: a aparência não devia apresentar um efeito muito digno porque, do norueguês *grimur,* extraímos o francês *grimace* e o português *grimaça,* significando trejeito, careta, esgar.

Se estes primeiros grimórios serviam para dissimular uma correspondência entre iniciados – os únicos que, naquelas eras de ignorância poderiam sentir necessidade de escreverem uns aos outros – concebe-se que os feiticeiros, em seguimento, pelo uso de uma linguagem barroca em suas fórmulas, quisessem alegar uma iniciação que nío possuíam.

*(Doc. Estr.)*

Nota. Os chineses têm usado uma clavícula especial, estabelecida segundo o *número oito.* Tal clavícula constitui o *desenho dos Koua,* cuja reprodução o leitor encontrará mais adiante. Devemos considerá-la como geral, no sentido de que não serve apenas para conduzir uma determinada cerimônia, mas também para fixai a *repartição* de objetos sobre um espaço qualquer. Em suma, é uma *rosa dos ventos,* de caráter iniciático.

Clavículas referindo-se ao número oito existiram também na antiguidade ocidental. Entretanto, em razão de seu caráter, sempre foram mantidas secretas.

*(Doc. Estr. – Doc. Fr.)*

## VI – CLAVES PRINCIPAIS DA TEORIA E DA PRÁTICA

### Tábua de Esmeralda

1. É verdade, sem mentira, muito verdadeiro.
2. O que está embaixo é como o que está no alto, e o que está no alto é como o que está embaixo, para produzir os milagres da Unidade.
3. E como todas as coisas têm sido e são vindas de um, assim todas as coisas nasceram dessa coisa única, por adaptação.
4. O Sol é o pai, a Lua é a mãe, o vento a carregou em seu ventre e a terra e sua nutriz.
5. O pai de toda a Telema está por aqui; sua força está inteira, se ela é convertida em terra.
6. Tu separarás a Terra do Fogo, o sutil do espesso, docemente, com grande desvelo.
7. Ele se eleva da terra ao céu e desce novamente sobre a terra e recebe a força das coisas superiores e inferiores.
8. Por este meio, tu terás toda a glória do mundo e toda a obscuridade se afastará de ti.
9. É a força forte de toda força, porque ela vencerá toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida.
10. Assim foi criado o universo.
11. Disto serão e sairão inumeráveis adaptações, das quais o meio está aqui.
12. Eis por que fui chamado Hermes Trismegisto, tendo as três partes da filosofia do mundo. O que eu disse da operação do Sol, está cumprido e terminado.

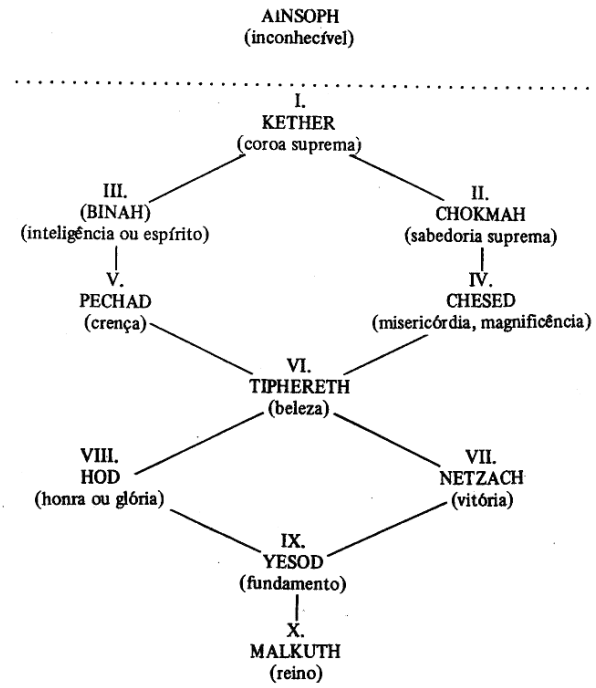
*(H. T.)*

### Evangelho de São João (início)

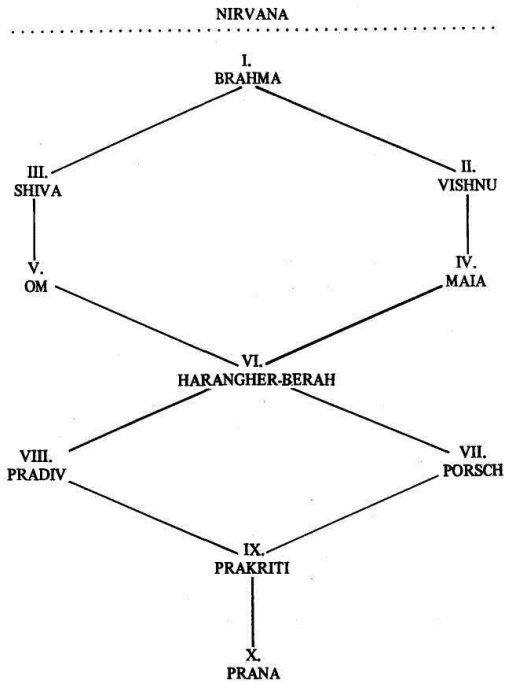
1. No PRINCÍPIO era o VERBO.
2. E o VERBO estava com DEUS.
3. E DEUS era o VERBO.
4. Este era no PRINCÍPIO com DEUS.
5. O TODO por ele foi feito.
6. E sem ele NADA DO QUE EFEITO, SE FEZ.
7. Nele estava a VIDA.
8. E a VIDA era a LUA dos homens.
9. E a LUA resplandece nas TREVAS.
10. E as TREVAS não a absorveram.

*(Tradução segundo o texto grego)*
*(P.P.)*

## Dispositivo das Sephiroth da Cabala [27]



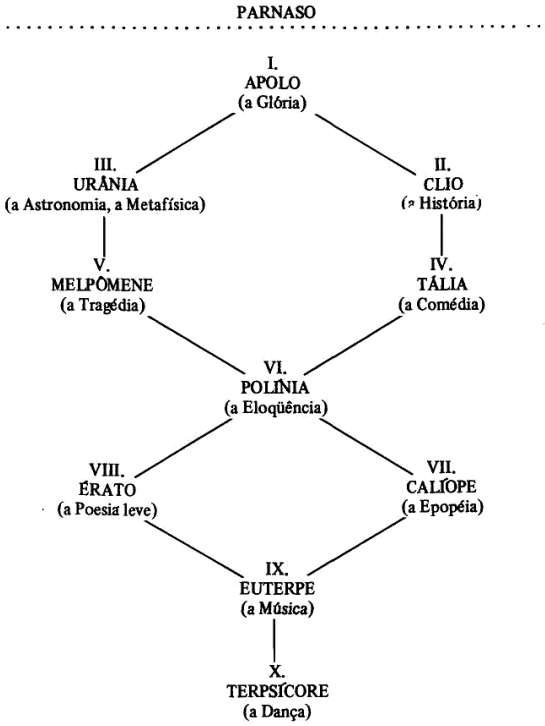

## Considerações das Sephiroth da Índia




[27] Temos ainda para a 4ª Sephirah o nome de GEDULAH (grandeza, majestade); para a 5ª os nomes de GEBURAH (poder, força) e DIN (julgamento); para a 6ª, LEV SHAMAYN (coração do céu); para a 9ª, TSADDIK (o justo) e, finalmente, para a última Sephirah, a décima, os nomes de ATARAH (coroa, difere de Kether que é coroa celeste, enquanto esta primeira é coroa da Terra) e ainda SHEKINAH. Existe a Sephirah DA'AT (conhecimento) situada na região do Abismo entre os 3º e 4º Sephiroth.

*(M. M.)*

## Adaptação grega das Sephiroth (Mito das Musas)




## Chave duodenária das divindades gregas

(pela entrada do Sol nos signos do Zodíaco)

Hera preside ao mês de março.
Hermes preside ao mês de abril.
Cibele preside ao mês de maio.
Dionísio preside ao mês de junho.
Zeus preside ao mês de julho.
Artemis preside ao mês de agosto.
Atena preside ao mês de setembro.
Ares preside ao mês de outubro.
Príapo preside ao mês de novembro.
Afrodite preside ao mês de dezembro.
Deméter preside ao mês de janeiro.
Heracles preside ao mês de fevereiro.

## Atribuições cosmogônicas das Sephiroth

I. Céu do Empíreo
II. Céu do primeiro móbile
III. Firmamento
IV. Céu de Saturno
V. Céu de Júpiter
VI. Céu do Sol
VII. Céu de Marte
VIII. Céu de Vênus
IX. Céu de Mercúrio

X. Céu da Lua

*(Div. Aut.)*

## Hierarquia angélica, segundo as Sephiroth

I. Serafins
II. Querubins
III. Tronos
IV. Dominações
V. Potestades
VI. Virtudes
VII. Principados
VIII. Arcanjos
IX. Anjos
X. Almas humanas

*(Pps.)*

## Nomes divinos correspondentes as Sephiroth

I. EHIEH ou IOD
1I. IAH
III. IEVE ou IOHA ou ADONAI
IV. EL
V. ELOHIM GHIBOR
VI. ELOHA
VII. ELOH1M TSABAOTH
VIII. IEVE-TSABAOTH
IX. SHADAI ou ELHAI
X. ADONAI MELECH

*(Pps.)*

Estes nomes divinos (também denominados *palavras sagradas)* comportam uma explicação simbólica que, geralmente, é a seguinte:

| | |
|---|---|
| Ehieh: | *Eu sou o que sou.* |
| Iah: | *O Infinito.* |
| Elohim: | *Deus juiz.* |
| El: | *O Espírito.* |
| Ieve: | *O Eterno.* |
| Ieve Tsabaoth: | *O Eterno dos exércitos* (em Tetragrama). |
| Shadai: | *O Todo-poderoso.* |
| Adonai: | *O Senhor de mim mesmo.* |

*(Cl. 1.)*

## Mundos da Cabala

Estes mundos constituem uma *chave quaternária,* à qual se aplica o *Tetragrama* formado pelas letras da palavra IEVE.

| | |
|---|---|
| Olam Atziluth | *(mundo da emanação)* |
| Olam Briah | *(mundo da criação)* |
| Olam Ietzirah | *(mundo da formação)* |
| Olam Aziah | *(mundo da ação).* |

A *Chave Geral da Cabala,* por repousar sobre a maneira como é escrito em hebreu o nome principal da Divindade (IEVE), ficou estabelecida, em vista disso, como abaixo:

יהוה

## Chaves do Extremo-Oriente (aplicáveis à Astrologia)

Os japoneses utilizam duas claves: uma denária, que é a dos *Kan* e outra duodenária, que é a dos *Si.* Podem ser traduzidas da seguinte forma:

| ***Dez Kans:*** | ***Doze Si:*** |
|---|---|
| Ki no ye | Ne |
| Ki no to | Usi |
| Fi no ye | Tora |
| Fi no to | U |
| Tuti no ye | Tatu |
| Tuti no to | Mi |
| Ka no ye | Uma |
| Ka no to | Fitu'si |
| Mi' tu no ye | Saru |
| Mi' to no to | Tori |
| | Inn |
| | J |

*(A.H.)*

# VII – ESOTERISMO GRÁFICO

## Figuração dos segredos

O que podemos denominar *esoterismo gráfico* consiste em uma apresentação de letras e desenhos, de tal maneira, que as ideias expressas sejam compreendidas apenas por aqueles que conhecem o valor indicativo dos sinais traçados.

A palavra *significação,* primitivamente queria dizer "notificar por um signo": na linguagem jurídica, aliás, ainda é empregada com tal sentido. Ordinariamente, contudo, quer dizer "aquilo que se entende pelos signos" ou "sinais". Então, como as letras são signos e sua reunião constitui palavras, em seguida frases, falamos da "significação das palavras ou das frases".

O esoterismo gráfico *significa* as ideias, por uma notificação através de signos ou sinais. Quando sabemos o que quer dizer o sinal – se entendemos o que é indicado ou notificado por um grafismo - conhecemos a *significação,* o significado.

Existe, portanto, uma maneira de compreendermos os signos - sejam eles letras ou desenhos. Por conseguinte, o *segredo* dos grafismos consiste apenas na ignorância daqueles que não os sabem ler.

Qualquer um reconhece que a escrita musical, química ou algébrica se torna misteriosa por quem quer que não tenha aprendido a leitura da mesma.

Por outro lado, a maneira de apresentar-se os signos da música, da química ou da álgebra nada tem de *criptográfica.* De resto, nenhum dos sinais empregados é positivamente *ideográfico:* eles não figuram um objeto representativo de uma ideia sendo, antes de tudo, *convencionais.*

Da mesma forma, as letras de um dado alfabeto nada têm de criptográficas e muitas vezes são apenas convencionais ou, pelo menos, assim parecem.

Quando possuem uma natureza ideográfica (como no egípcio ou chinês, por exemplo), ainda deixam supor que o relacionamento a fazer entre, a ideia expressa e o objeto figurado se baseia em uma *convenção.*

Pode-se, então, pensar que na base de todo alfabeto existe uma determinada convenção. Isto não quer dizer, apesar das aparências, que os alfabetos devam ser considerados como puramente convencionais: merecem este qualificativo apenas aqueles que apresentam uma natureza requerida (seja nos signos empregados ou em sua disposição) e que, justamente por isto, são criptográficos.

O mesmo acontece aos grafismos que, diferentes das letras, constituem meros desenhos.

O esoterismo gráfico se baseia sobre a *convenção,* em vista da qual, *o traçado* de uma letra ou de um desenho representa uma ideia definida.

O que, então, distingue o iniciado do profano – isto é, o conhecedor da existência de um dado esoterismo, daquele que o ignora – consiste no conhecimento das razões que motivaram a mencionada convenção. Enquanto o profano considera arbitrária a convenção, o iniciado a vê como perfeitamente racional.

O traçado dos *desenhos* é essencialmente geométrico, de maneira que qualquer alteração artística acrescentada não pode modificá-lo em demasia, sob pena de introduzir um excesso de fantasia na geometria. E a geometria é demonstrada; então, se for demonstrado que tal reunião de linhas representa tal ideia (ou, de preferência, lhe tenha a forma) a razão humana deve admitir uma correlação parecida, considerando-a, em seguida, como uma *convenção normal.* Isto constitui uma base de iniciação.

As *letras* também são desenhos – embora aparentemente menos geométricas. Apresentam-se como mais esotéricas, porque seu traçado provém de elementos lineares, extraídos de figuras geométricas, através de artifícios bastante sábios, em certos alfabetos.

De qualquer modo – assim como para os desenhos – conta apenas o traçado nas letras, quando se trata de reconhecer o motivo da convenção que lhe atribui um significado esotérico. E isso perfaz a concepção do iniciado.

Em vista disso, a série de alfabetos dada a seguir é iniciada com a apresentação do traçado das letras hebraicas – consideradas como *protótipos,* em vista de sua origem iniciática.

*Todas as letras hebraicas levam um número de ordem* – aqui indicado, de uma vez para sempre, sobre o alfabeto da *escrita talmúdica.* Ao mesmo tempo, pareceu mais simples e mais cômodo transferir unicamente esses números para os outros alfabetos hebreus ou correspondentes ao hebreu – em vez de ser apresentada cada letra comparativa.

Da mesma forma, as letras são numeradas, quando representativas de traçados cujo valor provenha de sua razão geométrica – mas, de fato, *são as ideias expressas por cada uma delas que levam um número de ordem.*

Por conseguinte, numerando-se as letras de um alfabeto diferente do hebreu, fica mais acentuada a correspondência entre as ideias e os diversos significados, que a paridade entre duas grafias que nada têm em comum.

A título de exemplo, foram mencionados dois alfabetos, aliás, de grande importância: o dos *hieróglifos egípcios* e o dos *radicais chineses.* O primeiro foi completado graças a um documento particular, apresentando três letras a mais que o normal (na maneira como Champolion o entendeu); entretanto, tal como o vemos, ele possui um caráter eminentemente esotérico e responde com exatidão às indicações fornecidas por São Jerônimo (em seu *Prefácio Galeático* da Vulgata), no que concerne à escrita sagrada dos egípcios. O segundo, ainda menos conhecido, menciona a existência de 22 radicais chineses (cada um representado por uma letra), cujo valor iniciático também corresponde a seu número de ordem. Por um cálculo bastante fácil, um documento existente fora da Europa permitiu a confecção desse alfabeto: com efeito, os radicais chineses são em número de 214 e então, supondo-se que em tal lista faltem *seis elementos* (não figurados), o total seria 10 vezes 22, valendo o *alfabeto principal* dos chineses dez alfabetos hebreus. O conhecimento destes seis elementos e o da chave denária (das Sephiroth) fornece imediatamente a solução do esoterismo chinês.

Pareceu supérflua a apresentação da própria correspondência existente na *escrita cuneiforme,* se bem que certos eruditos disso pudessem tirar proveito. São Jerônimo também a assinala, e documentos gregos, altamente secretos, a revelam. Entretanto, o que nos foi legado pela Assíria é de tal modo fragmentário, que não se poderia controlar esse esoterismo, em absoluto.

Pareceu mais interessante mostrar dois exemplos de alfabetos criptográficos, cujas letras correspondem apenas às que empregamos ordinariamente: um é de *uso alquímico,* permitindo a leitura de vários textos obscuros, enquanto que o outro é *atribuído aos Templários.* Entretanto, nada pode ser afirmado quanto a este último, porque todos os documentos esotéricos da Ordem do Templo desapareceram.

Enfim, após terem sido assinalados os elementos principais *das figuras simbólicas* (isto é, os desenhos relacionados com o esoterismo gráfico), após ter sido exposta a *significação das diversas cruzes* (independentemente daquelas que constituem elementos simbólicos) e após ser dada, com explicações extraídas de obras herméticas, a lista dos *signos empregados em Alquimia,* reconhecemos a utilidade da menção das *16 figuras ditas de Geomancia* e das *8 figurações dos Koua Chineses* que, entre si, têm mais de um relacionamento e completam este conjunto.

Desta forma, temos todas as indicações concernentes ao esoterismo gráfico.

## Escrita talmúdica (Alfabeto de Esdras)

*Div. Aut.)*

Letras do alfabeto hebreu (disposições ordinárias, segundo Esdras)

| **Números das letras** | **Denominação gramatical** | **Emprego como cifras** | **Significação usual** |
|---|---|---|---|
| 1 | *aleph* | 1 | o homem |
| 2 | *beth* | 2 | a boca |
| 3 | *ghimel* | 3 | a mão que agarra |
| 4 | *daleth* | 4 | o seio |
| 5 | *he* | 5 | o sopro |
| 6 | *vo* | 6 | o olho, a orelha |
| 7 | *zain* | 7 | a flecha |
| 8 | *heth* | 8 | um campo |
| 9 | *teth* | 9 | uma cobertura (de casa) |
| 10 | *iod* | 10 | o indicador |
| 11 | *caph* | 20 | a mão que se fecha |
| 12 | *lamed* | 30 | o braço que se estende |
| 13 | *mem* | 40 | a mulher |
| 14 | *nun* | 50 | uma fruta |
| 15 | *samech* | 60 | a serpente |
| 16 | *hain* | 70 | a ligadura |
| 17 | *pe* | 80 | a boca e a língua |
| 18 | *tsade* | 90 | o teto |
| 19 | *coph* | 100 | o machado |
| 20 | *resh* | 200 | a cabeça |
| 21 | *shin* | 300 | a flecha |
| 22 | *tho* | 400 | o tórax |

*(Pps.)*

Adaptação do alfabeto hebreu ao Tarot

Sucessão de cartas, ditas Lâminas maiores

| **Números das letras** | **Denominação gramatical** | **Significado das lâminas** | **Atribuições astrológicas** |
|---|---|---|---|
| 1 | *aleph* | O mago | Sol |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 2 | *beth* | A porta do templo | Lua |
| 3 | *ghimel* | Isis Urânia | Terra |
| 4 | *daleth* | A pedra cúbica | Júpiter |
| 5 | *he* | O mestre dos arcanos | Mercúrio |
| 6 | *vo* | Os dois caminhos | *Virgem* |
| 7 | *zain* | O carro de Osíris | *Sagitário* |
| 8 | *heth* | Thêmis | *Libra* |
| 9 | *teth* | A lâmpada velada | Netuno |
| 10 | *iod* | A esfinge | *Capricórnio* |
| 11 | *caph* | O leão | *Leão* |
| 12 | *lamed* | O sacrifício | Urano |
| 13 | *mem* | A foice | Saturno |
| 14 | *nun* | O talento humano | *Aquário* |
| 15 | *samech* | Tifão | Marte |
| 16 | *hain* | A torre fulminada | *Áries* |
| 17 | *pe* | A estrela dos magos | Vênus |
| 18 | *tsade* | O crepúsculo | *Câncer* |
| 19 | *coph* | A luz | *Gêmeos* |
| 20 | *resh* | O despertar dos mortos | *Peixes* |
| 21 | *shin* | A coroa | *Touro* |
| 22 | *tho* | O crocodilo | *Escorpião* |

*(Chr.)*

## Esoterismo das Letras Hebraicas

| **Números das letras** | **Denominação gramatical** | **Nomes divinos** | **Símbolos** |
|---|---|---|---|
| 1 | *aleph* | Ehieh | Vontade |
| 2 | *beth* | Bachor | Ciência |
| 3 | *ghimel* | Gadol | Ação |
| 4 | *daleth* | Dagol | Realização |
| 5 | *he* | Hadom | Inspiração |
| 6 | *vo* | Vezio | Provação |
| 7 | *zain* | Zakai | Vitória |
| 8 | *heth* | Chasid | Equilíbrio |
| 9 | *teth* | Tehor | Prudência |
| 10 | *iod* | Iah | Fortuna |
| 11 | *caph* | Metatron | Força |
| 12 | *lamed* | Shadai | Morte violenta |
| 13 | *mem* | Jehovah | Transformação do homem |
| 14 | *nun* | Emmanuel | Iniciativa humana |
| 15 | *samech* | Samech | Fatalidade |
| 16 | *hain* | Jehovah Tsabaoth | Ruína |
| 17 | *pe* | Podeh | Esperança |
| 18 | *tsade* | Tsadek | Decepção |
| 19 | *coph* | Kadosh | Felicidade |
| 20 | *resh* | Rodeh | Renovação |
| 21 | *shin* | Shadai | Expiação |
| 22 | *tho* | Thechinah | Recompensa |

*(Pps. – Chr.)*

## Significado das 22 palavras sagradas

Segundo sua correspondência na Cabala com cada letra hebraica.

1. Ehieh *(essencialmente divino)*
2. Bachor *(escolhido)*
3. Gadol *(grande)*
4. Dagol *(notório)*
5. Hadom *(magnífico)*
6. Vezio *(com esplendor)*
7. Zakai *(puro)*
8. Chasid *(misericordioso)*
9. Tehor *(límpido)*
10. Iah *(divino)*
11. Kabir *(que detém o poder)*
12. Limud *(sábio)*
13. Maborak *(louvado)*
14. Nora (*temível*)
15. Somok *(que sustenta)*
16. Hazaz *(forte)*
17. Podeh *(libertador)*
18. Tsadek *(justo)*
19. Kadosh *(santo)*
20. Rodeh *(que comanda)*
21. Shadai *(todo-poderoso)*
22. Thechinah (*que tem a proteção)*

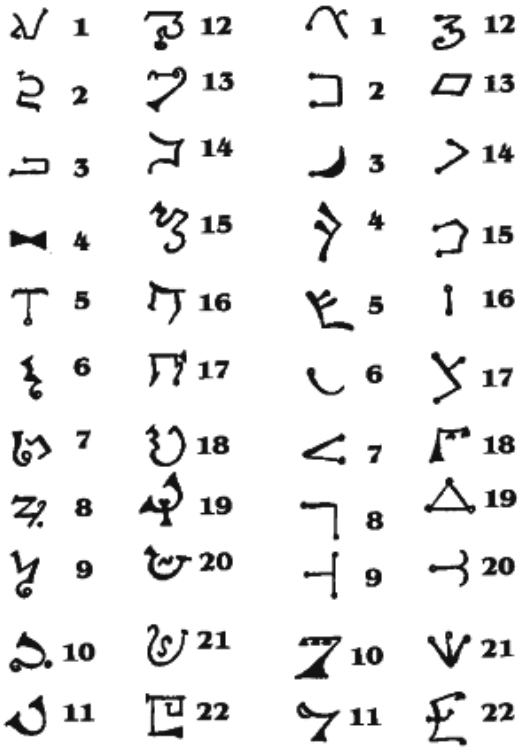
*(Div. Aut.)*

*Nota*: Esta lista difere ligeiramente da precedente, o que denota um ritual variante.

Alfabetos ditos simbólicos (anteriores ao cativeiro da Babilônia)

*(Trith.)*

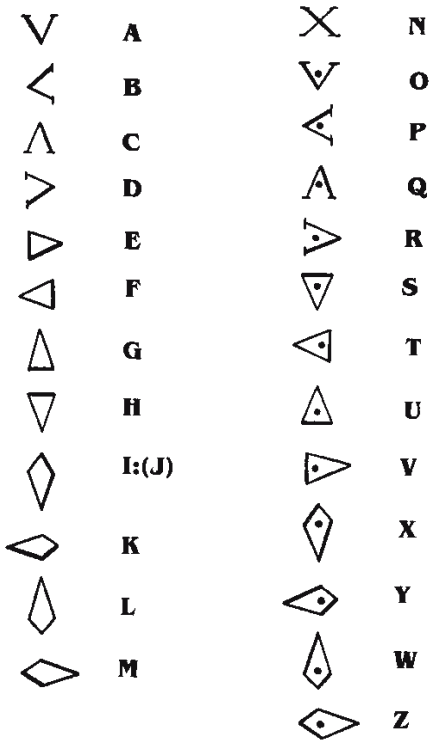
Alfabetos ditos mágicos (variante fantasiosa do hebreu)




Alfabeto de criptografia alquímica

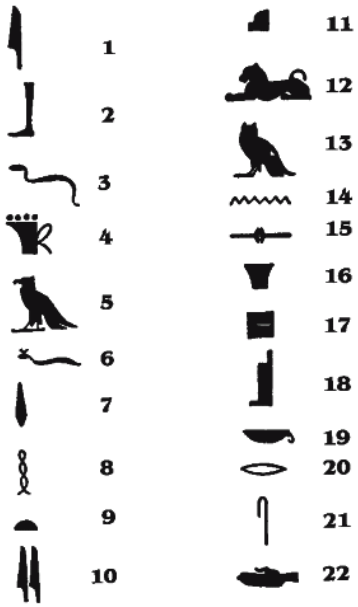
*(Pern.)*

Alfabeto atribuído aos Templários




*(Greg.)*

Alfabeto hieroglífico dos egípcios




*(Doc. Estr.)*

Radicais iniciáticos dos chineses (empregados como símbolos)

*(Doc. Estr.)*

Clavícula geral de Salomão

Esta figura tem o nome de *clavícula geral de Salomão,* por indicar, de maneira geral, o rito e o ritual que eram praticados no que se denomina o *Templo de Salomão,* em linguagem iniciática. Este corresponde apenas de longe ao templo de Jerusalém; entretanto, está estabelecido sob os mesmos princípios e segundo o que é dito a respeito no *Livro dos Reis.*

Neste sentido, as indicações da clavícula são cabalísticas, já que a Cabala é suscetível de fornecer o procedimento explicativo. Em outro, a clavícula se fundamenta na Alta Magia, posto que certos ritos e alguns rituais das cerimônias do Templo ditos de Salomão podem ter, realmente, um caráter mágico.

Diversos autores lhe têm atribuído esse caráter.

*(Doc. Fr.)*

## Chave cabalística

As palavras sagradas IEVE, ADNI, IAI, AEHIEH, lidas no quadrado situado no centro desta figura, recordam quatro ritos que são praticados juntamente com quatro rituais mencionados pela inscrição.

Dois desses rituais, no entanto – o do alto e o de baixo da figura -, possuem duas formas cada um. Para ambos os ritos, em vista disto, deve-se levar em conta o *tempo* em que *é* celebrada a cerimônia.

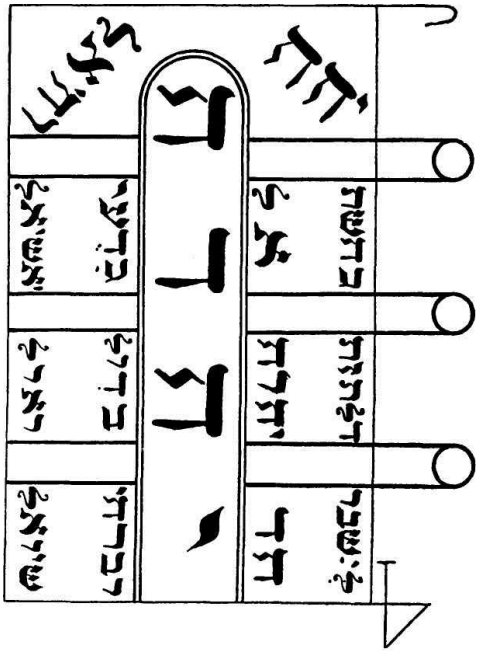
Ora, a clavícula tem por finalidade recordar o *tempo* a ser observado. Para tanto, leva o nome de *clavícula saturnina,* uma vez que o Saturno romano corresponde ao *Crono* grego, expressão divinizada do tempo. De qualquer modo, trata-se do tempo humano, já que o número de letras na inscrição soma 28 e compreende os dois pontos marcados à direita do signo situado no alto da figura, embora o mesmo não esteja compreendido.

Este signo, muito especial e que, por sua forma, recorda uma letra do antigo alfabeto hebreu (dito simbólico) e, entretanto, não se trata de uma, representa simplesmente a letra H do alfabeto latino, de uso vulgar no Ocidente. Não obstante, a letra se encontra deitada, para não ser percebida. É verdade que a letra H corresponde à nona letra hebraica, ח *(heth)*, e esta possui um sentido iniciático muito preciso, permitindo compreender-se a quais cerimônias dizem respeito os ritos e rituais indicados.

Diversos autores consideraram cabalística esta clavícula, com toda justiça.

*Doc. Fr.)*

## Chave esotérica



A figura acima representa uma clavícula de formato particular – até mesmo insólito em seu todo. Seu caráter é eminentemente esotérico, revelado pelo número de letras *inscritas próximo ao traçado mediano* e compreendidas nas seis divisórias laterais, bem como em uma e outra parte da abóbada superior que remata o traçado mediano.

Nas três divisórias da direita, essas letras são em número de 9 e, nas três divisórias da esquerda, em número de. 13. Em si, elas já indicam um emprego especial e convenientemente distribuído dos 22 princípios do alfabeto hebraico.

Entretanto, na parte superior direita, encontram-se 3 outras letras; e na mesma parte, à esquerda, contam-se outras 4, o que eleva a 29 o número total de letras a considerar. Ora, acrescentando-se as muito importantes quatro letras da parte central, o número total final será de 33. Trata-se então de um número *simbólico* a ser considerado.

Além disso, a ponto de ser enganosa, a parte central do desenho, por seu traçado evoca a disposição da sala situada atrás da capela da Ordem do Templo, em Paris, assinalada por Viollet-le-Duc. As divisórias, por seu turno, são constituídas pelas projeções de três colunas deitadas, recordando necessariamente o papel do ternário, no número simbólico 33.

Na Inglaterra, esta clavícula sempre foi considerada como a de Salomão, isto é, referindo-se ao templo dito, iniciaticamente, de Salomão. É conservada no Museu Britânico, entre documentos que o catálogo classifica de rabínicos. Foi publicada em uma obra anônima, intitulada *The Key of Salomon*.

É datada em cifras de Agrippa, 1.522 por 1.000 sobre o traço superior à direita e 522 sobre o traço inferior, também à direita.

*(Doc. Estr.)*

## Elementos das figuras simbólicas

- *Um ponto* — Representa a unidade.

| | | |
|---|---|---|
| — | *Uma linha horizontal* | Representa o princípio passivo. |
| \| | *Uma linha vertical* | Representa o princípio ativo. |
| □ | *Um quadrado* | Representa o quaternário material passivo. Modo simultâneo. |
| ◇ | *Um losango* | Representa o quaternário material ativo. |
| | *Um quadrado atravessado por um losango* | Representa o quaternário material passivo atravessado pelo quaternário material ativo: a geração material obtida através de quatro ternários ou quatro triângulos. |
| △ | *Um triângulo equilátero* | Representa o ternário neutro. Modo sucessivo. |
| △ | *Um triângulo isósceles, com o vértice para o alto* | Representa o ternário evolutivo. |
| ▽ | *Um triângulo isósceles, com o vértice para baixo* | Representa o ternário involutivo. |
| + | *Uma cruz de braços iguais* | Representa o quaternário espiritual neutro. |
| | *Uma cruz com o braço inferior mais longo* | Representa o ternário superior (arquétipo) acionando o quaternário espiritual. Modo ativo. |
| | *Uma cruz com o braço superior mais longo* | Representa o quaternário espiritual acionando o ternário inferior (humano). Modo ativo. |
| | *Uma cruz de braços iguais, apresentando uma segunda cruz sobre a face superior* | Representa o quaternário espiritual, acionado pelo ternário. Modo passivo. |
| × | *Uma cruz deitada* | Representa o quaternário espiritual ativo. |
| | *Uma cruz direita, superposta por uma cruz deitada* | Representa o quaternário espiritual neutro atravessado pelo quaternário espiritual ativo: a geração espiritual. |
| | *Um quadrado atravessado por uma diagonal* | Representa o quaternário material subdividido em duas partes, regidas cada uma por um ternário. Modo neutro. |
| | *Um quadrado atravessado por suas duas diagonais* | Representa o quaternário material passivo acionado pelo quaternário espiritual ativo, apresentando quatro subdivisões, regidas cada uma por um ternário. Modo passivo. |

| | | |
|---|---|---|
| | *Um losango atravessado por suas duas diagonais* | Representa o quaternário material ativo acionado pelo quaternário espiritual neutro. Modo neutro. |
| | *Dois triângulos equiláteros que se atravessam* | Representa os dois mundos (macrocosmo e microcosmo) regidos pelo ternário. Modo neutro, expressão do conhecimento. |
| | *Uma circunferência* | Representa o Infinito ou o Universo ou todo e qualquer objeto. |
| | *Uma circunferência com um ponto em seu centro* | Representa o centro do Infinito Representa a causa primeira; ou ainda o centro particular de um mundo. |
| | *Uma circunferência com seu diâmetro* | –o movimento geral nos dois mundos. Modo comparativo. |
| | *Uma circunferência com dois diâmetros que se cortam em ângulo reto* | Representa o quaternário espiritual no Universo. Modo neutro em uma totalidade. |
| | *Uma circunferência inscrevendo um triângulo equilátero* | Representa o ternário do Universo. Modo sucessivo em uma totalidade. |
| | *Uma circunferência inscrevendo um quadrado* | Representa o quaternário material no Universo. Modo passivo em uma totalidade. |
| | *Uma circunferência com seus dois diâmetros se cortando em ângulo reto e inscrevendo um quadrado* | Representa os dois quaternários (espiritual e material) no Universo, subdividindo este último em quatro partes, regidas cada uma por um ternário. Modo ativo em uma totalidade. |
| | *Uma circunferência com seus dois diâmetros se cortando em ângulo reto e inscrevendo um triângulo equilátero* | Representa o quaternário acionado pelo ternário, no Universo. Modo construtivo em uma totalidade. |
| | *Uma cruz de braços iguais, tendo em cada extremidade dos mesmos um ângulo reto.* (Ver a cruz gamada) | Representa o quaternário subdividindo-se em quatro ternários para produzir o movimento. Modo evolutivo. |
| | *Um pentágono estrelado* | Representa o número 5 ou o restante esotérico necessário para que o iniciado passe de 7 a 12. Modo sensorial. |
| | *Três pontos em triângulo* | Representa a afirmação do ternário e do sucessivo. |

*Quatro pontos em quadrado* — Representa a afirmação do quaternário e do simultâneo.

*Seis pontos em hexágono* — Representa a afirmação do saber.

*(Doc. Partic.)*

## Significação das Cruzes Diversas

A origem de todas as cruzes consta da figura muito simples que, em uma circunferência, é formada por dois diâmetros que se cortam em perpendicular.

Não existe motivo para que se veja nessa figura um símbolo efetivamente misterioso, nem de nele reconhecer-se uma anterioridade iniciática qualquer. Pouco importa quem a tenha traçado, como tampouco importa quem a teria imaginado e onde.

Entretanto, o que denuncia certeiramente uma ideia esotérica (e talvez sempre iniciática) é a forma particular que uma cruz pode apresentar.

Tal forma oferece inúmeras variantes; as principais, das quais foram extraídas todas as outras, são:

Figura simples e primordial, exprimindo a orientação sobre uma superfície qualquer.

*Cruz dita de Santo André* e adotada na Escócia pela ordem de cavalaria do mesmo nome (reproduzida na bandeira britânica, a fim de, com a cruz precedente, constituir a *Union Jack);* exprime o valor do raio, reportado à periferia, para evocar um hexágono não traçado.

*Cruz flechada* indicando a direção das forças centrífugas em um ponto central.

*Cruz latina,* considerada erudita, ao constituir-se por um diâmetro da circunferência e um lado do triângulo equilátero que é traçado em seguida à extremidade inferior do diâmetro idealizado. (Esta cruz constitui, por si só, toda a chave da doutrinas metafísicas do Cristianismo.)

*Cruz gamada, dita suástica,* indicando o sentido no qual se exercem as forças periféricas (as *gamas,* que formam os braços, podem tanto marcar um sentido direto como um sentido retrógrado, então dirigindo-se para a direita ou esquerda da figura. Tudo depende do que se queira expressar).

*Cruz duplificada,* exprimindo forças paralelas de caráter centrífugo.

*Cruz dita de Malta,* tendo sido adotada pela ordem de cavala ria do mesmo nome; exprime a direção centrípeta das forças.

*Cruz pattée, dita do Templo,* por ter sido adotada pela ordem de cavalaria do mesmo nome; representa a disposição das forças sobre uma circunferência (deste modo, esta cruz constitui uma chave geral para a teoria iniciática).

*Cruz triangulada, dita teutônica,* tendo sido adotada pela ordem de cavalaria do mesmo nome; composta de quatro triângulos em direção centrípeta, exprimindo assim a disposição das forças construtivas em um ponto de vista objetivo.

*Cruz ovalizada,* que constitui um traço contínuo de curvas reunindo-se ao centro; representa, desta forma, o movimente contínuo de forças em todo ser vivo, movimento que toma a aparência centrípeta ou centrífuga, segundo consideramos um ou outro lado de cada oval (esta cruz é a chave através do qual são efetuadas as separações dos *elementos fundamentais* de acordo com a sexta proposição da *Tábua de Esmeralda).*

*Cruz abrochada,* constituída por quatro pequenas circunferências situadas na extremidade dos braços e representando as superfícies que devem ser consideradas nos quatro pontos cardeais de todo espaço circunscrito.

*Cruz lunada,* representando efetivamente as quatro circunferências tangentes à que circunscreve um espaço (figurado pelos diâmetros perpendiculares), mas também representando as quatro fases da Lua.

As cruzes têm servido de *assinatura* com frequência. Entretanto, não se poderia, neste caso, atribuir-lhes realmente um valor individual, pois toda cruz não passa de uma marca distintiva de coletividade.

Por outro lado, os *labirintos* têm sido tomados por assinaturas. Examinando-se melhor, eles não podem sê-lo, pois constituem *traçados contínuos,* que indicam um *caminho a seguir,* enquanto que uma assinatura, pelo contrário, representa um *ponto definido de suspensão* (ao pé de uma obra qualquer, ela afirma a *definição* da personalidade do autor, chegada á qual o pensamento deve ser *suspenso,* quando dita obra é examinada).

Em geral, os labirintos traçados pelos "companheiros" no pavimento de certas catedrais indicam a *via a seguir* para ser reencontrado o "fio" desenrolado do simbolismo. O labirinto do Minotauro, cujo desenho era cunhado nas medalhas da cidade de Gnosse (durante muito tempo tomadas por moedas), servia aos "novos iniciados" para reencontrarem seu caminho no "Dédalo" de corredores comportados pelo célebre templo da ilha de Creta – como acentuaram, justamente, arqueólogos ingleses.

*(Doc. Part.)*

## Sinais Alquímicos

Sinais alquímicos, referindo-se às expressões usadas comumente em hermetismo.

ACETUM – *Vinagre* (água mercurial dos sábios).

ACETUM DISTILLATUM – *Vinagre retificado* (vinagre muito ácido).

ACIDUM – *Ácido* (ou filosófico, dito enxofre dos sábios).

AER – *Ar* (mercúrio sutilizado, do qual a águia *é* o símbolo).

AERAMENTUM – *Bronze de Hermes* (matéria dos filósofos, da qual o leão verde é o símbolo).

ALUMEN – *Alúmen* (princípio do sal filosófico nos minerais).

ALAMBIC – *Alambique* (princípio mercurial da destilação no recipiente chamado Aludel).

AETHER – *Éter* (luz intramineral).

AMÁLGAMA – *Amálgama* (união do enxofre filosófico ao mercúrio dos sábios).

AMMONIUM – *Amoníaco* (matéria da Grande Obra, no início da cor branca).

AQUA – *Água* (princípio do mercúrio filosófico).

AQUA FORTIS – *Água-forte* (vinagre muito ácido, empregado na dissolução).

AQUA PLUVIALIS – *Água da chuva* (dissolvente natural do ouro).

AQUA REGIA – *Água régia* (dissolvente artificial do ouro).

ARENA – *Fogo de areia* (estado intermédio do princípio que constitui a luz intramineral).

ARGENTUM – *Prata* (matéria da Grande Obra, elevada ao branco perfeito).

ARSENICUM – *Arsênico* (ouro dos sábios, dito enxofre dos filósofos).

AURI PIGMENTUM – *Auripigmento* (enxofre dos filósofos, contido no mercúrio).

AURUM – *Ouro* (princípio da sabedoria).

AURANTIORUM – *Tintura que ilumina os corpos* (enxofre sublimado cor de ouro).

BALNEUM ARENAE – *Banho de areia* (utilização da luz intramineral).

BALNEUM MARIAE – *Banho-maria* (utilização do mercúrio dos filósofos).

BALNEUM VAPORIS – *Banho de vapor* (utilização do mercúrio dos sábios).

BARYTA – *Barita* (princípio do enxofre dos sábios).

BISMUTH – *Bismuto* (segundo grau na operação da Grande Obra).

BORAX – *Bórax* (ar na luz intramineral).

CALCARIA – *Forno de cal* (modo de emprego do enxofre dos sábios).

CALCARIA USTA – *Forno para cal em combustão* (início do modo de emprego do enxofre dos sábios).

CAMPHORA – *Cânfora* (recipiente usado para a operação da Grande Obra).

CÂNCER – Signo *de Câncer* (indicação da pedra filosofal levada ao rubro).

CAPUT MORTUUM – *Cabeça de morto* (resíduo de toda operação alquímica).

CARBO – *Carvão* (substância empregada no ensaio da matéria da Grande Obra).

CARBONICUM – *Tintura natural* (dizia-se carbônica a matéria da Grande Obra após o ensaio).

CARDUUS BENEDICTUS – *Cardo bento* (rudimentos da alquimia).

CARDUUS MARIANUS – *Cardo mariano* (rudimentos da filosofia).

CERA – *Cera* (matéria dos sábios, amassada ao branco).

CINERE CLAVATI – *Fixação da cinza* (elementos digeridos do volátil).

CINIS – *Cinzas* (matéria dos filósofos, purificada no recipiente ou vaso).

CINNABAR – *Cinábrio* (mercúrio dos sábios, sublimado e levado ao rubro).

C.C. CORNU CERVI – *Chifre de cervo* (conversão da matéria em ar, no primeiro grau da operação da Grande Obra).

XHE CRYSTALLI – *Cristais* (princípios fundamentais da Alquimia).

CRUCIBULUM – *Fornalha dos filósofos* (recipiente em forma de torre, onde a matéria da Grande Obra é mantida ao fogo, através de um forno circular).

♀ CUPRUM – *Cobre* (matéria da Grande Obra no estado negro, dito *latão*, desde que entra em putrefação).

DISTILLARE – *Destilar* (efetuar, na Grande Obra, a operação que consiste em mudar a natureza e propriedade das coisas).

♂ FERRUM – *Ferro dos filósofos* (estado da matéria da Grande Obra, no início do rubro).

Fict. FICTILE – *Argila* (base da sabedoria que se encontra encerrada na caverna secreta).

FIXUM – *Fixo* (parte insolúvel do enxofre).

Fl. FLORES – *Flores* (espíritos contidos na matéria da Grande Obra).

GUMMI – *Gomas* (estados diversos sob os quais se apresenta a matéria da Grande Obra).

HORA – *Hora* (observação do determinismo da hora).

HYDRARGYRUM – *Hidrargírio, azougue* (mercúrio dos filósofos).

HYDRARGYRUM MURIATUM PRAECIPITATUM – *Mercúrio dissolvido precipitado* (azougue coagulado e purificado).

HYDRARGYRUM CORROSUM – *Mercúrio corrosivo* (dissolvente do ouro).

IGNIS – *Fogo* (princípio mercurial dos metais).

KALI – *Álcali* (base da operação dos sábios).

LÁPIS – *Pedra filosofal* (substância que constitui o pó de projeção).

LITHARGYRUM – *Litargírio* (matéria da Grande Obra, tornada em branco puro).

MAGNES – *Magnetita* ou *imã* (substância filosofal para multiplicar a água mercurial na ganga dos minerais ou terrosa).

MAGNESIA – *Magnésia* (matéria da qual é extraído o mercúrio dos filósofos).

MENSTRUUM – *Mênstruo dos filósofos* (mercúrio de banho-maria).

NATRUM – *Nitro* (purificação do vidro, no segundo grau da operação da Grande Obra, quando do *Elixir* terminado ao rubro).

NITRUM – *Água nitrosa* (mie do mercúrio dos filósofos).

OLEUM – *Óleo* (fogo secreto dos sábios, empregado com o sal e o enxofre).

OXYDATUM – *Oxidado* (qualificativo do estado da matéria da Grande Obra, no início da operação, quando do Rébis).

OXYDULATUM – *Rébis* (primeiro grau da operação da Grande Obra, em que a matéria se oxida).

Pd. PER DELIQUIUM – *Transvasamento* (passagem do modo filosofal para o modo dos sábios).

PLUMBUM – *Chumbo* (matéria da Grande Obra no estado negro).

PRAECIPITARE – *Precipitar* (separar o fixo do volátil).

PRAEPARARE – *Preparar* (operar no ovo filosofal, antes de empreender a Grande Obra).

PULVIS – *Pó de projeção* (pedra filosofal pulverizada para a transmutação aos metais.).

REGULUS – *Regulo* (princípio do composto filosofal de enxofre e mercúrio).

RESINA – *Resina* (modo de aplicação do enxofre filosófico).

RETORTA – *Retorta* (vaso recurvado contendo uma chama cor de chumbo).

SACCHARUM – *Suco* (mercúrio extraído da matéria da Grande Obra, em um grau qualquer da operação).

SAL – *Sal* (princípio fixo).

SAL AMMONIACUM – *Sal amoníaco dos filósofos* (matéria da Grande Obra, durante sua sublimação).

SAL MEDIUS – *Sal médio* (sal de terra contido no mercúrio dos sábios).

SAPO – *Sabão dos sábios* (azoth utilizado na preparação da matéria da Grande Obra).

SPIRITUS – *Espírito universal* (nitro espalhado no ar).

SPIRITUS VINI – *Espírito de vinho* (enxofre utilizado na extração dos princípios).

SPIRITUS RECTIFICATUS – *Espírito retificado dos filósofos* (mercúrio empregado como dissolvente).

SPIRITUS RECTIFICATISSIMUS – *Espírito sublimado dos sábios* (mercúrio purificado, extraído da ganga dos metais).

STANNUM – *Estanho dos filósofos* (mercúrio branqueado).

STIBIUM – *Antimônio* (composto de enxofre e de mercúrio, extraído da ganga dos metais, quando esta passa do estado de *magnésia*, por efeito da *magnetita).*

STRATUM SUPER STRATUM – *Cobertura hermética* (oxido negríssimo, que aparece na putrefação, em seguida a coberturas superpostas).

SUBLIMARE – *Sublimar* (purificar a matéria da Grande Obra por dissolução e redução de seus princípios).

SUCCINUM – *Âmbar* (princípio do mercúrio dos sábios).

SULPHUR – *Enxofre* (princípio volátil).

TARTARUS – *Tártaro* (dissolvente geral).

TERRA – *Terra* (ganga dos metais fornecido a matéria da Grande Obra).

TERRA FOLIATA – *Terra folhada* (estado oxidado da matéria da Grande Obra, a partir de sua extração da ganga dos metais).

TINCTURA – *Tintura* (substância muito pura, empregada nos diversos graus da Grande Obra).

VITRIOLUM – *Vitriol (arcano* principal da Grande Obra).

VITRIUM – *Vidro* (substância que constitui as faces internas do *alambique).*

VOLATILE – *Volátil* (qualificativo de tudo que toma o aspecto de enxofre).

URINA – *Urina de crianças* (parte da ganga dos metais de onde se extrai o mercúrio).

USTARE – *Queimar* (cozimento da matéria da Grande Obra, tratando-a pelo fogo).

ZINGUM – *Zinco* (mistura de metais que não se encontram em estado de maturidade).

*(Doc. – Doc. Fr. – Pern. – Duc.)*

*Nota.* Para uma conveniente compreensão da linguagem especial usada pelos hermetistas, devemos recordar que a alquimia tem por objetivo uma operação chamada *Grande Obra.* O resultado por ela obtido leva o nome de *transmutação dos metais em ouro ou prata:* trata-se da obtenção de uma *modificação* nos *princípios* representados pelos *planetas* do sistema solar, a fim de que possam ser identificados com aqueles representados pelo Sol *(ouro)* ou pela Lua *(prata).*

A alquimia considera que a *Grande Obra* pode ser realizada de duas maneiras, ambas comparáveis, mas sem serem positivamente superpostas. Uma é a dos *filósofos,* outra a dos *sábios.*

Seja como for, de uma ou outra maneira, a *matéria* da Grande Obra é concebida como sendo composta de três princípios vizinhos: o *sal,* cujo caráter *é fixo, o enxofre,* cujo caráter *é volátil* (isto é, variável) e o *mercúrio,* cujo caráter é intermediário e *misto.*

Em sua maioria, as expressões empregadas pelos hermetistas foram utilizadas na química: as referências latinas, encontradas na relação acima, embora essencialmente alquímica, referem-se com maior particularidade a este uso.

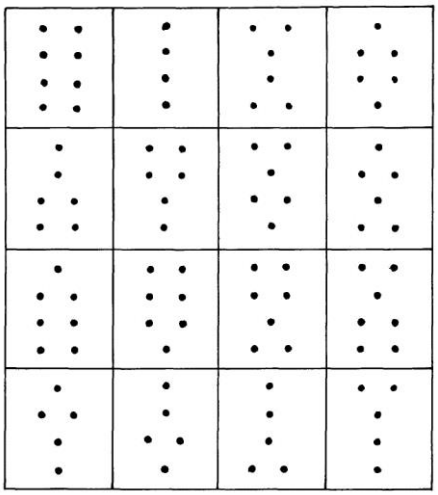
*(P. P. – Doc. Fr.)*

## Figuras distribuidoras (ditas figuras de geomancia)

As figuras encontradas mais adiante são representadas por uma composição de pontos. Neste sentido, servem à arte divinatória que leva o nome de geomancia, sempre de prática corrente entre os árabes. Em realidade, tais figuras remontam a uma grande antiguidade, tendo mesmo constituído a própria base da *ciência dos Augures,* que os romanos tomaram de empréstimo aos etruscos.

São elas utilizadas como *distribuidoras* de outras figuras ou símbolos, empregadas diversamente em todas as formas de Magia, como no esoterismo em geral. São encontradas em inúmeras obras de arte – por exemplo, no famoso mosaico de São João de Latrão, onde São Pedro devolve a estola ao Papa e o estandarte a Carlos Magno; cada um desses personagens está acompanhado de uma figura dita de geomancia.

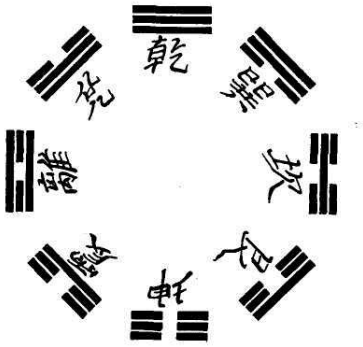
## Aspectos das figuras geomânticas



Por outro lado, convém considerarmos as figuras denominadas *Koua* e mostradas a seguir.

Tais figuras são geralmente empregadas para a repartição de ideias ou objetos sobre um determinado espaço. Sua disposição octogonal, em si, já constitui uma clavícula, desta forma apresentando grande importância iniciática, em todos os sentidos.

Figuras de repartição (denominadas *Koua* pelos chineses)




*Nota.* Os oitos trigramas, denominados *Koua,* foram inventados por Fo-hi, por volta do ano 3468 a.C. Os símbolos que vemos na reprodução acima são os oito *Koua* simples que, se combinando dois a dois, um acima do outro, formam as 64 figuras de que sempre se servem os chineses para a adivinhação.

Sáo compostos de *traços completos* e *traços separados* (em três).

Seu significado é o seguinte, segundo reproduz o desenho:

Três traços completos: o céu *(K'ien).*
Três traços separados: a terra *(K'oven).*
Um traço separado, entre dois traços completos: o fogo *(Li).*
Um traço completo entre dois traços separados: a água *(K'an).*
Um traço separado (para o centro do círculo) e dois traços completos (para o exterior): o lago *(Tovei).*
Dois traços completos (para o centro do círculo) e um traço separado (para o exterior): o vento *(Souen),*
Dois traços separados (para o centro do círculo) e um traço completo (para o exterior): o trovão *(Tchen).*
Um traço completo (para o centro do círculo) e dois traços separados (para o exterior): a montanha *(Ken).*

*(Phil. – L. de R.)*

## VIII – DISTINÇÃO DAS PERSONIFICAÇÕES ATUANTES

### Categorias diversas das personificações

Em todas as épocas que precederam o Cristianismo, os antigos empregaram o *método mítico,* para poderem falar do que é abstrato.

O extraordinário neste método é o fato de ser bem mais atraente que o empregado pelos autores de tratados metafísicos. Com o Cristianismo, no entanto, ele foi inicialmente rejeitado, como pagão e

prescrito, em seguida esquecido pouco a pouco. Em resultado, os mitos gregos, egípcios, assírios e também hebreus se tornaram letra morta.

Ora, em virtude do dito método – e nos três mundos acima daquele da ação (isto é, acima da natureza terrestre) – cada energia superior tinha recebido uma personificação. Muitas dentre essas personificações – as mais gerais – possuíam sua história ou mito, este expunha o papel e o tornava compreensível. Alguns, segundo a própria definição do símbolo, correspondiam a realidades efetivas e, portanto, a personagens que tinham vivido realmente. Em vista disso, por vezes há confusão em torno deles. Os historiadores, no entanto, com auxílio da arqueologia, reconheceram perfeitamente que, se tais personagens reais houvessem tido uma existência patente, não teriam ou não poderiam ter cumprido todas as façanhas contadas nos mitos.

Compreende-se sem dificuldades que, para uma exposição simbólica da filosofia com as histórias vividas, é necessário que a verdade sofra inúmeras distorções. Daí se originam as inverossimilhanças encontradas em quase todos os mitos que, há muito, os têm feito passar por fábulas.

Entretanto, as personificações de energias menos gerais no universo não podem ficar absolutamente sem mitos, por assim dizer. Aí, a particularização necessita de muita complexidade – e apenas os hindus, a quem o detalhe não assusta, ousaram expor simbolicamente, em seus volumosos escritos, o papel das múltiplas personificações ali tratadas.

Os egípcios, gregos e hebreus contentaram-se em examinar globalmente cada categoria – de qualquer modo, com extensão de detalhes mais ou menos alongados, segundo a "mentalidade" das raças.

Existe, portanto, toda uma hierarquia destas personificações – a palavra hierarquia tendo sido criada precisamente para caracterizar, em cada categoria, a graduação obrigatoriamente considerada.

Nesta ordem de ideias, é possível passar-se por uma categoria em silêncio, caso ela seja considerada secundária; entretanto, a compreensão ficaria deturpada se, em uma categoria, não for mencionada a hierarquia completamente.

Por outro lado, ninguém se deu a tal cuidado; e, se os gregos parecem mais simples neste sentido que os egípcios e, sobretudo os hebreus, o motivo é que, para manter uma certa clareza sobre um tema que se presta a confusão, eles preferiram ater-se às generalidades.

Os hebreus foram mais minuciosos – e bastante, caso se confie em sua Cabala que, também nisto, permite entender-se o comportamento da Magia. Entretanto, traduzidas para o grego no início do Cristianismo e, sobretudo, derivadas de seu sentido helênico em seguida, as expressões hebraicas adquiriram acepções bastante distanciadas – por vezes – de seu verdadeiro sentido.

*(Doc. Estr.)*

Elevando-se imediatamente acima do mundo da ação *(dito Aziah* na Cabala, e que é a Natureza terrestre), encontra-se o domínio mais inferior do mundo da formação (dito *Itezirah* na Cabala): aí residem as forças do sistema solar, do qual fazem parte o Sol, a Lua e os planetas.

Aí residem, portanto, os *Anjos hebraicos* – ou, preferentemente, o que em grego (nos tempos de Bizâncio) imaginou-se representar pela palavra *aggeloi,* que quer dizer *mensageiros.*

Com efeito, não foi fácil levar para o grego o que os hebreus entendiam por *haïoth-hakodesch:* traduzida comumente, a expressão *animados de santidade* (do latim *animalia sanctitatis)* significa melhor *entidades existentes e dotadas de força vital, às quais deve ser atribuído um caráter*

*sagrado, em razão de seu estado superior.* Verificou-se, no entanto, que as personificações aferentes às energias do sistema solar eram as mais inferiores nas categorias designadas globalmente por *haïoth-hakodesch* – as quais compreendem todas as energias do Universo e, para melhor dizer, do Universal.

Em linguagem helênica, encontrou-se uma feliz palavra para bem exprimir o *papel* assumido por cada uma destas personificações, no funcionamento das "coisas": é a palavra *aggelos.* Efetivamente, toda energia cósmica se conduz, no Universo, como se estivesse cumprindo uma *missão definida,* por ordem da Divindade (ou da Providência).

Além do mais, a palavra evocava a maneira pela qual a Astrologia compreende o papel energético dos astros. Cada astro, por sua posição, *anuncia* um fato; e o *aggelos* grego é um *mensageiro que anuncia alguma coisa:* é uma espécie do arauto d'armas, como se dizia nos tempos da cavalaria.

Os *haïoth-hakodesch,* contudo, não representavam forças localizáveis nos astros do sistema solar, de maneira que os hebreus então idealizaram nove categorias, superiores umas às outras. Apesar de sua grande flexibilidade, o idioma grego foi impotente para traduzir as expressões hebraicas; é de crer que, além disso, aumentou a confusão que já nascera com o emprego da palavra *aggebs.* Desta forma, as diversas personificações compreendidas entre os *haïoth-hakodesch* se tornaram Anjos, indiferentemente.

Bem considerando, no entanto, os Anjos do sistema solar referiam-se ao mundo da formação, enquanto que no mundo da ação (e da Natureza terrestre), existiam outras forças, com sua personificação hebraica. Surgiu uma saída airosa, quando a palavra *Anjo* ficou reservada para estes últimos, sendo conferida aos primeiros a dignidade de *Arcanjo* que, afinal de contas, em grego quer dizer *Anjo primordial.*

Assim sendo, desde o início o Cristianismo teve nove categorias de Anjos, das quais fazem parte os Arcanjos e os *Anjos Menores.* Os artistas representaram estes últimos como crianças, uma vez que eram considerados menores (só que hierarquicamente). As categorias angélicas passaram a ser chamadas de *coro,* cada uma, posto que a palavra – também grega – significa um *conjunto de objetos ou pessoas que se movem em uma ordem simétrica* – isto levando a pensar que então era feita uma ideia bastante exata dos *modos vibratórios* e de seu *processus* no Universo.

*(Div. Aut. -Chass.)*

Os *haïoth-hakodesch* compreendem, em hierarquia descendente:[28]

Os Seraphim, em português denominados Serafins.

---

[28] A hierarquia dos *haïoth-hakodesch*, apresentada por Mestre Piobb, difere das apresentadas por autores também considerados. A ordem descendente para alguns é em número de 10 e difere também de classificação. Conservamos a ordem de Piobb porque se trata de um formulário e a origem *é* de *Div. Aut.* Porém, como nosso intuito é ajudar o leitor, aqui vai a ordem diferente considerada por MacGregor Mathers *(The Kabatlah Un*veiled); Papus *(La Cabbale*); Zaniah; e F.V. Lorenz *(Cabala),* etc.

1. Haïoth Hakodesh – Serafins
2. Ophanim – Querubins
3. Aralim – Tronos
4. Hashemalim – Dominações
5. Sheraphim – Virtudes
6. Malakhim – Potestades
7. Elohim – Principados
8. Beni-Elohim – Arcanjos
9. Kherubim – Anjos
10. Ishim – Almas (N.C.)

Os Cherubim,em português denominados Querubins.
Os Aralim, em português denominados Tronos.
Os Haschmalim, em português denominados Dominações.
Os Tharschisim, em português denominados Potestades.
Os Malakim, em português denominados Virtudes.
Os Elohim, em português denominados Principados.
Os Beni-Elohim, em português denominados Arcanjos.
Os Aischim, em português denominados Anjos.

*(Div. Aut.)*

As denominações em português reproduzem – mas não traduzem – as que foram adotadas em latim, para que o significado dos vocábulos hebraicos fosse tornado o mais exato possível. Com as modificações de sentido que as expressões sofreram através do tempo, disso resultou alguma confusão.

Até *Potestades,* todas as categorias foram bem designadas. Além daí, entretanto, além do já considerado a respeito dos Anjos e dos Arcanjos, as denominações de *Virtudes* e *Principados* são justas apenas no sentido que somos tentados a dar-lhes.

O termo latino *Virtus* significa exatamente *força moral* (por oposição à força material). Ele evoca uma ideia de influência e de efeito (o português emprega a expressão *em virtude de,* para dizer *em razão de).* Deduz-se, então, o que se compreende por *virtutes,* quando se trata de personificações angélicas.

O termo latino *principatus,* no entanto, não quer dizer *principados,* em absoluto, no sentido português da expressão. Ele significa *principio* ou *origem* e ainda *começo;* desta forma, evoca precisamente o papel dos *Elohim* hebraicos, tal como Moisés acentuou, desde as primeiras palavras do Gênesis.

Os vocábulos latinos em questão foram escolhidos por São Jerônimo, a fim de conservar todo o valor iniciático dos termos empregados pelos hebreus. Porque, em seu Prefácio Galeático da Vulgata, São Jerônimo indicou claramente a que ponto conhecia a *Gnose,* portanto, a Cabala.

*(Doc. Fr. – Lebai.)*

As categorias de *haïoth-hakodesch* são em número de nove. Assim, elas constituem um novenário que, segundo a *chave por adição,* indica o *saber* e, segundo a *chave por multiplicação* (ou construção geométrica), indica o *deslocamento* e, por conseguinte, o movimento; logo, este implica a energia motriz.

O número 9, no entanto, pode ser também tomado como *evocador* e *figurativo* (trata-se de um número misto, como fará compreender a exposição referente aos números, fornecida mais adiante).

Desta forma, considerar que as nove categorias de *haïoth-hakodesch* constituem um *saber,* equivale a tomar o 9 na qualidade de número evocador e raciocinar segundo a chave por adição. Assim, sabe-se como as energias idealizadas se ordenam para atuar, mas não como elas atuam.

Tomando-se o 9 na qualidade de número figurativo e raciocinando segundo a chave por multiplicação, ter-se-ia, ao contrário, sua ação. Portanto, o número figurativo 9 toma o aspecto *energético.* A construção do eneágono, que é muito engenhosa e exige o conhecimento da hipérbole (ou da concóide, segundo os antigos), ressalta perfeitamente a legitimidade deste aspecto energético.

Assim sendo, todas as construções geométricas que procedem do eneágono assumem o mesmo aspecto; e, se o polígono de 18 lados representa apenas equilíbrio em um *energetismo* geral, os polígonos de 36 e 72 lados representam, em compensação, as distribuições de energia.

Daí os 36 *decanos*, egípcios e gregos, divinizados por motivo de sua ação superior; também daí os 72 *gênios* hebraicos, tomados como divinos em vista de uma idêntica consideração.

*(Doc. Fr.)*

Quando, entretanto, se fala de energia e de "correntes" (esta expressão é empregada para facilitar a compreensão), tem-se a oportunidade de perceber uma distinção entre a força utilizada e seu veículo. Isto é, tomando-se um exemplo vulgar, tem-se oportunidade de considerar a corrente elétrica, por um lado e, por outro, o fio por onde ela passa.

Toda a argumentação aplicada à corrente deve, necessariamente, ser feita segundo os números figurativos – porque se trata de uma *forma* de energia. Ao passo que toda argumentação aplicada ao veículo (o cabo ou fio, do exemplo anterior) deve, ao contrário, ser feita segundo os números evocadores – porque se trata de um *substratum* sobre o qual passa (ou corre) a energia.

Levando em conta esta distinção, os antigos catalogaram *unicamente* 7 energias planetárias, personificadas pelos Arcanjos. Com efeito, o conjunto arcangélico constitui um *circuito*, sobre o qual passam 7 modalidades de uma forma especial da energia universal, que é denominada planetária, para caracterizá-la.

Quando foi considerada a *demonologia*, estas 7 personificações tiveram sua réplica em 7 Demônios. Em um sentido, tal maneira de ver poderia corresponder à oposição (apenas moral e em absoluto física) dos efeitos maléficos dos astros e seus efeitos benéficos.

Ora, excetuando-se algumas variantes (devidas a confusões feitas por motivo de sucessão dos signos planetários), os 7 Arcanjos sempre tiveram correspondências precisas com os astros do sistema solar. Os 7 Demônios, ao contrário, jamais receberam atribuições válidas.

O motivo disto é que os Demônios – produzidos já por uma confusão de tradições – não podiam ser convenientemente ordenados segundo a teoria mecânica da Cabala. Neste sentido, reconhece-se, sem dificuldade, que os Demônios só teriam capacidade para semear a desordem.

*Nota.* As poucas variantes constatadas nas atribuições dos Arcanjos aos planetas originam-se do fato de serem as sucessões dos signos planetários mais numerosas que as mencionadas nos tratados de astrologia. Tais sucessões representam todos os *processus harmônicos* nas manifestações das modalidades energéticas. A Magia astrológica, no entanto, havendo permanecido secreta – justificadamente – fez com que os vulgarizadores da época Alexandrina apenas suspeitassem disso. Mais tarde, foi percebido que certos Arcanjos – em outras palavras, certas energias planetárias – não correspondiam muito exatamente às atribuições conferidas. Quis-se uma retificação, daí resultando as variantes.

Neste sentido e sempre agindo com prudência, o Cristianismo limitou-se a considerar somente três Arcanjos hebraicos: *Miguel*, *Gabriel* e *Rafael*, que foram santificados pela tradução latina da expressão hebraica *Kadosch*.

Da mesma forma, certos hebraístas, quando da renovação intelectual do século XI, frequentemente reservaram a denominação de *haiöth-hakodesch* apenas aos Serafins e, querendo ser mais claros, modificaram as denominações de certas categorias, substituindo-as por seus equivalentes hebreus.

*(Doc. Estr. – Doc. Fr.)*

Referindo-se unicamente aos três mundos superiores e ao da Natureza terrestre, as hierarquias precedentes deixaram de lado aquelas que concerniam ao mundo da ação *(Aziah).*

Tudo aquilo que leva o nome genérico de *Elemental*[29] ou de *Espírito* representa uma personificação das forças deste último mundo, que é o mais inferior do *esquema cabalístico.*

Os *Elementais* (o plural *Elementares é* igualmente aceito) são em geral considerados como dependendo *diretamente* da matéria ou dos estados da matéria – nisto estando compreendidas as energias físicas, tais como a eletricidade, o vento, as forças do calor, as resultantes das combinações químicas e também o fogo, a força da gravidade, etc, em resumo, tudo aquilo de que se ocupam a física e a química.

Os *Espíritos* personificam as forças que agem *indiretamente* sobre a matéria – tais como as energias intra-atômicas, a afinidade química, as forças geradoras que permitem a procriação dos seres vivos, as energias construtoras destes mesmos seres, as quais estabelecem cada um em sua espécie e em sua raça, as forças hereditárias transmissoras de caracteres específicos e características adquiridas, a força vital em si mesma. Em uma palavra, aquilo que penetra na química atômica, na bioquímica e na biologia.

Fica entendido, contudo, que estes *Espíritos,* dos quais se ocupa a Magia, nada têm em comum com *os Espíritos dos Espíritas.*

*(Div. Aut.)*

Os *Elementais* e os *Espíritos* foram catalogados sob uma profusão de denominações, entre as quais não se pode operar uma classificação válida. A superstição se juntou às derivações e deformações da Magia, neste sentido, impedindo que se identifique algo mais além de uma grande confusão. Também, com referência a um só povo – e desde que se considere apenas uma época precisa – seria possível discernir-se a que se reportam as principais personificações. Cada povo, no entanto, fala seu idioma, exprime-se segundo sua "mentalidade"; e, com o passar dos séculos, as mesmas expressões em um país mudaram de significação – um Elemental transforma-se em Espírito e vice-versa. Fala-se, aliás, no quanto se torna difícil em fisiologia, por exemplo, distinguir por termos especiais o que pertence à física, à química ou à biologia – com ainda mais motivos, se é usada uma mesma terminologia.

É por isso que este mundo terrestre da ação se encontra povoado de ninfas, dríades, oréades, epimelíades e agríadas diversas na Grécia – de fadas, duendes, elfos, gnomos e todas as espécies de espíritos (como dizem os ingleses) na Europa Ocidental – de vampiros, lêmures e fantasmas, como afirmavam os romanos – de dragões e tifões para os chineses – ou de djins para os árabes.

Quando se pretendeu colocar um pouco de ordem nessa multidão variegada, segundo os princípios da Cabala, ficou convencionado que esses *Elementais* e Espíritos seriam classificados em quatro categorias:

Os da Terra, compreendendo os *gnomos.*
Os da Água, compreendendo as *ondinas.*
Os do Ar, compreendendo os *silfos.*
Os do Fogo, compreendendo as *salamandras.*

---

[29] Todo elemental é uma energia elementar, mas nem toda energia elementar é um elemental. Por exemplo: a contraparte etérica das pessoas que realizaram a passagem, os chamados *Kama-Rupas,* são energias elementares que irão, inclusive, desintegrar-se, mas não são elementais. Os elementais originam-se dos elementos da natureza (energias superiores da Criação utilizadas pelos 72 gênios da Natureza) que são: os da terra, os gnomos; os da água, as ondinas; os do ar, os silfos; e os do fogo, as salamandras. (N.C.)

Tal classificação corresponde à dos quatro princípios ditos *elementares.* Os mesmos são *cardinais* sobre uma circunferência (dividida em quatro partes iguais) por *oposição diametral* da Terra à Água e do Ar ao Fogo. Assim, as salamandras e ondinas se tornaram *femininos,* enquanto que os gnomos e silfos permaneceram *masculinos.*

Isto nada ordenou, mas permitiu que, aparentemente, ficasse conforme a chave geral da Cabala, que é o quaternário da palavra divina.

Estes princípios cardinais, no entanto, eram *elementares* por essência – posto que cada um se refere ao que os antigos denominavam um *elemento.* Assim, houve a impulsão a distinguir-se os *Elementares* dos *Elementais* e foi convencionado que um Elemental possuía caráter inferior, em relação a um Elementar – posto que este concordava mais intimamente com um princípio.

De qualquer modo, não se pôde fazer melhor e pareceu impossível estabelecer a conexão de uns e outros ao mecanismo cabalístico dos Gênios e Decanos, sobretudo dos *Haïoth-Hakodesch.*

A Magia estava deformada, apesar de tudo, e a Feitiçaria se encarregou de aumentar a confusão, aparentando várias destas inofensivas personificações com diabos extremamente perversos.

Houve, então, *incubos* e *súcubos*[30], tentadores e insinuantes, que se lançaram através da humanidade; – mas *diabolos,* palavra grega, vem do verbo *diabollein,* que significa *lançar.* Tornaram-se *diabos,* todos eles.

*(Div. Aut. – Doc. Fr. – Chass.)*

## Papel cósmico dos Anjos

Em vista da atribuição de cada *anjo hebraico* a um astro do sistema solar, torna-se possível considerar seu *papel energético,* como sendo *cosmicamente* comparável ao dos planetas. Aí, ele teria a equivalência de dois *setenários.*

Em tais condições, foi possível estabelecer-se um *tipo de semana,* em que cada uma das horas é *governada* por um Anjo hebraico.

Os quadros seguintes apresentam esta exposição.

### Quadro dos Anjos que governam as horas do dia

| | Nome da hora | Domingo | Segunda | Terça | Quarta | Quinta | Sexta | Sábado |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | Yain | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel |
| 2 | Ianor | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel |
| 3 | Nasnia | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael |
| 4 | Salla | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael |
| 5 | Sadedali | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael |
| 6 | Thamur | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael |
| 7 | Drer | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel |
| 8 | Thanir | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel |

[30] São parasitas astrais atraídos pela imaginação dos humanos. São formados de elementos astrais da lascívia ou formas astrais de desencarnados (elementares). Íncubo é um elemental feminino. Súcubo é um elemental masculino. Ambos travam intercâmbio sexual com suas vítimas, pois são como vampiros. *Íncubus,* do latim *in,* em e *cubare,* deitar. *Succubo,* do latim *sub,* debaixo, e *cubare,* deitar. Os masculinos deitam por cima e os femininos por baixo. (N.C.)

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 9 | Neron | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel |
| 10 | Jayon | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael |
| 11 | Abay | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael |
| 12 | Natalon | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael |

*(Cl. 1)*

## Quadro dos Anjos que governam as horas da noite

| | **Nome da hora** | **Domingo** | **Segunda** | **Terça** | **Quarta** | **Quinta** | **Sexta** | **Sábado** |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | Beron | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael |
| 2 | Barol | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel |
| 3 | Thami | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel |
| 4 | Athiz | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel |
| 5 | Mathon | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael |
| 6 | Rana | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael |
| 7 | Netos | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael |
| 8 | Tafrac | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael |
| 9 | Saffur | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel |
| 10 | Aglo | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel |
| 11 | Calerva | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael | Raphael | Sachiel |
| 12 | Salam | Raphael | Sachiel | Anael | Cassiel | Michael | Gabriel | Samael |

*(Cl. 1)*

*Nota* – As horas mencionadas nos quadros precedentes são contadas em *tempo mágico*, segundo o dito na tabela das horas planetárias anteriormente dada.

## Setenário dos Arcanjos

Os sete Anjos planetários são geralmente denominados *Arcanjos.* Seus nomes respectivos possuem significações precisas em hebreu. É conveniente ter-se sempre isto em conta.

Traduzidos livremente, estes nomes seriam:

*Anael:* atendei-me, Senhor!
*Gabriel:* força de Deus.
*Samael:* medida superior.
*Michael:* quem como Deus?
*Sachiel:* justiça de Deus.
*Raphael:* Deus curador.
*Cassiel:* trono de Deus.

*(Div. Aut.)*

## Setenário dos Demônios

Da mesma forma, os *Demônios* receberam significações que, não derivando da etimologia, apresentam um caráter *fictício.* Tais nomes, nato obstante, lhes conferem uma certa *personalidade mitológica.* Temos então o seguinte setenário:

*Bebebuth:* príncipe dos demônios.
*Samaei:* príncipe dos ares e anjo do julgamento.
*Python:* espírito das profecias.
*Asmodeu:* anjo exterminador.

*Belial:* espírito da perfídia.
*Lúcifer:* espírito da luz astral.
*Satan:* o oposto de Deus.

*(Lanc.)*

*Nota* – É de acentuar-se que o setenário dos Demônios comporta *Samael*, arcanjo hebraico, atribuído ao planeta *Marte.* Tal fato provém dos comentários rabínicos da Bíblia, que identificam *Samael* com a serpente do Gênesis. Em vista disto, foi tornado um Demônio.

*(Div. Aut)*

## Quaternário dos Espíritos inferiores

Os *elementais*, também denominados *espíritos inferiores*, ordenam-se em quatro categorias:

Espíritos da Terra: *Gnomos* (do grego que quer dizer *sábio).*
Espíritos da Água: *Ondinas* (do latim que quer dizer *ondas).*
Espíritos do Ar: *Silfos* (mitologia céltica e germânica).
Espíritos do Fogo: Salamandras (de um composto dórico, que significa *homem da casa).*

Esta classificação puramente técnica de *espíritos inferiores* arrastou a superstição em todo tipo de práticas, baseando-se mais ou menos na Magia legítima. Assim sendo, foram compostas *invocações* conciliando-se com cada uma destas categorias de *espíritos.*

*(A. Gr.)*

## Atribuições dos Espíritos às letras hebraicas

As 22 letras do alfabeto hebreu constituem uma chave especial e muito secreta, de maneira que se tornou indispensável haver um mesmo número de *Espíritos,* embora isto nunca tenha sido objeto de semelhante escolha na Cabala.

O exame da lista seguinte acentua o quanto é supersticioso esta maneira de ver.

*Thavael:* Espírito de São José, em fuga para o Egito.
*Caphael:* Espírito que conduziu São João Batista ao deserto.
*Samaei:* Espírito familiar de São João Batista.
*Uriel:* Espírito adequado de Esdras.
*Michael:* Espírito especial de Eliseu.
*Gabriel:* Espírito particular de Elias.
*Raphael:* Espírito pessoal de Salomão.
*Hetael:* Espírito protetor de Josué.
*Vo-Ael:* Espírito das Visões.
*Zaimel:* Espírito do bastão de Moisés.
*Hetatia:* Espírito familiar de Moisés.
*Tethatia:* Espírito da ciência e da virtude.
*Alepta:* Espírito familiar de Abraão.
*Betel:* Espírito da ciência de Adão.
*Ghimel:* Espírito da Serpente de Eva.
*Dalete:* Espírito das visões de Adão.
*Phalet:* Espírito do paraíso terrestre.
*Samael:* Espírito da Magia em geral.
*Camael:* Espírito do valor pessoal.
*Haniel:* Espírito do conhecimento das pedrarias.
*Anael:* Espírito do conhecimento do universo.

*Ophil:* Espírito da piedade.

*(Ar.)*

## Lista das Personificações superiores

São denominadas Inteligências superiores ou ainda Gênios.[31]

Em vista de ser preciso considerar-se geometricamente 72 forças cósmicas, foram as mesmas personificadas na qualidade de *inteligências, superiores*, tendo então recebido *nomes hebreus.* Estes foram distribuídos, segundo seu número de ordem, sobre um polígono de 72 lados. A lista abaixo foi estabelecida de acordo com os conceitos da Cabala.

[31] Essa ordem e seus nomes diferem de algumas outras tabelas a partir do 30º gênio. (N.C.)

1. Vehuiah.
2. Jeliel
3. Sitael
4. Elemiah
5. Mahasiah
6. Lelahel
7. Achaiah
8. Cahetel
9. Haziel
10. Aladiah
11. Laviah
12. Hahaiah
13. Vezael
14. Mobahel
15. Hariel
16. Hakamiah
17. Loviah
18. Caliel
19. Leuviah
20. Pahaliah
21.Nelchael
22. Yeiaiel
23. Melahel
24. Henuiah
25. Nith-haiah.
26. Haaiah
27. Jerathel
28. Seheiah
29. Reuel
30. Lecabel
31.Vassariah
32. Zehniah
33. Leabiah
34. Cavakiah
35. Manadel
36. Arriel
37. Haamiah
38. Vehael
39. Zeazel
40. Sehaliah
41. Anel
42. Asalian
43.Michel
44. Veshuel
45. Daniel
46. Kahaziah
47. Immamiah
48. Nanael
49. Nithael.
50. Mehabiah
51. Poyel
52. Nemamiah
53. Zehiael
54. Harel
55. Misrael
56. Uniabel
57. Zaahel
58. Anavel
59. Mehiel
60. Damabiah
61. Menachel
62. Esael
63. Sabuiah
64. Vochel
65. Zabamiah
66. Haiael
67. Mumiah
68. Ezael
69. Sabuiah
70. Habrel
71. Michael
72. Veraliah.

*(Div. Aut.)*

Os *72 nomes ditos mágicos*, arrolados na lista precedente, são compostos em hebreu segundo a regra seguinte:

"Os nomes dos setenta e dois anjos são formados de três versículos misteriosos do capítulo 14 do Êxodo, sob os números 19, 20 e 21, os quais, segundo o texto hebreu, são compostos de setenta e duas letras hebraicas, cada um".[32]

ויסע מלאך האלהים, ההלך לפני מחנה ישראל, וילך, מאחריהם; ויסע עמוד הענן,
מפניהם, ויעמד, מאחריהם.
ויבא בין מחנה מצרים, ובין מחנה ישראל, ויהי הענן וההשך, ויאר את-הלילה; ולא-
קרב זה אל-זה, כל-הלילה.
ויט משה את-ידו, על-הים, ויולך יהוה את-הים ברוח קדים עזה כל-הלילה, וישם את-
הים לחרבה; ויבקעו, המים.

"Comece escrevendo esses versículos separadamente. Forme três linhas, compostas cada uma de setenta e duas letras, segundo o texto hebreu".

'Tome a primeira letra dos versículos 19 e 21, começando pela direita".

---

[32] *Êxodo 14, 19-21*: E o anjo de Deus, que ia diante do exército de Israel, se retirou, e ia atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pós atrás deles; E ia entre o campo dos egípcios e o campo de Israel; e a nuvem era trevas para aqueles, e para estes clareava a noite; de maneira que em toda a noite não se aproximou um do outro; Então Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e IAHWEH fez retirar o mar por um forte vento oriental toda aquela noite; e o mar tornou-se em seco, e as águas foram partidas.

"Em seguida, tome a última letra do versículo 20, que é o do meio, começando pela esquerda".

"Estas três letras, dos versículos 19, 20 e 21, nesta ordem, formam o atributo do Gênio".

"Seguindo a mesma ordem até o fim, ter-se-á os setenta e dois atributos das virtudes divinas".

"Se forem ajuntados a cada um destes nomes um dos dois grandes nomes de IAH (הי) ou de EL (אל), então ter-se-á os setenta e dois nomes dos anjos, compostos por três sílabas, cada uma contendo em si o nome de Deus."

*(Pps.)*

*Nota* – Na linguagem usada em Magia, tanto se diz *Gênio* por *Inteligência superior*, como *atributo* por *denominação* (ou *nome).* Da mesma forma, diz-se *nome de Deus* por *nome divino* ou *nome mágico* ou ainda *palavra sagrada;* diz-se, ainda, *atributo de Deus*, no mesmo sentido.

*(Div. Aut.)*

## Lista das 36 Personificações zodiacais

São denominadas Gênios dos Decanos ou simplesmente Decanos

Correspondendo o polígono de 72 lados ao de 36 lados, as personificações das forças cósmicas podem ser reduzidas a este último número. Obtém-se, desta forma, uma classificação que se refere à *ordem dos signos do Zodíaco* e que é a seguinte (por cúspides opostas):

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Áries* | Assican<br>Senacher<br>Acentacer | *Libra* | Serucuth<br>Aterechinis<br>Arpien |
| *Touro* | Asicath<br>Viroaso<br>Aharph | *Escorpião* | Sentacer<br>Tepiseuth<br>Senciner |
| *Gêmeos* | Thesogar<br>Verasua<br>Tepisatosoa | *Sagitário* | Eregbuo<br>Sagen<br>Chenen |
| *Câncer* | Sothis<br>Syth<br>Thuimis | *Capricórnio* | Themeso<br>Epima<br>Homoth |
| *Leão* | Aphruimis<br>Sithacer<br>Phuonisia | *Aquário* | Oroasoer<br>Astiro<br>Tepisatras |
| *Virgem* | Thumis<br>Thopitus<br>Aphut | *Peixes* | Archatapias<br>Tnopibui<br>Atembui |

*(Fir.)*

Esta concepção tomou, necessariamente, um caráter astrológico. Baseia-se na astrologia mágica e certos autores antigos disso têm feito constantes alusões, para mostrar um pretenso saber.

Com efeito, cada gênio governa dez graus da circunferência e, assim sendo, o gênio da hora é aquele que se eleva sobre o horizonte.

*(Dup.)*

Os *Decanos são* considerados invenção egípcia. Entretanto, todos os povos da Antiguidade os conheciam. Existem listas numerosas que correspondem sempre à mesma subdivisão zodiacal da circunferência, de modo que as denominações são bastante variadas.

*(B. L.)*

O jogo chinês dos *36 Animais é* constituído pelos *Decanos.*

*(Doc. Part.)*

## IX – FUNÇÃO DOS NÚMEROS

### Particularidades

Na noção de *número,* em que se vê, ordinariamente, apenas a expressão de uma *quantidade,* o iniciado também reconhece – e principalmente – a manifestação de *qualidades* que, por sua disposição geométrica, representam uma certa *ordenação nas ideias.*

A superstição dos números provém da transmissão, através das eras, deste postulado que – racional e desmontável, constitui o fundamento de uma teoria matemática. Entretanto, mal compreendido por aqueles cuja instrução era imperfeita ou inexistente, deu lugar a uma série de erros e de fantasias.

*(Doc. Fr.)*

No tocante a um número, devem ser feitas duas considerações:

1ª Aquela concernente ao *detalhe,* em que se discerne o arranjo dos *conceitos* de que se compõe a representação intelectual de um objeto, denominada uma *concepção;*

2ª Aquela concernente ao *conjunto* da *concepção.*

Ora, se existem duas categorias de números, segundo *um conjunto:*

*a)* Os *números regulares* correspondem a figuras regulares em geometria;

*b)* Os *números irregulares* correspondem, seja a figuras irregulares em geometria, seja a figuras geometricamente regulares, mas incompletamente expressas.

Enfim, entre os números regulares, distinguem-se duas espécies:

1ª Os números chamados *evocadores,* pois são suscetíveis de evocar uma concepção que não figuram, por si mesmos;

2ª Os números chamados *figurativos,* porque, ao contrário, representam uma concepção definida.

*(P.P.)*

O fato de ver-se a *expressão de qualidades* em cada número, cuja disposição de conjunto responde à figuração de objetos abstratos, autoriza a distinguir o *ternário* do triângulo, o *quaternário* do quadrado, o *quinário* do pentágono (seja dito, para permanecermos nos números elementares), e de aplicar aos números 3, 4 e 5 os *conceitos gerais que as figuras geométricas representam* e permitem analisar.

*(Div. Aut.)*

Não obstante, certos números podem ser evocadores e figurativos ao mesmo tempo, sendo chamados de *mistos.* Importa, então, em raciocinar apenas segundo a referência indicadora que sempre confere um texto preciso ou a disposição simbólica que geralmente os acompanha.

*(P.P.)*

## As cifras

Sendo hebraica, a Cabala se serve das letras do alfabeto como cifras, como faziam os hebreus – e mesmo os gregos. Por isso, as letras hebraicas correspondem também a cifras vulgares, como vimos anteriormente. Há motivos, então, para considerar como cifra toda palavra que não existe no hebraico ou que não esteja conforme a ortografia usual.

*(Doc. Fr.)*

As cifras cabalísticas, no entanto, representam *números figurativos,* ao passo que as mesmas cifras – isto é, as mesmas letras – são empregadas na numeração ordinária.

A correspondência de letras hebraicas com os *números figurativos* origina-se do fato de que o número 360 (que equivale aos graus da circunferência) tem 24 divisores, dos quais, entretanto, devem ser excluídos os números 1 e 2, por não serem figurativos. Com efeito, é impossível construir polígonos de 1 ou 2 lados, já que a série poligonal começa com o número 3.

Em tais condições, existem 22 figuras geometricamente regulares, expressas por 22 números, sendo estas 22 cifras as letras do alfabeto.

Assim, o alfabeto hebraico, com sua aplicação na *Cabala dita numerai,* tem.o mesmo valor que o alfabeto hieroglífico dos egípcios, que o alfabeto fenício e vários outros, por vezes apesar da engenhosidade que o dissimula – em grego, assírio ou chinês, por exemplo (os alfabetos empregados em tais idiomas prolixos possuem muito mais letras que o hebreu e, quanto a isto, o alfabeto chinês ultrapassa todos os outros).

*(P. P. – Doc. Estr.)*

As *cifras cabalísticas são secretas* e sempre o foram. Daí, seu emprego jamais foi feito por outros que não os iniciados. O fato de que tal segredo não foi descoberto até hoje prova que os iniciados, apesar de sua dispersão, apesar de suas decadências e também das perseguições de que foram objeto em diversas épocas, jamais traíram *o juramento do silêncio.*

Em vista disto, o segredo das 22 lâminas maiores do *Tarot,* em que cada uma delas corresponde a uma letra hebraica e, por conseguinte, a um *número figurativo* – e logicamente a uma *concepção* (pois cada uma quer dizer alguma coisa), jamais pôde ser penetrado. Portanto, entre os buscadores que a isso se dedicaram, muitos possuíam grande experiência e vasta instrução.

*(Doc. Estr.)*

## Esoterismo dos números

A Cabala, no entanto, fornece a chave para abrir a fechadura que guarda este segredo. É a seguinte:

Três letras *mães* (os *n*$^{os}$ 1, 13 e 21).
Sete *duplas* (os *n*$^{os}$ 2, 3, 4, 11, 17, 20 e 22).
Doze *simples* (*n*$^{os}$ 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 18 e 19).

*(Div. Aut.)*

Assim e, de início, os números *figuram três polígonos inscritos,* dos quais se pode dizer que constituem *representações mães,* no sentido de que todas as outras, por construção, são engendradas. Incontestavelmente, trata-se dos polígonos de 3, 4 e 5 lados *(triângulo equilátero, quadrado* e *pentágono).*

Os sete outros números denominados *duplos* podem, então, reportar-se aos redobramentos dos precedentes (por construção) – a saber, os polígonos de 6, 12 e 24 lados; o de 8 lados; os de 15, 30, 60 lados. De qualquer modo, eles podem também representar *outras figuras* em que se nota, não mais um redobramento construtivo de lados, mas uma *duplicação dos conceitos* representados. Daí sua denominação e daí – sobretudo – um dos principais elementos do segredo.

Ora, restam doze polígonos a ordenar. São os denominados *simples,* ainda que por pura malícia, uma vez que, pelo contrário, não oferecem simplicidade alguma. O problema está longe de ter uma solução fácil, de maneira que o segredo é protegido por si mesmo.

*(P.P.)*

A existência de três números representativos de *figuras mães* que formam todas as outras, conduziu inegavelmente à ideia de conceber-se a Causa Primeira como uma *Trindade Criativa.*

Nesta Trindade, duas figuras não têm aspecto *côncavo* – elas não se fendem em forma de estrela: são o triângulo e o quadrado. A terceira, ao contrário, tem dois aspectos: pentágono convexo e pentágono estrelado.

Por conseguinte, um quaternário é composto alternativamente:

- de um *triângulo equilátero*;
- de um *pentágono;*
- de um *quadrado;*
- de um *outro pentágono.*

A Causa Primeira – *embora tentaria em princípio* – pode então tomar uma *aparência quaternária.* O todo consiste em saber onde se colocam o pentágono convexo e o pentágono estrelado. O *mistério do nome divino* reside unicamente neste fato, porque os hebreus esquematizaram tal quaternário pela reunião de letras ordinariamente lidas como *Jehovah.* Estas letras são: *iod – he – vo – he.*

יהוה

Seus números são, respectivamente, da direita para a esquerda: 10, 5, 6, 5. Por outro lado, *nenhuma destas letras corresponde aos números figurativos de 3, 4, 5.* Aí, o mistério se torna impenetrável.

Permanece verdadeiro, no entanto, que a Cabala inteira depende matemática e metafisicamente, da reunião de letras que compõem o principal *nome divino* (aquele da *própria Divindade).*

*(Doc. Estr.)*

Nesta trindade numérica, as concepções são precisas:

- o ternário representa o *sucessivo*;
- o quaternário representa o *simultâneo*;
- o quinário representa o *rítmico.*

Efetivamente, o *Tempo* é notado pela *sucessão* de um *presente* posterior a um *passado* e anterior a um *futuro.*

Por outro lado, em toda circunferência, é constatado que dois diâmetros se cortam em perpendicular, constituindo – se as extremidades forem unidades – a figura regular do *quadrado* (do qual os ditos diâmetros passariam a ser as diagonais). Assim, o *Espaço* compreendido acima do horizonte é facilmente particularizado por *quatro pontos cardeais* (assim chamados porque a palavra latina *cardo* quer dizer *gonzo* e porque as cúspides do quadrado são as *articulações* sobre as quais se constroem os outros polígonos para *abrir* a própria *porta* da compreensão intelectual). Sendo fixo, *o Espaço* assume um aspecto *simultâneo.*

O pentágono, enfim, representa o *rítmico.* Pode-se vê-lo, *não por uma razão, mas por uma aplicação,* posto que os órgãos sensoriais são em número de cinco e as sensações percebidas possuem um caráter rítmico (já que, na música, não percebemos as notas, mas unicamente os intervalos entre elas).

Destas primeiras considerações derivam todas as outras, por multiplicação de um destes três primeiros números – seja com um entre eles, seja com o redobramento deste ou seja também consigo mesmo; e, prosseguindo de modo idêntico, consegue-se assim toda uma série de números figurativos.

Existe, portanto, uma série de *figurações* do Tempo, do Espaço e dos Ritmos, constituindo os *Fenômenos.*

*(P.P.)*

## Números evocativos

Os *números evocativos* permanecem independentes dos precedentes. Formam uma série à parte, na qual se situam muitos números denominados *primeiros,* em aritmética.

Estes números não correspondem a figuras que possam ser construídas geometricamente, mas seguem um *processo generativo,* que difere do precedente.

Ainda que este provenha da multiplicação, é resultado da adição.

*(P.P.)*

A evocação de uma concepção por um número desta espécie é feita por motivo da própria construção da figura geometricamente regular, que representa a concepção idealizada.

O método se fundamenta na *geometria descritiva.* E, como cada figura plana é reputada como representando um volume, ao falar-se de *vértices* poligonais, pode-se dizer *arestas* quanto a sólidos – ou reciprocamente. Porque as figuras planas não existem na Natureza, servindo apenas para uma argumentação conveniente, quanto a objetos concretos ou abstratos.

*(P.P.)*

Os principais números evocativos são:

1 – que evoca o *conjunto concebido* intelectualmente, no tocante à realidade (concreta ou abstrata).
2 – que distingue, neste conjunto, o *superior* e o *inferior* ou a direita e a esquerda.
3 – que completa 2 e dá ao dito conjunto, dividido em dois elementos distintos, um *valor comemorativo do traçado* (pelo raio).

5 – que produz, pela evocação segundo 3, um suplemento para a subdivisão do valor comemorativo do traçado em *elementos intrínsecos* (aproximados do centro) e em *elementos extrínsecos* (distanciadas do centro).
7 – que ajunta, pela evocação segundo 5, dois *elementos periféricos,* sendo um oposto ao outro e podendo representar um *antagonismo.*
9 – que distingue, na evocação precedente, dois *novos elementos* vizinhos da periferia, porém *intrínsecos.*
11 – que completa a evocação segundo 9, detalhando os últimos elementos intrínsecos (cuja distinção acaba de ser operada), a fim de então ter outros *ainda mais intrínsecos.*
13 – que leva a distinção mais longe, pelo detalhe dos dois elementos novos, *sempre mais intrínsecos* que os precedentes.

*(Doc. Fr.)*

Portanto, *a partir do número evocativo* 7 e do momento quando dois elementos periféricos (em oposição) tenham sido distinguidos, *todos os números evocativos são estabelecidos, pela anexação ao precedente, de dois novos elementos intrínsecos.*

O número 7 representa assim uma *concepção máxima* que, entretanto, pode ser detalhada indefinidamente. Por conseguinte, *ele é suscetível de equivaler à própria circunferência* (a qual é uma *concepção máxima)* e de se substituir ao número 1.

Os antigos, especialmente os asiáticos, não deixaram de utilizá-lo desta maneira. As escrituras védicas empregam constantemente o setenário para *exprimir uma totalidade,* deixando ao leitor o encargo de construir o número evocado e de, em seguida, esclarecer os conceitos ao término da análise, segundo a ordem concernente à disposição dos vértices e arestas.

Isto porque *os números evocativos são traçados, porém não construídos.* Pode-se construir apenas aqueles cujo caráter é misto (os que, ao mesmo tempo, são evocativos e figurativos). De qualquer modo, *quando suscetíveis de construção, eles perdem seu valor evocativo, tomando-se figurativos.*

*(Doc. Fr.)*

## Números mistos

Os números mistos são, sobretudo, 3, 5 e 9.

Estes números possuem um valor evocativo nos casos anteriormente examinados, mas figurativo, quando 3 representa efetivamente o ternário, 5 o quinário e 9 o novenário (isto é, quando eles figuram polígonos construídos).

*(P.P.)*

Deve-se acentuar que a construção do número 9 – que geometricamente dá o *eneágono* – é a mais engenhosa de todas. Ela exige o emprego de *seções cônicas* e o conhecimento da *hipérbole,* fundamentando-se, portanto, na mais alta matemática. A este respeito, os antigos empregavam a curva denominada *concóide,* que não é menos engenhosa.

*(R.B.)*

A construção do número 5 – isto é, do *pentágono* – procede da *média e extrema razão,* em vista disto tendo estreitas conexões com a álgebra. Isto porque seu redobramento – o *decágono* – constitui o princípio da *numeração decimal* (da qual o número 5 é apenas um caso particular). Não se deve esquecer que álgebra quer dizer *cálculo,* em árabe.

*(R.B.)*

*A* construção do número 3 – o triângulo, do qual o *equilátero* é a figura regular – não apresenta qualquer dificuldade, em virtude de o lado do *hexágono* (isto é, de seu redobramento) ser igual ao raio. Crianças que tiverem nas mãos um compasso pela primeira vez não demoram a dividir a circunferência em três partes iguais, construindo espontaneamente – sem saber – hexágonos e equiláteros.

Isto implica que a *bissecção* do ângulo é geometricamente possível e leva a inferir que, *se existem três princípios, deve ser descoberto um quarto.* Daí a ideia de uma *quarta proporcional* e, consequentemente, a existência da fórmula da equação do segundo grau.

Entretanto, não se pode ir além, pois que a *trissecção* do ângulo é geometricamente impossível: ela impede a construção do *eneágono* com o compasso e a existência de uma fórmula algébrica para a equação do terceiro grau.

*(R.B.)*

*Nota.* Deve-se reconhecer, igualmente, que *a construção do heptágono é geometricamente impossível.* Os heptágonos podem ser traçados, mas *com auxílio do transferidor e não do compasso.* Ora, apenas o compasso é construtor – sempre em razão de o raio da circunferência ser igual ao lado do hexágono e das observações feitas mais acima. Por conseguinte, todo heptágono deve ser considerado como *imaginário.* Não existe, aliás, nenhum valor cabalístico quanto a isto, posto que a Cabala – que é *realista* – repele tudo que provenha da imaginação. Foi a falta de conhecimentos matemáticos que originou uma certa superstição em torno do número 7, levando a considerar o *heptágono regular* como possuindo caráter iniciático. Isto jamais constituiu questão em um ensino sério: *o número 7 não é figurativo, em nenhum caso.* Torna-se *impossível* (por matemática e, assim sendo, segundo a *razão humana)* considerá-lo como representando uma *concepção intelectual*

## Números figurativos

Os principais números figurativos – aqueles levados em conta pela Cabala – são os seguintes, ordenados por *famílias,* segundo sua construção (em polígonos regulares).

FAMÍLIA DO TERNÁRIO:

3 – *O ternário.*
6 – *O duplo temário equilibrado* (também chamado *Selo de Salomão,* no qual figura o próprio princípio da *Sabedoria* ou ciência da razão humana, pela importância de seu lado igual ao raio).
12 – *A concepção usual* é de ordem geral (da qual o zodíaco é a representação mais frequente).
24 – *A concepção comumente detalhada* e de ordem tanto quanto geral (aplicada à rotação da Terra, para dar a subdivisão do dia em 24 horas).

FAMÍLIA DO QUINÁRIO:

5 – O *quinário.*
10 – O duplo quinário equilibrado, chamado *denário* (base da numeração decimal).
20 – O *duplo denário* (equilíbrio do precedente).
40 – O *quádruplo denário* (puramente matemático).

FAMÍLIA DO NOVENÁRIO:

9 – O *novenário.*
18 – O *duplo novenário* (equilíbrio energético).
36 – O *sistema dos decanos* (repartição de energias).
72 – O *sistema dos gênios* (repartição em máxima e mínima das energias).

FAMÍLIA DO QUINÁRIO, APLICADA AO TERNÁRIO:

15 – *O sucessivo combinado ao ritmo.*

30 – Os *ritmos equilibrados* (modalidades gerais da arte).

60 – *O sistema intelectual* (transformação das sensações em percepções, para estabelecimento dos conceitos).

120 – *O sistema das apreciações* (em razão das máxima e mínima consideradas nas percepções e, portanto, no estabelecimento dos conceitos).

FAMÍLIA DO QUINÁRIO, APLICADA AO NOVENÁRIO:

45 – *O sistema das modalidades sensíveis da energia.*

90 – *Os equilíbrios vibratórios.*

180 – *A repartição dos equilíbrios vibratórios,* produzindo as diversas sensações.

360 – *O conjunto geral* (empregado como *medida das concepções,* pela consideração de máxima e mínima nas vibrações e em suas causalidades energéticas).

FAMÍLIA DO QUATERNÁRIO:

4 – *O quaternário ou substrato comum,* do qual procedem todas as concepções (representando a *concepção primeira,* metafisicamente denominada *divina* e à qual a Cabala dá o nome de *Pai,* na qualidade de *gerador universal).*

8 – *O duplo quaternário* ou *repartição detalhada do substrato* (o qual dá lugar, como aplicação, à subdivisão do horizonte pela *Rosa-dos-Ventos).*

16 – *Construção insólita e especial,* considerada secundariamente pela Cabala e também dita *quádruplo quaternário* (permitindo a análise completa de um Espaço qualquer e constituindo o essencial do *método etrusco dos Áugures,* portanto caracterizando o quaternário em seus detalhes).

*(P. P. – Doc. Estr.)*

## Números simbólicos

Além dos números que a Cabala guarda e que a Magia emprega, outros possuem emprego mais frequente, porém *simbólico,* no sentido que cada um deles *implica* – sem existir positivamente evocação nem figuração – uma ou várias concepções que, sendo previamente conhecidas, constituem a *armação de um simbolismo numérico.*

Todos esses números são estabelecidos segundo a fórmula $a - x$, na qual $a$ representa a concepção idealizada e $x$ um número subtraído.

O que empresta a tais números o caráter simbólico, é que eles exprimem, de maneira algo *metafórica,* uma realidade fundada sobre a razão geométrica, em que não se pode ter conhecimento sem exatidão, quanto ao valor de $a$ e, sobretudo, de $x$ em relação a $a$.

Deste modo, os números simbólicos têm o seu mistério, aliás, como acontece com todos os símbolos. Apenas certos iniciados puderam empregá-los (mesmo assim, nem todos, posto que existe uma *graduação* muito secreta no conhecimento dos símbolos).

Destes números, os mais notáveis são:

10 – *Equivalente a 12 – 2* (número das *Sephiroth,* dando a ilusão de ser um número figurativo, embora simbolicamente não se refira, de modo algum, à representação de uma classe da numeração decimal).

22 – *Equivalente a 24 – 2* (número das *letras hebraicas),* e que possui seu correlativo em 21 equivalente a 24 – 3, por abstração da *quantidade* 3 no conjunto das *qualidades* 24.

33 – *Equivalente a 36 – 3* (por subtração *linear* de três *qualidades* consideradas como inexistentes no número figurativo 36; *equivalente também a 3 x 11* e ainda a três vezes o número evocativo 11, ou *melhor, a* 3 x (22 / 2) (isto é, a *três vezes a metade do número simbólico 22).*

54 – *Equivalente a 60 – 6,* por subtração de seis qualidades sucessivas no número figurativo 60; mas, equivale também a 6 x 9, isto é, à multiplicação do número figurativo 6 pelo número figurativo 9.

78 – *Equivalente a 90 – 12,* pela abstração do duodécimo de *qualidades* 12, no número figurativo 90 (número dos *Tarots).*

264 – *Equivalente a 360 – (8 x 12),* pela abstração de oito vezes o duodécimo de *qualidades* 12, no número figurativo 360.

564 – *Equivalente matematicamente a 4 x 141,* ou seja (360/2) – (40 – 1), isto é, à subtração do número figurativo 40 (do qual foi abstraída uma de suas *qualidades),* do número representativo do conjunto divisível por 2.

4680 – *Equivalente matematicamente a 13 x 78,* [33] ou seja *13 x (90 – 12),* e, da mesma forma, ao número figurativo 90, diminuído de 12 *qualidades* (resultando 78), multiplicado pelo número evocativo 13.

*(Doc. Estr.)*

*Nota.* – Na explicação precedente, fica entendido que o *processo de subtração é aritmético,* enquanto que o *processo de abstração é geométrico*. Um apresenta a mesma diferença que o outro, porém eles nada têm de semelhantes.

*(P.P.)*

## Emprego dos diversos números

Todos os números que acabaram de ser devidamente classificados são empregados, de modo corrente, em três *ordens de ideias.*

1ª *Pela Iniciação,* através do ensino matemático. Consequentemente, eles são explicados de maneira conveniente, no tocante a considerações gerais – não se pode, em seguida, deixar de constar a aplicação do funcionamento do Universo e de todas as suas partes componentes (sendo o número, segundo Platão, a regra e lei do Universo). As explicações sobre de que se trata, contudo, jamais foram objeto de menor esclarecimento. Com efeito, elas constituem o conjunto fundamental de todo o "sistema" iniciático. Quaisquer comentários em manuscritos existentes (como notas, tomadas pelos ouvintes de algum curso) são incompletos e bastante vagos. São encontrados numerosos traços nas obras dos Alquimistas da Renascença e autores que lhes são aparentados, porém em linguagem criptográfica. Todos os documentos gregos de tal natureza parecem ter sido escrupulosamente destruídos, se é que chegaram a existir.

2ª *Pela Magia,* em decorrência das teorias gerais e iniciáticas, das quais ela é a aplicação. Desta forma, em sua maioria os objetos por ela utilizados (pantáculos e talismãs) são estabelecimentos segundo os números. Por si mesmas, as cifras nada significam. Em geral, a Magia se serve das *qualidades* expressas pelos números (mais que das *quantidades* pelos mesmos expressas). Enfim, como seria de esperar, a explicação é procurada inutilmente nos documentos.

---

[33] 4680 não é o resultado de 13 X 78. O resultado seria 1014. Procure fazer o m.m.c. e o m.d.c., e começaria penetrar neste pequeno mistério. Boa sorte! Conservamos o texto por razões esotéricas da Tradição. (N.C.)

3ª *Pela documentação esotérica* que se propagou por todo o mundo. Fundamentalmente, ela consiste de uma grande quantidade de inscrições assírias e egípcias, bem como de livros orientais, declarados *sagrados,* em vista dos temas por eles tratados. Entre esses livros esotericamente sagrados, é indispensável citar: a Bíblia, bem entendido, e diversos escritos evangélicos que, apesar de usada a língua grega, são "à maneira" bíblica; vários poemas gregos e alguns poemas latinos; a maior parte das sagas nórdicas e certos cantos gaélicos; diversos romances de cavalaria, publicados principalmente na França, Itália e Escócia; um grande número de obras alemãs de caráter hermético ou alquímico; tratados espanhóis e árabes, em especial persas; numerosas pinturas mexicanas (embora as mais explícitas tenham sido queimadas, quando da conquista do México pelos espanhóis, cujos vestígios se encontram, geralmente, em mau estado) e toda uma coleção de esculturas e baixos-relevos (que se encontram nas ruínas ou em museus), gravuras (datando aproximadamente da Idade Média), vitrais (restaurados com grande infelicidade), quadros (de qualquer forma, apenas os primitivos porque, no século XIV, a tendência esotérica foi desaparecendo pouco a pouco nas artes plásticas) – enfim, um imenso conjunto, no qual não se poderia indicar, a título de exemplo, quais as linhas mais salientes. *Todos os autores desta documentação esotérica empregam os números* segundo os princípios que acabaram de ser indicados. De qualquer modo, para compreendê-los de modo inteligente e também para reconhecer se são realmente esotéricos ou inteiramente falaciosos, antes de tentar-se lê-los, é conveniente saber a utilização que eles fazem sobre a *noção de número.*

*(P. P. – Doc. Estr.)*

Quando feita de maneira conveniente, a utilização dos números denota apenas o valor esotérico de um documento qualquer.

Assim sendo, fundamentam-se na Alta Magia somente os objetos em que os números forem exatos e empregados com exatidão.

*(P.P.)*

Nos *documentos plásticos* (monumentos, esculturas, desenhos ou pinturas) o número é empregado, inicialmente, de duas maneiras:

1ª Pela *disposição arquitetural* da obra, de modo que o plano e as dimensões devem ser considerados (é o que os "companheiros" denominavam *a arte do traçado).*

2ª Pela *disposição dos objetos representados,* onde o número das colunas de um templo, das estátuas, dos relevos e ornamentos não pode ser arbitrário, devendo ser objeto de uma atenta observação.

O número é ainda empregado em *cada* série de objetos da mesma apresentação – isto é, em uma fachada, o número das colunas que oferecem os mesmos sinais distintivos na ornamentação têm que ser levado em conta; da mesma forma, o número de estátuas a um lado do edifício, sobre os tímpanos e abóbadas; também o número de estátuas e ainda de ornamentos oferecendo entre si qualquer semelhança, seja pelo desenho, seja pela significação visível em seu simbolismo.

*Toda exceção claramente indicada em uma série de objetos previamente contados é feita para chamar a atenção.* Ela marca o ponto de partida para revelar o *pensamento do artista* que estabeleceu a dita série. Tal pensamento é descoberto pela posição do objeto, relativamente a seus congêneres da mesma série (e não de uma série vizinha ou análoga). O conhecimento do número empregado desta forma realça facilmente a significação exata de toda a série.

*(Doc. Fr.)*

Nos *documentos escritos* (poemas, profecias ou tratados), o nome é também empregado de duas maneiras, que são simplesmente a transposição dos precedentes (por isto, tais obras podem ser qualificadas de *monumentos*):

1ª Pela *divisão do texto* em livros, capítulos, versículos ou alíneas. Assim, importa antes de tudo o número geralmente indicado pela numeração (daí por que os "clássicos", nisto imitando os gregos, mas sem conhecimento do verdadeiro motivo, compunham poemas de 12 cantos e tragédias em 5 atos);

2ª Pela *precisão dos temas* sucessivamente tratados. Portanto, é conveniente observar o número dos personagens mencionados em uma genealogia ou filiação, o número dos anos que alguns entre eles viverão, o dos inimigos que combatem, dos animais que matam ou sacrificam e dos objetos que manejam.

O escritor, no entanto, dispõe à vontade dos *números simbólicos,* enquanto que o artista pode apenas fazer um emprego restrito dos mesmos, sempre limitado pela necessidade da exatidão a observar nas proporções.

Para se fazer entender, o artista usa a *exceção,* em uma série apresentada. O escritor não saberia empregar o mesmo método, sem se descobrir e, em vista disto, prefere servir-se dos números simbólicos.

Conhecendo o valor dos mesmos e sabendo que concepções eles representam, o autor os multiplica por outros ou os adiciona, o quanto for necessário para chamar a atenção do leitor. Por conseguinte, ele parece penetrar na fantasia e, do esotérico que era, torna-se hermético. Começa por fabricar datas de cronologia desconcertante; em seguida, atribui aos eventos descritos proporções que ultrapassam a verossimilhança e localizações que perturbam a geografia. Neste sentido, exemplos não faltam.

Assim, a maior parte das *profecias* – ou pretensas profecias – atribuem aos acontecimentos futuros datas do passado ou do futuro que, geralmente, a nada correspondem. O escritor, no entanto, ainda vai mais longe – sobretudo após a invenção da imprensa: ele data sua obra de tal maneira, que não é possível reconhecer em que época precisa foi editada ou mesmo escrita.

Por outro lado, tendo a possibilidade – nem sempre ao alcance do artista – de poder dar nome a seus personagens, ele inventa *patrônimos* que são claros apenas para o leitor familiarizado com o emprego das letras e dos radicais, segundo os métodos da Cabala. Aí, novamente, ele chama a atenção, para que, em seguida, sejam compreendidos os números empregados. Feito isto, o escritor encobre tanto o seu estilo que, se for hábil, tornará a obra incompreensível ao profano.

Este processo, denominado *hermético,* existiu em todas as épocas e em todos os lugares.

*(Doc. Fr.)*

*Nota.* Convém notar que o artista plástico tem muito mais facilidades que o escritor, a fim de indicar em sua obra que foi ele o autor. A assinatura *é* perfeitamente dissimulada em um detalhe arquitetônico, um volteio da escultura, um ornamento de vitral ou de um quadro. Geralmente *é* difícil descobri-la e ainda menos cômodo conseguir lê-la, sem que se conheçam os princípios iniciáticos da escrita (saber ler é, certamente, uma coisa, mas saber escrever é melhor).

O escritor pode apelar para um pseudônimo e, via de regra, o hermetista mostra esta tendência. Entretanto, salvo raras exceções, o pseudônimo não oculta a identidade do autor, em absoluto. Se ele não deseja ser descoberto – algo bem mais comum do que se possa imaginar – apossa-se ousadamente do nome de outro. Às vezes, mas nem sempre, este último é seu contemporâneo, isto

fazendo com que se impute a diversas pessoas obras que, claramente, as mesmas seriam incapazes de escrever. Com grande frequência, o nome emprestado pertence a alguém que viveu em passado mais ou menos recente: com alguma engenhosidade, posto ser o gênero hermético capaz de permitir as maiores flexibilidades, toma-se por antigo o que não o é. De qualquer modo, o embuste termina sendo suspeitado.

Quando o escritor consegue evitar dúvidas – e isto acontece se tratar de temas com alta importância iniciática – *ele atribui a si mesmo o nome de alguém que só viverá no futuro* Este, pública e oficialmente, se declara categoricamente o autor da obra e prova par sua vida, sua instrução. A suspeita pode, então, recair sobre a documentação que deve estar em poder do signatário, nunca em sua personalidade. Como a dissimulação é desejada, *combinada antecipadamente* e, afinal, tramada de longa data, por uma sucessão de pessoas interessadas na publicação e com as quais o signatário é estreitamente ligado – já que este aceita seu papel e o representa à perfeição – o verdadeiro autor permanece desconhecido.

Tal caso não é tio raro como se poderia crer, tendo acontecido em todas as épocas.

*(Doc. Fr.)*

Em toda obra que, por suas características, haja mais ou menos algum relacionamento com o ensino iniciático – o qual pode ser mágico ou puramente religioso, hermético ou simplesmente esotérico – o talento do artista, bem como do escritor, consiste principalmente em dissimular, sob uma falsa aspiração, o saber que empregou para estabelecê-la.

O conhecimento dos números é a expressão do saber.

*(P.P.)*

## Chave quaternária dos números

A *expressão do nome divino é* a chave ordinária das operações aritméticas.

Para *exposição dos princípios,* ela se dispõe da forma seguinte:

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| – | י | 1º – Subtração | - | (letra *iod)* |
| + | ה | 2º – Adição | + | (letra *he)* |
| : | ו | 3º – Divisão | : | (letra vo) |
| x | ה | 4º-Multiplicação | x | (letra *he)* |

Para *exposição das aplicações,* sua disposição é diferente:

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| : | י | 1º – Divisão | : | (letra *iod)* |
| – | ה | 2º – Subtração | – | (letra *he)* |
| x | ו | 3º – Multiplicação | x | (letra vo) |
| + | ה | 4º– Adição | + | (letra *he)* |

*(Div. Aut.)*

É puramente convencional o valor atribuído às letras que compõem o *nome divino.* Este nome é, sobretudo, uma *fórmula algébrica,* no sentido de que suas letras representam tal quantidade ou qualidade que se queira – do mesmo modo também (ordinariamente) tal concepção, tal princípio ou tal aplicação que se tenha em consideração.

E nisto que, *por todos os modos,* este nome é considerado *divino* pela Cabala: da mesma forma que a divindade (ou Causa Primeira), ele a tudo preside e de tudo se ocupa.

*(Div. Aut.)*

Ele corresponde, aliás, à fórmula da equação do segundo grau: $ax^2 + bx + q = 0$.

Neste caso, *a e b se* aplicam, seja à letra *iod*, seja à letra *vo;* e o *x* se aplica à letra *he*, mas seja à primeira ou à segunda letra *he.*

O emprego algébrico deste conjunto de letras é denominado *manobra do nome divino:* a expressão é corrente em Cabala.

*(Doc. Fr.)*

Pelo próprio número das letras que o compõem, o *nome divino* é a representação de um *quadrilátero*, portanto, um quadrado.

Ele constitui, ainda, uma *chave quaternária.*

Entretanto, pelo fato de tais letras não serem mais que 3 (posto que uma delas é empregada duas vezes), ele pertence também ao ternário e pode ser considerado como uma chave da *aplicação do temário.*

Este nome é o *substrato principal do duodenário* o qual, por si mesmo e independentemente de sua qualidade de número figurativo, constitui uma chave de aplicação geral.

Há duas maneiras de ser considerada esta chave: a maneira *aditiva* e a maneira *multiplicativa.*

*(Doc. Fr.)*

## Chave duodenária por *adição*

A chave duodenária dos doze primeiros números, estabelecida *em junção da adição, é* a seguinte:

1 expressão do SER ou do FATO.
2 ou 1 + 1 – da UNIÃO entre o SER e o FATO (ou reciprocamente).
3 ou 2 + 1 – da GERAÇÃO (seja do presente pelo passado, seja do futuro pelo presente ou seja, ainda, do passado por suas anterioridades).
4 ou 2 + 2 expressão da BASE de um sistema qualquer (vivo ou inerte, concreto ou abstrato), sem o qual não se saberia analisá-lo.
5 ou 3 + 2 – da CONTINUAÇÃO geradora (pela anexação, aoque é engendrado, de dois elementos suscetíveis de serem multiplicados um pelo outro e do desenvolvimento da geração indefinidamente).
6 ou 3 + 3 – do EQUILÍBRIO PROGRESSIVO (em vista da dupla geração representada: uma material e outra intelectual).
7 ou 3 + 4 – da REALIDADE (pela anexação de uma base de estabilidade à geração).
8 ou 4 + 4 – do DETERMINISMO (por efeito de uma base dupla, uma física e outra moral).
9 ou 5+ 4 – do SABER (pela anexação à ordem de uma base de tomada de consideração).
10 ou 5 + 5 – da ATIVIDADE (por efeito de um duplo ritmo, um físico e outro moral).
11 ou7 + 4 – da PARTICULARIDADE (pela anexação, a uma realidade definida, de uma base qualitativa que se considera).
12 ou 8 + 4 – da PROVIDÊNCIA (pela anexação, ao determinismo, de uma base que não se pode considerar, ainda que como geral).

*(Doc. Fr.)*

## Chave duodenária por multiplicação

A *chave duodenária* dos doze primeiros números, estabelecida *em função da multiplicação,* explica a precedente.

É ela a seguinte:

1 expressão de um SUJEITO ou de um OBJETO.
2 – da CORRELAÇÃO entre o sujeito ou um objeto e o que se encontra em face do mesmo (física ou moralmente).
3 – da SUCESSÃO subjetiva ou objetiva.
4 ou 2 x 2 – da ESTABILIDADE subjetiva ou objetiva, fazendo com que apareça uma simultaneidade.
5 – da MANIFESTAÇÃO física ou moral de um sujeito ou de um objeto.
6 ou 2 x 3 – da HARMONIA entre o físico e o moral (ou ainda, entre a sucessão subjetiva e uma sucessão objetiva, situada em sua presença).
7 – da OBJETIVIDADE por um dado sujeito ou da SUBJETIVIDADE por um preciso objeto).
8 ou 2 x 4 – da IMOBILIDADE (por efeito de uma dupla estabilidade física ou moral, em um sujeito ou um objeto).
9 ou 3 x 3 – do DESLOCAMENTO (físico ou moral, por efeito ou consequência de uma sucessão, seja subjetiva ou objetivamente considerada).
10 ou 2 x 5 – da AÇÃO (por efeito de uma manifestação moral, aplicada a uma manifestação física; ou, inversamente e, em relação a um dado sujeito, como por um preciso objeto, seja no concreto, seja no abstrato; ou, ainda, por efeito de uma aplicação das manifestações físicas de um dado sujeito sobre as manifestações físicas – portanto, sobre a aparência – de um preciso objeto, e inversamente). Entretanto, em se considerando a aplicação das manifestações morais de um dado sujeito sobre as manifestações igualmente morais de um preciso objeto, é mister considerar-se *a ação* como puramente intelectual. Isto corresponde às investigações da ciência; o inverso – quer dizer, o efeito da aplicação das manifestações, ditas morais, de um dado sujeito – corresponde às impressões psicológicas ou psíquicas que um objeto produz sobre um sujeito.
11 _ da ESPECIALIZAÇÃO qualitativa ou quantitativa na ordem física ou moral (seja em um dado sujeito, seja em um preciso objeto).
12 ou 4 x 3 expressão da TOTALIDADE em movimento físico ou moral (por efeito da aplicação da sucessão a um substrato estável).

*(Doc. Fr.)*

## Diversidade das chaves denárias

Referindo-se à década numérica do *sistema decimal,* a *chave denária* provém das chaves duodenárias precedentes por *extração* (não por abstração nem subtração) de duas *qualidades* inconcebíveis ou de *quantidades* não pertencentes à mesma ordem (porque 11 e 12 são, quantitativamente, da ordem da segunda dezena).

Assim, existem várias chaves denárias, uma vez que os números extraídos podem ser dois quaisquer, entre os doze.

As chaves denárias consideram todos os números cujo primeiro algarismo seja 1. O *zero,* por não significar nenhum objeto e nenhum sujeito, nada representa a ser considerado. Em vista disto, a primeira dezena compreende o número 10, a segunda termina no número 20 e assim por diante.

*(Doc. Estr.)*

Uma vez que a chave denária é aplicável a qualquer dezena, não existe maneira de serem de outro modo distinguidos as *qualidades*, na *progressão por dezenas.* Apenas as *quantidades* são levadas em conta: na primeira dezena, as qualidades são contadas por *unidades* (considera-se, então, 10 qualidades distintas); na segunda dezena, cada qualidade está *duplicada;* na terceira ela se encontra *triplicada*, e assim por diante.

Entretanto, como se trata de progressões (para empregarmos convenientemente a linguagem matemática), a Cabala também considera as *progressões geométricas.*

Os métodos usuais de cálculo são aplicáveis necessariamente, já que é levada em conta a numeração decimal.

*(Doc. Fr.)*

As *chaves denárias*, sendo as mais práticas e mais aplicadas em tudo que diz respeito à Cabala e à Alta Magia, são constituídas em *sistemas de Sephiroth.*

*(P.P.)*

## Quadrados mágicos

A importância do quaternário como *substrato* no estabelecimento dos números, tais como a Cabala os considera, e as particularidades geométricas do quadrado inscrito – que permitem a construção de todos os polígonos, cujo número de lados seja divisor de 36 (aí estando compreendido o polígono de 360 lados) – incitaram à constituição de figuras especiais, chamadas pelos próprios matemáticos de *quadrados mágicos.*

Tais figuras comportam disposições de cifras, nas quais a soma por coluna transversal, bem como por coluna vertical e também por cada uma das diagonais do quadrado construído, fornece sempre o mesmo número como total.

Em linguagem matemática, denomina-se *ordem* de um quadrado mágico a série de cifras compreendidas em uma coluna. Assim, diz-se que o quadrado é da *quarta ordem*, quando cada coluna sua abrange quatro cifras; da *quinta ordem*, quando abrange cinco, e assim por diante.

Existem, então, duas espécies de quadrados mágicos: aqueles de *ordem par* e os de *ordem ímpar.*

*(R. B.)*

Em um quadrado mágico, importa principalmente a soma por coluna e por diagonal – muitas vezes denominada solução.

O número, que a caracteriza, coloca-se necessariamente em uma das categorias consideradas anteriormente. De qualquer modo, como os quadrados mágicos são usados com mais particularidades para recordar uma *ideia iniciática*, cujo valor é ordinariamente secreto, os magistas reconhecem como válidas somente aqueles cuja *solução* se refere a um número *em relação* com um daqueles que já foram mencionados.

*(Doc. Fr.)*

A relação entre o número dado pela *solução* do quadrado mágico e o número classificado cabalisticamente é sempre expressa por $S = N + x$, onde $S$ *é* a *solução*, $N$ o número dito cabalístico (para resumir) e $x$ a *indicação da relação.*

O motivo reside no fato de que, se for subtraído este último número, a fim de que a solução seja estabelecida *antecipadamente*, esta – já que se trata da soma de cada coluna e cada diagonal –

poderá induzir ao erro. Com efeito, poderia surgir um número simbólico, pois se trata, precisamente, de *mostrar um número que tenha relação com um outro,* o qual pode ser muito bem simbólico.

*(P.P.)*

Em geral, a solução de um quadrado mágico exprime uma relação qualquer com um número simbólico.

Este gênero de solução significa então que a ideia do quadrado mágico tem uma relação *x* com *tal símbolo,* cujo valor é conhecido iniciaticamente; e *x* exprime, pela interpretação usual dos números, *tal e tal concepção* ou *evocação de concepção* (ver o exemplo das páginas seguintes).

*(Doc. Fr.)*

A *ordem* dos quadrados mágicos, ao contrario, não se refere absolutamente a esta interpretação. Ela apenas marca o lugar que o quadrado ocupa, na sucessão setenária.

A *significação planetária* das ordens é a seguinte:

| | |
|---|---|
| Ordem de 3 cifras: | *Saturno* |
| Ordem de 4 cifras: | *Júpiter* |
| Ordem de 5 cifras: | *Marte* |
| Ordem de 6 cifras: | *Sol* |
| Ordem de 7 cifras: | *Vênus* |
| Ordem de 8 cifras: | *Mercúrio* |
| Ordem de 9 cifras: | *Lua* |

*(Ag.)*

## Método para montar quadrados mágicos de ordem ímpar

Existem vários *métodos matemáticos* para a montagem dos quadrados mágicos.

O melhor deles é ainda o *método siamês.* Foi levado para a Europa por um embaixador que Luís XIV enviara, em 1687, à corte do rei do Sião, chamado *de la Loubère.*

Este método, no entanto, *é aplicável somente aos quadrados de ordem ímpar.*

Para explicá-lo convenientemente, torna-se necessário um exemplo.

Assim, montaremos um quadrado mágico da quinta ordem (que compreende 25 números, à razão de um por casa).

"Coloca-se o número 1 na casa central da fila superior; em seguida, escrevem-se, sucessivamente, os números de 1 a 25, em sua ordem natural, *subindo diagonalmente para a direita* e tendo o cuidado de observar as regras seguintes:"

"1º – Quando se chega à *primeira fila horizontal,* o número a inscrever é colocado na última fila horizontal, como se a mesma fosse transportada para a parte superior do quadrado";

"2º – *Quando se alcança a última coluna da direita,* o número seguinte a inscrever é colocado na primeira coluna da esquerda, como se a mesma seguisse imediatamente a última coluna da direita";

"3º – *Quando se tropeça em uma casa já ocupada,* ou ainda, *sobre a última casa superior da direita,* passa-se para a casa imediatamente abaixo daquela que contém o último número inscrito, continuando a subir diagonalmente para a direita".

Um exame atento da figura abaixo permitirá observar-se como o método funciona.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **17** | **24** | **1** | **8** | **15** |
| **23** | **5** | **7** | **14** | **16** |
| **4** | **6** | **13** | **20** | **22** |
| **10** | **12** | **19** | **21** | **3** |
| **11** | **18** | **25** | **2** | **9** |

*(R.B.)*

*Nota. A solução* deste quadrado mágico é 65. Ora, segundo as considerações que foram feitas, ele equivaleria a 60 + 5, assim exprimindo *uma relação quinária com o número figurativo 60.* Poder-se-ia então dizer que se trata unicamente de um exemplo, sem significado esotérico, posto que a solução relaciona o rítmico ao sistema intelectual 60.

*(P.P.)*

Do quadrado mágico de ordem ímpar, dado como exemplo de outros quadrados, podem-se deduzir as cifras 1, 2, 3, 4, 5, por permutação.

A *regra matemática é* a seguinte: "Com um quadrado mágico qualquer, *de ordem par ou impar,* pode-se formar um outro quadrado mágico, apenas intercambiando a fila e a coluna que se cortam sobre uma determinada casa de uma diagonal, com a fila e a coluna que se cortam sobre a casa complementar da mesma diagonal."

*(R. B.)*

## Método para montar quadrados mágicos de ordem par

A montagem de quadrados mágicos de *ordem par* não pode ser efetuada pelo método precedente nem por nenhum outro que se aplique à ordem ímpar.

Um método relativamente recente para montar quadrados mágicos de uma *ordem superior a 2 é* atribuído a *de Ia Hire.* Tal método comporta a montagem de dois *quadrados auxiliares,* que valem para obter-se um terceiro, o qual será o quadrado mágico desejado.

Um exemplo tornará isto compreensível (ver abaixo).

Vejamos como estabelecer um quadrado mágico da *sexta ordem* (que apresenta 36 números, à razão de um por casa).

"O *primeiro quadrado auxiliar* (A) é montado como se segue":

"1º – Nas casas da *diagonal principal*, inscrevem-se os números 1, 2, 3, 4, 5, 6 – dispondo-os de maneira a que os números complementares estejam nas casas complementares (por exemplo, na ordem, 2, 6, 3, 4, 1, 5 ou na ordem natural 1, 2, 3, 4, 5, 6)";

"2º – Cada um destes números é reproduzido na casa associada verticalmente";

"3º – Em cada uma das casas livres da primeira coluna vertical, inscreve-se o mesmo número que já se encontra escrito nas *duas casas* desta coluna ou o número complementar (por exemplo, no caso do quadrado A, escreve-se 1 ou 6, não se impondo a ordem, mas de modo a que cada um deles seja tomado o mesmo número de vezes e que a *terceira regra, relativa à montagem do quadrado B, seja satisfeita*)";

"4º – Os números complementares daqueles da primeira coluna são reproduzidos nas casas associadas, horizontalmente, com as da primeira coluna";

"5º – As casas livres das segunda e terceira colunas são preenchidas *segundo a mesma regra válida para a primeira coluna;* depois, para as casas associadas horizontalmente às destas duas colunas, são inscritos os números complementares".

"O *segundo quadrado auxiliar* (B) é assim montado:

"1º – Nas casas da diagonal da esquerda, são inscritos os números 0, 6, 12, 18, 24, 30, dispostos de modo que duas casas complementares contenham os números complementares;

"2º – As casas associadas horizontalmente com as da diagonal, são ocupadas pelos mesmos números que figuram na diagonal";

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 5 | 4 | 3 | 2 | 6 |
| 6 | 2 | 4 | 3 | 5 | 1 |
| 6 | 5 | 3 | 4 | 2 | 1 |
| 1 | 5 | 3 | 4 | 2 | 6 |
| 6 | 2 | 3 | 4 | 5 | 1 |
| 1 | 2 | 4 | 3 | 5 | 6 |

**Primeiro quadrado auxiliar (A)**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 0 | 30 | 30 | 0 | 30 | 0 |
| 24 | 6 | 24 | 24 | S | 6 |
| 18 | 18 | 12 | 12 | 12 | 18 |
| 12 | 12 | 18 | 18 | 18 | 12 |
| 6 | 24 | 6 | 6 | 24 | 24 |
| 30 | 0 | 0 | 30 | 0 | 30 |

**Segundo quadrado auxiliar (B)**

"3º – As casas livres da primeira linha são preenchidas com o número já escrito *duas vezes* nesta linha ou com seu complementar (por exemplo, no quadrado B, com 0 ou 30); – pode ser qualquer uma a ordem de preenchimento, mas seguindo duas condições: 1ª: a *linha deve conter três vezes cada número;* 2ª: se uma casa da primeira linha do quadrado A e a casa associada verticalmente contiverem números complementares, *a casa correspondente da primeira linha do segundo quadrado auxiliar B e a casa associada horizontalmente devem conter o mesmo número;*

"4º – Nas casas associadas verticalmente com as da primeira linha, são inscritos os números complementares daqueles que figuram na primeira linha";

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 35 | 34 | 3 | 32 | 6 |
| 30 | 8 | 28 | 27 | 11 | 7 |
| 24 | 23 | 15 | 16 | 14 | 19 |
| 13 | 17 | 21 | 22 | 20 | 18 |
| 12 | 26 | 9 | 10 | 29 | 25 |
| 31 | 2 | 4 | 33 | 5 | 36 |

**Quadrado mágico (C) resultante definitivamente dos precedentes**
**(Solução do quadrado: 111)**

"5° – As casas livres, na segunda e terceira linhas, são preenchidas da mesma maneira que as da primeira linha e, nas casas verticalmente associadas a elas, são inscritos os números complementares."

"O quadrado mágico desejado (C) obtém-se em seguida, inscrevendo-se, em cada casa, a *soma* dos números inscritos nas casas correspondentes dos quadrados auxiliares A e B – e sendo levadas em conta todas as regras precedentes."

"Assim, no quadrado C, cada um dos números de 1 a 36 figura uma vez – e apenas uma vez – porque os números de 1 a 6 e de 31 a 36 só podem entrar na primeira e na última linha; segundo as regras fornecidas, o mesmo número não pode figurar duas vezes. Igualmente, os números de 7 a 12 e de 25 a 30 ocupam as casas de duas outras linhas, sendo que nenhum destes números pode figurar duas vezes. E assim por diante."

*(R.B.)*

Para facilitar a compreensão das *regras matemáticas concernentes à montagem dos quadrados mágicos*, convém memorizar o que é denominado:

– *Linhas complementares:* duas linhas equidistantes das filas superior e inferior do quadrado;
– *Colunas complementares:* duas colunas igualmente equidistantes das colunas extremas, à direita e à esquerda do quadrado;
– *Casas associadas horizontalmente:* duas casas da mesma linha, mas situadas nas colunas complementares;
– *Casas associadas verticalmente:* duas casas da mesma coluna, mas situadas nas linhas complementares;
– *Casas associadas transversalmente:* duas casas situadas, ao mesmo tempo, em duas linhas e duas colunas complementares;
– *Inversão horizontal:* operação que consiste em permutar os números inscritos em duas casas associadas horizontalmente;
– *Inversão vertical:* operação que consiste em permutar os números inscritos em duas casas associadas verticalmente;
– *Inversão transversal:* operação que consiste em permutar dois números inscritos em duas casas associadas transversalmente;
– *Inversão em cruz:* operação que consiste em permutar números, inscritos em uma casa qualquer e na casa associada horizontalmente, com dois números inscritos nas duas casas associadas

transversalmente às primeiras (operação esta, equivalente a duas inversões verticais e duas inversões horizontais).

*(R. B.)*

***Nota***. Matematicamente, é possível montar-se quadrados mágicos de qualquer ordem. Um estudo mais completo, concernente a todos os tipos de quadrados deste gênero, foi publicado em 1912, em Liège, sob o título *Les carrés magiques de la N$^{me}$ ordre*, por Edouard Barbette, Dr. em ciências físicas e matemáticas, professor da Escola Industrial de Liège e diretor de estudos no Instituto Francken. Em sua obra, o autor mostra um quadrado montado com os 1024 primeiros números.

Os quadrados mágicos são denominados *simbólicos* (pelos matemáticos) quando, ao invés de serem compostos de números, são montados com a ajuda de *cores* ou de *figuras diferentes* (as quais também podem ser diversamente coloridas).

Desta forma, obtêm-se *mosaicos* que parecem em desordem à primeira vista, mas que seduzem por uma harmonia que não *é* discernida pela razão.

É muito fácil transpor qualquer quadrado mágico para um *quadrado simbólico*, atribuindo-se a cada um dos números (correspondente à ordem) uma determinada figura que se imagina. Trata-se de uma engenhosa teoria, caso se queira generalizá-la.

Outrora, esta aplicação dos quadrados mágicos era objeto de um dos segredos do "companheirismo".

A mesma é igualmente utilizada na Alta Magia, para a confecção de pantáculos e talismãs.

*(P.P.)*

## Dissimulação dos números

Já tivemos oportunidade de ver, pela existência dos *quadrados mágicos*, que os números podem ser dissimulados na arquitetura e, por conseguinte, em todas as obras baseadas nas artes plásticas.

Sua dissimulação na escrita é efetuada de várias maneiras:

1ª Pela transposição dos *números reais* (isto é, dos números já devidamente classificados anteriormente) em outros números, segundo o processo de estabelecimento dos números simbólicos ou das soluções dos quadrados mágicos (o autor, no entanto, sempre tem o cuidado de indicar o processo por ele adotado).

2ª Pela transposição de *cifras empregadas*, em letras de um determinado alfabeto ou em signos zodiacais e planetários;

3ª Pelo emprego de *cifras imaginadas* que, compostas de linhas retas, não parecem cifras, letras ou sinais usuais, mas figuras (que são ditas "cabalísticas", por serem atribuídas a ideias cujo sentido passa despercebido).

Esta última forma de dissimular os números é empregada preferentemente na confecção de objetos mágicos. Tais são as cifras de Agripa (dadas adiante).

*Uma transposição de números reais em números diferentes é* a que se segue:

Sol: 6 212 666

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Lua: | 9 | 81 | 369 | 3321 | 2321 |
| Mercúrio: | 8 | 64 | 260 | 280 | |
| Vênus: | 7 | 49 | 157 | 1252 | |
| Marte: | 5 | 25 | 65 | 325 | |
| Júpiter: | 4 | 16 | 34 | 136 | |
| Saturno: | 3 | 9 | 15 | 45 | |

*(A. Gr.)*

Nesta transposição, a sucessão planetária já é confundida voluntariamente, de modo que cada astro indicado corresponde a um *signo planetário real* de uma sucessão ordinária. Entretanto, sendo as sucessões planetárias mais numerosas do que dizem os tratados de astrologia, é possível encontrá-la pela indicação das primeiras cifras à esquerda, fornecida pelo autor. Esta indicação procede da relação *a/b*, em que *a é* a cifra e *b* o astro mencionado. Estando assim conhecida a sucessão (resolvendo-se a fração), a *simbolização* dos outros números (segundo a fórmula mencionada anteriormente) acentua as ideias que o autor desejou expressar.

*(Doc. Fr.)*

As *transposições de cifras em letras usuais* (à exceção do emprego das letras hebraicas, na qualidade de cifras), em geral são *arbitrárias* e introduzidas na criptografia particular de cada um, então se tornando convencionais e difíceis de serem percebidas. Foram empregadas por certos Alquimistas. A título de indicação, deve-se assinalar a transposição empregada, por Planiscamp, em *Bouquet chymique:*

***1 – 2 – 3 – 4 – 5 – 6 – 7 – 8 – 9.***
***a – e – i – o – u – l – m – n – r.***

Outros Alquimistas a inverteram:

***1 – 2 – 3 – 4 – 5 – 6 – 7 – 8 – 9.***
***r – n – m – l – u – o – i – e – a.***

*(Pern.)*

Essa dissimulação dos números, pela transposição das cifras em letras de um alfabeto qualquer pode, naturalmente, ser aplicada aos quadrados mágicos.

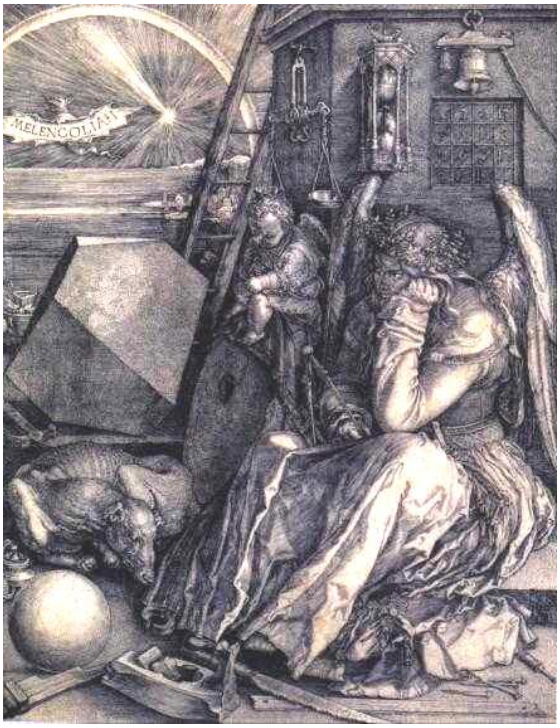
*(P.P.)*

Quanto à *transposição de cifras em signos zodiacais ou planetários,* serão encontrados modelos adiante, nas cifras criptográficas.

*Nota.* O emprego desta criptografia, eminentemente alquímica e que a Magia regular evita ao máximo (sobretudo fora da Europa), mostra uma certa decadência na aplicação dos princípios da Cabala e do ensinamento iniciático. Com efeito, *é* inegável que a transposição de *números reais* em *números diferentes,* permitindo toda espécie de combinações, dissimula melhor os números a expressar, sendo muito mais fácil de descobrir.

*(P.P.)*

## Quadrado mágico de Albrecht Durer




**A MELANCOLIA de Albrecht Durer**

Como exemplo da interpretação de uma obra de arte antiga, pelo exame dos números que a mesma comporta, na página seguinte é mostrada a reprodução da célebre gravura de Albrecht Durer, intitulada *A Melancolia*, na qual se pode ver um quadrado mágico.

A solução deste quadrado dá o número 34 – ou seja, após as explicações fornecidas em outro ponto, 33 + 1.

*Portanto, a gravura quer dizer que um evento (ou uma pessoa) estão sendo separados, a fim de que o símbolo expresso pelo número 33 demonstre a sua eficácia.*

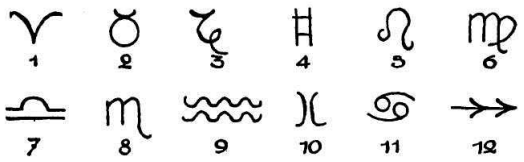
Ora, tal eventualidade parece necessária, para ser construída uma obra com o material e utensílios representados, obra esta que nada indica o que possa ser. De qualquer modo, a espera se prolonga e o tempo escoa lentamente na ampulheta vizinha ao quadrado, enquanto que um pequeno anjo, perto da escada que dá acesso a um andaime invisível, parece disposto a realizar as esperanças que sua juventude autoriza. Como os dias, anos, talvez séculos passam sem que nada aconteça, o anjo maior interrompe a escrita dos preceitos que, tudo indica, se referem à solução do quadrado. Ele medita. Ele sonha com o futuro, parque o sol sob o arco-íris está longe de atingir o zênite. Ele entrevê dificuldades, problemas e obstáculos, então mergulhando em *melancolia*. Entretanto, a palavra MELENCOLIA – que, antes de mais nada, apresenta uma ortografia certamente desejada – é completada por dois sinais em que se podem decifrar as letras SI. Existe, realmente, "melancolia se.." o evento ou o personagem nunca se concretizarem! Por outro lado, o conjunto comporta ainda *doze letras*, e o número doze é figurativo de uma concepção de ordem geral. Portanto, o que é esperado virá!

Aí, não se trata de melancolia, mas de esperança.

*(P.P.)*

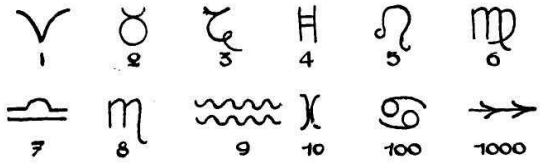
As *transposições de cifras em signos zodiacais*, empregadas pelos Alquimistas, são geralmente arbitrárias, e portanto, variáveis.

O exemplo seguinte indica uma *numeração por 12*:

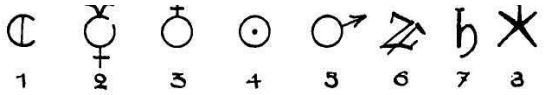



*(Pern.)*

Esta, no entanto, aplica-se à numeração decimal:



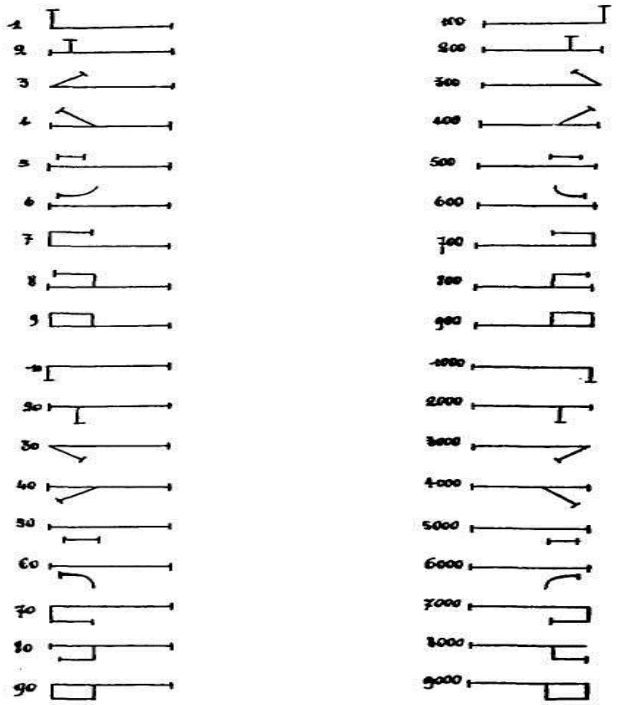

Da mesma forma, são arbitrariamente variáveis as *transposições de cifras em signos planetários que*, sendo em número insuficiente, completam-se por signos zodiacais ou convencionais, tais como aqui:




Neste exemplo, além de 8 e também para as dezenas, as cifras são representadas por signos zodiacais.

*(Pern.)*

## Cifras talismânicas de Agrippa



*(Ag.)*

# X – CORRESPONDÊNCIAS SIMBÓLICAS

## Princípios teóricos

A *teoria das correspondências* nada mais é senão uma parte secundária da *teoria geral*, concernente à ciência sobre a qual se fundamenta a Magia. Encontra-se na parte que diz respeito ao *mundo da ação* (denominado Aziah pelos cabalistas).

Por definição, sendo este mundo o de um planeta qualquer, apresenta-se aos olhos do homem como o da Natureza terrestre.

*(Div. Aut.)*

A teoria das correspondências considera, então, o que existe nos *três reinos da Natureza:* mineral, vegetal e animal.

Esta teoria secundária encontra-se estreitamente ligada ao *principio de correlação determinista*, que chega a admitir obrigatoriamente a teoria geral, quando ela aborda o mundo tangível da Natureza.

A este respeito, torna-se necessário resumir a *teoria geral.*

No Universo, tudo é construído e se move (inclusive evolui) segundo leis precisas – *racionalmente explicáveis*, embora dificilmente acessíveis pelos métodos ordinários da experiência e, sobretudo, quase impossíveis de inferir, pela lógica ordinária que a filosofia emprega. O mesmo acontece na Natureza terrestre onde, então, cada ser (no quadro de sua espécie) possui uma *estrutura própria*, porém mais ou menos complexa, sendo dotado de faculdades diversas de mobilidade, pelo efeito de combinações energéticas.

Entre a estrutura de um *mineral* – que é inerte – e a de um vegetal ou animal – que não o são, em absoluto – existe apenas *una diferença de organização.*

No tocante ao mineral, o movimento é unicamente *intrínseco*, revelando-se apenas ao contato de uma substância química, para dar lugar a movimentos atômicos, os quais produzem os corpos combinados. Não possuindo a faculdade de *movimento extrínseco*, o mineral precisa esperar que uma força externa acione sua massa. Ele é apenas *quimicamente organizado.*

Sendo biologicamente organizado, o vegetal é dotado de um *movimento intimo*, de caráter fisiológico. Daí a faculdade de *crescimento*, porém em absoluto a de *deslocamento.* Para tanto, ele também precisa esperar que uma força externa o acione: o vento se encarrega disto, sem tirá-lo do solo ao qual está fixado, proporcionando *movimento externo*, a fim de que suas células "trabalhem" e ajudem "esportivamente", por assim dizer, ao seu crescimento.

Ainda mais complexamente organizado, o animal é livre sobre seu horizonte – salvo algumas espécies que, como certos moluscos, permanecem aderidos a suas rochas e esperam, de forma idêntica ao vegetal, que a força das águas nas quais vivem lhes confiram o mesmo desempenho que o vento a uma planta.

Assim sendo, o animal é dotado de *movimento intimo e fisiológico*, porque é biologicamente organizado e, por outro lado, também é dotado de *movimento pessoal*, que lhe propicia a faculdade de deslocamento.

Possuindo, além disso, um cérebro e órgãos sensoriais, ele recolhe na natureza ambiente um certo número de vibrações que, transmitidas pelo sistema nervoso a seus lobos cerebrais, lhe permitem – em virtude de uma transformação de sensações em percepções – adquirir noções sobre aquilo que os filósofos denominam "o mundo externo à personalidade". Tais noções lhe servem para que se nutra e se desloque.

À primeira vista, entre o animal e o homem existe apenas uma diferença resultante da melhor classificação das percepções e, em seguida, uma outra que provém da utilização mais completa das noções. Ao classificar suas percepções, o homem cria ideias; ao utilizar suas noções judiciosamente, ele adquire saber; ao aplicar suas ideias às noções, ele generaliza e executa ciência.

Além do mais, uma diferença notória distingue o homem do animal: enquanto este se desloca em um plano paralelo ao horizonte, o homem se movimenta ereto, perpendicularmente ao plano do horizonte. Nisto, ele se conduz como o vegetal, sendo, no entanto, livre de ir para onde quiser e, graças à sua superioridade intelectual, empregar meios auxiliares em seu deslocamento, os quais aumentam sua velocidade e raio de ação – pelo que, pode afirmar uma supremacia sobre todas as outras espécies.

*(Doc. Fr.)*

De acordo com esta concepção, um determinismo geral de forças construiu os seres nos três reinos da Natureza – isto é, todas as *individualidades* que existem, tanto *globalmente*, como o átomo, a célula ou o *bionte*, quanto *particularmente*, como os elétrons no átomo, os átomos na célula ou as células no órgão e os órgãos em um *bionte* – até mesmo os *biontes* em um *demo* ou os diversos *demos* em uma sociedade e, finalmente, as sociedades na *humanidade ou* em uma raça animal e vegetal, inclusive uma categoria mineral, por compostos correspondentes.

Nos seres, as mesmas forças construíram os mesmos *elementos principais.* A força que preside ao estabelecimento do *gabarito da raça é* sempre idêntica, seja qual for a raça: uma simples diferenciação dos pontos sobre os quais a força atua, e temos uma raça distinta de uma vizinha. A força que preside ao *estabelecimento de um indivíduo em uma raça* é, igualmente, a mesma: atuando consecutivamente à força geradora (sabendo-se que os meios são biologicamente idênticos, em todos os seres dotados de faculdade de reprodução), ela tem o aspecto de uma *força construtora* que, após uma célula primordial convenientemente fecundada, marca o ser com tal certeza de execução que, em uma mesma espécie, os congêneres são organizados de maneira idêntica.

Assim, a teoria geral considera a Natureza como *simples na complexidade* – porque sua produção é vasta e variada, mas em absoluto caprichosamente complicada.

*(Doc. Fr.)*

Por conseguinte, conhecendo as forças e, sobretudo, conhecendo sua ação, o teórico podia tomar em consideração determinada "individualidade" – isto é, determinado ser ou determinada partícula de ser – em que *uma dentre estas forças* era reconhecida como mais particularmente preponderante.

Ele presumia – por comodidade de linguagem e abreviando – que a "individualidade" considerada *representava* esta força preponderante.

Em suma, ele *simbolizava a força pela "individualidade".*

Ora, como entre os *biontes* superiores, tais como o homem, todas as forças da Natureza – ou, pelo menos, a maior parte – estavam atuantes e que, somando-se a *potência* de uma força a uma outra do mesmo gênero, fica aumentada a potência desta última, torna-se lógica a utilização dos *símbolos representativos das forças.*

Isto faz supor, no tocante ao efeito pela potência aumentada, que a ação de cada força considerada é devidamente localizada em um órgão ou em um "sistema orgânico" e também que tal localização é conhecida. Daí a teoria secundária.

Não há dúvida de que esta teoria secundária foi aprofundada – apesar de sua amplitude – ao ponto de se tornar *praticável.* A prática das correspondências foi conservada após longa antiguidade e, embora tendo sofrido deformidades em vários sítios, o que lhe deu uma aparência variável, ainda assim pareceu tão seriamente estabelecida, ante diversos pesquisadores, que constitui o fundamento da *homeopatia moderna.*

É verdade que os primeiros homeopatas encontraram nas obras de Hipócrates e de Galeno os principais elementos de sua terapêutica; não obstante, é forçoso reconhecer que eles não os recolheram sem estudá-los e experimentá-los – o que constituiu seu mérito. O fato, entretanto, de que Hipócrates e Galeno – aos quais não se poderia contestar o espírito científico – empregaram a prática das correspondências prova que esta tinha o seu valor.

*(Doc. Fr. – Doc. Estr.)*

## Distinção dos gêneros

A simbolização de uma força por uma "individualidade" leva a pensar que a *representação* desta individualidade executa o mesmo papel, talvez a mesma função.

Com efeito, uma dada "individualidade" – ser ou órgão – possui uma forma exterior que, sendo habilidosamente desenhada, pode até dar a ilusão de ser, ela própria, uma "individualidade".

Entretanto, como todo desenho pode ser reduzido a uma espécie de *esquema* pela *estilização,* a "individualidade" é, afinal, resumida em alguns traços evocadores. Chega-se, então, a traçar apenas uma figura elementar, cuja característica é a denominação de *símbolo.*

Em virtude da ideia de que o símbolo possui uma ação idêntica à da força que ele representa, infere-se que o menor esquema é ativo por si mesmo.

Aí, percebe-se a *degradação* de uma maneira de ver, primitivamente aceitável. A partir de então, penetra-se na superstição concernente à falsa magia. Com efeito, torna-se evidente que, se uma flor é representativa de uma força (geradora) revelada por seu perfume, seu desenho – mesmo executado para iludir a visão – não poderá deixar de evocar essa força; posto que o perfume foi acrescentado artificialmente, não será idêntico ao da flor viva – e muito menos um esquema, ao qual se deverá acrescentar uma denominação, para que se saiba o que o mesmo representa.

Desta observação se derivam as distinções a operar nos gêneros de correspondências.

*(Doc. Fr.)*

De qualquer modo, esta simbolização de forças não é, em absoluto, a ideia de onde deriva o *simbolismo.*

O simbolismo surge como maneira geralmente adotada pela antiguidade, a fim de expressar o pensamento. Portanto, ele toma a aparência de uma *linguagem.*

Entretanto, já que nada leva a suspeitar das *regras* que presidem, tanto ao estabelecimento, como à adoção de símbolos, conclui-se que tal *linguagem* é arbitrária – para não se dizer fantasiosa. Em todo caso, vendo-se suas raízes em uma *intuição popular,* cuja lógica pouco é discernida, pode-se deduzir que ela assume formas variáveis, segundo as épocas e as regiões.

Evidentemente, o simbolismo foi empregado como linguagem, porém com o fito de *acumular e resumir pensamentos,* não de desenvolvê-los. Neste ponto, ele responde à necessidade de representar um conjunto de "coisas" por um só símbolo gráfico, coisas estas que, se fossem expostas, levariam o raciocínio a dispersar-se: assim, a química se vê obrigada a empregar símbolos e, quanto à álgebra, afinal de contas não é mais que um método de cálculo, com a ajuda de letras simbólicas.

O simbolismo permite generalizar; quando empregado como linguagem, esta é generalizadora, se não universal.

Em resultado, os símbolos só podem ser estabelecidos em virtude da tendência *generalizadora* manifestada pela inteligência humana, portanto, em vista da faculdade de generalização que possui o intelecto. Os símbolos só podem proceder do que os filósofos denominam o "domínio das ideias gerais".

Esta constatação conduz à seguinte definição: *um símbolo é uma metáfora que se fundamenta sobre a razão e encontra sua correspondência na realidade.*

Quanto à *Alegoria,* consiste em uma simples alusão a uma realidade qualquer.

O símbolo é uma *metáfora,* em outras palavras, o transporte do sentido adequado de uma expressão intelectual para o sentido figurado. O termo *metáfora* provém da retórica; trata-se, no entanto, de linguagem, isto é, da maneira como as ideias pessoais podem ser transmitidas a outrem. Para o escritor, o processo metafórico tem início na *simbolização da ideia* por um substantivo (comum ou próprio), prosseguindo até ganhar a amplitude de um "sistema mitológico". Para o artista, o emprego da metáfora – a qual tem sempre que ser uma figura – começa pelo *esquema gráfico* e termina pela construção arquitetônica, passando pelas fases intermediárias: ornamentação, estatuária e também a disposição do conjunto.

A simbolização da ideia pelo substantivo ou pelo esquema possui necessariamente um *fundamento racional,* sem o que seria pura tolice, arriscando-se a ser compreendida tão-somente pelo próprio autor. No entanto, a questão é comunicar tal ideia a outras pessoas.

Ê no emprego, para expressar as ideias, de substantivos que não tenham relação com as mesmas ou de esquemas que são sinais de qualquer aparência que a linguagem simbólica se distingue da linguagem simplesmente retórica.

Assim, ao falar de uma águia ou de um leão, a metáfora não se aplica à águia ou ao leão em geral, mas a determinada águia e a um determinado leão, precisos e existentes na realidade.

A realidade, no entanto, pode ser concreta ou abstrata. Em geral é abstrata, já que a linguagem empregada tem um caráter generalizador.

O esquema, possuindo o mesmo valor que o substantivo para o artista, não representa o objeto metafórico (objeto simbolizado), mas unicamente suas *linhas diretrizes,* isto é, sua *norma.* Pode-se conceber toda norma como a figura geométrica empregada pela Natureza, para dar a forma exterior do objeto (e também sua construção interna).

O esquema gráfico parece mais relacionado à ideia, que o é o substantivo (embora a raiz deste o seja muito próxima). Porque, fica entendido que, se a Natureza emprega certas *normas geométricas*

para dar formas aos objetos, tudo acontece como se ela pensasse e, portanto, tivesse ideias. Em consequência, todo objeto natural, real e existente, representa uma ideia.

Assim sendo, o esquema leva vantagem sobre o substantivo e o artista sobre o escritor.

É bem verdade que este dispõe de maiores meios para precisar: seu leão, por exemplo, pode ser o de Nemeia, e não um outro. Entretanto, a ideia que representa o leão, agora com bastante precisão, torna-se *particularista;* apenas o esquema que a representa permite ver-se um caráter geral, ainda que definido e preciso. Porque o esquema do leão (que é o significado zodiacal deste nome) permite a *generalização,* segundo os diferentes gêneros de leões existentes na Natureza: o gênero animal, do qual o leão de Nemeia é apenas um caso particular, o gênero estelar do qual a constelação de leão é também somente um caso particular – e muitos outros ainda, dos quais, em geometria a *espiral* e a *curva genérica* e, em mecânica aplicada a *mola em espiral,* são um gênero.

Deste fato, no entanto, se deduz que a simbolização das ideias por esquemas deveria, infalivelmente, provocar confusão.

Uma vez que a ideia possui um valor e que este valor se manifesta eficazmente no objeto real (para cuja construção foi a Natureza presidida por uma ideia), era-se impelido a concluir que a representação esquemática da ideia possuía praticamente (e não mais teoricamente) um mesmo valor e, portanto, uma idêntica eficácia.

O emprego de *esquemas* pela Alta Magia, isto é, de *ideografismos* (os quais nunca foram mantidos senão a título de *evocação de ideias),* deu motivo à superstição que consiste em ver nisso, de início, um valor idêntico ao da própria ideia (muitos Astrólogos e Alquimistas tropeçaram neste caminho), depois reconhecendo uma eficácia pelo menos comparável e geralmente *análoga* à que a ideia pôde manifestar, na ordem natural das coisas.

Em tal matéria, *a analogia é o fio condutor das modalidades supersticiosas.* A feitiçaria tem explicação lógica por uma série de analogias que, quando vizinhas, parecem aceitáveis, mas são indubitavelmente errôneas, se distanciadas entre si.

Convém, então, distinguir dois gêneros, nos símbolos, separando-os claramente:

> 1º – O *gênero gráfico* (ao qual se relaciona o gênero mítico, empregado correlativamente pela escrita);
> 2º – O *gênero ontológico* que, propriamente dizendo, se refere à simbolização das forças da Natureza por seres (vivos ou inertes) ou partes de seres.

*(P. P. – Doc. Fr. – Doc. Estr. – Pesq. Arq.)*

Estão compreendidos no *gênero gráfico*:

1º – Os *ideografismos,* ordinariamente ditos *astrológicos,* porque a Astrologia os popularizou, mas cuja origem (muito mais sábia do que se poderia tentar supor) reside no *desenvolvimento altamente elevado* do ensinamento iniciático;

2º – Os *símbolos,* geralmente ditos *esotéricos* ou *ainda religiosos,* por parecerem constituir uma linguagem esotérica, mais ou menos semelhante em todas as épocas e quase em todos os lugares. As religiões da antiguidade os empregavam correntemente. Entretanto, sua origem também se encontra – e unicamente – nos métodos de *transposição gráfica* exposta pelo ensinamento iniciático.

3º – Os *signos ditos alquímicos,* posto que a alquimia, como sua derivada a *espagírica* e, durante muito tempo, a farmácia, deles fizeram abundante uso. De qualquer modo, sua origem é reconhecida em uma *adaptação engenhosa* dos ideografismos e símbolos, assim como em uma modificação hábil dos princípios que servem para estabelecer os grafismos precedentes;

4º – Os *caracteres ditos mágicos,* porque a Magia, sob todas as formas, pródiga-os aos diferentes objetos dos quais se serve. Seu sentido passa despercebido, pelo fato de vários deles serem imitados nas diversas categorias acima mencionadas e por determinados outros não parecerem ter qualquer relação com estes últimos. No entanto, seu emprego procede, quando a Magia é verdadeira, de regras fixas dependentes do ensinamento iniciático, assim como a origem dos *caracteres aparentemente fantasiosas* – empregados somente pela Magia – resulta essencialmente da habilidade e engenhosidade em uma modificação ou adaptação dos ideografismos teóricos e racionalmente explicáveis.

*(Doc .Fr. – Doc. Estr.)*

No *gênero ontológico,* temos:

1º – *Minerais,* isto é, corpos químicos: metais, metalóides e compostos diversos (naturais ou fabricados), por conseguinte as cores, cuja origem é sempre um efeito químico;

2º – *Pedrarias* de todo valor comercial; entretanto, são elas apenas compostos químicos, cuja cristalização encerra o principal interesse;

3º – *Vegetais* de toda espécie, bem como partes dos mesmos: flores, folhas, troncos, raízes, assim como frutos e sementes;

4º – *Animais* de toda espécie, mas também determinados órgãos seus: os chifres, os pés, o fígado e inclusive a pele, segundo, no entanto, a parte do corpo que ela recobre;

5º – *Partes do corpo humano* e, em geral, aquelas que são suscetíveis de ablação sem prejuízo notório, como os cabelos, unhas ou dentes;

6º – *Elementos orgânicos,* tais como a seiva, resinas, látex, o sangue e mesmo a matéria cerebral – ou ainda secreções, como a saliva, o veneno de certos animais e diversos produtos comparáveis;

7º –*Manifestações comuns* de fenômenos naturais, como o raio, o fogo, a água.

*(Div. Aut.)*

## Modos de emprego

Ao ser aplicada a teoria das correspondências, sendo esta *determinista,* só poderá seguir um método que considere a própria maneira de argumentar.

Uma vez que as forças são *cósmicas* e pelo fato de, já no mundo de formação (denominado *Ietzirah* pelos cabalistas) constituírem "plasmas energéticos" cujas combinações astrais são a representação, as forças do mundo da ação, que são naturais e dele derivam (posto que a Natureza terrestre é um derivado do conjunto do *cosmos solar),* devem proceder dos mesmos princípios que presidem ao estabelecimento das combinações astrais.

A argumentação é idêntica à que permite considerar o átomo com seus elétrons, como um "pequeno sistema solar".

Daí que a base sobre a qual se fundamenta a Astrologia, a fim de ordenar em *valor qualitativo* as diversas combinações siderais, se torna o *meio u*tilizado pela Magia na utilização das correspondências.

Nesta parte da Astrologia, referente a correspondências, quis-se ver uma *consequência de ideias mágicas,* cuja origem só poderia ser popular, na falta de documentação séria, e da qual se teriam apoderado os Astrólogos, em feição mais ou menos científica, com isto querendo dar um certo crédito a suas asserções. O que autoriza tal suposição é a fragilidade dos argumentos apresentados sobre o assunto, pelos próprios Astrólogos. Essa fragilidade de argumentação provém principalmente do fato de que o essencial da magia astrológica (aquele do qual a Astrologia é o meio) escapava aos autores de tratados, em vista de seu caráter iniciático. Por outro lado, eles quiseram dar a entender que conheciam sua importância prática.

Porque a Magia, ao considerar "correntes" (no sentido moderno e científico da palavra) deve, forçosamente, levar em conta seu *determinismo,* a fim de estabelecer métodos práticos para a aplicação da energia.

Assim, ela se serve então da Astrologia, a fim de obter duas noções:

1ª – A noção prévia de *correspondência das forças,* segundo a qual todas as correspondências podem ser catalogadas e classificadas;

2ª – A noção subsequente de relação entre os *momentos* de cada força (como se diz em mecânica) e os *momentos* de cada uma das outras, segundo a qual as *eficácias,* devidamente catalogadas e classificadas, podem ser convenientemente empregadas.

Embora tais noções possuam um caráter que se diria astrológico, porque o mesmo não é astronômico, elas se fundamentam na *mecânica racional.* De fato, elas são *físicas.*

Para as primeiras, entram em linha de conta o *determinismo biológico e químico;* para as segundas, o *determinismo sideral* deve ser levado em consideração.

Em um sentido, no entanto, este é mais geral que o outro e preside às condições nas quais devem ser efetuadas as operações mágicas, conforme já foi visto.

O *determinismo biológico,* assim como o *determinismo químico,* assume então mais ou menos o aspecto de uma "cavilha mestra" que permite a classificação judiciosa das simbolizações de forças, isto é, das *correspondências.*

Da parte dos teóricos, isto exige um saber bastante vasto, do qual nenhum escritor de astrologia parece ter dado provas.

*(Doc. Estr.)*

## Derivações supersticiosas

Em uma medida bastante grande, as correspondências simbólicas são necessariamente aplicadas pela Alta Magia – sem o que esta não se coadunaria mais com a definição essencial da Magia.

Assim sendo, elas são de emprego indispensável nos ritos. Em linguagem usual, chegam a caracterizar cada rito, posto que se costuma dizer: o rito do sangue, o rito do pão e do vinho (rito de Melkitsedek), o rito do fogo, o rito da água, etc. – para ficarmos em generalidades.

Como sua *razão verdadeira* permanece velada, aparecendo apenas a *razão plausível*, o profano – isto é, o público, mas também o feiticeiro – tende a encontrar nisso *razões hipotéticas.* Estas, no entanto, por serem uma suposição, ganham um caráter *imaginário* e não tardam a tornar-se *falaciosas.*

Apesar dessa degradação que se opera lentamente no correr dos séculos – como uma aparência de lógica reata entre elas as concepções derivadas, por vezes se descobre a filiação supersticiosa. Não obstante, o resultado inevitável é a superstição.

Assim, atribui-se tal "virtude" a tal metal, a tal pedraria, e tal flor ou tal raiz, a tal chifre de carneiro, de touro ou de antílope, e tal fígado ou coração de animal, a todo tipo de objetos orgânicos ou inorgânicos – sem se saber exatamente por quê. E nasce o fetichismo.

É verdade que o fetichismo pode, perfeitamente, ser espontâneo. Entretanto, antes que esta qualidade lhe seja atribuída, torna-se prudente verificar, pelos *fetiches* empregados, se não se está em presença de uma derivação supersticiosa. Esta verificação é sempre baseada no exame do próprio *fetiche.*

Encontrando-se este essencialmente conforme as simbolizações ontológicas – que por outras vias são conservadas – pode-se concluir, ousadamente, que se está em presença de uma superstição, cujas anterioridades remontam a um estado social mais avançado, que aquele em que vive o povo fetichista.

Se, pelo contrário, não há indício da precedente conformidade, o *fetiche* é fantasiosa e pode ser espontâneo; neste caso, o povo fetichista é realmente primitivo, ao invés de degenerado.

Constatações semelhantes não deixam de oferecer interesse em pesquisas etnológicas – tendo-se em vista, sobretudo, as distinções que devem ser feitas entre os termos *fetiche* e *amuleto.*

Existe a tendência de confundi-los, pois sendo o vocábulo *fetiche* relativamente recente, não possui tradução exata para o latim. Ao contrário, a palavra *amuletum,* empregada por Plínio, no século I de nossa era, tem uma tradução precisa.

*Fetiche é* o afrancesamento do português *feitiço* (provavelmente da África), que quer dizer um *objeto-feiticeiro* e também um *objeto encantado.* É bem aplicado ao caso da *simbolização espontânea e fantasiosa,* no gênero ontológico.

*Amuletum,* de onde se originou o português *amuleto,* significa preferentemente *um objeto destinado a desviar o malefício.* Simples deformação do particípio passado do verbo *amoliri* (isto é, *amolitum,* no neutro), significa *desviar,* era então empregado subentendendo-se *fatum* (o destino). Ele se relaciona assim ao pantáculo ritual que é *uma proteção,* propriamente dita; nisto, implica a *simbolização engenhosa* do gênero gráfico.

Com a superstição, o *amuleto* foi transformado em toda medalha comportando figuras mais ou menos regulares, nisto tendo semelhança com os *pantáculos talismânicos* – os quais já não são mais que uma aparência de pantáculos ritualísticos.

Por seu caráter fantasiosa, o amuleto se relacionou ao fetiche, pelo menos no tocante às virtudes que lhe eram atribuídas. Em seguida, foi dado o nome de *fetichismo* à superstição que emprega um e outro.

*(Pesq. Arq. – Doc. Part.)*

## Correspondências astrológicas

As correspondências de ordem geral, levadas em conta pela Magia, fundamentam-se, necessariamente, na Astrologia.

Elas se referem, seja aos signos do *Zodíaco*, seja aos *Planetas* (o antigo vocábulo *planeta*, derivado do grego, significa todo astro móvel no céu, portanto, também o Sol e a Lua).

As *Correspondências zodiacais das cores* são as seguintes:

| | |
|---|---|
| ***Áries:*** | Vermelho-fogo |
| ***Touro:*** | Verde-sombrio |
| ***Gêmeos:*** | Marrom |
| ***Câncer.*** | Prata |
| ***Leão:*** | Ouro |
| ***Virgem:*** | Multicor |
| ***Libra:*** | Verde-água |
| ***Escorpião:*** | Vermelhão |
| ***Sagitário:*** | Azul-celeste |
| ***Capricórnio:*** | Preto |
| ***Aquário:*** | Cinza |
| ***Peixes:*** | Azul-marinho |

*(Div. Aut.)*

*Nota:* As correspondências acima são fundadas na relação que os planetas apresentam com os signos zodiacais, segundo *a Domiciliação do Céu*, que todos os antigos astrólogos expuseram (mas não explicaram positivamente). Esta *Domiciliação dos Astros*, portanto, é adotada ordinariamente. Não se pode dizer o mesmo sobre as *correspondências, zodiacais*, que possuem inúmeras variantes. A fornecida aqui é a mais constante para as cores.

*(P.P.)*

As *correspondências planetárias* são o próprio fundamento das correspondências zodiacais, por teoria astrológica: os planetas são, assim, simbolizados por cores relacionadas às de seu *domicílio zodiacal.*

| | |
|---|---|
| ***Sol:*** | Ouro |
| ***Lua:*** | Prata |
| ***Mercúrio:*** | Multicor, indeciso ou mutável |
| ***Vênus:*** | Verde |
| ***Marte:*** | Vermelho |
| ***Júpiter.*** | Azul |
| ***Saturno:*** | Preto |

*(Div. Aut.)*

## Correspondências musicais

Uma *correspondência das cores* com os sons musicais era observada na Grécia, nos ritos iniciáticos.

Ela procede do *sistema tetracórdio* de Aristóxeno e é a seguinte:

**1ª – *Gênero diatônico forte:***

*Lá:* índigo

*Sol:* verde (1/2 azul, 1/2 amarelo)
*Fá:* alaranjado (1/2 amarelo, 1/2 vermelho)
*Mi:* vermelho

**2ª – *Gênero diatônico brando:***
*Lá:* índigo
*Sol:* amarelo esverdeado (1/4 azul, 3/4 amarelo)
*Fá:* alaranjado (1/2 amarelo, 1/2 vermelho)
*Mi:* vermelho

**3ª – *Gênero cromático tônico:***
*Lá:* índigo
*Sol bemol:* amarelo
*Fá:* alaranjado (1/2 amarelo, 1/2 vermelho)
*Mi:* vermelho

**4ª – *Gênero cromático sesquiáltero:***
*Lá:* índigo
*Sol bemol:* amarelo alaranjado (5/8 amarelo, 3/8 vermelho)
*Fá:* alaranjado avermelhado (3/8 amarelo, 5/8 vermelho)
*Mi:* vermelho

**5ª – *Gênero cromático brando:***
*Lá:* índigo
*Sol bemol* *(com 2 colcheias): alaranjado amarelado (2/3 amarelo, 1 /3 vermelho)*
*Fá:* vermelho alaranjado (1/3 amarelo, 2/3 vermelho)
*Mi:* vermelho

**6ª – *Gênero enarmônico:***
*Lá:* índigo
*Sol dobrado bemol:* alaranjado (1/2 amarelo, 1/2 vermelho)
*Fá:* vermelho alaranjado (1/4 amarelo, 3/4 vermelho)
*Mi:* vermelho

*Nota.* A *nota Sol*, no gênero diatônico mudo, é diminuída em um *quarto de tom;* no gênero cromático sesquiáltero, é diminuída em um oitavo de tom.

A *nota Fá*, no gênero cromático sesquiáltero, é diminuída em um oitavo de tom; entretanto, no gênero cromático mudo, a diminuição é em um terço de tom e, no gênero enarmônico, em um quarto de tom.

*(Al. Tir.)*

Esta correspondência de cores com os sons musicais, fundamentada na música grega (muito diferente da nossa), data do século IV a.C, época em que viveu Aristóxeno.

*(P.P.)*

## Simbolismo dos Metais e Pedrarias

Considerados como sendo em *número de sete*, os metais usados possuem um simbolismo especial em Magia, o qual comporta *referências planetárias:*

***Sol:*** ouro
***Lua:*** prata

| | |
|---|---|
| ***Mercúrio:*** | mercúrio |
| ***Vênus:*** | cobre |
| ***Marte:*** | ferro |
| ***Júpiter:*** | estanho |
| ***Saturno:*** | chumbo |

*(Div. Aut.)*

*Nota.* É muito importante memorizar estas referências, pois as mesmas são aplicadas na confecção dos objetos mágicos. Aliás, são constantes *em Alquimia.*

*(P.P.)*

*Os metais não têm referências zodiacais.* Neste sentido, podem ser considerados inúteis, pois a regra astrológica da *Domificação do céu* permite atribuir um planeta a cada *signo do Zodíaco.*

O mesmo não acontece no concernente às *pedrarias.* Seu simbolismo é duplo: planetário e zodiacal. O simbolismo planetário das *pedrarias* (pedras preciosas) em geral é o seguinte:

| | |
|---|---|
| ***Sol:*** | Carbúnculo |
| ***Lua:*** | Diamante |
| ***Mercúrio:*** | Sardônia. |
| ***Vênus:*** | Esmeralda |
| ***Marte:*** | Rubi |
| ***Júpiter:*** | Safíra |
| ***Saturno:*** | Obsidiana |

*(Div. Aut.)*

O *simbolismo zodiacal* para as pedrarias é menos constante que seu simbolismo planetário. Nisto a variação é sempre devida à aplicação particular da teoria das correspondências, que pode apresentar um rito *estabelecido* (seja mágica ou religiosamente).

Neste sentido, o simbolismo a memorizar, como *cristianamente iniciático,* é aquele fornecido pelo apóstolo São João:

| | |
|---|---|
| **Áries** | Calcedônia |
| ***Touro*** | Esmeralda |
| ***Gêmeos*** | Sardônix |
| ***Câncer*** | Sardônia |
| ***Leão*** | Crisólita |
| ***Virgem*** | Berilo |
| ***Libra*** | Topázio |
| ***Escorpião*** | Crisoprásio |
| ***Sagitário*** | Jacinto |
| ***Capricórnio*** | Ametista |
| ***Aquário*** | Jaspe |
| ***Peixes*** | Safira |

*(Apoc.)*

A *correspondência dos anjos com os metais e pedrarias,* no entanto, é suscetível de apresentar variantes que se referem a certas evoluções da concepção primitiva do *Cristianismo.* Tal é a do século XV:

| | | |
|---|---|---|
| *Zaphkiel* (Cassiel): | chumbo-ônix | *(Saturno)* |
| *Zadkiel* (Sachiel): | estanho-safíra | *(Júpiter)* |

| | | |
|---|---|---|
| *Camael* (Samael): | ferro-diamante | *(Marte)* |
| *Raphael:* | cobre-esmeralda | *(Vênus)* |
| *Michael:* | mercúrio-ágata | *(Mercúrio)* |
| *Gabriel:* | prata-cristal de rocha | *(Lua)* |

*(Ag.)*

*Nota.* Se, na lista precedente, forem comparadas as denominações dos Anjos com as apresentadas no Quadro dos anjos que governam as Horas do Dia, dado acima, constata-se que *Raphael* corresponde aqui a Vênus e *Michael* a Mercúrio – ao passo que, segundo sua correspondência com as *horas planetárias, é* fácil ver-se que *Raphael é* o Anjo de Mercúrio e que *Michael o é* do Sol.

As correspondências exatas são encontradas no *quadro dos Anjos que governam as horas.* Então, é preciso atribuir o cobre e a esmeralda ao *Anjo Anael* (que não existe na lista acima), e o mercúrio-ágata a *Raphael.*

Seja por erro de copista ou por confusão voluntária, as indicações fornecidas por *Cornellius Agrippa* sempre apresentam uma retificação a ser feita: este autor só pode ser lido proveitosamente, quando com conhecimento de causa. Pode-se observar, aliás, que a menção do ouro (e também a do Sol) foi omitida na lista acima.

*(P.P.)*

Em vista das *variações ritualísticas* que têm sido assinaladas, a seguinte *correspondência simbólica das divindades greco-latinas com as pedrarias* deve ser considerada como aplicável unicamente aos ritos fundados em uma Iniciação segundo *Palas-Atena,* que os romanos conciliaram as concepções etruscas segundo *Vesta* e também com o Zodíaco.

| | | |
|---|---|---|
| *Palas:* | sardônia | *Áries* |
| *Vênus:* | cornalina | *Touro* |
| *Febo:* | topázio | *Gêmeos* |
| *Mercúrio:* | calcedônia | *Câncer* |
| *Júpiter:* | jaspe | *Leão* |
| *Céres:* | esmeralda | *Virgem* |
| *Vulcano:* | berilo | *Libra* |
| *Marte:* | ametista | *Escorpião* |
| *Diana* | *jacinto* | *Sagitário* |
| *Vesta:* | crisoprásio | *Capricórnio* |
| *Juno:* | cristal de rocha | *Aquário* |
| *Netuno:* | safira | *Peixes* |

*(Ag.)*

Da mesma forma, a *correspondência planetária das pedrarias, segundo os árabes,* é válida apenas (na África e na Ásia) para o *Islamismo.*

| | |
|---|---|
| *Saturno:* | turquesa |
| *Júpiter:* | cornalina |
| *Marte:* | esmeralda |
| *Sol:* | diamante ou safira |
| *Mercúrio:* | pedra de ímã |
| *Lua:* | cristal de rocha |

*(Doc. Part.)*

## Propriedades mágicas das pedrarias

As *virtudes* que foram atribuídas, de maneira mais ou menos justa, às pedras utilizadas de diversas maneiras *em Magia pessoal* são geralmente as seguintes:

*Ágata:* proporciona boa acolhida; faz alcançar a vitória sobre os adversários.
*Ametista:* proporciona julgamento justo; evita a embriaguez.
*Berilo:* torna estudioso; conquista a simpatia; protege contra os inimigos; faz ganhar processos.
*Calcedônia:* preserva dos perigos da viagem; faz ganhar os processos.
*Crisólita:* preserva da gota.
*Coral:* confere a prudência e o julgamento; preserva das epidemias.
*Cornalina:* proporciona a sorte; preserva de hemorragias.
*Diamante:* protege contra os inimigos; faz ganhar os processos; evita os perigos para as mulheres no parto.
*Esmeralda:* fortifica a visão; protege a castidade.
*Granada:* proporciona saúde; protege durante as viagens.
*Jacinto:* dá esterilidade; preserva da hidropisia.
*Jaspe:* preserva da maldade e da peçonha.
*Ônix negro:* dá sonhos pavorosos; proporciona tristeza.
*Pérola:* confere a castidade.
*Safira:* confere a castidade e dá sorte.
*Sardônia:* dá sorte.
*Selenita:* proporciona simpatia.
*Topázio:* proporciona simpatia.

Quase sempre, no entanto, tem-se considerado que as pedrarias só possuíam *virtude* mágica, com a condição de terem um *desenho* gravado, suposto simbólico, necessário em determinadas pedras.

Grava-se então sobre:

*Ametista:* um urso.
*Berilo:* uma rã.
*Calcedônia:* um homem em um cavalo a galope, tendo uma lança na mão.
*Coral:* um homem armado de gládio.
*Crisólita:* um jumento.
*Esmeralda:* um estorninho.
*Granada:* um leão.
*Ônix:* um camelo.
*Safira:* um carneiro.
*Sardônia:* uma águia.
*Selenita:* uma andorinha.
*Topázio:* um falcão.

O mesmo acontece quanto à *montagem das pedras.* Por uma razão idêntica à mencionada acima, em geral recomenda-se a observância de que:

O *berilo* seja encastoado em ouro. *O jacinto* montado em prata. A *pérola* usada apenas como colar. A *sardônia* encastoada em ouro.

*(A. Gr. – Div. Aut.)*

## Classificação planetária de plantas diversas

A classificação abaixo foi conservada pela *Espagírica* e, nesse sentido, deve ser considerada tradicional.

Ela é mais válida, contudo, para as *virtudes terapêuticas* dos vegetais mencionados do que para seu simbolismo (magicamente falando):

***Sol:***

Angélica
Açafrão
Alecrim
Balsameiro
Calêndula
Canela
Cardamomo
Celidônia (pequena)
Cevada
Ciclãmen
Couve comum
Craveiro da índia
Crisântemo
Genciana
Heliotrópio
Laranjeira
Lavanda
Lótus
Louro
Manjerona
Morrião
Palmeira
Primavera
Ranúnculo
Salva
Sândalo vermelho
Sempre-noiva
Tasneira
Tomilho
Trigo

***Lua:***

Abóbora
Alface
Aveia
Beldroega
Berinjela
Cabaça
Canforeira
Junco
Melancia
Melão
Nenúfar
Papoula
Pepino
Raponço
Repolho
Sândalo branco
Tamargueira
Tília

***Mercúrio:***

Acácia
Acelga
Alteia
Anis
Aveleira
Azedas
Camomila
Cenoura
Chá
Chicória
Couve-de-milão
Endívia
Escabiosa
Escalracho
Escutelária
Garança
Ligustro
Madressilva
Matricária
Margarida
Mercurial
Mil-folhas
Milho painço
Quinquefólio
Roseira-brava
Sabugueiro
Salsaparilha
Selo-de-salomão
Serralha
Travo
Valeriana
Zimbro

***Vênus:***

Açucena
Agrião
Amendoeira
Amor-perfeito
Limoeiro
Macieira
Malmequer branco
Malva

Ancólia
Barba-de-bode
Buxo
Cabrito-de-vênus
Cássia
Calidônia (grande)
Coentro
Couve-flor
Espinafre
Espora-brava
Fúcsia
Goivo
Íris
Jacinto
Lilás
Melissa
Miosótis
Mirta
Musgo-das-rochas
Pervinca
Resedá
Rosa
Saião
Satirião
Serpilho
Tanchagem
Tussilagem
Verbena
Vesicária
Visco

***Marte:***

Absinto
Acanto
Agárico
Agrião-mastruço
Aipo
Alcachofra
Alho
Alho-porró
Ameixeira brava
Arão
Artemísia
Aspargo
Bardana
Beladona
Briônia
Cânhamo
Cardo
Cebola
Cebolinha
Cinoglossa
Colocíntida
Corniso
Diabelha
Dormideira (papoula)
Espinhosa
Eufrásia
Fava
Feto
Giesta
Gladíolo
Goiveiro
Hortelã
Manjericão
Mostarda
Noz-moscada
Orelha-de-urso
Pimenteira
Rábano silvestre
Ruibarbo
Taioba
Urtiga
Urze
Verônica
Videira

***Júpiter:***

Agrimônia
Aloés
Amaranto
Ameixeira
Amoreira
Beterraba
Betônica
Borragem
Buglossa
Cárpea
Carvalhinha
Cedro
Centáurea
Espinheiro
Figueira branca
Freixo
Gatunha
Gergelim
Linho
Marmeleiro
Morangueiro
Orelha-de-asno
Peônia
Plátano
Rabanete
Sorveira

| | | |
|---|---|---|
| | Cerejeira | Trigo-mourisco |
| | Choupo | Ulmeiro |
| | Cólquico | Violeta |
| | Couve-vermelha | |
| ***Saturno:*** | Acônito | Funcho |
| | Agnocasto | Heléboro |
| | Arruda | Hera |
| | Asfódelo | Líquen |
| | Avenca | Mandrágora |
| | Cacto | Musgo das árvores |
| | Cicuta | Parietária |
| | Cipreste | Pulmonária |
| | Coca | Salgueiro |
| | Cominho | Salsa |
| | Escrofulária | Saponária |
| | Estramônio | Saxifrágia |
| | Eufórbia | Serpentária |
| | Feto macho | Serpentina |
| | Figueira preta | Tabaco |

*(Sd.)*

Independendo da consideração precedente, todo vegetal apresenta – em si mesmo – cada uma das correspondências planetárias distribuídas segundo sua *Fisiologia própria*, da seguinte maneira:

| | |
|---|---|
| Raiz | *Saturno* |
| Caule | *Marte* |
| Folhas | *Lua* |
| Flores | *Vênus* |
| Casca e semente | *Mercúrio* |
| Fruto | *Júpiter* |

*(A. Gr.)*

## Simbolismo geral dos Vegetais

Em si mesma, cada planta constitui um *símbolo comum:*

| | |
|---|---|
| O amaranto (flor) é emblema | da imortalidade. |
| O carvalho (árvore) é emblema | da força. |
| O cedro (árvore) é emblema | do orgulho. |
| A dormideira (planta) é emblema | da preguiça. |
| O espinheiro (planta) é emblema | da inveja. |
| O heléboro (planta) é emblema | da calúnia. |
| A íris (planta) é emblema | da solidão. |
| A laranja (flor) é emblema | da inocência. |
| O líquen (planta) é emblema | da paz. |
| O lírio (flor) é emblema | da pureza. |
| O lótus (flor) é emblema | da castidade. |
| A macieira (fruto) é emblema | do pecado original. |
| O manjericão (planta) é emblema | da cólera. |
| A mostarda (grão) é emblema | da onisciência. |
| A mirta (planta) é emblema | da compaixão. |

| | |
|---|---|
| O nenúfar (planta) é emblema | da caridade. |
| A oliveira (ramo) é emblema | da paz. |
| A palmeira (folha) é emblema | da vitória. |
| A parietária (planta) é emblema | da pobreza. |
| O resedá (planta) é emblema | da doçura. |
| A roseira (flor) é emblema | do amor. |
| O sabugueiro (planta) é emblema | do zelo. |
| O trevo (planta) é emblema | do ternário. |

*(Div. Aut.)*

As *árvores* possuem um simbolismo planetário que lhes é especial:

| | |
|---|---|
| Carvalho | *Sol* |
| Nogueira | *Lua* |
| Azevinho | *Marte* |
| Bétula | *Júpiter* |
| Oliveira | *Mercúrio* |
| Mirta | *Vênus* |
| Pinheiro | *Saturno* |

*(Div. Aut.)*

## Propriedades mágicas das plantas

As *plantas ditas fundamentais* em Magia comum são consideradas como possuindo as seguintes *Virtudes*:

A *Sempre-noiva*, planta do *Sol*, confere o ardor e vigor do amor.
A *Crista-marinha*, planta *da Lua*, confere a segurança em viagem.
O *Quinquefólio*, planta de *Mercúrio*, confere o saber.
A *Verbena*, planta de *Vênus*, confere o amor, a alegria, o talento.
*A Arnica*, planta *de Marte*, confere a coragem.
*O Meimendro*, planta de *Júpiter*, confere a alegria e sabedoria.
O *Feto*, planta de Saturno, confere a força para afastar os Espíritos.

*(A. Gr.)*

As *plantas ditas secundárias* em Magia comum possuem, por outro lado, propriedades que se pode considerar tradicionais. Eis a lista:

| | | |
|---|---|---|
| *Agrimônia* | levada consigo | afasta os maus espíritos. |
| *Aloés* | em decocção | facilita a concepção. |
| *Amaranto* (flor de) | levada consigo | confere o favor dos importantes. |
| *Amêndoa* | mastigada | beneficia a potência. |
| *Amieiro* | como vareta | excelente para varetas mágicas. |
| *Angélica* | levada consigo | protege contra a sedução. |
| *Artemísia* | levada consigo | protege contra os feitiços e maus espíritos. |
| *Aveleira* (madeira de) | em pedacinhos | empregada na procura de fontes. |
| *Asfôdelo* | como baqueta | empregado nas evocações. |
| *Bambu negro* | queimado | substituir a verbena. |
| *Beldroega* | colocada na cama | afugenta as visões. |
| *Betônica* | levada consigo | protege contra bruxarias. |
| *Bétula* | como perfume | afugenta a melancolia. |
| *Briônia* (raiz de) | como perfume | empregada em algumas cerimônias. |

| | | |
|---|---|---|
| *Camélia* | como óleo | excelente para as lâmpadas de adoração. |
| *Cárpea* (madeira de) | como baqueta | empregada na procura de fontes. |
| *Cárpea* | como baqueta | excelente para baquetas mágicas. |
| *Centáurea* | em pedacinhos | misturada ao sangue de uma poupa fêmea e posta no óleo de uma lâmpada, provoca alucinações. |
| *Chá* (folha de) | como infusão | auxilia a concentração fluídica. |
| *Ciclame* (flor de) | como suco | entra na composição de filtros. |
| *Cinogiossa* | levada consigo | conquista a simpatia. |
| *Cravo da Índia* | mastigado | aumenta o poder do hipnotizador. |
| *Crisântemo* (flor) | levada consigo | preserva dos malefícios. |
| *Dictamno* | queimado | beneficia a vidência. |
| *Estramônio* | levada consigo | afasta os malefícios. |
| *Eufórbia* (haste da) | pulverizada | serve como perfume nas evocações saturnianas. |
| *Gatunha* | levada consigo | protege contra os ladrões e os perigos da guerra. |
| *Heliotrópio* | como perfume | aumenta o poder de vidência dos sonâmbulos. |
| *Jacinto* (raiz de) | como suco | prolonga a infância. |
| *Kousa* | como suco | possui propriedades magnéticas. |
| *Lírio* | como perfume | excelente condensador fluídico. |
| *Mandrágora* (raiz de) | levada consigo | excelente condensador fluídico. |
| *Manjericão* | como suco | empregado nos malefícios. |
| *Matricária* | como suco | excelente condensador fluídico. |
| *Melissa* | como infusão | beneficia a inspiração. |
| *Melissa* | levada consigo | torna a pessoa amável. |
| *Mercurial* | levada consigo | ajuda na concepção. |
| *Mina* | como alcoolato | prolonga a vida. |
| *Narciso* (raiz de) | em água destilada | concede a amizade dos jovens. |
| *Nenúfar* | como infusão | aumenta a potência viril. |
| *Nêveda dos gatos* | levada consigo | proporciona a vitalidade. |
| *Oliveira* (fruto de) | em óleo | excelente condensador fluídico. |
| *Peônia* (flor da) | levada consigo | preserva dos malefícios. |
| *Primavera* | levada consigo | afugenta a melancolia. |
| *Rosa vermelha* (flor) | levada consigo | ajuda na concepção. |
| *Rosa vermelha* (flor) | como perfume | serve para comunicar-se com as forças superiores. |
| *Salgueiro* (madeira) | como baqueta | excelente como baqueta mágica. |
| *Salgueiro* (casca) | levada consigo | afugenta visões |
| *Salva* | como extrato | tem propriedades vivificantes. |
| *Serpentária* | como extrato | excelente condensador fluídico. |
| *Tabaco* (folha do) | fumada em cachimbo | beneficia a contemplação. |
| *Tília* (flor da) | como infusão | é um calmante. |
| *Trevo* (de 4 folhas) | levada consigo | e um talismã para ganhar no jugo. |
| *Urtiga* | levada consigo | dá coragem. |
| *Urze* | como perfume | ajuda na adivinhação. |
| *Verbena* | como perfume | por si mesma, um excelente filtro amoroso. |

*(Sd.)*

A fim de que as propriedades mágicas acabadas de mencionar tenham toda a sua eficácia, *são* recomendadas certas *observações quanto à colheita das plantas.*

O *melhor tempo* para colher as plantas é, em geral, do 23º ao 29º dia da lua.

A *verbena,* entretanto, é colhida preferentemente na época das vindimas. O *visco* só pode ser colhido com uma lâmina de ouro; do contrário, é melhor arrancá-lo com a mão.
Enfim, quanto à *mandrágora,* nunca deve ser colhida sem que se tenha traçado antecipadamente três círculos em torno e tomado a precaução de colocar-se a sotavento.

*(A. Gr.)*

*Nota.* No que concerne à *mandrágora* e apesar do que possam alegar certos autores, trata-se da planta dita *atropa mandragoru,* em botânica, a qual é medicinal, embora de pouco emprego atualmente. Na época de *Alberto O Grande,* era utilizada como anestésico, uso que ainda permanece, no Extremo Oriente.

*(Dor.)*

## Atribuições ritualísticas dos vegetais

As religiões popularizaram as atribuições dos vegetais (às diversas divindades), que a Magia reconhecia como válidas para os *ritos* particulares.

Estas *atribuições ritualísticas* variam necessariamente, segundo as épocas.

1º *Na antiguidade greco-romana:*

| | | |
|---|---|---|
| *O Acônito* | era consagrado a | Cérbero. |
| *O Agnocasto* | – | Dêmeter. |
| *A Amoreira* | consagrada | Mercúrio. |
| *A Avenca* | – | Plutao. |
| *O Buxo* | consagrado | Céres e Cibele. |
| *A Centáurea* | consagrada | Quíron. |
| *O Choupo* | consagrado | Hércules. |
| *O Ciclame* | – | Apolo. |
| *O Cipreste* | – | Plutão. |
| *A Consolda* | consagrada | Juno. |
| *O Corniso* | consagrado | Ares. |
| *O Dictamno* | – | Lucina. |
| *A Figueira* | era consagrada a | Dionisos, Saturno, Hermes. |
| *O Heliotrópio* | – consagrado | Apolo. |
| *A Hera* | – consagrada | Mercúrio, Baco. |
| *O Incenso* | – consagrado | Leucoteia. |
| *O Loureiro* | – – | Apolo. |
| *A Macieira* | – consagrada | Ceres. |
| *O Marmeleiro* | – consagrado | Hera. |
| *A Menta* | – consagrada | Mortos (na Grécia) |
| *A Menta silvestre* | – – | Ceres. |
| *A Mirta* | – – | Afrodite. |
| *O Narciso* | – consagrado | Fúrias. |
| *A Oliveira* | – consagrada | Atena. |
| *A Palmeira* | – – | Júpiter. |
| *O Pinheiro* | – consagrado | Pã. |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| *O Plátano* | – | – | ao | deus particular de quem o plantasse. |
| *A Sarça* | – | consagrada | | Saturno. |
| *A Serpentina* | – | – | | Saturno. |

2º *Na antiguidade egípcia:*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| *O Pessegueiro* | era | consagrado | a | Harpócrates. |

3º *Na Índia:*

| | | | |
|---|---|---|---|
| *A Cevada* | é | consagrada | aos sete Princípios superiores. |
| *A Figueira* | – | – | a Vishnu. |
| *O Gergelim* | – | – | aos ancestrais. |

4º *Na cristandade:*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| *A Campainha* | é | consagrada | a | São Pedro. |
| *A Genciana* | – | – | – | |
| *A Madressilva* | – | – | – | |
| *A Parietária* | – | – | – | |
| *A Primavera* | – | – | – | |
| *A Saponária* | – | – | – | |
| *A Artemísia vermelha* | – | – | a | São João Batista. |

Por outro lado, certas árvores foram ou ainda são veneradas como sagradas.

A *Acácia*, entre os antigos egípcios. O *Alho*, entre os antigos egípcios. A *Bétula*, no Kamtchatka. O *Carvalho*, entre os celtas antigos. A *Figueira asiática*, na Índia. A *Kousa* (erva), na Índia.

*(Pes. Arq.)*

## Simbolismo ordinário dos animais

As atribuições simbólicas dos animais conservam um caráter constante. O motivo consiste no fato de nato se poder utilizar o animal de modo idêntico ao vegetal, durante os ritos, já que ele não é inerte.

Assim sendo, o simbolismo dos animais se mantém puramente gráfico.

Este simbolismo repousa sobre a seguinte classificação planetária:

| **Ideia** | **Planeta** | ***Quadrúpedes*** | ***Aves*** | ***Peixes*** |
|---|---|---|---|---|
| Ideia de dominação | ***Sol:*** | Leão | Águia | Sombra |
| Ideia de independência | ***Lua:*** | Gato | Cisne | Caranguejo |
| Ideia de aperfeiçoamento | ***Mercúrio:*** | Macaco | Papagaio | Peixe-voador |
| Ideia de vitalidade e de ternura | ***Vênus:*** | Touro | Pomba | Foca |
| Ideia de atividade e de vigilância | ***Marte:*** | Lobo | Galo | Raia |
| Ideia de sabedoria | ***Júpiter:*** | Elefante | Pavão | Delfim |
| Ideia de isolamento | ***Saturno:*** | Bode | Morcego | Molusco |

*(Div. Aut.)*

*Nota.* A classificação planetária acima pode tornar-se *zodiacal*, pela regra astrológica da *Domiciliação dos Planetas.*

As *atribuições mitológicas* dos animais, ao contrário, procedem da correlação entre a ideia iniciática que representa uma divindade e o papel desempenhado no mito pelo animal. São elas, particularmente:

| | | | |
|---|---|---|---|
| ***Saturno:*** | a serpente. | ***Vênus:*** | a pomba. |
| ***Cibele:*** | as feras. | ***Netuno:*** | os anfíbios. |
| ***Marte:*** | o galo. | ***Juno:*** | o pavão. |
| ***Júpiter.*** | a águia. | ***Apoio:*** | os cavalos. |
| ***Diana:*** | a corça. | ***Plutão:*** | o cão. |
| ***Baco:*** | o bode. | | |

*(Cho.)*

Enfim, segundo os ritos fixados por Moisés, os animais eram considerados *puros* ou *impuros* pelos hebreus.

Os *animais impuros* são os seguintes:
O herbívoros não ruminantes.
O coelho, a lebre e todos os roedores.
Os porcos.
Os moluscos, crustáceos e todos os animais aquáticos, exceto os peixes.
As aves carniceiras.
O avestruz.
As aves aquáticas.
O morcego.
Os macacos.
O lagarto, o crocodilo e todos os sáurios.
Os batráquios e as serpentes.

*(Lev.)*

A Alta Magia sempre levou em conta estas prescrições mosaicas, concernentes aos animais. Aliás, eles procedem de concepções iniciáticas muito profundas. Entretanto, basta ver-se nisto apenas as *diretrizes* para a utilização conveniente dos símbolos.

*(Doc. Estr.)*

## Correspondências mágicas dos perfumes

Em vista do importante papel que a Magia atribui aos perfumes (tanto na teoria como na prática), convém memorizar-se a *classificação planetária* seguinte, que é fundamental:

| | | | |
|---|---|---|---|
| ***Sol:*** | Heliotrópio | ***Marte:*** | Urze |
| ***Lua:*** | Íris | ***Júpiter:*** | Menta |
| ***Mercúrio:*** | Zimbro | ***Saturno:*** | Dormideira |
| ***Vênus:*** | Verbena | | |

*(Div. Aut.)*

Neste sentido, sempre tem sido recomendado que a pessoa se perfume segundo o *planeta que domine sua natividade* (astrologicamente falando), seja para proceder a uma operação mágica, seja mais simplesmente, na vida comum, a fim de estar em harmonia com a Natureza.

*(Div. Aut.)*

No que concerne às operações mágicas, no entanto, as *fumigações perfumadas*, de emprego indispensável, são feitas com pós especialmente compostos para cada cerimônia praticada. Mais adiante são fornecidas diversas fórmulas.

*(P.P.)*

Por outro lado, as observações seguintes foram feitas sobre a ação psicológica dos perfumes (por observância dos "sujeitos" hipnotizados ou magnetizados):

| | | |
|---|---|---|
| *Mirra* | provoca a admiração | |
| *Benjoim* | – | o êxtase religioso |
| *Incenso* | – | idem |
| *Coentro* | – | idem |
| *Angélica* | – | ideias alegres |
| *Anis* | – | ideias amorosas |
| *Tomilho* | – | idem |
| *Cravo-da-índia* | – | idem. |
| *Rosa* | – | idem |
| *Lavanda* | – | a repulsão |
| *Canela* | – | idem |

*(Roch.)*

## Correspondências gerais e especiais de diversas partes do corpo humano

Estas correspondências se fundamentam na *Astrologia.* São, também, tão simbólicas quanto práticas. A Alta Magia sempre as teve por muito importantes, em todos os sentidos.

Segundo seu *tema astrológico de natividade* (digo *genetlíaco), o* ser humano apresenta uma *assinatura planetária,* de acordo com o astro que predomina.

De maneira bastante geral, estas assinaturas são as seguintes:

*Saturno* confere um aspecto frio ou triste e sombrio, barba negra, cabelos longos, olhos fundos nas órbitas, olhar gelado, cabeça pendida para a terra, o corpo comprido e magro.

*Júpiter* confere um aspecto desenvolto e alegre, aparência jovial, barba rala, cabelos castanhos, olhos claros, expressão franca, cabeça grande e redonda, corpo robusto, ventre roliço e estatura mediana.

*Marte* confere um aspecto ativo e vivo, comportamento violento, barba espessa, mas curta, cabelos louros, olhos fendidos, visão fixada sobre o horizonte, cabeça pequena, enérgica, o corpo muito musculoso e sem ventre, com estatura acima da média.

*Vênus* confere um aspecto belo e suave, aparência jovem, a barba admiravelmente fornida, cabelos longos (louros ou escuros), olhos muito bonitos e bastante expressivos ou voluptuosos, expressão calma e contagiante, cabeça proporcionada, corpo bem feito e estatura normal.

*Mercúrio* confere um aspecto vivo e saltitante, aparência impaciente, barba rala, cabelos castanho-escuros, olhos pequenos, expressão brilhante, cabeça pequena e inteligente, corpo magro e nervoso, de pequena estatura.

A *Lua* confere um aspecto indolente e mole, aparência de pouca atividade, barba escassa, cabelos castanhos, olhos à flor do rosto, expressão surpresa, cabeça volumosa, corpo mal proporcionado e tendendo bastante para gordo, com estatura elevada.

O *Sol* confere um aspecto enérgico e firme, aparência arrogante, bela barba, cabelos castanhos, olhos bonitos e expressivos, a visão voltada para o céu, cabeça caída para trás, corpo bem proporcionado e estatura mediana.

*(Div. Aut.)*

*Nota.* As indicações acima são *sumárias*, não se devendo tomá-las *ao pé da letra.* Cada *assinatura planetária* apresenta, necessariamente, *correções* provenientes de particularidades fornecidas pela disposição do tema individual.

*(P.P.)*

É dada como constante uma *classificação zodiacal das partes do corpo humano.* Ela se fundamenta, aliás, na *teoria explicativa* das construções orgânicas na Natureza:

| | | |
|---|---|---|
| *Áries* | governa | a cabeça. |
| *Touro* | – | o pescoço. |
| *Gêmeos* | – | os ombros e os braços. |
| *Câncer* | – | o peito, os pulmões e o baço. |
| *Leão* | – | o estômago, o fígado, o coração e os nervos. |
| *Virgem* | – | o ventre e os intestinos. |
| *Libra* | – | os rins. |
| *Escorpião* | – | os órgãos genitais. |
| *Sagitário* | governa | a região dorsal e os nervos ciáticos. |
| *Capricórnio* | – | as coxas, as nádegas e o ânus. |
| *Aquário* | – | as pernas. |
| *Peixes* | – | os pés. |

*(Div. Aut.)*

Ao contrário, a *classificação planetária das partes do corpo humano,* que é geralmente aceita, precisaria ser retificada, a fim de estar em conformidade com a *teoria explicativa das construções orgânicas.* A Magia comum, no entanto, a considera tal como é dada a seguir.

*Saturno* governa os ossos, os dentes, a orelha direita, o baço, a bexiga.
*Júpiter* governa o fígado, as veias, os pulmões, o diafragma, os músculos, os flancos.
*Marte* governa a vesícula biliar, a orelha esquerda, as partes genitais do homem, os rins.
*O Sol* governa o coração, as artérias, o lado direito do homem, o lado esquerdo da mulher, o olho direito.
*Vênus* governa, a garganta, as mamas, o ventre, as partes genitais da mulher, a região lombar.
*Mercúrio* governa as coxas, os pés, os braços, as mãos, a língua, os nervos e ligamentos nervosos.
*A Lua* governa o cérebro, o olho esquerdo, o lado esquerdo do homem, o lado direito da mulher, os intestinos, o estômago.

*(Div. Aut.)*

No que concerne à *intelectualidade humana,* existe nos tratados de Astrologia uma classificação planetária dos elementos psicológicos. Os *modernos* quiseram acrescentar-lhes considerações referentes a *Netuno* e *Urano;* assim, deve-se notar que a classificação apresentada a seguir jamais foi considerada válida em Alta Magia.

| | | |
|---|---|---|
| *Netuno* | governa | a prudência e a circunspeção. |
| *Urano* | governa | a vontade e a abnegação. |
| *Saturno* | governa | o pensamento. |
| *Júpiter* | governa | o julgamento. |

| | | |
|---|---|---|
| *Marte* | governa | a ação. |
| *O Sol* | governa | a direção geral da vida. |
| *Vênus* | governa | o amor. |
| *Mercúrio* | governa | as relações sociais. |
| *A Lua* | governa | a motricidade. |

*(Fh.)*

Da mesma forma, a seguinte *correspondência planetária dos sentidos,* encarada geralmente com reservas pela Astrologia, não possui nenhum valor (teórico ou prático) em Alta Magia.

| | |
|---|---|
| *Sol* | percepção. |
| *Lua* | visão. |
| *Mercúrio* | palavra. |
| *Vênus* | gosto. |
| *Marte* | tato. |
| *Júpiter* | olfato. |
| *Saturno*. | audição. |

*(Div. Aut.)*

Mais de acordo com a *teoria geral (portanto iniciática) é* a *correspondência planetária das ideias inatas,* que o filósofo *Kant* reproduziu de Robert Fludd. Ei-la:

| | |
|---|---|
| *Sol* | absoluto. |
| *Mercúrio* | finalidade. |
| *Vênus* | substância. |
| *Terra – Lua* | lei. |
| *Marte* | causa. |
| *Júpiter* | razão. |
| *Saturno* | identidade. |
| *Urano* | espaço. |
| *Netuno* | tempo. |

*(P.P.)*

De acordo igualmente com a supradita teoria geral, é a *correspondência planetária dos Costumes* que ressalta da doutrina crística, onde constitui a lista das *Virtudes teologais* e a série dos *Pecados capitais,* como se segue:

| ***Planetas*** | ***Virtudes*** | ***Vícios*** |
|---|---|---|
| *Sol* | Fé | Orgulho. |
| *Lua* | Esperança | Inveja. |
| *Mercúrio* | Caridade | Avareza. |
| *Vênus* | Temperança | Luxúria. |
| *Marte* | Força | Cólera. |
| *Júpiter* | Justiça | Gula. |
| *Saturno* | Prudência | Preguiça |

*(Doc. Fr.)*

Enfim, os Astrólogos (mas não os Magistas) consideram uma *classificação planetária das idades,* para o ser humano.

De início, eles consideram a *vida fetal:*

O 1º mês é governado por *Saturno*.

O 2º mês é governado por *Júpiter*.
O 3º mês é governado por *Marte*.
O 4º mês é governado pelo *Sol*.
O 5º mês é governado por *Vênus*.
O 6º mês é governado por *Mercúrio*.
O 7º mês é governado pela *Lua*.
O 8º mês é governado por *Saturno*.
O 9º mês é governado por *Júpiter*.

*(Div. Aut.)*

Em seguida, eles dividem a *vida corrente* em sete períodos:

| | | |
|---|---|---|
| A infância (até 4 anos) | é governada pela | ***Lua.*** |
| A puerilidade (de 4 a 14 anos) | " " | ***Mercúrio.*** |
| A adolescência (de 14 a 21 anos) | " " | ***Vênus.*** |
| A juventude (de 21 a 42 anos) | " " | ***Sol.*** |
| A idade viril (de 42 a 56 anos) | " " | ***Marte.*** |
| A velhice (de 56 a 68 anos) | " " | ***Júpiter.*** |
| A decrepitude (depois dos 68 anos) | " " | ***Saturno.*** |

*(L. V. – Div. Aut.)*

*Nota.* Se bem que a Alta Magia rejeite muito das correspondências humanas levadas em conta pela Astrologia ordinária, não se deve esquecer de que tais dados sempre passaram por tradicionais e que, assim sendo, são encontrados em um grande número de documentos. Positivamente, a Astrologia foi o "veículo" de tradições, cujo fundamento essencial jamais pôde ser conhecido (posto que se baseiam em segredos iniciáticos). O tempo incumbiu-se de deformar essas tradições. Por conseguinte, elas se têm tomado objeto de uma *superstição astrológica* que deve incitar à prudência no assunto.

*(P.P.)*

## XI – RITOS E RITUAIS DE CERIMONIAS

### Usos cerimoniais

Para as *operações* a serem efetuadas, em geral a Magia comporta dois aspectos:

1º – O aspecto *cerimonial*, que implica um Rito e um Ritual;
2º – O aspecto *pessoal*, onde o Rito se reduz ao mínimo, mas com o Ritual mantendo todo o seu valor.

Sob o *aspecto cerimonial*, a operação depende sempre da Alta Magia – mesmo quando esta se encontre deformada ou alterada, mesmo quando esteja degenerada e mereça o nome de Feitiçaria ou, ainda, se for falsa e constituir, seja um simulacro, seja uma paródia.

Não é a *qualidade* da cerimônia que pode desclassificá-la em espécie, mas unicamente a *forma* que ela apresenta. Desde que essa forma não se mostre absolutamente fantasiosa e que ofereça alguma semelhança, mesmo distante, com as práticas regulares, não se saberia recusar-lhe um aparentamento com a Alta Magia: ela constitui, simplesmente, uma superstição.

Sob o *aspecto pessoal*, a operação pode não ser fundamentada na Alta Magia, mas na *Magia comum.* Por este nome, designa-se uma Magia, cujas formas simplificadas e vulgarizadas ficam ao alcance de quem quer que possua *dons excepcionais* para operar e também de quem quer que, sem dons especiais, queira aproveitar-se de meios ordinariamente mágicos.

A *Magia pessoal é* tão regular quanto a Magia cerimonial, apresentando tanto valor quanto ela. Se for estritamente observado o determinismo operatório, seus efeitos podem ser idênticos – de qualquer modo, em certos casos apenas, não em todos. Com efeito, quando se opera pessoalmente, com meios reduzidos, não é possível utilizar-se energias cujo caráter geral confere um poder maior.

Assim, entre a Magia pessoal e a Magia cerimonial, a diferença repousa principalmente na amplitude do campo de ação: este é mais restrito para a primeira e mais vasto para a segunda.

Os Ritos e Rituais, empregados em Magia cerimonial, caracterizam-se, necessariamente, por uma muito grande precisão. Procedendo da teoria geral, que é racional, e tendo de ser levado em conta o determinismo universal, cujo funcionamento é matemático, eles não sofrem nenhum afastamento, nenhuma variante.

Por isso foi possível constatar que, nas cerimônias mais alteradas, os *Ritos essenciais* eram sempre observados rigorosamente e que os Rituais – que devem acompanhá-los – continham sempre, pelo menos, as palavras mais importantes.

Em Magia pessoal, os Ritos são certamente menos complicados e, sobretudo, menos numerosos; todavia, eles são ou, preferentemente, deveriam ser também exatos. Neste sentido, a simplificação nada elimina quanto à precisão, a qual conserva os *elementos essenciais* da forma operatória. Somente os Rituais são inteiramente diversos dos da Magia cerimonial. Pode-se, no entanto, compreender a razão sem dificuldade, pelo fato de a operação ter um caráter unicamente *subjetivo* e que, por conseguinte, as palavras a serem pronunciadas não podem mostrar uma aparência impessoal.

O que se denomina Rito consiste:

1º – No emprego de *diferentes objetos,* considerados indispensáveis para operar nas condições determinadas;

2º – Na *disposição particular destes objetos,* em um local especialmente reservado às operações.

3º – Na *apresentação do operador* que, usando certas vestimentas apropriadas, se serve sucessivamente de objetos segundo um "cenário", que leva o nome de cerimonial;

4º – Em *diversas atitudes* também sucessivas do operador, as quais ele acompanha de gestos devidamente regulamentados.

O que constitui o Ritual, portanto, são palavras que o operador pronuncia, segundo o desenvolvimento do *cerimonial,* seja em voz baixa ou alta, muitas vezes chegando a cantar, para um *uso* determinado.

No caso da Magia pessoal, a simplificação do Rito se aplica:

1º – Ao *nome* dos objetos empregados, mas não à sua *qualidade,* a qual permanece idêntica;

2º – Ao *local,* que pode ser um qualquer, ao invés de um local especial;

3º – As *vestimentas do operador,* reduzidas às insígnias indispensáveis para que a prática seja válida, em todos os sentidos, e ao cerimonial, limitado ao estritamente necessário;

4º – Às *atitudes e gestos do operador,* que se resumem a um mínimo útil.

*(Doc. Estr. – Doc. Fr.)*

## Objetos indispensáveis

Os *acessórios* necessários a toda cerimônia mágica são escolhidos segundo a teoria das correspondências e podem ser de quatro categorias:

1ª – *Vibrações luminosas:* são destinadas à produção de chamas;

2ª – *Vibrações aéreas:* têm por finalidade modificar a composição da atmosfera, perfumando-a;

3ª – *Contatos fluídicos:* têm por função tornar a energia utilizável;

4ª – *Condensações fluídicas:* têm por função acumular a energia recebida.

As *chamas* são geralmente produzidas por velas de cera, cujo pavio pode ser de cânhamo, linho ou algodão.

Neste sentido, é preciso recordar que o *algodão* (cuja denominação provém do árabe), há muitíssimo tempo era empregado na Ásia; que os gregos e romanos o utilizavam e cultivavam na África (mesmo no Marrocos); e que, se ele maravilhou os Cruzados, quando chegaram a Damasco, não se deve concluir que seja uma conquista da civilização moderna.

O uso da cera para a fabricação de velas tem motivo no fato de ter este produto a bem conhecida propriedade de dissolver os perfumes – é, por exemplo, secando as pétalas de rosas sobre placas de cera, que são fabricadas as essências desta flor. A estearina das velas e ainda menos a cera vegetal, nato preenchem a mesma função, visto que a cerimônia mágica comporta a utilização de perfumes por *fumigações.*

Estas *fumigações* consistem na combustão de incenso pulverizado, através da combustão do carvão vegetal.

Devendo a incandescência do carvão permanecer durante o desenrolar da cerimônia, são previstos queimadores especiais de perfumes, com aeração conveniente. Tais queimadores recebem a denominação de *incensórios,* mas devem permanecer estáveis em lugares precisos, não se assemelhando em absoluto aos objetos conhecidos por este nome.

O acessório serve para colocar o operador em contato com os fluidos a utilizar, sendo sempre uma ponta metálica – de ferro ou de aço. Esta ponta constitui a *antena* que recebe as ondas. Ordinariamente, portanto, ela aparenta a *forma de uma espada.*

São líquidas as substâncias destinadas a condensar os fluidos. As principais são, por um lado, a *água natural* (não destilada, portanto, não sendo água da chuva e tampouco água do mar) e de outro, o *óleo* que, sendo matéria gordurosa e vegetal, tem por isso a propriedade de dissolver os perfumes (o óleo de oliva tem sido muito empregado, porém pode ser substituído por qualquer outro, desde que extraído de algum grão).

*(Div. Aut.)*

## Local das cerimônias

O local reservado às operações mágicas tem o nome de *templo.*

O vocábulo latino *templum* é de origem etrusca, querendo dizer *circulo,* em seu primitivo sentido.

Toda operação mágica deve ser circunscrita a um perímetro restrito e definido, cujo centro (onde passa a vertical do lugar) é considerado por reconhecer o determinismo indispensável. Ora, a maneira mais simples (e única, aliás) de delimitar convenientemente um espaço, é traçando uma circunferência para o ponto visado – sem chegar, em seguida, a restringir uma parte da área do círculo em um quadrilátero.

Todos os templos mágicos são, portanto, constituídos por um círculo (ou, preferentemente, simbolizando um). Porque, se o local for arquitetonicamente fechado, o círculo mágico é traçado no interior do edifício, segundo o ponto determinado; este ponto, no entanto, nem sempre é situado no nível do solo, podendo mesmo encontrar-se acima ou abaixo dele, dependendo da maneira como foi aplicada a teoria geral na ereção do monumento.

Em se tratando de *Magia efetiva* e de construção onde as cerimônias devem ter tal caráter, o arquiteto é obrigado a conformar-se com diretrizes precisas, tanto para a planta, a disposição interior, como para as fachadas e ornamentação, bem como no tocante à orientação do monumento. De qualquer modo, a aplicação exata destas diretrizes produz infalivelmente um grande efeito de beleza e, com frequência, o arquiteto é considerado um gênio – pois como tais diretrizes procedem da teoria geral (ensinada iniciaticamente), seguem regras de harmonia que, necessariamente, conferem a impressão do belo.

Para operar em Magia, no entanto, o importante é a delimitação precisa do perímetro em que se desenrolará a cerimônia.

O perímetro é, bem entendido, mais ou menos grande, segundo foram considerados um ou vários operadores (em geral, contudo, não mais que dois) e segundo, também, se esses operadores forem acompanhados de um maior ou menor número de auxiliares (para o caso das cerimônias solenes, ditas *festividades).*

De qualquer modo, o perímetro é reduzido a um círculo e, sendo todas as circunferências geometricamente semelhantes, o esquema da disposição dos objetos é constantemente válido. Podem-se ver modelos nas páginas 230 e 231).

*(Doc. Fr.)*

## Paramentos do operador

No círculo mágico, o operador usa uma veste especial. Paramenta-se com tecidos, nos quais a substância e ornamentos não podem ser arbitrários.

Sendo má condutora de eletricidade, a seda só deve ser empregada para as vestimentas do operador e de seus auxiliares (se assim estiver previsto). Entretanto, *toda vestimenta de seda será exterior,* porque sua finalidade é constituir um isolante. Assim, as vestes internas podem ser de substância diferente. O linho, o algodão e a lã, no entanto, oferecem desempenhos não idênticos, porque o calor corporal, por tais tecidos conservado de maneira diversa, modifica o que se denominou fluido *ódico* ou fluido pessoal. Neste sentido, entretanto, somente o exame do tema astrológico do operador decidirá qual a natureza das vestes interiores que ele usará.

Os paramentos exteriores (de seda) comportam *bordados* dos signos simbólicos, funcionando como ornamento.

Sendo determinado o papel destes signos (e fixado pela teoria das correspondências), os mesmos se distribuirão sobre as vestes exteriores, de modo a ficarem recobertas partes definidas do corpo.

Neste sentido, são rigorosamente observadas as correspondências planetárias das diversas partes do corpo humano.

Além do mais, esses bordados são sempre ressaltados; quando não efetuados em seda convenientemente colorida, devem sê-lo em fio de metal, particularmente de ouro (que é o metal do Sol), embora para certos ritos, notadamente os ritos fúnebres, os bordados são confeccionados em prata (que é o metal da Lua).

Os bordados acompanham-se de *pedras engastadas,* ainda sendo seguida a teoria das correspondências, tanto para escolha das gemas, como para a sua disposição.

*(Div. Aut.)*

## Atitudes e gestos

Cada cerimônia se desenrola seguindo um *cerimonial,* estabelecido de acordo com o determinismo da operação.

As atitudes e os gestos do operador são dispostos em *séries,* de maneira a serem empregadas e dirigidas convenientemente as forças utilizadas, enquanto as modulações de seu canto ou de suas palavras ficarão de acordo com o *processo harmônico* das "correntes" (isto é, dos fluidos).

As atitudes classificam-se em duas categorias: a *postura de pé,* que é uma atitude de ação e a *prosternação,* que é uma atitude de passividade.

*Estando de pé,* o operador une os calcanhares, mas tomando o cuidado de manter os pés em ângulo reto, o mais exatamente possível. *Ele opera virando as costas para o Oriente, a fim de tomar efetiva a sua operação,* por um motivo fácil de compreender.

Com efeito, *a Terra se move do Ocidente para o Oriente;* assim, recebe todas as induções siderais, combinadas pelas energias cósmicas. Ora, o operador, em suma, faz corpo com estas induções (pelo fato de sua concordância com o determinismo sideral do momento), portanto, devendo agir *no sentido do movimento diurno,* como se produzisse sucessivamente as forças necessárias, no lugar em que opera.

Em tais condições, ele tem o Norte à sua direita, o Sol à esquerda e o Ocidente à frente. Juntando os calcanhares em esquadro, seu pé esquerdo está dirigido para o Sul, enquanto que o direito se volta para o Norte. Com isto, seu corpo se vira para o Sul e os gestos são efetuados, com toda naturalidade, *no sentido dos ponteiros de um relógio* (que é o do movimento diurno).

Então, a gesticulação da mão esquerda se torna ativa.

A *atitude de prosternação,* ao contrário, é passiva. Em resultado, ela se inverte e fica conforme o sentido do movimento da Terra: ela exige que se vire para o Oriente. Assim, são recebidas as induções siderais.

A prosternação tanto pode ser feita de joelhos, como com o operador agachado ou estendido – pouco importa, posto que a atitude é passiva, de todos os modos.

Quanto aos *gestos,* são variáveis, por motivo de acompanharem o canto ou as palavras pronunciadas, e dependem destas últimas. Assim sendo, e segundo a teoria das correspondências, há tanto de gestos e posições de dedos (para cada mão), como de signos ideográficos, representando as ideias ditas gerais em filosofia (aí compreendidas, no entanto, as duas ideias inconcebíveis). Há, também, tanto de atitudes para os braços, quanto de ideias derivadas das precedentes; no entanto,

tais atitudes de braço marcam, preferentemente, *etapas do ensinamento iniciático*, sendo rituais apenas na conformidade com as ideias que se referem as etapas invocadas.

Os gestos devem, portanto, ser considerados como simbólicos – no sentido de que reproduzem símbolos. Em resultado, são praticamente suscetíveis de servir como "sinais de reconhecimento".

As estátuas das divindades e personagens esculpidas pelos artistas da antiguidade fazem gestos indicando claramente que *ideias iniciáticas* são manifestadas. Por isto, tais estátuas mostram uma postura hierática; nas épocas em que a Iniciação estava em decadência – por razões diversas – as esculturas não mais reproduziam gestos exatos, apresentando-se fantasiosas com frequência.

O mesmo diz respeito aos operadores de cerimônias mágicas. Quando a Alta Magia degenera e se deforma, relaxam-se as atitudes e, pouco a pouco, os gestos perdem o significado. Em decorrência, a eficácia das operações se ressente.

*(Doc. Estr.)*

## Modalidades ritualísticas

Via de regra, é previsto apenas um operador, na Magia cerimonial. Ele cumpre o rito sem intervenção de qualquer auxiliar; conta ou fala sozinho e ninguém lhe dá a resposta. Se forem admitidos assistentes (e isto depende do rito praticado), estes se voltam para ele, em lugar à parte, imóveis e prosternados; nas cerimônias puramente simbólicas, no entanto, podem permanecer de pé.

Ocasionalmente, dois operadores ficam frente a frente. Neste caso, um se volta para o Ocidente e outro para o Oriente. Este dá a réplica ao primeiro, que se encontra atuando ritualmente.

Isto acontece nas cerimônias de considerável eficácia e no curso das quais a pronunciação dos *mantras* se torna perigosa, exigindo que a resposta seja dada ao mesmo ritmo musical com acompanhamento de gestos.

Mais raramente – porém então a cerimônia já quase deriva da teurgia – um auxiliar se junta aos dois operadores.

Ele se coloca ao Norte, de modo a ter à esquerda o operador ativo e, à direita, o operador que dá resposta ao primeiro. Desta forma, seus gestos seguem igualmente o sentido do *movimento diurno* (aquele dos ponteiros de um relógio).

Sendo previstos outros auxiliares para o Rito – o que acontece em se tratando de *festividades* – eles assumem a situação de *comparsas*, colocando-se ao Sul, virados para o Norte.

Seus movimentos, então, efetuam-se *em um sentido inverso aos dos ponteiros do relógio* (que é o sentido denominado *direto* em astronomia e que é, também, aquele a empolgar uma assistência que dança, mesmo contra a vontade).

Estes comparsas, cujas atitudes e gestos são igualmente regulamentados pelo Rito, cantam quando é preciso e se deslocam segundo uma cadência marcada. Giram em torno dos dois operadores, enquanto seu auxiliar se afasta. Desta forma eram efetuadas as danças hieráticas em Elêusis, em Mênfis e na Caldeia. Assim continuam sendo efetuadas na Ásia, embora muito secretamente.

Porque, nada se deforma tanto quanto o Rito e nada se altera tanto quanto o Ritual. Com os séculos, bem como a negligência de cada um ajudante, as cerimônias degeneraram. Por vezes, uma

festividade celebrada continua sendo de grande beleza, mas não passa de um rito, cuja tradição, mais ou menos exata, é responsável por todo o interesse.

*(Doc. Estr. – Doc. Part.)*

## Diversidade das cerimônias

Como já foi observado, de início as cerimônias podem ser:

1º – *Efetivas,* quando têm por fim produzir um efeito determinado, seja sobre um objeto preciso, seja sobre uma pessoa ou uma coletividade de pessoas;
2º – *Simbólicas,* quando não têm outra finalidade senão relembrar uma tradição.

Entretanto, tanto umas como outras, podem ser:

*a) Solenidades,* quando são utilizadas forças gerais;
*b) Sacrifícios,* quando são empregadas energias particulares;
*c) Implorações,* quando são evocadas, mais simplesmente, personificações energéticas.

*(Div. Aut.)*

*Nota.* Foi em seguida a uma deformação do Rito mágico que o *sacrifício* implicou uma *vitima.* Esta, constituindo uma *oferenda* da parte de uma pessoa ou de uma coletividade, era imolada e entregue às chamas, seja parcialmente (um terço) ou totalmente (em *holocausto).*

Propriamente dito, a oferenda não é um Rito, mas de preferência uma *prática ritualística,* cujo caráter é baseado tanto em um *donativo gracioso,* efetuado para prestar homenagem à potestade das forças cósmicas, como em uma *expiação,* destinada a reparar um prejuízo causado, voluntariamente ou não, à ordem das coisas na generalidade da Natureza ou a um ser constituído.

Compreendido desta maneira, o sacrifício é puramente religioso. A Alta Magia considera o sacrifício no legítimo sentido latino da expressão, a qual é uma palavra derivada de *sacrum facere,* isto é, cumprir um Rito dito sagrado. Aliás, o Rito mágico não comporta qualquer vítima, não considerando qualquer donativo gracioso ou expiação.

Diz-se que o Cristianismo restabeleceu uma conformidade mais exata com esta maneira de ver, suprimindo e proibindo os sacrifícios que envolviam a imolação de vítimas. Ademais, entre certos povos a superstição chegava ao extremo de oferecer sacrifícios humanos. Vezes sem conta, os feiticeiros praticantes da goécia também cometeram crimes abomináveis.

Quanto à oferenda graciosa, o costume preservou-se na vida civil de todos os lugares, sob a forma de presentes diversos, sendo as flores, sem dúvida, os mais frequentes. Por outro lado, entre os alemães, a prática expiatória deu lugar ao *Wergeld,* sobre o qual a legislação romana ainda não tinha qualquer ideia, qual seja, o reembolso pecuniário do prejuízo causado por uma morte. Tal prática, transposta à legislação posterior, deu origem à ideia de *multa,* na qualidade de reparação feita â ordem social, pela falta cometida.

*(Div. Aut.)*

Os Ritos são:

1º – De *consagração,* quando têm por fim reservar uma pessoa ou um objeto a um uso determinado – sendo o principal deles o uso puramente mágico ou comumente religioso;
2º – De *execração,* quando, pelo contrário, têm por fim afastar uma pessoa ou repudiar um objeto, de uma determinada organização estabelecida – seja ela natural ou então desejada, como podem sê-lo uma associação de pessoas e uma disposição de objetos;

3º – De *invocação,* quando têm por fim constituir, simplesmente, um contato com as energias que devem ser utilizadas, seja para a consagração ou para a execração;
4º – De *evocação,* quando têm por fim colocar em utilização energias invocadas para produzirem o efeito buscado.

*(Div. Aut.)*

Entre os *Ritos de consagração,* devem ser compreendidos:

1º – A *sagração,* propriamente dita, que constitui tanto uma cerimônia efetiva, quando a pessoa que é dela objeto deve, em seguida, dedicar a existência às práticas iniciáticas, mágicas ou religiosas – como uma cerimônia simbólica, onde a pessoa sagrada é *convencionalmente* admitida em igualdade à anterior. A *sagração efetiva* transmite todos os poderes necessários para operar; a *sagração simbólica* não os transmite. Se os reis de Israel, como Saul e Davi, foram sagrados por Samuel, suas sagrações eram *efetivas* porque, como chefes religiosos de um povo hieraticamente constituído, grandes mestres da organização iniciática dos *Cohens* (segundo a ordem de Melquisedec, em descendência direta de Abraão), eles deveriam oficiar com toda a eficácia. Se, mais tarde, Carlos Magno e, em seguida os reis da França, foram sagrados, a cerimônia não passou de *simbólica* – não lhes sendo transmitido nenhum poder. Além disso, não se tratava, em absoluto, de confirmá-los ou afirmar neles o poder de governar o povo francês, algo que detinham por hereditariedade, pelo consentimento dos *leudes,* cujo conjunto representava a nação. Por outra parte, se determinados reis – como, especialmente, o rei da Inglaterra – por ocasião de sua coroação, vêem-se objeto de uma cerimônia, *parecida a uma sagração, embora não o sendo de modo algum,* é porque o Rito, *simbolicamente religioso,* tem por fim reconhecer no chefe do Estado o poder que ele detém, por hereditariedade, de comandar a organização eclesiástica do reino, segundo o consentimento desta *(church by law established,* dizem os ingleses);
2º – A *investidura regular,* transmitindo igualmente os poderes necessários para operar, mas sem conferir os de *retransmissâo* a outros desses mesmos poderes (ao passo que a *sagração* confere uns e outros);
3º – A *consagração usual,* que sanciona a especialização do local das cerimônias, do perímetro de operações e bem assim de todos os objetos – sem exceção – que devem ser utilizados, ainda que eventualmente;
4º – A *bendição,* que consiste em uma consagração temporária e muitas vezes simbólica de objetos diversos, entre os quais alguns, sem utilização cerimonial, podem mesmo ser de uso corrente.

*(Doc.Estr.)*

Entre os *ritos de execração,* encontram-se:

1º – A *destituição,* que tem o fim de suprimir todo o poder conferido;
2º – A *excomunhão,* cujo efeito é o de rejeitar determinada pessoa, como indigna de operar;
3º – O *exorcismo,* que apaga o efeito de uma consagração de objetos, sendo necessariamente praticada quando objetos (inclusive pessoas) parecem dedicados, seja a Ritos irregulares, seja a efeitos energéticos desordenados, mas naturais;
4º – A *maldição,* que, sendo o contrário da *bendição,* retira o efeito de qualquer consagração temporária sobre uma pessoa ou coisa.

*(Div. Aut.)*

Os *Ritos de invocação* são acompanhados de Rituais, sendo principais os seguintes:

1º – Os *cantos,* elevados ou não, de música, mas segundo os *usos gregos* (praticados em Elêusis e importados do Egito), dos quais a melhor expressão é o cantochão;
2º – As *salmodias* ou declamações ritmadas;

3º – As *orações*, sempre proferidas em voz alta;
4º – As *preces*, que se distinguem das orações por serem enunciadas em voz alta, mas proferidas em voz baixa e mesmo mentalmente (no caso da Magia pessoal).

*(Div. Aut.)*

Os *Ritos de evocação* possuem caráter mais excepcional que o precedente, mas sendo praticados correntemente em Alta Magia. São, em particular:

1º – As *aparições* de conglomerados fluídicos, tornadas sensíveis tanto à visão, como à audição ou ao olfato, por efeito dos meios cerimoniais;
2º – As *emissões* lançadas fluidicamente, em seguida a um acorde vibratório com o ritmo das "correntes" empregadas;
3º – As *transmissões* de pensamento voluntárias, com a ajuda de interferências nas modalidades fluídicas;
4º – As *comunicações* de efeitos mágicos, fluidicamente obtidas, às outras formas energéticas, a fim de fazê-las variar em seu ritmo ou sua direção.

*(Doc. Estr.)*

## Modalidade dos efeitos mágicos

Os efeitos mágicos procedem:

1º – De *acordos* sincrônicos e sinfônicos, segundo os Ritos e Rituais, entre o operador ou operadores (bem como seus auxiliares) e as "correntes" utilizadas;
2º – Da *propagação* dos modos vibratórios, transformados (segundo o ritmo e cadência determinados) por um Rito e um Ritual.

Tudo acontece como se, uma vez realizado o acordo entre o operador ou operadores e a "corrente" visada, o determinismo desta se incumbisse de produzir o efeito procurado.

Sendo uma força personificada por um *Gênio*, por exemplo, tão logo este esteja a serviço (como dizem os escritos árabes e hindus) do operador, irá executar as ordens recebidas. Para tal, no entanto, ele será conduzido por um veículo que é a "corrente". Ora, a corrente se propaga ao longo de um "circuito" – o qual é *fechado*, porque se trata de forças cósmicas e de movimentos siderais, que se expressam através de *curvas fechadas*. Daí, a época do efeito é variável, de acordo com o tempo necessário ao percurso, a fim de ser atingido o *objetivo:* por conseguinte, pode-se constatar efeitos mágicos em teurgia, produzidos somente a séculos de distância, porque os "circuitos" empregados envolviam combinações de astros demasiado lentos, cuja repetição só teria lugar a longos intervalos.

Isto implica, no entanto, que ao ser visado um objetivo preciso, é conveniente não haver falha no alvo.

Porque, estando fechado o "circuito", se o alvo não for atingido, a "missão do gênio" (para conservar o exemplo) deixa de encontrar o obstáculo que transformaria a *força viva em trabalho* (falando-se em termos de mecânica), mas prosseguiria, pelo fato do movimento que o anima. Assim, a missão termina voltando inevitavelmente ao ponto de partida.

*Aí, ela atinge o operador e não o local da operação*, já que este último, em um sentido, desapareceu quando o operador *incorporou* (por assim dizer) todo o determinismo operatório.

Então, o que ia destinado a um dado objetivo é recebido pelo operador – e em qualquer lugar que o mesmo se encontre porque, por definição, cada um leva consigo sua vertical cosmográfica.

E como, por *transmissão hereditária*, cada um lega a seus descendentes as disposições principais de seu determinismo, o operador transmite a toda uma geração essa predisposição a receber o *choque de retorno.* Por conseguinte, se o operador está morto, quando se produz o choque, são seus filhos que o recebem ou mesmo seus descendentes, caso o retorno aconteça posteriormente. Da mesma forma, quando uma coletividade que agiu magicamente deixa de alcançar seu objetivo, a organização constituída depois dela (mas não cada um de seus membros em particular) receberá esse *choque de retorno*, em qualquer época que seja, desde que a coletividade ainda perdure.

O mecanismo é matemático.

Assim sendo, para paliar os efeitos – porque, apesar da observação minuciosa do determinismo, sempre pode ocorrer um erro de cálculo – o operador apela para um vestuário protetor, além de cercar-se de fumigações odorantes, que harmonizam a atmosfera do local em que opera.

São estes os *meios isolantes.*

*(Doc. Estr. – Doc. Fr.)*

Desta forma, o cerimonial mágico aparenta ser assaz complicado e, em todo caso, de aplicação bastante delicada.

O menor erro de omissão pode ser desastroso para o operador – *tanto física, como moralmente.* As forças utilizadas são extremamente poderosas. Ao refletir-se que algumas dentre elas atuam em torno do Sol de massas tão imensas como a do globo terrestre, à velocidade de mais de cem mil quilômetros horários, compreende-se o perigo da menor "derrapagem" – para empregar-se uma linguagem usual.

Ao apresentarem o cerimonial mágico às multidões, e então operando por observação bastante aproximada do determinismo, as religiões antigas evitaram praticar um cerimonial exato. Assim, exibiam apenas uma aparência e, desta forma, as cerimônias se tornaram puramente simbólicas, não mais conservando senão uma *eficácia momentânea*, que poderia ser às vezes traduzida por uma exaltação psíquica dos assistentes – porém não visando objetivos precisos.

Por conseguinte, não houve mais Rito propriamente dito e sim, apenas *hábitos ritualísticos.* Esquecidas as religiões – mal conhecidas em sua essência metafísica, mal interpretadas em sua aplicação social – tais hábitos ritualísticos se foram alterando pouco a pouco, deformados e *profanados*, para ser dito tudo. Permaneceram apenas *superstições.*

É sob esta forma degenerada que a Alta Magia agora se oferece ao buscador, na maioria dos documentos. È verdade que poderia ser feita uma classificação cautelosa, para permitir que subsistisse, se não o melhor, pelo menos o mais adequado; tal classificação não seria um trabalho tão penoso, apôs as considerações precedentes – e, além disso, mesmo quando atingem sua maior degeneração na baixa Feitiçaria, as alterações da Alta Magia devem ser tomadas em consideração, ao menos para se tornarem conhecidas.

Tendo isto em vista, pareceu-nos útil fornecer a seguir as fórmulas de todo tipo, sem qualificá-las especialmente.

Doravante, no entanto, sabe-se o que podem valer das *Tradições mágicas.*

*(P.P.)*

## XII – FÓRMULAS CERIMONIAIS SEGUNDO AS TRADIÇÕES MÁGICAS

## Instalação do templo mágico

O templo – ou local de cerimônias – será um lugar retirado, afastado de todo barulho, isolado de toda presença estranha, reservado ao uso das práticas mágicas, casto e fechado.

Esse templo deverá ser exorcizado e deverá ser consagrado.

Será disposto da seguinte maneira:

1º – No lado que dá para o Oriente, será colocado um pequeno altar, formado por uma mesa de pedra ou madeira e recoberta de linho branco;

2° – Sobre o altar estarão: Duas velas consagradas; Uma lâmina sagrada (ou espada); Um incensório;

3º – A pouca distância ficarão os perfumes, as águas consagradas, os óleos e outros acessórios.

*(Ag.)*

## Indicação dos paramentos ritualísticos

Cabeça nua; pés nus; mãos nuas.

A fronte cingida por uma faixa de Unho branco, elevada em forma de mitra, e tendo à frente uma lâmina de ouro (ou dourado), sobre a qual será gravado o tetragrama (ou nome divino); – poderá ainda, mais simplesmente, ser cingida por um círculo de ouro (ou dourado), levando o tetragrama.

O corpo estará vestido com uma túnica de linho branco, longa e fechada em todos os lados.

*(Div. Aut.)*

## Recomendações para operar

Cada objeto deve ser consagrado.

Só se penetra em um templo, para nele cumprir um rito qualquer, após feitas abluções e envergados os paramentos ritualísticos.

O período de preparação para cerimônias mágicas é de 7, 14, 21, 31 ou 40 dias, segundo a operação que se vai praticar.

*(Div. Aut.)*

## Observações quanto aos círculos mágicos

Os círculos são considerados como um meio de proteção absoluta nas operações mágicas; portanto, nenhuma "potência oculta" poderá penetrar no traçado de um círculo mágico.

Os círculos devem ser traçados com giz ou carvão. Este giz e este carvão devem ter sido consagrados antecipadamente.

Em geral, os círculos terão quatro metros de diâmetro.

*(Div. Aut.)*

Várias pessoas podem estar no círculo, mas apenas uma delas tem o direito de falar ou de cantar; as outras deverão observar um silêncio total.

*(Dr. N.)*

Podem entrar no círculo: um oficiante e oito pessoas, cada uma das quais deverá ficar de frente para um ponto da rosa-dos-ventos, sendo que a postada a Leste, terá material de escrita à mão.

*(Cl. 2)*

## Primeira fórmula para o estabelecimento de círculos mágicos

Nem sempre a forma do círculo é a mesma. Ela varia segundo a hora, o dia e o lugar onde é feita a invocação: porque, na construção do círculo, deve-se levar em consideração o lugar, a hora e o dia em que o mesmo é feito, os espíritos que serio invocados e a região zodiacal referente ao planeta presidido por tais espíritos, bem como o papel por eles desempenhado.

É então necessário que se façam três círculos concêntricos, de nove a doze pés de diâmetro total, distantes entre si mais ou menos um palmo de mão.

Deverá ser escrito inicialmente, no círculo do meio, o nome da hora em que é feita a operação.

Em segundo lugar, o nome do anjo da hora.

Em terceiro, o selo do anjo da hora.

Em quarto, o nome do anjo e de seus ministros (ou congêneres), que presidem ao dia em que é feita a obra.

Em quinto, o nome do tempo atual (isto é, a data em letras hebraicas, usadas como cifras).

Em sexto, o nome dos Espíritos que reinam e presidem o momento.

Em sétimo, o nome do signo zodiacal reinante no meio do céu.

Em oitavo, o nome mágico da estação em que é feita a cerimônia.

Em nono, para aperfeiçoamento do círculo central, é necessário que se inscreva o nome mágico do Sol e da Lua para esse determinado tempo (porque, assim como o tempo, os nomes mágicos dos astros também mudam).

Além disso, nos quatro ângulos do círculo maior, serão postos os nomes dos Anjos que presidem o oeste, neste dia.

No círculo interior, será colocado quatro vezes o nome hebraico de Deus, separando-os por cruzes.

Deve-se notar que, fora do círculo e em cada ponto cardeal, haverá um pentágono, isto é, uma estrela de cinco pontas.

Na área do círculo dividido por uma cruz, será escrito ALPHA, no lado do Oriente e OMEGA, no lado do Ocidente.

*(P. A.)*

*Nota.* Os círculos mágicos são, geralmente, inscritos em um quadrado, em cujos cantos são traçados outros círculos menores. Em cada um destes, coloca-se um fogareiro para as fumigações (como se pode ver no desenho logo abaixo).

*(Div. Aut.)*

## Segunda fórmula para o estabelecimento de círculos mágicos

Traçam-se três círculos, como na primeira fórmula.

No interior do menor dos três círculos, traçam-se dois quadrados, distantes entre si aproximadamente 33 centímetros (um pé).

Um destes dois quadrados será orientado de maneira a que cada ângulo se encontre na direção de um dos pontos cardeais da rosa-dos-ventos.

O outro quadrado terá os ângulos salientes voltados para o meio dos lados do primeiro quadrado.

Na extremidade de cada ângulo do primeiro quadrado, traça-se uma cruz e, na extremidade década ângulo do segundo, traça-se um pequeno círculo.

Em cada um destes pequenos círculos haverá um incensório com os perfumes.

O lado norte do círculo maior deverá ficar aberto, de maneira a deixar uma passagem para que nele se possa penetrar.

A 33 centímetros do círculo, será cravada a espada em terra.

Deve-se escrever, entre o círculo maior e o menor, as palavras ADONAY e AGLA, nos ângulos do quadrado orientado segundo a bússola.

*(Cl. 2)*

Os círculos mágicos acima são geralmente completados, traçando-se à distância aproximada de um metro, um triângulo equilátero voltado para o leste, com 1,50 de lado, no qual será escrito IEVE, e onde os espíritos aparecem.

*(Div. Aut.)*

*Nota.* É evidente que a ideia de traçar círculos no solo, para operações mágicas, provém da necessidade (reconhecida em Alta Magia) de ser observada a orientação do lugar, com auxílio de uma circunferência. A Magia comum manteve esta prática, mas atribuindo-lhe uma eficácia ritual que a mesma não possuía, explicitamente. Trata-se de um caso de *deformação supersticiosa.*

*(P.P.)*

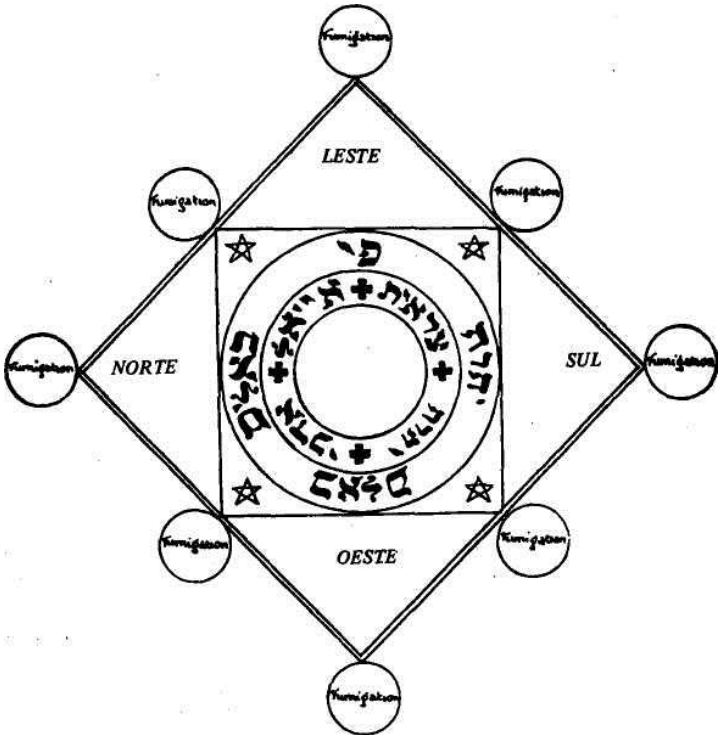
A disposição de círculos mágicos, reproduzidos adiante, apresenta um caráter menos alterado que aqueles, cuja descrição foi fornecida nas duas fórmulas precedentes.

Eles se baseiam na Alta Magia e constituem esquemas utilizáveis para as cerimônias.

Podem os mesmos ser encontrados em numerosos documentos, com algumas variantes das indicações escritas em hebreu.

*(P.P.)*

## Dispositivo do círculo mágico para grandes operações




*(Cl. 2)*

Esta figura é o esquema do dispositivo adotado na prática dos Ritos, para cerimônias solenes.

O quadrado abrangendo as circunferências inscritas representa o *altar*, sobre o qual são colocados os acessórios ritualísticos. As circunferências, nas quais existem letras hebraicas, representam a *chave* ou *clavícula* de que o operador se serve para seguir as prescrições concernentes ao Rito.

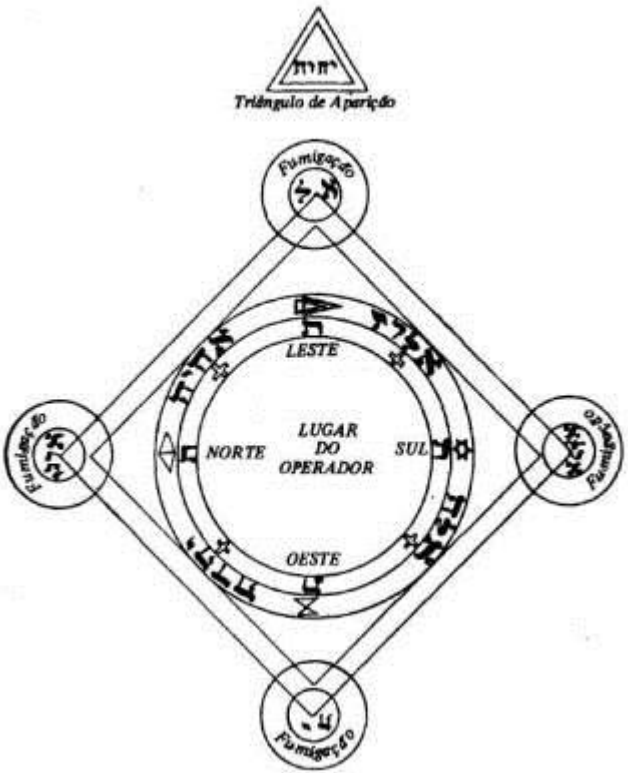
Os pequenos pentágonos estrelados, situados nos cantos do quadrado, mostram os lugares que podem ser ocupados pelos objetos ritualísticos (velas, líquidos condensadores, espada e livro dos *mantras*).

O operador fica colocado no ponto marcado *Leste*, de maneira a ter ás costas um incensório de *fumigações* – o mesmo acontecendo com seu *colega* da ponta Oeste. Seus auxiliares e os comparsas (para o caso em que tal for previsto) têm os fumigadores colocados atrás dos mesmos.

Estas fumigações são em número de 8 e dispostas segundo a rosa-dos-ventos.

*(Doc. Estr.)*

Dispositivo do círculo mágico para operações comuns




*(Ag.)*

Esta figura é, mais particularmente, o esquema do dispositivo adotado para todo *altar* empregado para uma operação. Se, em uma cerimônia, são previstas fumigações suplementares, é então nos quatro pontos cardeais que as mesmas ficam colocadas.

O esquema, contudo, é utilizável para operações comuns. Deve-se então compreender que o operador (como marca a indicação) se situa no centro e diante de um *altar* – ou mesmo sozinho e sem altar.

As circunferências representam a *chave* empregada para ser seguido o Rito.

Os assistentes – caso os haja – ficam *prosternados* a oeste, mas distanciados e longe do incensório indicado. Assim, quando se produz a *aparição* de um conglomerado fluídico atrás do operador e, em geral, um pouco acima dele, são percebidos no ponto marcado por um triângulo. (Esta figura geométrica tem a função apenas de signo indicativo).

O lugar dos objetos rituais, sobre o *altar* ou em torno do operador, *é* marcado sobre o maior dos três círculos concêntricos, através de pequenos sinais convencionais.

*(Doc. Fr.)*

## Particularidades do círculo de fumigações

*(cl. 2)*

Nas figuras das páginas acima, o lugar a ser ocupado por cada fumigação está indicado por uma pequena circunferência.

O desenho ampliado foi representado acima, porque é possível que o operador queira aumentar a *potência mágica* das fumigações.

Cada incensório contendo o pó incandescente é, então, colocado sobre uma *bandeja circular*, representada pela figura. A bandeja constitui, por si mesma, um *pantáculo;* as letras hebraicas são aqui apenas um *modelo de exergo*, mas a orientação da bandeja é cuidadosamente indicada, para que o pantáculo ofereça o máximo de eficácia.

Os pentágonos estrelados que separam as palavras hebraicas neste caso representam somente indicações que completam a orientação a ser observada, à maneira de uma rosa-dos-ventos. De qualquer modo, por sua posição, eles assinalam os lugares onde as *medalhas talismânicas* (isto é, os pantáculos suplementares) podem ser ocasionalmente colocadas.

*(Doc. Fr.)*

## Acessórios diversos do operador (segundo a Magia exata)

Além dos objetos rituais teoricamente indispensáveis – espada, velas, fumigações e líquidos condensadores (água ou óleo) – são previstos acessórios cuja utilidade prática não deve ser negligenciada, a saber:

Uma *bainha* para a espada;
*Candelabros* para as velas;
*Incensórios* e *incenso em pó*, para as fumigações;
*Recipientes* para os líquidos.

*(Div. Aut.)*

A *bainha da espada é* confeccionada em couro negro, reforçada nas extremidades por placas de ouro ou de cobre dourado. Pode levar diversas incrustações de metal ou impressões feitas a ferro quente que, então, devem ser estabelecidas segundo os princípios da escrita talismânica.

*(Doc. Estr.)*

Em certos casos, o operador pode utilizar uma *varinha mágica*.[34] Esta varinha, retilínea e de comprimento aproximado ao de uma espada, nada tem em comum com a usada em radiestesia. Em geral é delgada e em madeira de choupo, seca e não envernizada; pode, entretanto, ser feita de qualquer madeira branca.

A varinha substitui a espada. É empregada em Magia comum, tendo a única utilidade de conferir maior extensão ao gesto do operador.

Assim, não leva qualquer signo, nenhuma Inscrição,

*(Doc. Fr.)*

Os candelabros podem ser de madeira, de formato bem simples. Preferentemente, serio confeccionados em metal, mas neste caso, apenas em ouro ou cobre dourado – por motivo das correspondências planetárias. Neste sentido, a dourão em mercúrio é certamente a melhor, caso o metal do Sol (ouro) seja aplicado sobre o metal de Vênus (cobre), por intermédio do metal de Mercúrio – o que se torna de acordo ao efeito dos três Arcanjos principais.

Devem ser gravados *pantáculos* sobre os candelabros metálicos e, sendo preciso (embora isto não seja obrigatório), desenhados ou gravados nos candelabros de madeira. Estes pantáculos só podem ser aqueles do Sol.

*(Doc. Estr.)*

O mesmo acontece aos *incensórios;* por outro lado, estes devem ser necessariamente metálicos. O emprego do cobre dourado através do mercúrio é também recomendado em sua fabricação. O uso do bronze pode ser tolerado, mas – precisamente – em especial quando as cerimônias apresentam um caráter simbólico.

Os *pantáculos* do Sol constituem a única ornamentação na Magia regular. Entretanto, em particular no Extremo-Oriente, onde sempre foram apreciados os floreios nos ornatos – os artistas se deixaram empolgar e acrescentaram representações simbólicas que, pouco a pouco, com a deformação da Magia, emprestaram a esse acessório o aspecto de um objeto de arte, muito bonito, mas profano.

*(Doc. Estr.)*

Existem diversas composições de *incenso* ou pós para fumigação, sendo elas estabelecidas segundo a teoria das correspondências. Para as operações de Magia comum, no entanto, a fórmula mais simples é a fornecida por Moisés, no Levítico: *incenso brilhante, muito puro.*

Mais adiante, são fornecidas várias fórmulas complexas de pós para as fumigações.

Também devem ser puros o óleo e a água empregados. Os *recipientes* que os contiverem serão em cobre dourado ao mercúrio, *sem qualquer ornamentação ou gravação* e também sem forma especial (em todos os sentidos, são preferíveis as taças porque, por seu formato, ficam de acordo com as indicações de São João, em seu Apocalipse).

*(Doc. Estr.)*

Os recipientes de cristal serão utilizados apenas nas cerimônias simbólicas. Em princípio, o vidro não deve ser empregado senão para os recipientes que, em lugares próximos ao templo mágico,

---

[34] *Varinha/vara* – geralmente de 7 nós, feita de vegetal próprio pare operações específicas. A varinha é para catalisação de energias, e a espada para dilaceração das energias do círculo mágico.
A *baqueta*, que pode ser feita com inscrições, pode variar de tamanho. Seu interior geralmente é oco e nele estão colocados metais ou ervas específicas para o que se deseja. A *baqueta* funciona fora do círculo mágico. O *bastão*, *cajado* ou *cetro* funciona de acordo com a ritualística, (N.C.)

conservam os pós de fumigação e os óleos. Quanto à água, será recolhida na fonte, alguns instantes antes do início da operação.

*(Doc. Estr.)*

É proibido, em todo o perímetro da operação, o uso de flores e de toda verdura; tolera-se apenas no Ocidente, no espaço em que, para a ocasião, devem permanecer os assistentes.

Da mesma forma são proibidos, nos arredores imediatos do perímetro da operação, todos os emblemas que não fazem parte integrante da decoração arquitetônica do edifício. Em caso de festividades, escudos e pavilhões só podem ser exibidos no espaço em que se reúnem os assistentes.

Quando forem previstos *comparsas* para o Rito, por vezes estes terão ao alcance lanças em que serão presos os estandartes ou pavilhões; entretanto, neste caso a cerimônia terá apenas um caráter simbólico e, por outro lado, as cores exibidas em tal ocasião devem basear-se na teoria das correspondências.

*(Doc. Estr.)*

## Ritos comuns

A Magia comum considera Ritos que, sem serem inteiramente errôneos, possuem apenas uma relação analógica com aqueles praticados em Alta Magia. Os Ritos comuns *não são falsos* e, nisto, são suscetíveis de crédito. Entretanto, *não são exatos,* desta forma exigindo muitas preocupações por parte do operador.

Em geral, um *rito comum* compreende:

1º – Uma ou várias *orações* – extraídas de textos fundamentais ou secundários – apropriadas àquela operação;
2º – Uma *invocação* das forças superiores, feita *segundo as palavras* consideradas sagradas e *segundo as chaves* utilizadas – que compreendem, bem entendido, o apelo nominal em voz alta, do Gênio ou dos *haïoth-hakodesch* invocados; esta invocação deve ser salmodiada ou, ainda melhor, cantada;
3º – Uma *aspersão* do perímetro de operação com a água consagrada, acompanhada de uma oração apropriada;
4º – Uma *unção,* feita com óleo consagrado, dos pontos cardeais do altar ou do perímetro da operação vizinho ao operador; no caso em que é previsto um segundo operador, a unção deve ser repetida em sua testa e suas mãos, o mesmo se aplicando ao auxiliar que porventura seja utilizado pelos operadores. Entretanto, havendo comparsas, a unção não é feita em cada um deles, mas representada por gestos simbólicos, executados pelo operador principal, que se vira para o lado em que eles estiverem;
5º –*Fumigações,* feitas com um incensório ao alcance (em geral, aquele que se encontra atrás do operador) e dirigidas aos quatro pontos cardeais do perímetro da operação; comportando a cerimônia um segundo operador ou ainda um auxiliar, as fumigações devem ser-lhes feitas; entretanto, para os comparsas, são feitas simbolicamente, diante deles.
As *fumigações* são feitas por um gesto curvo da *esquerda para a direita* e em torno de cada objeto incensado, portanto, da mesma forma, em torno de cada pessoa; para isto, no entanto, o operador se desloca.
Toda *fumigação é* acompanhada de uma oração apropriada.
6º – Uma *consolidação* (segundo o termo da técnica empregada em Magia), feita pelo operador, com a espada na mão esquerda e fazendo sinais com a mão direita, enquanto pronuncia as *palavras hieráticas;* é uma maneira de se *unir* estreitamente (de ficar *consolidado)* com as forças que operam;

7º – Uma *bendição*, feita de modo geral sobre as proximidades, pelo operador, segundo um gesto cujo caráter lembra a forma do nome considerado divino pela Cabala; o segundo operador e o auxiliar (se forem previstos), assim como os assistentes (se os houver), devem dar *em conjunto* a resposta à bendição. Em certos casos, para operações muito delicadas, o operador principal sopra *antecipadamente* no rosto de seu colega e de seu auxiliar, fazendo o mesmo diante do grupo de comparsas, a fim de agitar o ar perfumado pelo incenso e de dissipar os elementos fluídicos que estiverem ali detidos.

*(Ag. – Doc. Estr.)*

## Fumigações segundo os dias da semana

| | |
|---|---|
| *Domingo*: | Sândalo vermelho (de *Ceilão).* |
| *Segunda-feira:* | Aloés. |
| *Terça-feira:* | Pimenta. |
| *Quarta-feira:* | Resina de Almáceda *(lentisco* de Chio). |
| *Quinta-feira:* | Açafrão. |
| *Sexta-feira:* | Noz do Levante *(Menispermum Cocculus).* |
| *Sábado:* | Enxofre. |

*(P. A.)*

## Pós para fumigações (segundo suas correspondências planetárias).

*Sol:*

| | |
|---|---|
| Açafrão | 5 gramas |
| Madeira de aloés | " |
| Bálsamo | " |
| Semente de loureiro | " |
| Dentes de cravo da índia | " |
| Mirra | " |
| Incenso | 5 gramas |
| Almíscar | uma pitada |
| Âmbar gris | " |

Fazer uma pasta, deixar secar e reduzir a pó.

*Lua:*

| | |
|---|---|
| Grãos de papoula branca | ãâ |
| Estoraque | " |
| Benjoim | " |
| Cânfora pulverizada | " |
| Cabeça de rã (?) | " |
| Olho de touro (?) | " |

Fazer uma pasta com o sangue (?) de um ganso novo (?) ou rola (?), deixar secar e reduzir a pó.

*Mercúrio:*

| | |
|---|---|
| Almácega | ãâ |
| Incenso | " |
| Paus de cravo da índia | " |
| Quinquefólio | " |
| Pó de ágata (?) | " |

Fazer uma pasta com o sangue (?) de uma raposa (?) e os miolos (?) de uma pega (?), deixar secar e reduzir a pó.

*Vênus:*

| | |
|---|---|
| Almíscar | ââ |
| Âmbar gris | " |
| Madeira de aloés | " |
| Rosas vermelhas | " |
| Pó de coral vermelho (?) | " |

Fazer uma pasta com o sangue (?) de uma pomba (?) ou uma pega (?) e os miolos (?) de dois ou três pássaros (?), deixar secar e reduzir a pó.

*Marte:*

| | |
|---|---|
| Eufórbia | ââ |
| Boélio | " |
| Sal amoníaco | " |
| Raiz de heléboro | " |
| Pó de ferro imantado (?) | " |
| Enxofre | " |

Fazer uma pasta com o sangue (?) de um gato negro (?) e os miolos de um corvo (?), deixar secar e reduzir a pó.

*Júpiter:*

| | |
|---|---|
| Grãos de freixo | |
| Madeira de aloés | |
| Estoraque | ââ |
| Benjoim | " |
| Pó d'azur(?) | " |
| Pedaços de penas de pavão (?) | uma pitada |

Fazer uma pasta com o sangue (?) de duas ou três andorinhas (?) e os miolos (?) do cervo (?), deixar secar e reduzir a pó.

*Saturno:*

| | |
|---|---|
| Grãos de papoula preta | ââ |
| Grãos de meimendro | " |
| Raiz de mandrágora (?) | " |
| Pó de ferro imantado (?) | " |
| Pó de mirra | " |

Fazer uma pasta com sangue (?) de morcego (?) e os miolos de um gato preto (?).

*(P. M.)*

Consagrar estes pós e empregá-los às pitadas, jogando-os sobre as chamas de um fogareiro ou incensório, nas grandes invocações.

(P. M.)

*Nota.* Estas fórmulas de fumigação são criptográficas, pelo fato de serem empregados termos convencionais, os quais não devem ser interpretados ao pé da letra. Foram marcados por uma interrogação (?).

O que se chama *sangue é sangue-de-dragão* (resina das índias).
*miolos é cerasina* (resina da cerejeira).
*cabeça de rã é ranúnculo (rana,* em latim).
*olho de touro é cravo vermelho.*
*ágata é agatophyllum* (noz aromática).
*coral vermelho é pimenta da Caiena.*
*ferro imantado é o sagepeno* (resina da *Ferula pérsica).*

*azur é o asuret do Canadá* (raiz aromática).
*pena de pavão é a atropa mandrágora* (solanácea).
*almácega é a resina do lentisco* (da ilha de Quio).

*(Dor.)*

Além disto, o *nome do animal* ao qual são atribuídos o sangue ou os miolos indica simplesmente a época do ano em que devem ser recolhidos o *sangue-de-dragão* ou a *cerasina.* Os gansos e rolas relacionam-se com os signos zodiacais de *Vênus* – as raposas e pegas aos de *Marte* – o gato e o corvo, assim como o morcego, aos de *Saturno* – os pássaros e as andorinhas aos de *Mercúrio* – e os cervos ao da *Lua* (isto, em razão do mito de *Acteón).*

*(Doc. Fr.)*

## Pós especiais para fumigações coloridas

| | | |
|---|---|---|
| *Sol:* | Nitrato de sódio seco | 75 |
| | Enxofre em pó | 20 |
| | Carvão em pó | 6 |
| Misturar. | | |
| *Lua:* | Nitro | 46 |
| | Enxofre em pó | 23 |
| | Pó de caça | 12 |
| | Zinco em pó | 18 |
| Misturar. | | |
| *Mercúrio:* | Clorato de potássio | 42 |
| | Nitro | 23 |
| | Enxofre em pó | 23 |
| | Oxido negro de cobre | 10 |
| | Sulfureto de mercúrio | 3 |
| Misturar. | | |
| *Vênus:* | Oxido de bário | 63 |
| | Enxofre em pó | 11 |
| | Cloreto de potássio | 24 |
| | Carvão em pó | 2 |
| | Sulfureto de arsênico | 2 |
| Misturar. | | |
| *Marte:* | Nitrato de estrôncio seco | 72 |
| | Enxofre em pó | 20 |
| | Pólvora | 6 |
| | Carvão em pó | 2 |
| Misturar. | | |
| *Júpiter:* | Nitro | 5 |
| | Enxofre em pó | 2 |
| | Antimônio em pó | 1 |
| Misturar. | | |
| *Saturno:* | Clorato de potássio | 49 |
| | Enxofre em pó | 25 |
| | Giz seco em pó | 20 |
| | Oxido negro de cobre | 6 |
| Misturar. | | |

*(Dor.)*

Consagrar estes pós e projetá-los às pitadas sobre um fogareiro, durante as grandes invocações; o fogo se colorirá, imediatamente, com a cor do planeta.

*(Div. Aut.)*

## Livro dos Espíritos, para a Magia comum

É um ritual pessoal, que o operador deve confeccionar, pessoalmente, com papel ou pergaminho virgem.

O livro será relacionado a um ou vários Espíritos.

Cada página levará:

À esquerda: a imagem do Espírito (isto é, o seu símbolo);

À direita:

1º – O nome do Espírito (em hebreu);
2º – Seu caráter (isto é, seu signo planetário);
3º – Seu juramento (ou palavra sagrada) que o une a seu caráter;
4º – Sua dignidade (isto é, seu signo zodiacal);
5º – Seu posto (isto é, a cifra que se refere ao signo zodiacal);
6º – Sua função (isto é, o signo planetário da hora);
7º– Sua potência (isto é, o signo zodiacal do meio do céu).

A consagração só será feita após a observância:
1º – Do sítio (do lugar);
2º – Do rito (do tempo);
3º – Da ordem (da hora).

Só se deverá operar em um local apropriado, ao ar livre (em certas encruzilhadas) ou em um templo. Deve-se, ainda, observar os astros para o dia e a hora.

A consagração é feita por convocação do ou dos Espíritos do Livro. Este último será colocado aberto, fora do Círculo no Triângulo; cada Espírito é reputado como pousando as mãos no ponto em que se encontram sua imagem e seu caráter.

*(Ag.)*

## Outras fórmulas de Ritos comuns

*Primeira fórmula de evocação.*

Local: o templo mágico.

Preparação: durante quarenta dias (segundo alguns) ou uma lunação apenas (segundo outros). No decorrer desse período, o operador se manterá casto, abstinente, isolado do mundo. As velas do altar permanecerão acesas por todo o período, ficando a lâmina sagrada estendida sobre o altar, recoberta por um pano de linho branco. A cada dia, o operador deve entrar no templo, após fazer abluções em paramentos ritualísticos e:

1º – Aspergjr;

2º – Fumigar o altar e proximidades;
3º – Ajoelhar-se;
4º – Invocar as potências sete vezes.

Jejuar no último dia da preparação.

Operação: terá lugar ao nascer do Sol. O operador estará em jejum, envergando os paramentos ritualísticos. Procederá da forma seguinte:
1º – Aspersão;
2º– Fumigação;
3º – Unção a si mesmo: sobre a fronte, benzendo-se, e sobre os olhos;
4º – Oração;
5º – Despojamento da lâmina sagrada;
6º – Ajoelhar-se;
7º – Fazer a invocação.

*(Ag.)*

*Segunda fórmula de evocação.*

Local: o templo mágico ou qualquer outro lugar adequado, brilhante, branco, devidamente exorcizado e consagrado.

Traçar o círculo sobre o pavimento, usando o carvão consagrado; em torno, escrever os nomes sagrados dos Anjos e de Deus; nos quatro pontos cardeais, colocar quatro incensórios e quatro castiçais, que permanecerão acesos durante toda a preparação.

Preparação: Durante seis dias, a cada manhã, o operador entra no Círculo, em jejum, vestido de branco, com a fronte cingida, após as abluções:

1º – Ele se volta para o Oriente;
2º – Ele reza e salmodia (salmo: *Beati immaculati in via);*
3º – Ele incensa;
4º – Enquanto incensa, invoca os nomes divinos.

Operação: após um dia inteiro de severo jejum, no sétimo dia o operador entra no Círculo depois das abluções, vestido de branco e com a fronte cingida.

Ele unge a própria fronte, os olhos, as palmas e solas dos pés, benzendo-se;

De joelhos, ele salmodia (o salmo que for adequado);

De pé, gira em torno de si mesmo, até cair no centro do círculo;

Então, entra em êxtase e comunica-se com os Espíritos que invocou.

*(Ag.)*

## Rito ordinário dos Sacrifícios religiosos

A vítima pode ser propiciatória – ou expiatória.

No primeiro caso, emprega-se um cordeiro ou bezerro. No segundo um bode.

Sobre o altar deve ser acesa uma fogueira.

Consagra-se o fogo.

A vítima é degolada acima do fogo.

O operador deve encharcar o dedo no corpo da vítima e umedecer de sangue os quatro cantos do altar.

Em seguida, verte o resto do sangue ao pé do altar.

Queimará sobre o altar, primeiro a gordura, os rins e o fígado da vítima; em seguida o resto, cortado em pedaços, sendo que os intestinos e pés serão lavados antecipadamente (isto para o *holocausto*, pois do contrário só é queimado um terço da vítima).

*(Lev.)*

*Nota.* Entre os antigos, existiram também os sacrifícios ditos de adoração. Eram feitos com vítimas simbólicas ou ainda com símbolos elementares (representando os Elementos). Tais sacrifícios foram, por vezes, praticados em Magia regular; neste caso, contudo, o rito não poderá ser considerado como verdadeiramente exato. Em suas cerimônias, a Alta Magia não considera qualquer vítima (de acordo com os preceitos inicia ticos).

*(Doc. Estr.)*

## XIII – MANTRAS E ORAÇÕES

### Textos empregados (segundo a Alta Magia)

Os *Mantras* constituem, falando-se com propriedade, os *fundamentos do Ritual.*

Estão eles contidos nos textos estabelecidos em diversas línguas, sendo considerados *fundamentais.*

Entre os *hebreus,* temos:

- Os Salmos de David;
- As Lamentações de Jeremias;
- O Eclesiastes de Salomão;
- O Cântico dos Cânticos;
- Os Provérbios de Salomão;
- Algumas passagens de Ezequiel;
- Alguns textos dos Doze Profetas.

Entre os *cristãos,* temos:

- O início do Evangelho, segundo São João;
- Certas passagens do Apocalipse.

Entre os *orientais,* temos:

- Os Upanischads;
- Certas passagens dos Vedas;
- Diversos textos do Zend-Avesta.

Existem outros textos fundamentais entre os chineses, como existiram entre os egípcios e assírios, mas deles conhecemos apenas fragmentos.

*(Doc. Fr.)*

*Textos ditos secundários* contêm *Mantras* menos importantes, mas também úteis, por constituírem orações.

São eles:

Entre os *hebreus*, textos bíblicos que não os mencionados anteriormente.

Entre os *cristãos*, os Evangelhos.

Entre os *orientais*, todas as escrituras védicas – às quais deve ser adicionado o Alcorão, para os mulçumanos – bem como vários livros de preces persas, hindus, chineses, japoneses (os livros mexicanos deste gênero foram destruídos, sendo desconhecidos os dos romanos, gregos, egípcios e assírios).

Enfim, em todas as línguas existe um certo número de *mantras deformados*, bem como *orações imaginadas*, apresentando maior ou menor conformidade com o ritual. Alguns são chamados *grimórios*, pois se baseiam na Feitiçaria ou, a rigor, podem ser presumidos criptográficos (o que, geralmente não são, em absoluto).

Tem sido sempre recomendado que o texto de um *Mantra* não seja alterado em nada e que o mesmo seja pronunciado da maneira exata como se pronuncia, na língua em que foi escrito.

Os textos hebreus, no entanto, podem ser lidos em latim, caso a leitura do hebreu seja ignorada, mas de modo algum em grego ou qualquer outra língua. Com efeito, a tradução de São Jerônimo, denominada Vulgata, foi feita diretamente do hebreu, sobre o que se chama a *versão dos setenta*, isto é, dos 72 rabinos que, no século III de nossa era, restabeleceram, *através dos dados da Cabala*, o texto de escrituras bíblicas que se tinham extraviado com a dispersão dos judeus e que Esdras, ao retorno de seu cativeiro na Babilônia, já havia reconstituído. Portanto, qualquer outro texto que não a Versão dos Setenta ou a de São Jerônimo será incapaz de fornecer *o Mantra justo* (se bem que esta versão tenha sido fortemente contestada quanto à sua exatidão).

*Nota.* Mais adiante são fornecidas diversas orações, como as mais conhecidas em *Mapa comum* ou em Feitiçaria. Devem ser consideradas apenas como tipos ou exemplos.

## Orações propiciatórias (segundo a Magia comum)

*Salmos de Davi.*

Salmo XVI: *Exaudi, Domine, justitiam meam.*
Deve ser dito nove vezes.
Quando levado sob a axila esquerda, propicia uma boa viagem.
Nome da Inteligência que lhe é própria: *Scema.*

Salmo XVIII: *Cœli enarrant gloriam De.*
Deve ser dito sete vezes, acima de uma taça cheia de vinho, na quarta ou sexta-feira, ao nascer do Sol.
Ele concede a facilidade de linguagem.
Nome da Inteligência que lhe é própria: *Mechel.*

Salmo XXXII: *Exultate, justi, in Domino.*

Deve ser dito três vezes: 1º, pela manhã; 2º, ao meio-dia; 3º, à tarde, postando-se acima de uma taça de óleo.
Ele afasta a tentação.
Nome da Inteligência que lhe é própria: *Iola.*

Salmo XLIII: *Deus, auribus nostris audivimus.*
Deve ser dito principalmente na sexta-feira, ao nascer do Sol.
Ele faz nascer o amor em uma pessoa à qual se pretende declará-lo (se possível, deve-se tocar, mesmo ligeiramente, esta pessoa no mesmo dia).
Nome da Inteligência que lhe é própria: *Se-Fava.*

Salmo LX: *Exaudi, Deus, deprecationem meam.*
Deve ser dito todos os domingos e segundas-feiras, pela manhã.
Deve ser escrito sobre uma pele de urso e envolto em um tecido novo.
Ele confere saúde e vigor.
Nome da Inteligência que lhe é própria: *Fevel.*

*(Px.)*

*Conjuração a ser acrescentada no final das cerimônias.*

É verdadeiramente justo e razoável, é equitativo e salutar dar-vos graças em todos os momentos e em todos os lugares, Ruach elohim, Adonai Melech. SHADAI, IEVE, TSABAOTH!

É em vosso nome que eu conjuro os Anjos, os Arcanjos, os Principados, as Virtudes, as Potestades, as Dominações, os Tronos, os Querubins e os bem-aventurados Serafins que tremendo vos louvam, vos adoram, vos veneram e juntamente comemoram vossa glória, em transportes de alegria.

Permiti que juntemos nosso verbo ao do desses Espíritos Superiores, para dizer com eles, humildemente prosternados:

> Hosana! Hosana! Hosana! Adonai Elohim Tsabaoth!
> Hosana sobre a Terra!
> Hosana sobre o Céu!
> Hosana sobre os quatro elementos!
> Que seja bendito Aquele que vem em nome de Adonai!
> Hosana! Hosana!

*(A. Gr.)*

*Juramentos dos Espíritos*

"Nós, Espíritos dominantes, fazemos saber: Reis, Imperadores, Príncipes, Duques, Condes, Marqueses, Barões, Governadores Gerais, Capitães, Ministros, Senhores e outros, nossos súditos, nós, os Espíritos, reconhecemos, confirmamos e atestamos, nos obrigamos e juramos, pelos altos e muito sagrados nomes de Deus, das Conjurações e Exorcismos contidos neste livro, como também dos caracteres que a nós competem: valer e servir, geralmente, a todos aqueles que se serviram do presente Livro, em todas as suas faltas e necessidades gerais, sejam quais forem e sem exceções, segundo o poder que recebemos de Deus, e ratificamos todas as coisas seguintes":

*"Primeiro* – Nós prometemos e nos submetemos a servir fielmente a todos aqueles que nos requisitaram através destas pessoas, segundo nosso juramento, e a executar ou fazer executar, por nossos súditos, todos os desejos e vontades, e que nenhum mortal jamais terá conhecimento daquilo que for operador e executado por nosso ministério e que nenhum dos Espíritos poderá disto dar conhecimento a seja quem for e sejam quem forem os para tal invocados. Prometemos também

conceder ou fazer conceder ou transferir tudo quanto de nós for exigido, sem enganos e fraudes, e que tudo será bem e leal, segundo sua vontade, sem que o possamos retomar, nem durante sua vida e nem depois de sua morte e que não esperaremos qualquer recompensa pelos serviços que lhes prestarmos".

*"Igualmente* – Nós nos submetemos a aparecer a todos aqueles que nos chamarem por nossos nomes, contidos no presente Livro, em bela forma humana, sem qualquer feiúra ou deformidade, todas e quantas vezes formos chamados, sem qualquer dano ao que eles receberam de Deus ou aos seus cinco sentidos da Natureza, nem àqueles ou àquelas que estiverem em sua companhia, nem ao lugar ou casas para onde nos convocarem, e isto sem causar barulho, nem raio, nem tempestade, nem relâmpago, nem estrépito, nem ruptura, nem rompimento, nem algazarra, seja em que maneira for, e que nenhuma criatura viva se aperceberá de nossa vinda, além daqueles que nos chamaram e de seus companheiros, se assim nos for ordenado; obrigamo-nos também a responder a todas as questões e perguntas que nos serão feitas, e nossas respostas serão verdadeiras, sem ambiguidade nem duplo sentido; ao contrário, falaremos bom francês,[35] precisa e inteligivelmente e, após satisfeito o que de nós for exigido, nos retiraremos em paz e sem tumulto, observando as mesmas condições na ida como na vinda, quando eles pronunciarem o retorno".

*Conjuração do Livro dos Espíritos*

"Eu te conjuro, ó livro, a fim de que sejas proveitoso àqueles que de ti se servirão, em todos os seus afazeres; eu te conjuro, pela virtude do sangue de J. C, contido no cálice todos os dias; que tu sejas bom para aqueles que de ti se servirem."

*(Ar.)*

*Retorno dos Espíritos*

"Vá, Gênio benfazejo, retorna em paz para os lugares que a ti são destinados e sê pronto a aparecer, sempre que eu te chame pelo nome e de parte do Grande Alpha".

*(Ar.)*

*Fórmula de exorcismo ou de consagração*

"O Adonai, IEVE, Tsabaoth, ó Pai supremo, criador do Céu e da Terra, dos quatro Elementos e dos Espíritos, eu te conjuro, pelas potestades e virtudes, a santificar este ... (dizer o nome do objeto) ..., que foi preparado em tua honra".

"Eu te exorcizo... (dizer o nome do objeto)..., pela Verdade, a Vida e a Eternidade, pela Criação saída do Nada, a fim de que nada haja em minha possessão, além da Pureza e da Virtude".

*(Ar.)*

*Oblação*

"Eu, vosso servidor, voz ofereço e a vós sacrifico estas coisas: em voz reconheço o autor da santidade e, para santificar-me, invoco esta oblação, a fim de que, por meio dela, obtenhamos o objeto de nossa súplica. Porém, como esta presente coisa se torna vossa por minha oblação, ela só deverá existir e ser aniquilada através de vos. Da mesma forma, em me torno um homem vosso, por esta oblação e esta comunhão: sou de vossa família e de vossos adoradores".

*(Ar.)*

*Oração para o amor*

---

[35] Idioma original em que foi feito o juramento (N.T.).

"Que... (fulano)... seja unido a ... (fulana)..., da mesma forma como o Fogo, o Ar e a Água estão unidos à Terra, e que o espírito de... (fulano)... seja estimulado por ... (fulana)..., como o raio de Sol estimula a luz do Mundo e de suas virtudes, e que ele componha ... (fulana)... em suas obras, no objetivo de ... (fulana)..., da mesma forma que o céu é composto pelas estrelas e uma árvore por seus frutos. E colocai o espírito, alto e sublime de ... (fulano)... sobre o espírito de... (fulana)..., como a água sobre a Terra. E fazei que dito ... (fulano)... não tenha poder para comer, beber, caminhar nem alegrar-se sem... (fulana)..."

(A oração de ódio e repulsa é feita em termos contrários).

## Versículos de Davi, Referindo-se aos 72 Gênios

(A acentuação é para facilitar a leitura)

1. Tu autem Domine susceptor meus et glória mea et exáltans cáput meum (III, 4).
2. Tu autem Domine ne elongáveris auxílium meum a me ad defensionem meam conspice (XXI, 20).
3. Dícet Domino: susceptor meus et tu refúgium meum; Deus meus, spérabe in eum (XC, 2).
4. Convértere Domine et eripe animam meam salvum me fac próter misericórdiam tuam (VI, 5).
5. Exquisivi Dóminum et exaudivit me? et ex ómnibus tribulationibus méis eripuit me (XXXIII, 5).
6. Psallite Domino qui habitat in Sion; annuntiate inter gentes stúdia ejus (IX, 12).
7. Miserator et miséricors Dóminus; longanimis et múltum miséricors (CII, 8).
8. Venite adoremus et procidamus; et ploremus ante Dóminum qui fecit nos (XCIV, 6).
9. Reminiscero miserationum tuarum Domine et misericórdiarum tuarum quae a sáeculo sunt (XXIV, 6).
10. Fiat misericórdia tua Domine super nos quemadmodum speravimus in te (XXXII, 22).
11. Vivit Dóminus et benedictus Deus meus, et exaltatur Deus salutis meae (XVII, 47).
12. Ut quid Domine recessisti longe, despicis in opportunitatibus, in tribulatione (X, 1).
13. Jubilate Deo óminis terra; cantate et exultate et psallite (XCVII, 4).
14. Et factus est Dóminus refúgium pauperi; adjutor in opportunitatibus, ím tnbulatione (IX, 10).
15. Et factus est mihi Dóminus in refúgium; et Deus meus in adjutórium spei meae (XCIII, 22).
16. Domine Deus salutismeae, in die clamavi et nocte coram te (LXXXVII, 2).
17. Domine Deus nóster, quam admirábile nómen tuum in universa terra (VIII, 2).
18. Júdica me Deus secúndum justitiam neam et secúndum innocéntiam meam super me (VII, 9).
19. Expectans expectavi Dóminum et intendit mihi (XXXIX, 2).
20. Domine libera animam meam a lábiis iniquiset a língua dolosa (CXIX, 2).
21. Ego autem in te speravi, Domine; dixi Deus meus es tu; in mánibus tuissortes neae (XXX, 15).
22. Dóminus custodit te; Dóminus protéctio tua super manum dexteram tuam (CXX, 5).
23. Dóminus custodiat introitum tuum et exitum tuum; et ex hocnunc et usque in saeculum (CXX, 8).
24. Ecce oculi Dómini juper metuentes eum, et in eis qui sperant super misericórdia ejus (XXXII, 18).
25 Confitebor tibi Domine in totó corde meo, narrabo omnia mirábilia tua (IX, 2).
26 Clamavi in totó corde meo, exaudi me Domine; justificationes tuas requiram (CXVIII, 145).
27. Eripe me Domine ab hómine; a viro iníquo eripe me (CXXXIX, 2)
28. Deus me elongeris a me; Deus meus in auxílium meum respice (LXX, 12).
29. Ecce enin Deus adjuvat me, et Dóminus susceptor est ánimae meae (LIII, 6).
30. Quoniam tu es patientia mea Domine, Domine spes mea a juventute mea (LXX, 5).
31. Quoniam non cognovi litteraturam, introibo in potentias Dómini; Domine memorabor justitiae tuae solius (LXX, 16).
32. Quia rectum est vérbum Dómini et ómnia ópera ejus in fide (XXXII, 4).
33. Dóminus scit cogitationes hóminum quoniam vance sunt (XVIII, 11).

34. Spert Israel in Domino ex hoc mune et úsque in sáeculum ... (CXXX, 3).
35. Dilexi quoniam exaudiet Dóminus vocem oratiónis meae (CXIV, 1).
36. Domine dilexi decorem dómus tuae et lócum habitationis glóriae tuae (XXV, 8).
37. Deus virtude converte nos et ostende fáciem tuam,et salvi érimus (LXXIV, 8).
38. Quoniam tu es Domine Spes mea, altíssimum possuisti refúgium tuum (XC, 9).
39. Audivit Dóminus et mísertus est mei; Dóminus factus est adjutor meus (XXIX, 11).
40. Ut quid Domine repellis orationem méam, avertis faciem tuam a me (LXXXVII, 15).
41. Domine libera animam méam a lábiis iníquis et a língua dolosa (CXIX, 2).
42. Dóminus custódit te ab ómni maio, custodiat animam tuam Dómimus (CXX, 7).
43. Et egoad te Domine clamavi, et mane óratio mea praevenitte (LXXXVII, 14).
44. Voluntária oris mei bene placita fac Domine, et judicia tua doce me (CXVIII, 108).
45. Si dicebam, motus est spes meus; misericórdia tua Domine adjuvabat me (XCIII, 18).
46. Suavis Dóminus universis, et miserationes ejus super ómnia ópera ejus (CXLVI.9).
47. Quam magnificata sunt ópera tua Domine; ómnia in sapientia fecisti; impleta est terra possessione tua (CIII, 24).
48. Nótum fécit Dóminus salutare tuum; in conspectu géntium revelavit justitiam suam (XCVII, 2).
49. Magnus Dóminus et laudabilis minis et magnitudinis ejus non est fins (CXLIV, 3).
50. Miserator et misericors Dóminus, longanimiset multum misericors (CII, 8).
51. Sit glória Dómini in sáeculum; laudabitur Dóminus in opéribus suis (CIII, 31).
52. Confitebor secúndum justitiam ejus, et psallam nómini Dómini altissími (VII, 18).
53. Cognovi Domine quia aequitas judicia tua, et in veritate tua humiliasti me (CXVIII, 75).
54. Dóminus in caelo parávit sedem suam et regnum ipsius ómnibus dominábitur (CII, 19).
55. Tu autem Domine in aeternum permanes, et memoriale tuum in generationem et generationem (CI, 13).
56. Allevat Dóminus omnes qui corruunt et erigit omnes elisos (CXLIV,14).
57. Qui timent Dóminum speraverunt in Domino; adjutor eorum et protector eorum est (CXIII, 11).
58. Et anima turbata est valde, sed tu Domine usque quo? (VI, 4).
59. A solis ortu usque as occasum laudábile nomen Dómini (CXII, 3).
60. Justus Dóminus in ómnibus viis, suis, et sanctus in ómnibus opéribus suis (CXLIV, 17).
61. Sit nómem Dómini benedictum ex hoc nunc et usque in sáeculum (CXIII, 2).
62. Vide quoniam mandata tua dilexi Domine, in misericórdia tua vivifica me(CXVII, 159).
63. Servite Domine in timore et exultate ei cum tremore (II, 11).
64. Ecce oculi Dómini super metuentes eum et in eis qui sperant super misericordiam ejus (XXXII, 18).
65. Convertere Domine et usque quo? et deprecabilis esto super servos tuos (LXXXIX, 13).
66. Ne derelinquas me Domine Deus meus, ne discesseris a me (XXXVII, 22).
67. Delectare in Domino et dabit tibi petitiones cordis tui (XXVI, 4).
68. Confitemini in Domino quoniam bónus, quoniam in sáeculum misericordia ejus (CV, 1).
69. Dóminus pars haereditatis meae et cálicis mei; tu es qui restitues haere-tatem meam mihi (XV, 5).
70. (para substituição) In princípio creavit Deus caelum et terram (Gênesis. I, 1).
71. Confitebor Domine nimis in ore meo; et in médio multorum laudabo eum (CVIII, 20).
72. Converte animam in réquiem tuam, quia Dóminus beneficit tibi (CXIV, 7).

Ao invocar o Gênio, deve-se salmodiar *o Mantra.*

*(Len. – Div. Aut.)*

*Nota.* Cada número indicado acima corresponde ao do gênio na lista anteriormente dada.

*(P.P.)*

## XIV – PANTÁCULOS E TALISMÃS

## Uso e Fabricação

Para o operador em Magia, a necessidade de se garantir contra os eventuais *choques de retorno* conduz, em virtude da teoria das correspondências, a utilizar *pantáculos* e *talismãs.*

Em primeiro lugar, é importante que não se confunda as duas expressões.

A palavra *pantáculo* (sendo errônea a ortografia *pentáculo)* provém do grego *panta-kléa,* que não é um vocábulo da língua clássica, mas se compõe do plural neutro de *pantos* (significando *tudo)* e do substantivo *kleos* (significando *ação gloriosa).* A expressão significa, deste modo, *todas as ações honoríficas;* assim, o pantáculo só é empregado para se agir solenemente. Se tal expressão não foi reportada na linguagem literária dos helenos, pelo menos possui um caráter regular, já que existe *Pantaklés,* como nome próprio.

A palavra talismã também vem do grego, mas passando pelo árabe. Trata-se da reprodução do substantivo *telsam* ou *telesm,* o qual representa o grego *telesma,* querendo dizer *operação mágica.*

Assim, o talismã é um objeto unicamente mágico; o pentáculo, no entanto, pode ter uma outra destinação, sempre honorífica.

*(Chass. – Etim.)*

*Pantáculos* são medalhas metálicas, as quais comportam:

1º– Um *exergo* sobre o qual são gravadas letras (em seu conjunto formando uma *sentença legível);*

2° – Uma *parte central,* na qual se encontram sinais diversos, acompanhados ou não de letras (formando ou não palavras legíveis).

Os talismãs, ao contrário, são anéis metálicos, em geral, engastados de pedras preciosas e tendo sinais gravados (seja no interior ou no exterior).

Entretanto, por confusão, medalhas de confecção pouco regular foram denominadas *talismãs,* quando realmente deveriam ser chamadas de *pantáculos.* De qualquer modo, em vista de sua finalidade, elas têm um caráter preferentemente de talismãs. A fim de distingui-las, deve-se denominá-las *medalhas tatismânicas.*

*(Doc. Fr.)*

O *pantáculo* é um instrumento de proteção para o operador em Magia, funcionando como *isolador* ou *isolante.* Como todo isolante, ele é essencialmente impessoal, de maneira que o mesmo pantáculo serve para uma idêntica operação, seja quem for o operador.

O *talismã,* pelo contrário, possui uma natureza eminentemente pessoal. Seu papel é comparável ao de um *gerador secundário,* utilizado pelo operador para reforçar os próprios fluidos biológicos, a fim de melhor poder combiná-los com a frequência dos fluidos cósmicos. O talismã não pode, em vista disto, ser emprestado.

Com o estabelecimento das *medalhas talismânicas,* quis-se reunir, em um só objeto, o efeito de isolante com o efeito de gerador: surgiu assim a ideia de ser feito um pantáculo que servisse *também* como talismã.

Verdadeiramente, um tal objeto não teria nada mais de prático para o Rito; contudo, ele se fundamentava no que poderia se denominar *Magia utilitária* – cujas aplicações foram e ainda são bastante numerosas.

*(Doc. Fr.)*

Sendo o pantáculo, por definição, uma medalha metálica, desnecessário é dizer que a correspondência dos metais empregados tem uma importância capital.

Todos os metais são suscetíveis de constituir medalhas e de serem gravados – exceto o mercúrio que, em temperatura normal, apresenta-se em estado líquido.

Um pantáculo cuja correspondência seja o planeta Mercúrio, não podendo ser confeccionado com o metal do mesmo nome, é fabricado como um disco de *cobre, dourado em mercúrio.*

O emprego do cobre (metal de Vênus) e do ouro (metal do Sol), fixado sobre o anterior com a ajuda do mercúrio, corresponde com toda exatidão ao papel cósmico dos planetas interiores (Vênus e Mercúrio), em relação ao Sol. O planeta Mercúrio é raramente visível, porque se encontra ofuscado pela irradiação solar: assim, o metal mercúrio desaparece; enquanto apenas o ouro é visto. O Sol, no entanto, cujo papel é o de *indutor geral no* "sistema planetário", tem como primeiro *induzido* visível o planeta Vênus: daí, o pantáculo em questão deve ser fabricado com o metal correspondente ao planeta que se constata *visualmente* como o mais aproximado do Sol – isto é, o cobre, mas dourado através do mercúrio, para que uma camada de ouro o encubra, da mesma forma como os fluidos de Mercúrio se interpõem entre os de Vênus e os do Sol.

*(Doc. Fr.)*

Os *exergos* dos pantáculos são constituídos por sentenças extraídas de *textos fundamentais* (não de textos secundários) e reproduzem frases ritualísticas que, *por sua composição literal*, possuem um valor vibratório devidamente de acordo com os fluidos representados pelo signo planetário, correspondente ao metal empregado.

A *parte central*, situada entre os dois círculos concêntricos que encerram o exergo, comporta gravuras sempre representando *uma figura simbólica.* Esta é escolhida segundo o papel particular que os fluidos ditos planetários devem assumir durante uma certa operação definida. Representa, então, a *maneira* pela qual uma indução planetária atuará para proteger o operador; e, a fim de que esta maneira não possa ser esquecida ou confundida com uma outra semelhante, sobre um pantáculo correspondente a um planeta diverso, é acompanhada de inscrições, muito breves, mas significativas.

Por vezes, uma *cifra*, expressa por figurações convencionais (como as atribuídas a Cornelius Agrippa), completa as inscrições para recordar por um nome (geralmente simbólico), qual o *uso* que deve ser feito do pantáculo.

*(Doc. Fr. – Doc. Estr.)*

Os *talismãs* – ou *anéis ritualísticos* – são, como os pantáculos, teoricamente confeccionados em um metal correspondente a um planeta.

O astro escolhido é aquele que, no tema genetlíaco do operador, estará *regendo* (seja dito em estilo astrológico) as possibilidades operatórias. O papel deste astro é, então, particular ao operador de maneira que as possibilidades operatórias nem sempre estarão representadas pelo mesmo astro, em todos os temas.

De qualquer modo e praticamente em vista da alteração sofrida pela maioria dos metais quando ao contato da pele, os talismãs são feitos de ouro geralmente (para isto o melhor metal). A regra estrita de correspondências, neste sentido, sofre então uma exceção. Tal exceção não tem tanta importância como se poderia crer à primeira vista, pelo fato de que o ouro tem a mesma função do Sol, a qual lhe corresponde, desta forma permitindo que o talismã: se comporte como um *indutor geral*

Daí porque nele é engastada uma pedra, a qual então representa a correspondência planetária que devia estar de acordo com o metal.

Ritualisticamente, a pedra engastada deve ser talhada de modo a ter a forma correspondendo à do astro com o qual se encontra em *acordo atômico.*

Para certas pedras consideradas preciosas, em vista de seu valor comercial, o corte pode ser diferente, por motivo da *clivagem,* racionalmente empregada, a fim de conseguir-se a melhor *refração* da luz. Neste caso, faz-se uma gravação, seja na própria pedra (o que nem sempre é possível), seja no anel, nas proximidades da pedra.

A gravação em questão substitui a talha ritualística que não pôde ser feita na pedra. Pode representar um determinado signo ou algum símbolo correspondente ao astro considerado. Pode ser ainda constituída por uma gravura, propriamente dita, ou por uma ornamentação ao redor da pedra.

É devida à limitação deste gênero de gravura, que em *Magia utilitária* foram estabelecidos anéis diferentes, os quais se tornaram de uso corrente.

*(Doc. Estr.)*

Devido às prescrições anteriores, no entanto, torna-se obrigatório que o talismã levado pelo operador tenha signos indicando *sua personalidade adequada,* seja na parte interna ou externa.

Resumindo, *tais signos representam as qualidades que o operador possui para operar*.

Gravadas *sobre a parte externa do anel,* eles revelam essas qualidades, tão logo o operador faça um gesto para usá-lo; desta forma, um talismã indica quem é ele. Entretanto, gravados sobre a *parte interna do anel,* os signos dissimulam sua qualidade semelhante e não podem revelar a personalidade, a menos que o operador o retire do dedo e permita que o examinem.

Isto faz ressaltar a diferença que é preciso considerar entre as *gravuras externas* e as *gravuras internas* de um talismã.

Toda gravura *dita externa,* por se encontrar na parte facilmente visível do anel (a que é usada sobre o dorso da mão), revela a qualidade normal do operador. Imediatamente, percebe-se de que *gênero da operação é* ele capaz – e o gênero se caracteriza como *usual* e ordinário, pois todo guardião de um templo iniciático deve conhecê-lo, a fim de permitir a entrada de um operador desconhecido, mas *reconhecido* por suas qualidades.

Toda gravação, *dita interna* por causa de sua posição, seja na parte do anel que fica voltada para a concha da mão, seja naquela que se encontra em contato com a pele do dedo, indica – ao contrário – qualidades excepcionais do operador, embora pouco ordinárias e que, somente alguém mais instruído que um simples guardião seria capaz de identificar.

Os escritos árabes – notadamente as *Mil e Uma Noites* – (texto eminentemente esotérico) – mencionam com frequência pessoas que viram o engaste de seu anel, em determinadas circunstâncias: pelo que foi dito anteriormente, é fácil imaginar-se o motivo de tal gesto.

*(Doc. Estr.)*

No princípio, a fabricação de pantáculos e talismãs era feita pelos próprios magistas. Disto resultou uma regra, segundo a qual, todo operador deve estabelecê-los, por seus próprios meios. Acontece que tal regra constitui pura superstição.

Quando não existiam os ourives, estava bem que os magistas os substituíssem como possível. Contudo, quando a ourivesaria e a bijuteria se tornaram ofícios praticados por operários artistas, os magistas se voltaram para eles, a fim de que confeccionassem não apenas as medalhas e anéis de que tinham necessidade, mas todos os objetos indicados para as cerimônias. Tem-se a prova disto por tudo que foi descoberto nesse sentido, em escavações efetuadas na Grécia, Egito, Assíria e outros lugares: os diversos objetos mágicos da antiguidade estão longe de possuir uma qualidade grosseira, artisticamente falando. Sua confecção devia ter exigido especialistas de grande conhecimento do ofício e ainda maior talento. As qualidades do magista eram bem outras.

Nos escritos técnicos que sobreviveram, é recomendado que se proceda, inicialmente, a um *exorcismo,* em seguida a uma *consagração* desses diversos objetos, antes de serem utilizados em Magia. Desnecessário é dizer que os exorcismos e consagrações são operados apenas uma vez – para sempre – no relativo a qualquer objeto.

*(Doc. Estr.)*

Tendo por finalidade proteger o operador, os pantáculos são levados ou colocados:

1º – Sobre o *peito,* suspensos com a ajuda de um cordão ou de uma fita de seda, *pendurado em torno do pescoço;* neste caso, a cor do cordão ou fita ao qual está preso o pantáculo – e segundo a teoria das correspondências – deve ser a referente ao mesmo planeta que o pantáculo (o operado utiliza apenas um pantáculo, bem entendido);

2° – Sobre o *perímetro da operação,* nos pontos indicados nos esquemas (geralmente, por pequenos pentágonos).

*(Div. Aut.)*

*Nota.* Certamente, foi a existência desses pequenos *pentágonos* sobre os esquemas, que deu lugar à ortografia *pentáculo,* a qual não possui qualquer caráter etimológico: houve um cotejamento dos dois vocábulos.

*(P.P.)*

Os talismãs são usados em um dedo, mas da mão esquerda, não da direita, porque a esquerda (mão passiva) é aquela de que se valerá o operador para efetuar os gestos mágicos.

O motivo é fácil de compreender, caso nos reportemos à *atitude* que o operador observa ritualisticamente. Virado para o sul e tendo o Oriente à esquerda, o emprego da *mão direita* teria por efeito natural contrariar o movimento diurno; ao passo que o movimento da *mão esquerda* permitirá que, sem esforço, sejam feitos os gestos, no sentido deste movimento. Além do mais, a mão esquerda possui um caráter geralmente passivo, sendo conveniente recordar que o operador utiliza os fluidos e os conduz para uma dada direção, mas não atua por si mesmo: são as forças cósmicas que atuam.

*(P.P.)*

O dedo que leva o anel não é indiferente. Cada dedo, assim como a *quirologia usual* conservou a memória tradicional, se refere a um planeta preciso:

O *polegar é* de Vênus; O *indicador é* de Júpiter; O *médio* é de Saturno; O *anular é* do Sol; O *mínimo é* de Mercúrio.

Por conseguinte, manteve-se iniciático o uso do talismã no *anular* e, em todos os sentidos, este dedo é bem denominado. Com efeito, o Sol caracteriza o movimento diurno e desempenha o papel de indutor geral.

E na falange mais próxima da palma que se coloca o anel. Nas outras, evidentemente, haveria o risco de perdê-lo; magicamente, contudo, este motivo tem apenas valor secundário, já que existe um melhor. Consiste no fato de que as falanges próximas da palma são vizinhas da área que, em quirologia, é denominada a *planície de Marte*, situada na concavidade da mão. Ora, entre os homens, o planeta Marte representa as energias ativas e os gestos do operador são efetuados com um propósito de ação.

*(Doc. Fr.)*

*Nota.* A título de exemplo, mais adiante são fornecidos vários *tipos de pantáculos*, assim como diversas *fórmulas concernentes aos talismãs*, que podem servir para confrontações com os desenhos ou objetos do mesmo gênero, tanto mencionados em documentos, como conservados em coleções (ver as páginas seguintes).

*(P.P.)*

## Derivações segundo a Magia Utilitária

O que se pode chamar de *Magia utilitária* consiste na adoção de objetos, positivamente mágicos por sua finalidade primitiva, para uso comum e em absoluto iniciático que, no correr dos tempos, passa a ser habitual – sem que se saiba exatamente por que o costume se perpetuou.

Neste sentido, a Magia utilitária se estende a outros objetos não essencialmente mágicos, mas que, seja por sua origem ou seja por sua constituição, possuem um caráter nitidamente esotérico – o qual, bem entendido, ficou esquecido e passa despercebido.

Sendo os *pantáculos* medalhas, antes de tudo, isto deu lugar a todas as imitações no mesmo gênero:

1º – As *medalhas representativas* da qualidade, as quais ele deverá exibir necessariamente, a fim de poder penetrar nos locais reservados ao ensinamento secreto (neste número, está a medalha da Ilha de Creta, que reproduzia um *labirinto* e, a rigor, podia servir para encontrar-se o caminho mais curto para acesso às salas do monumento iniciático);

*(Pesq. Arq.)*

2º – As *medalhas comemorativas* que, de início recordando um fato notório da vida iniciática (fato coletivo ou individual), terminaram evocando um evento civil (como as medalhas de Constantino, comemorando o Edito de Milão e muitas outras, anteriores ou posteriores);

*(Pesq. Arq.)*

3º – A *moeda corrente* que, para autenticidade, assumiu todos os caracteres de um Pantáculo;

*(Doc. Fr.)*

4º – As *medalhas decorativas*, cuja origem é a insígnia em forma de Pantáculo que os iniciados usavam durante as cerimônias solenes (efetivas ou simbólicas) e que, nos tempos modernos, com a abolição das ordens de cavalaria (todas mais ou menos de gênero iniciático), transformaram-se em *decorações;*

*(Div. Aut.)*

5º – Os *estudos ou brasões dos Cavaleiros* – que, de início, representaram os sinais distintivos das ordens às quais pertenciam, a fim de que, no campo de batalha ou durante suas peregrinações, fossem reconhecidos pelos co-associados e tratados de acordo; em seguida, tornaram-se comemorativos do chefe da família e por esta foram adotados, com o fito de ser recordada uma ascendência, cujo sentido se traduzia por certos direitos sociais;

*(Gass.)*

6º – Os *brasões ou escudos das Cidades e dos Estados*, que foram constituídos a título de pantáculo protetor e cujas divisas, engenhosamente estabelecidas (geralmente em latim, mesmo quando apresentadas em uma outra língua) recordam os elementos principais (sempre com as datas exatas) que se fundamentam no tema genetlíaco, seja da Cidade ou do Estado, como também do fundador de uma dinastia em um Estado;

*(Doc. Fr.)*

7º – As *marcas de fábrica*, que de início foram marcas de corporação e assinaturas de confrarias, para em seguida se tornarem de uso corrente, na indústria e no comércio.

*Div. Aut.)*

A isto, deve-se acrescentar tudo que se assemelha ou derive destas categorias utilitárias e que vai, desde a medalha dita de santidade e o escapulário, até aos *ex-libris* e mesmo a certos *graffiti* – por motivo da propensão natural do homem em manifestar sua propriedade ou sua passagem.

Também a isto se assemelham os *Deuses-Termes* e os *Hermes* dos romanos e gregos, símbolos protetores da propriedade – e também os *menires* gaélicos, protetores (em geral) do caminho a seguir em um trajeto.

A superstição inevitável e a tradição conservada, por outro lado, deram origem a todos os tipos de *medalhas talismânicas*, ditas mais particularmente *talismãs*, que ficaram estabelecidas como *porte-bonheur*, em uma imitação mais ou menos exata dos pantáculos ritualísticos.

Qualquer um ficaria tentado a tomá-los por verdadeiros pantáculos protetores, se não estivesse judiciosamente advertido pelo conhecimento das regras que presidem estritamente ao estabelecimento de objetos ritualísticos.

O fetichismo, no entanto, sempre latente nos meios populares, beneficiou singularmente a pululação destas medalhas talismânicas, nas épocas de ignorância.

*(Doc. Estr. – Doc. Fr.)*

Os talismãs propriamente ditos – e, por conseguinte, os anéis -, por sua derivação utilitária, transformaram-se em:

1º – *Anéis indicativos de uma casta*, inicialmente iniciáticos, em seguida religiosos e por fim civis (os anéis dos *cavaleiros romanos* eram usados para tal efeito e, da mesma forma, os *cavaleiros* instituíram sinetes brasonados);

2º – Os *anéis de noivado* e de *casamento* procedem, igualmente, da ideia mágica, segundo a qual se opera o *rito da consolidação*, assegurando por um gesto do operador, feito com a mão do anel, a *consolidação* com os fluidos ativos;

3º – Os *brincos de orelha* e também os *brincos nasais* que ainda são usados entre certos povos sem civilização aparente. Tais objetos procedem de um sentido de *hieratização da face* mas, em um outro sentido, da utilização dos anéis para tal fim, os quais, logicamente, só deveriam ser usados no dedo;

4º – Os *braceletes* para os braços (comumente) e para os tornozelos (excepcionalmente), que jamais tiveram outra finalidade que não a da ornamentação e cujo uso provém de uma extensão, como de uma derivação do emprego dos anéis ritualísticos.

Quanto aos colares, não derivam de talismãs nem de pantáculos; eles se limitam a substituir o cordão que, em torno do pescoço do operador, tem a função de sustentar o pantáculo.

*(Doc. Fr.)*

Com as Cruzadas, os *exergos* dos pantáculos incitaram à constituição de divisas heráldicas (pela aplicação dos princípios de esoterismo).

Eles também deram lugar ao costume de serem inscritas sentenças (mais ou menos extraídas dos textos fundamentais ou secundários), tanto sobre monumentos, como no interior e mesmo sobre objetos os mais diversos.

O próprio heraldismo levou à ideia de a personalidade ser relembrada por *monogramas* – onde, através da junção das iniciais, a fantasia ganhou e ainda ganha livre curso.

Houve monogramas hebraicos (Cornelius Agrippa apresentou alguns); houve monogramas góticos; havia monogramas chineses, desde séculos anteriores à Idade Média; sempre existiram monogramas árabes e são célebres os de Santa Sofia, em Istambul, por reproduzirem versículos inteiros de *santas do Alcorão.* Tais monogramas serviam e ainda podem servir de sinete e eram também gravados sobre anéis.

*(Doc. Estr.)*

Abaixo, temos um modelo de monograma árabe, em estilo moderno.

*(Doc. Part.)*

É necessário, contudo, que se fale sobre o uso de pedras preciosas nos paramentos – e quanto a isto, Bizâncio fez verdadeiro abuso. Trata-se de um uso muito natural, posto que as pedras constituem jóias por si mesmas, então se classificando na categoria das derivações mágicas. O mesmo se pode dizer quanto ao uso corporal dos perfumes.

*(Doc. Fr.)*

Ao contrário, uma derivação mágica que pode parecer inesperada é a do emprego de *condimentos aromáticos* na arte culinária.

Se salgar os alimentos parece natural e apimentá-los (com pimenta como na antiguidade ou pimenta em pó como em nossos dias), pode-se compreender que haja uma necessidade de acentuar o sabor das iguarias, a fim de excitar o apetite – pelo menos o emprego do molho de louro, de tomilho, manjericão, alecrim, noz-moscada, gengibre, açafrão, canela, baunilha e de todos os aromas, ressalta incontestavelmente uma ciência, da qual restam apenas traços e que era bem vizinha da Magia.

Aliás, era assim que os gregos entendiam porque, entre eles, a palavra Magia evocava a ideia de preparação culinária.

*(Doc. Part.)*

Quanto à *hieratização do rosto,* em que são elementos principais as argolas das orelhas e os círculos nasais, entre os magistas ela era objeto de todo um estudo erudito, que se pode constatar pelas pinturas egípcias, assírias, hindus e chinesas (em geral orientais).

Sua derivação é a *tatuagem.* Embora mal executadas na Papuásia, África e América, as tatuagens da face – caso se preste atenção – fundamentam-se em ideias nitidamente esotéricas, cuja finalidade é emprestar ao rosto uma aparência hierática (em geral aterrorizante, para impor respeito).

Sobre o resto do corpo, bem entendido, ela não tem mais a mesma razão de ser; a superstição e o costume tradicional, no entanto, não deixaram de emprestar-lhe uma amplitude exagerada.

Ainda entre muitos povos constituídos em tribos e onde a mulher (como nacionalidade, apenas) pertence à tribo, as jovens são tatuadas, antes que atinjam a idade núbil.

A ideia não é tão selvagem como possa parecer à primeira vista; refletindo-se um pouco, chega mesmo a ser avançada, em termos de evolução social. Procede do fato de que, ao casar-se, a mulher deve adotar as convicções do marido (como lembram os Evangelhos), sem o que a união terminará mal. Ao mesmo tempo, ela adota também sua nacionalidade e, como diziam os romanos – deixa *soa gente* para fazer parte da do esposo, aceitando todas as tradições ancestrais, de que os deuses Lares e Penates são a expressão. Em tais condições – e está previsto em nossos códigos – torna-se necessário considerar uma legislação nesse sentido. Entre os povos ditos selvagens, a mencionada legislação é simples: existe apenas a tribo e ela constitui tudo o que se denomina Estado; portanto, ninguém deve sair, sob pena de perder seus direitos cívicos (deve-se notar que hoje é a mesma coisa, porém o Estado é a nação); por conseguinte, uma jovem não pode casar-se fora da tribo. A fim de que, em caso de rapto, ela possa ser devidamente reclamada – sem contestação possível – é tatuada diante do *totem* da tribo. E esse *totem* – parece que nunca se percebeu isto – nada mais é que o brasão, o monograma, o signo protetor da tribo, em suma; seu *pantáculo*, para dizer-se tudo. Nada menos selvagem. O fato, contudo, se baseia preferentemente no *patriarcado.*

*(Doc. Part.)*

A Magja utilitária, enfim, pode ser reconhecida em um certo número de objetos, os quais não se pode afirmar que sejam mágicos, já que nada possuem de ritualístico e jamais foram supersticiosos. Entretanto, é forçoso convir que têm uma origem esotérica.

Tais objetos foram – e ainda são, embora muito secretamente – instrumentos de demonstração prática que os educadores empregavam para o ensinamento iniciático. Por derivação, transformaram-se *em jogos.*

Dentre eles, temos:

– O *jogo de cartas*, que se deriva do *Tarot*, e que permanece esotérico, mesmo depois das corrigendas efetuadas na época de Carlos VI – quando foram suprimidas as *22 lâminas* (ou cartas) ditas maiores e os 4 cavaleiros; entretanto, os nomes usados pelos Reis, Damas e Valetes continuam eminentemente significativos;

– O *jogo de xadrez*, conhecido já após ser antiquíssimo, que é ainda mais misterioso e iniciático que o precedente; os escoceses, entretanto, sabem de seu valor esotérico pois, de tempos em tempos, jogam uma *partida* em relvados convenientemente dispostos em tabuleiros, enquanto que as *peças* são representadas por personagens fantasiados: é o *desfile*, segundo eles, *the pageant* – e a palavra é francesa (do francês antigo), porque a partida era, originalmente, jogada por *pagens;*

– O *jogo de damas*, também jogado sobre um tabuleiro *(damier).* E, segundo bem notou o grande matemático Euler, todos os tabuleiros não passam de quadrados mágicos;

– O *jogo do ganso* (semelhante ao jogo da glória) – grego por excelência, segundo dizem, porém mais antigo que a guerra de Tróia – que implica uma espiral representando toda a gradação que o

iniciado deve seguir, para alcançar o *summum* do conhecimento, e compreende certas paradas e retornos, com isto significando que ele não satisfez plenamente, nos exames feitos;

– O *jogo d'halma* (de uma palavra grega, que significa *salto),* o qual tornou a ganhar atualidade, sendo ainda encontrado no comércio. Nele, quatro séries de pequenos cones coloridos diversamente devem travar combate sobre um tabuleiro. Esse combate diz respeito à luta que as forças, partindo dos quatro pontos cardeais, travam na sociedade, como em um ser vivo, a fim de constituir o *imbróglio* da vida;

– O *jogo de jacquet* (variedade de *gamão),* onde o determinismo, fatal e imprevisível, entra em linha de conta, por meio de dados lançados, enquanto que as damas, conformando-se com o número destinado pela sorte, avançam sobre triângulos bastante significativos por sua forma; segundo uma elementar ideia esotérica, este jogo reproduz o antagonismo de duas vontades habilidosas, enquanto o destino se enreda;

– O *jogo de dominós,* reconhecido como particularmente matemático e que – se observado de perto – não passa de uma máquina de calcular, em que as *progressões* são claramente indicadas por números representados através de pontos, dotados de traços de fração.

*(Doc. Estr.)*

Há muito tempo, observou-se que, em matéria de jogo, nada é inventado, tudo não passando de combinações. Porque, quando se busca um novo jogo, se não surge uma cópia bastante desajeitada de um já existente é criado um divertimento que não oferece qualquer interesse.

O motivo é porque todos os jogos possuem um caráter iniciático e repousam sobre o esoterismo. Nisto não há exceções – desde a *roleta de Monte Cario,* cuja cobertura reproduz (mas pela transposição de números) a *tábua das epactas* lunares, através da qual a astronomia calcula a data da festa da Páscoa – até, igualmente, aos jogos infantis: a *amarelinha, o jogo das barras,* o *esconde-esconde,* os *quatro cantos* e muitos outros.

Em seguida, deve-se meditar em todas as canções infantis, cujas palavras arcaicas evocam os tempos em que a cavalaria – sempre esotérica e muitas vezes iniciática – era popular: *les Compagnons de Ia Marjolaine, la Tour prends garde* e, inclusive, *Malborough s'en va-t-en guerre* e *Cadet-Roussel*

A Magia utilitária – isto é, a perpetuação do esoterismo – existe em muitas outras coisas mais do que imaginamos e entre todos os povos.

*(Doc. Estr. – Doc. Part.)*

*Nota.* Os *jogos* que foram mencionados acima não são unicamente europeus, como se poderia pensar. Toda a Ásia, por exemplo, joga cartas, xadrez, damas, dominós e o jogo do ganso. Entretanto, quando os povos não possuem os objetos necessários, o jogo mais difundido é o de damas: um tabuleiro bastante regular é executado com buracos sobre o solo liso (e, melhor ainda, gravado sobre uma pedra polida), em que as damas são substituídas por pedras brancas e castanhas.

Existe, no entanto, um jogo que os chineses introduziram recentemente na Europa, do qual nada se conhecia anteriormente: é o *ma-jong.* Como os demais, este jogo tem aparência esotérica, a qual é bastante visível e resulta das denominações empregadas. De qualquer modo, o *ma-jong,* da maneira como se apresenta, é apenas composto por uma parte de objetos semelhantes aos que se encontravam no interior dos palácios reais de Pequim e que se dispersaram, quando da última revolução chinesa. O *ma-jong* deve ser considerado uma *redução prática* do conjunto de tais objetos, cuja natureza permanece incontestavelmente iniciática: neste sentido, o *ma-jong* equivale ao atual jogo de cartas, que é uma *redução prática do Tarot.*

*(Doc. Part.)*

Pantáculo Universal

A *chave geral de Salomão* (invertida, como acima) é utilizada na confecção de Pantaculos que servem nas cerimônias ditas simbólicas ou então consideradas como aproximativas – isto é, nas quais não se leva o tempo mágico em consideração. Simplesmente, substitui-se a parte central por tal símbolo adequado. O Pantáculo é, então, universal.

*(Doc. Fr.)*

Pantáculo do Sol

Este Pantáculo serve para as invocações dos Espíritos do Sol. A cabeça nele representada é a do anjo *Metatron.*

*(P. M.)*

Pantáculo do Sol

Este Pantáculo serve nas cerimônias do Sol; ele também procura a ajuda dos Espíritos que são adequados para determinar a levitação.

*(cl. 3 – P. M.)*

Pantáculo do Sol

Este Pantáculo é uma proteção contra os perigos do aprisionamento; serve também para perpetrar as evasões.

*(Cl. 3)*

Pantáculo do Sol

Este Pantáculo busca a realeza, o poderio, a glória, o sucesso na vida; o nome divino sob cujo auspício foi estabelecido é IEVE.

*(Cl. 3)*

Pantáculo do Sol

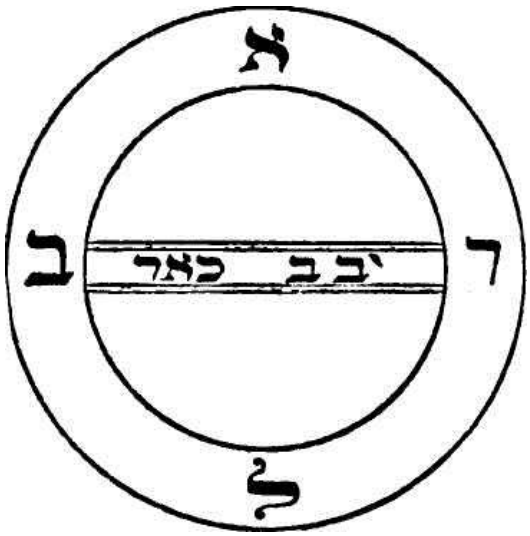
Este Pantáculo serve para ganhar no jogo e adquirir lucro no comércio, quando gravado sobre ouro ou amálgama.

*(P. M.)*

Gravado em ouro puro, busca a invisibilidade.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Mercúrio



Este Pantáculo aumenta o entendimento metafísico e serve para conciliar-se os Espíritos de Mercúrio.

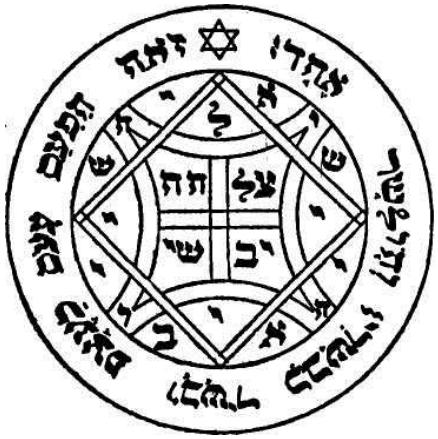
*(Cl. 3)*

Pantáculo de Mercúrio

Esse Pantáculo aumenta as faculdades psíquicas; é utilizado nas cerimônias em que se invocam os Espíritos de Mercúrio.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Vênus



Este Pantáculo, nas invocações de Vênus, serve de proteção contra os Espíritos Malignos

*(Cl 3 – P. M.)*

Pantáculo de Vênus

Este Pantáculo serve para ganhar-se o amor de uma pessoa desejada; ele confere simpatia.

O Anjo que lhe é dedicado chama-se *Monachiel;* o nome da Potestade superior *Veralian.*

*(Cl. 2)*

Pantáculo de Marte

Este Pantáculo confere a vitória sobre os adversários e a sorte nos processos e combates.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Marte

Este Pantáculo serve para perpetrar-se os feitiços de ódio.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Marte

Este Pantáculo serve de proteção contra o choque de retorno, nos feitiços de ódio; ele serve, ainda, para dar a vitória sobre as ciladas.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Marte

Este Pantáculo serve de proteção na guerra; permite que sejam evitados os perigos e os ferimentos.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Marte

Este Pantáculo é ritual para todas as cerimônias, na falta de outro. Serve também de proteção contra as febres agudas, as ciladas e os ferimentos. Os Anjos que a ele são dedicados denominam-se: *Medimiel, Barzakiah, Eskiel* e *Ithmiel* Deve ser confeccionado durante uma quadratura da Lua e do Sol.

*(P. A.)*

Pantáculo de Marte

Este Pantáculo serve para invocar os Espíritos de Marte. O Anjo a ele dedicado chama-se *Hevel.*

*(Cl. 2)*

Pantáculo de Júpiter

Este Pantáculo garante contra todos os tipos de perigo. Está sob a proteção do Anjo *Michael.*

Pantáculo de Júpiter

Este Pantáculo aumenta a vidência. Deve ser consagrado em um sábado, à hora de Júpiter.

*(P. M.)*

Pantáculo de Júpiter

Este Pantáculo protege o operador nas invocações dos Espíritos de Júpiter.

Pantáculo de Júpiter

Este Pantáculo proporciona a aquisição de riquezas e honras. Encontra-se sob a proteção do Anjo *Bariel*

Deve ser gravado em prata, no dia e hora de Júpiter, estando este astro no signo de Câncer.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Júpiter

Este Pantáculo confere a glória, o renome, as honras e riquezas; serve para descobrir tesouros e protege o operador contra os Espíritos malignos, nas cerimônias de Júpiter.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Saturno

Este Pantáculo protege o operador nas invocações dos Espíritos de Saturno, sobretudo durante a noite; ele afasta os Espíritos que guardam os tesouros.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Saturno

Este Pantáculo serve para invocar os Espíritos de Saturno. Os nomes das potestades que lhe são dedicadas encontram-se inscritas em exergo: *Omliel*, *Anachiel*, *Araukiah* e *Anazachia.*

*(P. M.)*

Pantáculo de Saturno

Este Pantáculo é especial para os feitiços de ódio.

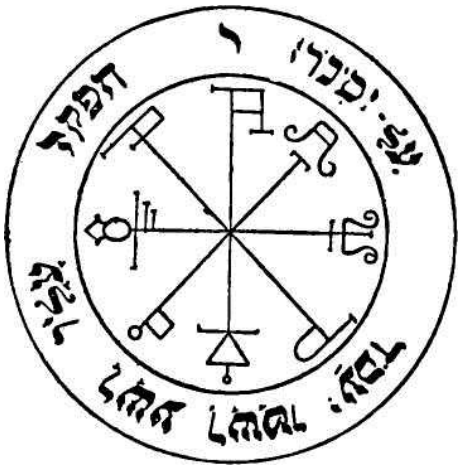
*(Cl. 3)*

Pantáculo de Saturno

Este Pantáculo atrai para seu portador a potência dos Anjos e Espíritos de Saturno. Serve nos feitiços de ódio.

*(Cl. 3)*

Pantáculo de Saturno



Este Pantáculo protege contra as obsessões e possessões dos Espíritos malignos de Saturno.

*(P. M. )*

Pantáculo da Lua

Este Pantáculo protege contra todos os perigos na água; serve também para atrair os Espíritos da Lua.

*(Cl. 3)*

## XV – PRÁTICAS DIVERSAS EXTRAÍDAS DA BRUXARIA OU DO FETICHISMO

### Amuletos Astrológicos

*Para obter o favor dos poderosos:*

Escolher o momento celeste em que a Parte da Fortuna está bem aspectada, em casa angular ou sucedente, fora da Via Abrasada (que se situa no signo de *Libra).*

O Senhor do Ascendente estará poderoso neste momento, benéfico e, em absoluto retrógrado, em signos ditos de Autoridade.

O Senhor da Casa X desse momento estará em um signo dito de Obediência.

O Almuten (ou o Planeta mais poderoso) do tema desse momento deverá estar em aspecto trígono ou sextil com o Senhor do Ascendente.

Fazer então um desenho, simbolizando um homem que busca o sucesso.

Levar este amuleto sobre si, para obter o que deseja.

*(Px.)*

*Nota.* Os *amuletos* do gênero acima são desenhados sobre pergaminho virgem ou gravados sobre um metal planetário, correspondente à pessoa que irá usá-lo.

*(Div. Aut.)*

*Para que os serviçais sejam dedicados:*

Fazer uma primeira imagem na hora de Júpiter, quando este astro estiver bem aspectado com o Sol, afastado dos planetas maléficos e estando o Leão no Ascendente.

Fazer uma segunda imagem, no momento em que a cúspide da Casa VII do tema da primeira imagem estiver no Ascendente e quando a cúspide do Ascendente da primeira imagem estiver na Casa XI.

Operar na hora de Vênus, nas condições ditas acima – ou na hora da Lua, quando Leão, Libra, Sagitário, Áries ou Gêmeos estiverem no Ascendente e a Lua separada de planetas maléficos.

Enterrar esta imagem na hora de Saturno, quando qualquer signo fixo estiver no Ascendente.

*(Px.)*

*Para prejudicar um inimigo:*

Operar na hora de Marte, quando a Lua estiver em Escorpião e em mau aspecto com os planetas maléficos. A Parte da Fortuna deverá estar em mau aspecto com o Ascendente; é preciso, ainda, o mais possível, que o Senhor da Casa IV e o do Ascendente estejam mal aspectados na Casa IV ou no Ascendente.

Fazer uma imagem que tenha semelhança com o inimigo; enterrá-la de cabeça para baixo, perto da casa onde ele morar.

*(Px.)*

*Para atrair a sorte:*

Procurar uma raiz de briônia. Arrancá-la em um sábado, na hora de Saturno, pouco depois que o Sol entrar em Áries. Cortar as extremidades. Enterrá-las de noite, no meio de uma sepultura. Regá-las durante 30 dias, com leite de vaca, no qual foram afogados três morcegos. Retirá-las no 31º dia, durante a noite, secando-as então no forno, com verbena. Em seguida, embrulhá-las em um pedaço de mortalha.

*(Div. Aut.)*

*Figuras ditas simbólicas* para os amuletos astrológicos de caráter simples.

Sol: um leão mostrado de perfil.
Lua: um gato visto de frente.
Mercúrio: uma mão.
Vênus: uma pomba voando e levando uma fita com laço.
Marte: um galo cantando.
Júpiter: um elefante.
Saturno: um morcego voando.

*(Div. Aut.)*

Estas figuras, ditas simbólicas, podem ser usadas visivelmente, como amuletos, se forem gravadas sobre os metais planetários ou fundidos com estes mesmos metais.

Neste sentido, escolhe-se um determinado planeta que, em um tema de natividade, seja considerado como o melhor portador da sorte; seja o *dono* do Ascendente, seja o almuten ou seja o *dono* da *casa* determinada que interesse.

*(Div. Aut.)*

## Ritos de Feitiçaria

*Mão de glória.*

Tomar a mão decepada de um enforcado. Mergulhá-la quase fechada em um recipiente de cobre, contendo zinco, e a substância vertebral de um animal. Fazer um fogo vivo, como de fogueira, sob o recipiente, perfumando as chamas com essência de verbena ou misturando a verbena ao fogo. Desta

forma, ressecar a mão. Compor em seguida uma vela com gordura de foca e gergelim da Lapônia. Colocá-la na mão. Esta mão de glória é utilizada no caso de busca de tesouros (seguindo os métodos da *radiestesia).*

*(E. D.)*

*Cerimônia dita da galinha preta.*

Tomar, à noite, uma galinha preta que ainda não pôs ovos, apertá-la pelo pescoço e impedi-la de cacarejar.

Ir a uma encruzilhada. Formar o Círculo mágico. Imolar a galinha, fendendo-a pelo meio do corpo e dizendo:

"Elohim! Elohim! frugativi et appellavi".

*(Dr. N)*

Ou: "Berith! Faça com que minhas obras durem vinte anos".

*(Chr.)*

Em seguida fazer a grande invocação (segundo o rito conhecido). Enterrar a galinha bem fundo, de maneira a que nenhum animal possa desenterrá-la.

Esta operação tem a finalidade de lançar *malefícios.*

*(Div. Aut.)*

*Cerimônia do cavalo preto* (segundo um antigo grimório grego).

> "No sábado, à hora de Mercúrio (a sexta, diurna), tome um prato novo e vazio, depois, tendo-o tomado, vá até uma velha encruzilhada; abra um buraco e meta-o dentro".
> "Vinda a noite, encontre um cavalo preto e cavalgue-o, segurando na mão um osso humano".
> "Fale assim":
> *"Xerion ariem moroés mizxaul EMNTAL Phorel Phereel narcisu xumpancê saraphael belzebuel munochoth alael miso".*
> "Invoque em seguida os Espíritos do Ocidente e do Carneiro (isto é), os do Grande Hades".
> "Depois invoque os Espíritos do Ar".
> "Como canto invocativo, empregue o dos Líbios em língua bárbara, dando igualmente à sua montaria rápida o nome de *Semiramel*".
> "Pronuncie: *Que os Espíritos das encruzilhadas venham e se apresentem à minha escolha".*
> "Então, nada de fraquejar: é melhor ir direto ao objetivo".
> "Interrogue e lhe será respondido".
>
> *(Nova interpretação P. P. – Ric.)*

## Anéis da Sorte

*Anéis comuns* (fabricados em ouro).

Figuras ditas simbólicas, a serem gravadas ou modeladas:

Nos anéis de Saturno: Uma serpente enrolada em torno de uma pedra.
Nos anéis de Júpiter: Uma águia com uma estrela de cinco pontas no bico.
Nos anéis de Marte: Uma serpente mordendo o punho de um gládio.
Nos anéis do Sol: Uma serpente com cabeça de leão coroado.

Nos anéis de Vênus: Um lingam simbólico ou um falo egípcio.
Nos anéis da Lua: Uma esfera cortada por dois crescentes.
Nos anéis de Mercúrio: Um caduceu de serpentes.

*(Segundo Chr., rito mágico da Roma antiga).*

*Nota.* Os anéis acima são ditos deste ou daquele planeta, segundo a pedra engastada que lhe foi correspondente.

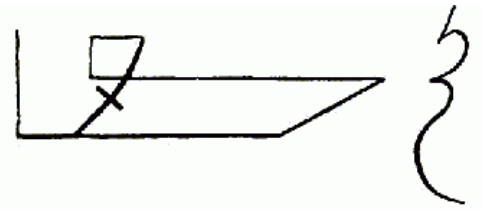
## Anéis talismânicos (ditos talismãs de natividade)

I – *Para as pessoas nascidas em Maio e Agosto.*

*Metal:* Mercúrio e chumbo; fazer fundir e amalgamar o chumbo, no mês de agosto, em uma quarta-feira, à hora de Mercúrio.

Fazer o anel fundido.

Fazer gravar, em qualquer estação, no mesmo dia e hora, os caracteres abaixo:



*Engaste.* Colocar no mesmo:

| | |
|---|---|
| 1º – Plantas: erva mercurial | uma pitada |
| 2º – Peles: macaco | " |
| 3º – Penas: cegonha | " |
| 4º – Pedra: cristal de rocha | " |

*Consagração.* Segundo o rito.
Incensar na direção norte, com zimbro.
Invocar: Gabriel, Tarlis, Amabiel, Etaran, Poimon, as Ninfas, Michael, Ophil

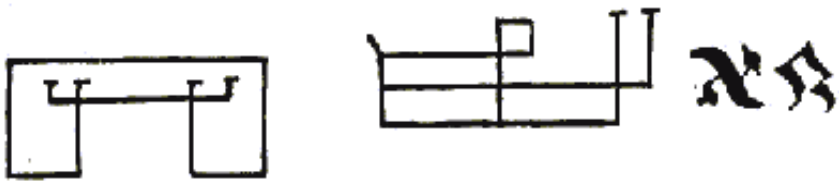
Terminada a cerimônia, embrulhar o anel em tafetá de várias cores; só colocá-lo no dedo chegado o inverno, no dia e hora acima citados, virando-se na direção Norte.

II – *Para as pessoas nascidas em abril, setembro, novembro e fevereiro.*

*Metal:* Cobre vermelho e estanho, fundidos em partes iguais, nas proximidades de 20 de abril, em uma sexta ou quinta-feira, à hora de Vênus ou de Júpiter.

Fazer o anel em dias e horas semelhantes.

Em novembro seguinte, nos mesmos dias e horas, fazer gravar os caracteres abaixo:



*Engaste.* Colocar no mesmo:

| | | |
|---|---|---|
| 1º – Plantas: | Capillum Venerii | uma pitada |
| | Barba Jovis | id. |
| 2º – Peles: | Bode | id. |
| | Cervo | id. |
| 3º – Penas: | Pomba | id. |
| | Águia | id. |
| 4º – Pedra: | Esmeralda | |

*Consagração.* Segundo o rito.

Incensar na direção leste, com louro e aloés.

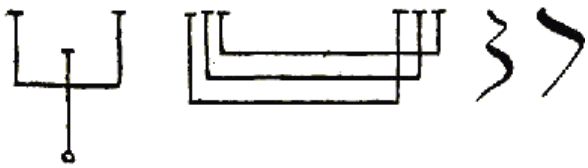
Invocar: Raphael, Seraph, Carascala, Hamabiel, Comissoros, Moimon, os Aéreos, Zadkiel, Betor, Sachiel, Hamiel, Hagith.

Conservar o anel até a primavera; colocá-lo no dedo nos dias e horas acima citados, virando-se para o leste.

III – *Para as pessoas nascidas em março, julho e outubro.*

*Metal:* Ouro e ferro, fundidos em partes iguais, nas proximidades de 24 de julho, em um domingo, à hora do Sol. Fazer o anel fundido.

No mês de março seguinte, em ama terça-feira, à hora de Marte, fazer gravar os caracteres seguintes:



*Engaste.* Colocar no mesmo:

| | | |
|---|---|---|
| 1º – Plantas: | Heliotrópio | uma pitada |
| | Mapellus | id. |
| 2º – Peles: | Leão | id. |
| | Lobo | id. |
| 3º – Penas: | Cisne | id. |
| | Abutre | id. |
| 4º – Pedra: | Rubi | |

*Consagração.* Segundo o rito.

Incensar na direção oeste, com estoraque e almíscar.

Invocar: Michael, Cherub, Gargatel, Tariel, Tubiel, Bael, os Silfos, Camael, Phaley, Samael, Oel, Aoael.

Conservar o anel até o verão; colocá-lo no dedo nos dias e horas do Sol ou de Marte, virando-se para oeste.

IV – *Para as pessoas nascidas em junho, dezembro, janeiro.*

*Metal:* Prata e chumbo, fundidos em partes iguais, no mês de junho, em uma segunda-feira ou um sábado, à hora da Lua ou de Saturno.

Fazer o anel em dezembro seguinte, nos dias e horas semelhantes. Fazer gravar, em dias e horas idênticos, os caracteres seguintes:

Engaste. Colocar no mesmo:

| | | |
|---|---|---|
| 1º – Plantas: | Selenotrópia | uma pitada |
| | Saião | id. |
| 2º – Peles: | Gato | id. |
| | Toupeira | id. |
| 3º – Penas: | Mocho | id. |
| | Poupa | id. |
| 4º – Pedra: | Safíra | |

*Consagração.* Segundo o rito.

Incensar na direção sul, com enxofre.

Invocar: Uriel, Ariel, Tarquam, Galbarel, Egin, os Pigmeus, Zaphkiel, Gabriel, Aratron, Phul, Cassiel.

Conservar o anel até o outono e colocá-lo no dedo nos dias e horas antes citados.

*(Cl. 1)*

## Emprego dos Talismãs (de toda espécie)

Qualquer talismã só possui virtude e eficácia, sob a condição de estar em perfeita correspondência com a pessoa que o traz (seja qual for o gênero desse talismã).

A virtude de um talismã fica perdida, se ele for perdido ou emprestado; aliás, é conveniente ter-se cuidado para nunca desfazer-se de um talismã, a fim de que este não venha a ser empregado como arma contra seu dono anterior.

*(Div. Aut.)*

*Virtudes especiais das medalhas talismânicas*

*Os talismãs do Sol:*

1º – Atraem a boa vontade e o favor daqueles no poder;
2º – Preservam das doenças do coração, das síncopes, dos perigos e dos incêndios.

*Os talismãs de Mercúrio:*

1º – Atraem as relações comerciais, a sorte nos negócios e nas obras da imaginação;
2º – Preservam da epilepsia, da loucura, neurastenia e demais enfermidades análogas.

*Os talismãs de Vênus:*

1º – Atraem a concórdia e afeição entre esposos;
2º – Preservam da inveja e do ódio, evitando também as possibilidades de envenenamento.
3º – Protegem as mulheres contra o câncer.

*Os talismãs de Marte:*

1º – Atraem a audácia;
2º – Preservam das febres, úlceras, ferimentos e da morte em combates, duelos ou rixas; 3º – Protegem contra inimigos perigosos.

*Os talismãs de Júpiter:*

1º – Atraem a boa vontade e a simpatia;
2º – Preservam das doenças do fígado e dos tumores em geral;
3º – Propiciam a sorte;
4º – Protegem contra acidentes e morte violenta.

*Os talismãs de Saturno:*

1º – Atraem a prudência;
2º – Preservam da apoplexia, do câncer, da cárie dos ossos, da consunção, hidropisia, paralisia e doenças do peito;
3º – Facilitam a parturição;
4º – Protegem contra emboscadas e traições.

*Os talismãs da Lua:*

1º – Atraem os sonhos agradáveis e proféticos;
2º – Preservam da epilepsia, da hidropisia e das doenças dos rins;
3º – Favorecem as viagens;
4º – Protegem contra os naufrágios.

*(Chr.)*

## Fabricação de anéis considerados como rituais em Feitiçaria.

I – Operar durante o Primeiro Domicílio da Lua.

Fazer um anel de ouro.
Engastar um diamante ou um pedaço de cristal de rocha. Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:

Consagrar.
Fumigar com âmbar.
Virtude do anel: atrai o favor dos grandes.
Palavra do *anel: Illusabio.*

II – Operar durante o Segundo Domicílio da Lua.

Fazer um anel de prata.
Engastar um pedaço de cristal de rocha.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:

Consagrar.
Fumigar com madeira de aloés.
Virtude do anel: proteção contra os espíritos malignos.
Palavra do anel: *Gabriach*

III – Operar durante o Terceiro Domicílio da Lua.
Fazer um anel de cobre.
Engastar uma pedra de lápis-lazúli.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:

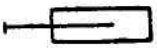
Fumigar com madeira de alóes.
Virtude do anel: proteção na caça aos quadrúpedes.
Palavra do anel: *Gabroar.*

IV– Operar durante o Quarto Domicílio da Lua.

Fazer um anel de estanho.
Engastar um pedaço de cristal de rocha.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:

Consagrar.
Fumigar com cabelos do operador.
Virtude do anel: proteção nas viagens a cavalo.
Palavra do anel: *Gabriot.*

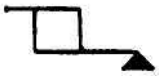
V – Operar durante o Quinto Domicílio da Lua.
Fazer um anel de prata.
Engastar um rubi ou uma granada.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:



Consagrar.
Fumigar com incenso.
Virtude do anel: proteção contra as doenças.
Palavra do anel: *Balsamiach.*

VI – Operar durante o Nono Domicílio da Lua.
Fazer um anel de ouro.

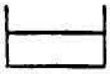
Engastar um topázio.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:



Consagrar.
Fumigar com casca de laranja.
Virtude do anel: conferir inviabilidade aquele que usar e que, no momento requerido, enfiá-lo na boca.
Palavra do anel: *Tonucho.*

VII – Operar durante o Décimo Domicílio da Lua.

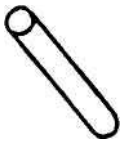
Fazer um anel de ouro.
Engastar um topázio.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:
Consagrar.



Fumigar com âmbar.
Virtude do anel: proteção contra os inimigos.
Palavra do anel: *Topinoch.*

VII – Operar durante o Décimo-terceiro Domicílio da Lua.

Fazer um anel de ouro.
Engastar um topázio.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:



Consagrar.
Fumigar com madeira de aloés.
Virtude do anel: atrai para aquele que o usar o amor de toda a pessoa que o mesmo cobiçar.
Palavra do anel: *Asmalior.*

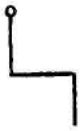
IX – Operar durante o Décimo-quinto Domicílio da Lua.

Fazer um anel de estanho.
Engastar um pedaço de cristal de rocha.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:

Consagrar.
Fumigar com tufos de pêlos.
Virtude do anel: proteção na pesca.
Palavra do anel: *Balbuch.*

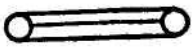
X. – Operar durante o Quarto Domicílio da Lua.

Fazer um anel de ouro.
Engastar um topázio.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:



Consagrar.
Fumigar com âmbar.
Virtude do anel: Beneficia a meditação.
Palavra do anel: *Astaroth.*

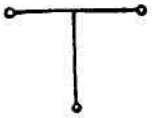
XI – Operar durante o Quarto Domicílio da Lua.
Fazer um anel de estanho.
Engastar jaspe.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:



Consagrar.
Fumigar com âmbar.
Virtude do anel: proteção na caça aos pássaros.
Palavra do anel: *Jampeluch.*

XII – Operar durante o Nono Domicílio da Lua.

Fazer um anel de prata.
Engastar um pedaço de cristal de rocha.
Sobre a pedra, gravar a figura seguinte:



Consagrar.
Fumigar com meimendro.
Virtude do anel: aumento do dom da vidência.
Palavra do anel: *Dolesech*

Os anéis rituais acima mencionados correspondem, cada um, a signos do Zodíaco.

Eles são utilizados nas operações especiais, cuja finalidade é a comunicação com os Espíritos que governam a Natureza.

A palavra de cada anel deve ser escrita em pergaminho virgem e consagrada com o sangue de um pombo sacrificado.

O pergaminho – minúsculo – deve ser colocado sob o engaste do anel.

O operador pronunciará a palavra a cada vez que fizer um apelo à virtude do anel. Além disso, não deverá divulgar essa palavra entre os profanos.

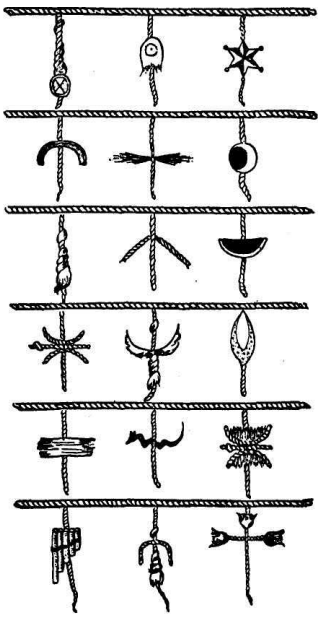
*(Cl. 1)*

Antigos caracteres chineses empregados como fetiches

*(L. de R.)*

Quipos peruamos

Tipos de ornamentos fetichistas utilizados pelas tribos primitivas.



*(L.de R.)*

## XVI – MAGIA PESSOAL

### Sede dos Dons Excepcionais

Sob a denominação de *Magia pessoal*, deve-se entender uma série de práticas, mais ou menos ritualísticas – e, neste sentido, mais ou menos segundo os princípios da Alta Magia – que, em

nossos dias e com o progresso da ciência experimental, são melhor classificadas na categoria de *manifestações psíquicas.*

Convém, então, separar nitidamente as hipóteses atualmente emitidas para explicação do *mecanismo* das manifestações consideradas, admitindo apenas as *causalidades energéticas* que, segundo teorias derivadas da teoria geral em Magia, encontram-se em ação.

Com razão, a ciência moderna se preocupa sobretudo em reconhecer *como* se produzem as manifestações psíquicas; a ciência, ou melhor, o saber de onde procede a Magia, inquieta-se unicamente em estabelecer *por que* podem existir tais manifestações. Esta sutileza – muito importante – permite que se faça a distinção.

*(Doc. Part.)*

A razão pela qual um indivíduo da espécie humana possui *dons excepcionais* que o tornam um *operador ocasional* reside (magicamente falando) no próprio determinismo que constituiu não apenas seu *ser físico,* mas também seu *ser moral.*

Quando o determinismo das energias cósmicas aciona o das forças naturais, constrói *indiretamente,* em um recipiente adequado a cada espécie (geralmente denominado ovo), o ser composto de células que, posto no mundo desde que habilitado para a alimentação aérea, cresce em seguida e se torna adulto, isto é, um ser perfeito.

A teoria iniciática vê a razão desta construção fetal e deste crescimento posterior, nas *energias celulares* – levando-se em conta a diferença das espécies – e, neste ponto, a citada teoria se mostra inteiramente de acordo com a biologia.

Onde ela deixa de concordar com as concepções modernas –já que o ser atua voluntariamente, por si mesmo – é nas razões que motivam o exercício da intelectualidade do indivíduo. De resto, tal desacordo não apresenta caráter científico, mas filosófico.

Sem dúvida, a pouca atenção concedida à psicologia animal, há muito fez perder de vista o fato de que, entre a intelectualidade de um ser qualquer, de espécie inferior em evolução, e a intelectualidade do homem – muito superior e muito evoluída – há diferenças apenas *quantitativas,* de modo algum *qualitativas.*

Observações recentes acentuaram que a *faculdade de abstração,* até agora imprudentemente reservada ao homem por filósofos diversos, existia entre todos os seres, fossem quem fossem (inclusive os minerais) – embora em graus *quantitativamente* tão diversos, que se tornava necessária uma extrema atenção e uma certa largueza de concepção, para que essa faculdade fosse percebida (sobretudo entre os minerais).

A teoria geral que preside à Magia não se embaraça em complicações provenientes desta espécie de *autoscopia,* em que a maioria dos filósofos entreviu um meio fácil de raciocinar, algo que a ciência experimental evita cuidadosamente.

Se existe determinismo no Universo, não se pode encontrar nele nenhuma exceção: tal é o princípio fundamental da teoria. A liberdade de cada ser e o livre arbítrio do homem, em particular, têm sua *razão mecânica* no enunciado do princípio dito de Galileu (ou de decomposição dos movimentos).

Com este princípio, a *lei moral,* da maneira como é atualmente enunciada – da maneira como sempre o foi – recebe sua total satisfação. Sobre este ponto, não existe desacordo com as filosofias.

Por conseguinte, quando a teoria deixa de lado o que, em um ser, ultrapassa o exercício das faculdades intelectuais, está apenas considerando o exercício dessas faculdades particulares que se dizem *psíquicas.*

*(Doc. Part.)*

As *faculdades psíquicas são* de ordem corrente; só se tornam interessantes, sob o ponto de vista mágico, quando assumem, no indivíduo, um tal desenvolvimento, que parecem constituir *dons excepcionais.*

Daí o fato de certas escolas modernas considerarem as possibilidades de desenvolver o que elas denominam "poderes latentes do homem".

Certamente, a Alta Magia sempre levou em conta semelhante desenvolvimento e não teria caráter iniciático, se o tivesse negligenciado. Isto porque a iniciação não tem, em suma, outra finalidade senão a de desenvolver ao máximo (para cada indivíduo) todas as faculdades intelectuais, morais, psíquicas, e mesmo físicas, ao alcance da espécie humana. Daí o motivo, aliás, pelo qual os ensinamentos iniciáticos de Elêusis comportavam não apenas uma parte filosófica e literária (da qual são prova as tragédias gregas, bem como os escritos dos alunos de Sócrates), mas também uma *parte esportiva*, cuja manifestação eram os periódicos festejos ditos Olímpicos.

Em seguimento, a Magia comum procurou reter, neste método, um meio puramente individual de extensão psíquica.

Entretanto, em vista do desenvolvimento geral – e, sobretudo, de desenvolvimento psíquico – a observação estrita do determinismo se torna obrigatória, a fim de, através de atenta observância, seja evitado que, em seu *treinamento* (aqui cabe melhor a expressão esportiva), o indivíduo instruído venha a experimentar qualquer perturbação desagradável.

Do ponto de vista especialmente psíquico, o determinismo a considerar no homem se refere a um "conjunto de natureza mecânica" que, mais filosoficamente descrito que cientificamente exposto, tomou o nome de *corpo astral.*

*(Doc. Part.)*

O *corpo astral* tem sido diferentemente denominado:

– *Enormon* (por Hipócrates).
– *Corpo luminoso* (pelos pitagóricos).
– *Duplo ou Kâ* (pelos egípcios).
– *Corpo etéreo* (pelos neoplatônicos).
– *Corpo glorioso* (pelos Pais da Igreja).
– *Perispirito* (por Allan Kardec).
– *Duplo etérico* (pelos teósofos modernos).
– *Corpo vital fluidico* (pelo Dr. Baraduc e diversos metapsíquicos contemporâneos).

Aliás, estas são apenas algumas das denominações mais costumeiras. Existem várias outras mas, cada uma, como as precedentes, tem por finalidade evocar uma teoria especial e explicativa.

*(Div. Aut.)*

De todos os modos, a palavra "corpo" incitou a ver-se outra coisa além de uma simples disposição mecânica que, *essencialmente fluídica* (isto é, energética), não possua a consistência material – sendo então o que, em filosofia, leva o nome de *substância* (embora o termo defina mais

especialmente o *estado* sob o qual se apresenta o ser intelectual, em seu completo desenvolvimento).

*(Doc. Estr.)*

Segundo diversos experimentadores, o *corpo astral* assume as seguintes funções:

– Ele rege, conserva e anima o corpo material;
– Ele reproduz a forma da célula e, por conseguinte, a forma geral do indivíduo;
– Ele provoca o que se denomina *sentido íntimo,* do ponto de vista intelectual;
– Ele constitui uma espécie de duplo de nós mesmos e, em vista de uma diminuição ou aumento de frequência vibratória, torna-se suscetível de surgir ante o sentido visual (em certas condições, bem entendido).

*(Bar.)*

A Magia entende *mais ou menos* desta maneira o papel do corpo astral, ao considerar os dons excepcionais do operador. Aliás, neste sentido, os Alquimistas forneceram abundantes indicações concernentes *to fixo* e ao *volátil* (ou móvel) entre os seres animados e inanimados, sendo *o fixo* a matéria de caráter *atômico* e o *volátil* a energia de caráter *morfológico,* dito *substancial* em filosofia.

*(Doc. Fr.)*

Sob o ponto de vista mágico, no entanto, a expressão de *corpo astral* é ainda a melhor, posto que melhor corresponde ao *dispositivo energético* que constitui o mecanismo em questão.

Este dispositivo se fundamenta em combinações que os *astros* (de um sistema estelar qualquer) apresentam em um dado momento. No sistema solar, e para o planeta denominado Terra, tais combinações são constituídas pelo Sol (centro do sistema), pela Lua (satélite da Terra) e por todos os demais planetas que giram em torno do Sol.

A expressão *geometricamente descritiva* destas combinações é feita, como de justiça, em função de um ponto geograficamente determinado do globo terrestre.

Neste ponto – mas então *precisado com grande rigor,* mesmo em altura acima do horizonte, como em profundidade abaixo dele – o indivíduo que vê o dia (em uma determinada espécie, uma raça definida, uma dada cadeia hereditária) *incorpora* esta expressão mecânica das combinações astrais, *segundo seu condicionamento construtivo.*

A incorporação – que, afinal de contas, não passa de uma *orientação* de suas próprias energias construtivas – apresenta-se como constituindo no indivíduo um *conjunto* dotado de mobilidade especial, quase independente de suas volições intelectuais.

O motivo é fácil de entender. As energias construtivas estabeleceram no ser uma *parte fixa,* em que o desenvolvimento e evolução se operam mecanicamente e na mesma ordem – o que permite aí reconhecermos uma fixidez. O físico – é inegável – consta desta parte, mas também consta o intelectual, embora *subjetivamente* o indivíduo disso se aperceba menos.

Em compensação, a orientação das energias construtivas estabeleceu uma parte que é *móvel* (melhor dizendo, *variável)* em vista de serem constantemente variáveis, em si mesmas, as combinações astrais que a presidiram.

Daí se segue que o indivíduo aparece como subdividido (*grosso modo)* em três elementos, aparentados, porém distintos:

– O ser físico;
– O ser intelectual (e moral);
– O ser que se deve denominar *astral*, já que são os astros, por suas combinações, que o constituem e animam.

*(Doc. Fr. – Doc. Estr.)*

Certas pesquisas em metapsiquismo fizeram compreender que o *corpo vital fluídico*, ou corpo astral, possuía um papel capital no homem. Ele é, no entanto, considerado como *subconsciente*, mas isto responde com perfeição a seu aspecto mecânico.

Em vista disto, o *corpo astral* é sede de dons excepcionais. A delicadeza de seu funcionamento, assim como as variações por este manifestadas, encontram sua razão de ser (do ponto de vista energético) na delicadeza e variações constatadas no seio dos "plasmas" constituídos pelas combinações siderais.

Resulta, então, que se torna difícil uma análise, sem entrar em profusos detalhes, embora seja fácil compreender o mecanismo energético de tais combinações, apesar de complexas: trata-se – apenas – de transpor os termos empregados pela física usual.

*(Doc. Fr.)*

Entre os hindus, existe todo um método de desenvolvimento dos dons naturais para que atinjam um valor quase excepcional e, da mesma forma, para torná-los tão eficazes quanto possível. Tal método leva o nome de *Yoga*, subdividindo-se em tantas categorias quantas forem necessárias, a fim de haver um conformismo com a teoria, segundo a qual é analisado o corpo astral.

A expressão *Yoga* significa *união*. Diz-se que ela é mais indicativa de uma filosofia, cujo objeto é o melhoramento da espécie humana, ao invés de ser apenas um método de aperfeiçoamento psíquico. Trata-se de uma afirmação exata porque, em se tratando de *união*, convém considerar-se uma *reunião* de pessoas instruindo-se mais ou menos iniciaticamente e, portanto, filosoficamente. Esta instrução, contudo, possui um *caráter prático*, antes de tudo: diz respeito à melhoria do indivíduo, através do desenvolvimento de seus dons psíquicos. Assim sendo, ela considera principalmente um método. Este pode ter *um fundamento filosófico* e mesmo uma *aparência racional* – por definição, não pode ser uma filosofia.

*(Doc. Part.)*

A *teoria hindu* distingue no homem os sete princípios seguintes:

1º – *Rupa* ou corpo físico;
2º – *Jiva* ou força vital;
3º – *Linga Sharíra* ou corpo astral;
4º – *Kama Rupa* ou alma animal;
5º – *Manas* ou alma humana;
6º – *Buddhi* ou força psíquica;
7º – *Atma* ou essência psíquica (ou alma, propriamente dita).

Existe ainda uma subdivisão em duas partes – uma superior e outra inferior – com cada um dos princípios denominados *Manas* e *Buddhi* Com mais estes, o número fica elevado a *nove*, desta forma constituindo um *novenário energético*, perfeitamente de acordo com a teoria geral e, em todo caso, absolutamente comparável ao sistema dos *haioth-hakodesch*.

Este *energetismo superior* torna-se então semelhante (do ponto de vista geométrico) ao energetismo inferior, do qual o próprio ser humano é a sede. A ideia de um *microcosmo* humano comparável ao

*macrocosmo* (que é o Universo) – uma ideia constante e fundamental na antiguidade grego-latina – encontra-se, igualmente, na base das concepções asiáticas.

*(Teos.)*

A *Yoga* oriental teve uma réplica no Ocidente, conhecida sob o nome de *misticismo.*

Em nossos dias, este vocábulo assumiu um sentido, tanto científica como literalmente, que é bastante diverso do de "prática psíquica" – sob o qual se deve entendê-lo, em se tratando de *Magia pessoal.*

Entre os gregos, *myste* era o iniciado da primeira categoria – a categoria dos *epóptas* sendo considerada como segunda e superior.

De fato, o *myste* era menos prático e menos especializado que o *epópta.* Segundo o ponto de vista dos Alquimistas, ele era um *filósofo,* enquanto que o epópta assumia a classificação de *sábio.* Desta forma, os chefes das categorias eram *altamente filósofos e altamente sábios.*

Portanto, para o homem, elas serão:

Na categoria dos epóptas, a Magia era a grande Magia, se assim se pode dizer: *Magia cerimonial* Entre os mystes, era preferentemente a *Magia pessoal* – em outras palavras, o *misticismo.*

Assim, nada mais natural que, em seguida, a palavra misticismo tenha ganhado uma acepção *filosófica.*

Entre a *Yoga* oriental e o misticismo ocidental, existe então apenas uma diferença de "mentalidade". Entretanto, além da divergência de concepções sobre as quais repousa a teoria do aperfeiçoamento psíquico, a "mentalidade" implica a diversidade nos métodos de aperfeiçoamento. Não obstante, os *meios* e os *princípios de treinamento* permanecem os mesmos.

O resultado também é o mesmo. Consiste em dar ao "sujeito" que apresenta dons excepcionais, possibilidades para que os mesmos se tornem *extraordinários.*

*(Div. Aut. – Doc. Part. – Doc. Fr.)*

## Classificação das possibilidades

O que se denomina *possibilidade* de um ser qualquer é fundamentado essencialmente na amplitude do raio que cada um de seus *meios de exploração* projeta em seu ambiente.

A possibilidade, mais simples – aquela que, assim, é o *tipo* – consiste na extensão de apêndices (ou órgãos) de preensão, cada um deles traçando um *raio,* após a articulação que os prende ao corpo. Para o homem (considerado como ereto e imóvel), tal possibilidade se denota a cada lado de seu corpo, pelo comprimento dos braços.

Reconhece-se, por isso, que se trata principalmente de uma *posssibilidade de exploração do ambiente,* utilizada em seguida e eventualmente como *preensão.*

Por conseguinte, pode-se dizer que as possibilidades em questão se referem à *exploração* do domínio que circunda o ser e no qual este se encontra, em suma, "banhado".

1º – As *possibilidades de movimento,* das quais a gesticulação dos braços é a mais simples e a das pernas a mais útil, posto que lhe permite o deslocamento à superfície do solo. Entretanto, com vistas à locomoção, a engenhosidade humana sempre procurou aumentar o raio de deslocamento,

*ganhando tempo em relação ao espaço percorrido:* e isto funciona como o índice mecânico do progresso da civilização. Pode-se dizer o quanto a humanidade ganhou de tempo no deslocamento, após o asno bíblico, passando pelo cavalo e a carruagem, até o automóvel e a aviação.

2º – As *possibilidades de criação,* de início representadas na ordem natural, pelas possibilidades de geração. Estas, no entanto, são as mais limitadas em que o determinismo, estreitamente ligado à espécie, as torna independentes da Vontade e não permitindo, em absoluto, a modificação. Em seguida, tais possibilidades são representadas, na ordem social, pelas possibilidades de melhoria do meio, cujo efeito, graças à engenhosidade, é traduzido por tudo que diz respeito à arte, em sua mais ampla acepção, indo até a organização da sociedade;

3º – As *possibilidades de assimilação,* em que a mais elementar é a da assimilação nutritiva – menos limitada que parece à primeira vista, posto que aí o homem exerce muito bem sua vontade, diminuindo ou aumentando o exercício e mesmo modificando o objeto. Uma destas possibilidades e, sem dúvida a mais interessante, tem por fim incitar o homem a empregar os recursos da Natureza e praticamente transformá-los: daí o progresso e aquilo que se denomina "conforto";

4º – As *possibilidades de equilíbrio,* baseadas fisicamente na atração mecânica do peso, sem a qual evidentemente não haveria física nem química – sem a qual o homem não teria uma postura ereta, acima do horizonte -sem a qual ele jamais conseguiria edificar sua morada. No domínio moral, tais possibilidades se traduzem por tudo que se fundamente no equilíbrio, seja intelectual, exprimindo-se tanto pela razão como pela lógica ou seja social, exprimindo-se pela justiça;

5º – As *possibilidades de adaptação,* entre as quais a adaptação ao meio caracteriza biologicamente as espécies animais, mas também diferencia os indivíduos, imprimindo-lhes certas características adquiridas, através das quais se distinguem as raças. Elas permitem que o homem – muito mais livre que os animais, neste sentido como em tantos outros – se modifique segundo o clima e mesmo segundo as sociedades formadas por seus congêneres. Tais possibilidades de adaptação são exercidas principalmente por intermédio dos órgãos sensoriais, cujo poder de "excitação" é modificado segundo o meio, fornecendo ao intelecto as noções necessárias para que intervenha a vontade, a fim de haver a modificação do indivíduo total;

6º – As *possibilidades de compreensão,* que se deve entender no domínio físico como possibilidades de "abraçar" *(comprehendi,* em latim), um campo sobre o qual serão exercidas as possibilidades precedentes e onde será também exercida uma última, que é a possibilidade de ação. Para o indivíduo, trata-se do meio de circunscrever, à sua volta, um espaço do qual ele terminará se reconhecendo proprietário (como acontece com seu corpo, circunscrevendo o seu *eu),* campo este que ele se esforçará em explorar, modificar e arrumar à vontade. Socialmente, toda a legislação individual tem como fundamento o exercício de tais possibilidades; moralmente, toda a ciência nada mais é que a expressão – e o sentido da palavra compreender é, sobretudo e como se disse, intelectual;

7º – As *possibilidades de ação,* enfim, as quais implicam a existência das outras. Elas permitem que o indivíduo exerça sua volição, a fim de reagir contra a ação de coisas que o circundam: contra o mineral que, por sua massa, resiste à modificação tentada – contra o vegetal que cresce sorrateiramente e tenta aniquilar seus esforços para melhorar o ambiente – contra o animal que, impelido pelas próprias necessidades, vem dizimar suas plantações – e também contra o homem que, opondo às suas as mesmas possibilidades de ação, procura despojá-lo do produto de seus esforços.

Não existe qualquer gradação nestas possibilidades: pode-se considerá-las como existindo simultaneamente no ser.

*(Doc. Fr.)*

Ora, são estas possibilidades, consideradas sob o ponto de vista mágico, que levam em consideração todo método de desenvolvimento dos dons ditos psíquicos.

1º – A *possibilidade de movimento* pode, então, ir além da *exteriorização da personalidade*, até a *bilocação efetiva;*

2º – A *possibilidade de criação* começa no ajuntamento das forças cósmicas e na modificação que lhes dá o aspecto de um "conglomerado", suscetível de afetar a sensibilidade e assim se tornar visível, indo até a fabricação de objetos naturais, dos quais a "germinação do grão de trigo na mão do faquir" é uma *manifestação;*

3º – A *possibilidade de assimilação*, geralmente exercida deficientemente por *jejuns* prolongados além do normal e atingindo seu máximo no fato de um indivíduo poder ficar sem respirar durante meses inteiros;

4º – A *possibilidade de equilíbrio*, manifestada pela liberação dos efeitos do peso pelo fato da *levitação*, podendo chegar ao *desaparecimento* mais ou menos longo do indivíduo – e dando origem aos dons ditos de *invisibilidade;*

5º – A *possibilidade de adaptação* que, dependendo sobretudo do domínio sensorial, permite a *clarividência* e a *clariaudiência*, em graus diversos; entretanto, também permite a olfactação de aromas sutis, bem como a palatação ou o contato de objetos que, ordinariamente, não são percebidos pelos sentidos;

6º – A *possibilidade de compreensão* que, sob o ponto de vista psíquico, mal é considerada como baseada preferentemente na intelectualidade (em seu desenvolvimento), permite no entanto abraçar, pelas faculdades morais convenientemente treinadas, domínios de grande extensão, que chegam à "compreensão" não apenas do Universo, mas ainda do *Universal* (isto é, englobando os limites extremos do abstrato);

7° – Também a *possibilidade de ação.* Entretanto, é forçoso reconhecer que a mesma só consegue um desenvolvimento normal, na medida em que as possibilidades de compreensão sejam suscetíveis de desenvolvimento por si mesmas. Porque, quando atuamos sem saber como e nem por que, semeamos a desordem à nossa volta e dela sempre terminamos sendo vítimas. Em tais condições, portanto, o máximo de desenvolvimento das possibilidades de compreensão intelectual confere o máximo de possibilidades de ação e, assim sendo, os dons excepcionais são, evidentemente, denominados *dons teúrgicos.*

*(Doc. Fr.)*

## Desenvolvimento das Possibilidades

Os diversos métodos que consideram esses *dons* como passíveis de desenvolvimento, a fim de que se tornem excepcionais, não parecem ter em conta o determinismo individual – o qual, necessariamente, determina um limite às possibilidades, primeiro na espécie humana, depois em uma raça em particular, mas, sobretudo, em cada indivíduo.

A razão é que, mesmo os mais hábeis e mais sérios de tais métodos, são forçados a apresentar o homem como dotado de uma liberdade absoluta no seio da Natureza e do Universo, a fim de não mergulharem o indivíduo em um *fatalismo* intelectual e psiquicamente nefasto, que só poderia incitar à inação.

Entretanto, torna-se lógico que o *reconhecimento exato da qualidade e quantidade dos dons*, existentes em um indivíduo, só pode ser baseado no exame das combinações energéticas que presidiram à construção de todo o seu ser.

O exame, então, se fundamenta no que leva o nome usual de *Astrologia* – mas uma Astrologia que os tratados, legados pela antiguidade, não explicam muito. Entretanto, sempre é necessário o estabelecimento do tema sideral – nas condições cosmográficas que se conhece ordinariamente.

Este tema sideral não pode ser outro senão o do *momento cósmico da natividade* (segundo uma ancestralidade precisada com exatidão e de acordo com um lugar terrestre devidamente delimitado). O motivo é que tal momento marca somente o da liberação do indivíduo (seja qual for a espécie a que ele pertença) sobre o horizonte e *para o meio normal* no qual se efetuará sua existência, até o outro *momento cósmico* em que as energias naturais – tendo nele terminado seu ciclo de eficácia – cessarão de animar seus diversos movimentos orgânicos, dando lugar ao fenômeno denominado a morte.

Antes de tal fenômeno, o ser existia em outro meio – e, em seguimento, sua imobilidade física faz constatar que, no meio onde a vida ordinariamente se manifesta, ele não exerce mais as possibilidades que tinha.

Assim, sendo as ditas possibilidades convenientemente reconhecidas (suas qualidades definidas e sua quantidade mensurada), o desenvolvimento consiste em seguir um treinamento, qualificável de racional, no qual os esforços jamais devem exceder um *máximo momentâneo* e. mesmo, por prudência, permanecer ligeiramente aquém desse máximo.

Trata-se de um treinamento – no sentido esportivo da palavra. Por conseguinte, trata-se também de um *professor*, cujo papel por vezes é encorajar o aluno (ou o "sujeito") e de detê-lo a tempo, mesmo que ele se julgue capaz de continuar, ainda não se ressentindo da fadiga.

Em verdade, é possível o treinamento individual como, aliás, acontece também no esporte. Entretanto, de parte daquele que o empreende, há necessidade de tal força de vontade e, sobretudo, de prudência, que muito raramente surgem os efeitos esperados.

*(Doc. Estr. – Doc. Fr. – Doc. Part.)*

O *treinamento da possibilidade de movimento é* praticado quando o "sujeito" apresenta um dom que, sob o ponto de vista mágico, caracteriza-se pela faculdade de *exteriorização dos meios perceptivos.*

Todo homem possui meios semelhantes: são meios *cerebrais* e em absoluto intelectuais. Porque é preciso compreender que a *sensação é* um fenômeno residente em um órgão e que a *percepção é*, consecutivamente à transmissão de vibrações sensoriais ao cérebro, uma transformação das mesmas em *noções perceptivas.* Deve-se ainda compreender que, em seguimento, o intelecto (que nada possui de positivamente físico), fabrica com as ditas noções perceptivas o que se denomina *conceitos*, em que as *concepções são* os grupamentos racionais e cujo desenrolar são os *pensamentos.*

Falando-se então de *meios perceptivos*, trata-se de faculdades que o cérebro possui para adquirir noções perceptivas.

Havendo exteriorização destes meios, as noções são adquiridas sem auxílio dos órgãos sensoriais.

Tudo depende, então, da possibilidade de serem deslocados os meios perceptivos, sem que os órgãos sejam deslocados – portanto, sem que o corpo seja movido de maneira alguma. Isto é o que se denomina *exteriorização.*

Qualitativamente, existem possibilidades semelhantes no ser humano: quantitativamente, no entanto, em geral elas são iguais a zero – ou melhor, perto de zero, porque cada um as possui, por menores que sejam.

O treinamento é praticado, simplesmente, esforçando-se para ver os objetos reais, por exemplo, sem olhar para eles, após fechar os olhos, e assim por diante.

*(Doc. Fr.)*

*Nota.* No que concerne à *exteriorização das faculdades perceptivas,* encontram-se relatadas diversas experiências feitas em 1907, no volume intitulado *Année occultiste et psychique,* que o autor publicou na mesma data.

*(P.P.)*

O *treinamento da possibilidade de criação,* ao contrário, exige o dom mais especial, que leva o nome de *mediunidade.*

Nem todos os "sujeitos" possuem tal dom, sendo realmente considerados como "sujeitos", aqueles que o tenham, em graus diversos.

Trata-se do dom que foi mais analisado pelas escolas modernas e, desta forma, o que se acha mais conhecido.

A Magia, no entanto – que também o conhecia e desde muito tempo, na antiguidade – sempre considerou o desenvolvimento em função do determinismo individual e de conformidade com os *momentos cósmicos* onde as possibilidades ofereciam sua melhor eficácia. Quanto a este ponto, pode-se afirmar que, por seus métodos (inclusive no controle dos "sujeitos"), a Magia ultrapassa tudo que os modernos poderiam imaginar como estudo, como desenvolvimento e, bem entendido, como resultados.

Neste sentido, a Magia antiga aparece impregnada de uma mentalidade bem mais "científica", que aquela às vezes exibida por numerosos pesquisadores.

*(Doc. Estr.)*

O *treinamento da possibilidade de assimilação* constitui o próprio fundo da *Yoga* hindu.

Neste ponto, com o espírito detalhista que caracteriza os orientais, pode-se dizer que a Yoga é completa. Os resultados fornecidos pelo método são bem conhecidos e fazem parte do *faquirismo.*

O *misticismo* ocidental comporta um método menos detalhado, talvez menos determinista, mas cujos resultados são também confirmados pelo *ascetismo* e igualmente bem conhecidos.

*(Teos. – Div. Aut.)*

O *treinamento da faculdade de equilíbrio* também se fundamentava na Yoga e no misticismo, mas exigindo dons bastante vizinhos da *mediunidade.*

Por este motivo, foi sempre considerado como procedente de elevadas concepções da Yoga e do Misticismo. Por outro lado, os resultados que apresenta mostram uma similitude de "milagre", por

serem, não apenas muito raros, mas ainda tão excepcionais, que se apresentam como maravilhosos – isto é, além de todas as leis naturais.

Com efeito, trata-se da compensação dessa força chamada atração da gravidade. Ora, sendo esta a "viga mestra da Natureza", é impossível compreender-se, sem explicações racionais e admissíveis, como possa ela ser compensada para produzir a *levitação*, por exemplo. Daí, a qualificação de *sobrenatural*, que tem sido atribuída aos resultados deste treinamento.

*(Doc. Estr.)*

O *treinamento da faculdade de adaptação* conduz à vidência e à clariaudiência, de um modo geral.

Os *dons de vidência* consistem em uma adaptação particular do órgão visual, permitindo-lhe registrar vibrações de frequência superior ou inferior as ordinariamente percebidas pelo mesmo órgão.

Não se trata de uma adaptação *retiniana*, mas nervosa, residindo preferentemente na *qualidade do sistema especial* daqueles nervos que transmitem a sensação ao cérebro. A anatomia, no entanto, não possui meio algum para explicar esta qualidade – e muito menos a fisiologia.

Somente uma prática que se poderia denominar *Astrologia biológica* seria capaz de demonstrá-lo. Todavia, seriam procurados em vão os elementos, nos melhores e mais antigos tratados; se quisesse encontrar tais elementos, o pesquisador certamente se perderia em considerações, porque para estabelecer uma certeza, faltar-lhe-iam os conhecimentos *profundos* dos princípios em que repousava toda a ciência – é o termo que aqui mais se aplica – de onde a Iniciação extraiu seus ensinamentos.

Assim sendo, quando é reconhecida a vidência em um "sujeito", o treinamento progressivo é bastante fácil. Uma observação conveniente das determinações da natividade ajuda poderosamente neste sentido; ela também afasta as sempre temidas perturbações e procura resultados satisfatórios.

O mesmo acontece no tocante à clariaudiência – aliás, um dom ainda mais raro.

Também é a mesma coisa em relação aos dons relativos à sensibilidade olfativa, gustativa e táctil, embora os dons deste gênero sejam muito mais raros.

*(Doc. Fr.)*

O *treinamento da faculdade de compreensão* não diz respeito à Magia, propriamente dita: sendo seu caráter tão somente intelectual, trata-se de algo iniciático, em todos os sentidos.

Acontece igualmente com a *faculdade de ação*, pois é preciso ter-se em conta que tal faculdade consiste, então, em possuir uma atuação na humanidade. Isto constitui um dos principais segredos, senão o mais essencial, daquilo que leva o nome de Iniciação. E, sobre esta, a ideia permanece vaga, apesar do que se possa deixar entender.

*(Doc. Estr.)*

*Nota.* Diversas indicações concernentes à prática da *Magia pessoal*, extraídas de autores que parecem os melhores qualificados nesse sentido, são encontradas mais adiante.

Em vista das explicações fornecidas anteriormente, será fácil reconhecer, entre as fórmulas, aquelas que estão impregnadas de caráter supersticioso.

## Exercício da Meditação Psíquica

Dá-se mais ou menos o nome de *meditação*, a toda tentativa volitiva de exteriorização do corpo astral. Reserva-se, então, o nome de *êxtase* para as mesmas tentativas, quando involuntárias.

*(Div. Aut.)*

O corpo astral é capaz de exteriorizar-se:

1º – Totalmente, daí os fenômenos de *ubiquidade* ou de aparecimento da mesma pessoa em dois lugares diferentes da Terra e bastante distanciados um do outro; daí também o êxtase ou morte momentânea (trata-se, então, de uma espécie de viagem do "corpo astral" ao que se denomina "planos" mais ou menos "superiores");

2º – Parcialmente, daí os fenômenos de telepatia, volitivos ou não (que podem ser comparados à ubiquidade) e de vidência involuntária (em certa medida, correspondendo ao êxtase).

*(Div. Aut.)*

Um método de exercício meditativo é o seguinte:

– Operar todas as manhãs, à mesma hora, durante dez, quinze ou vinte minutos;
– Permanecer no leito, em semi-obscuridade, sentado, com a cabeça e os ombros cobertos;
– Fazer, assim, o pensamento viajar, concentrando-o e exteriorizando-o.

*(Ch. B.)*

## Modalidades da Egrégora

*Egrégora é* o pensamento consciente, mas dotado de vida própria, de uma ou várias pessoas reunidas em grupo. Trata-se, assim, de um "ser psíquico", de caráter coletivo.

A teoria da *egrégora* é exposta da seguinte forma: "Se algumas pessoas se reunirem em um local, emitindo vibrações fortes e idênticas, através de pensamentos da mesma natureza, um ser verdadeiro tomará vida e será animado de força, boa ou má, segundo o gênero de pensamentos emitidos".

"De início fraco e incapaz de atividade, prestes a dissolver-se caso seja abandonado, este ser coletivo se precisa, à medida que aumentam as reuniões. Sua forma se torna cada vez mais firme e ele adquire uma possibilidade de ação cada vez maior."

*(Ph.)*

*Nota.* Tendo noções bastante precisas sobre a *egrégora*, os Magos antigos a utilizavam para a produção de "fenômenos" mencionados pelos historiadores.

*(P.P.)*

## Particularidades da Aura

Dá-se este nome a uma espécie de atmosfera fluídica, proveniente da condensação de forças fluídicas que todo humano possui.

A *aura se nutre*, por assim dizer, dos fluidos cósmicos. Por conseguinte, é possível fortalecê-la com a ajuda de certas práticas mágicas (principalmente a meditação) ou debilitá-la pela exuberância, frivolidade e intemperança.

*(Div. Aut.)*

A *aura é* facilmente perceptível através dos dons da vidência. Graças a isto, pôde ser fartamente estudada.

Os videntes percebem as *auras* tingidas de cores variadas. Através da experiência, pode-se classificar assim a relação destas cores com as diferentes naturezas de pessoas:

| | | |
|---|---|---|
| Negro | *esverdeado* | mordacidade cruel |
| Marrom | *chocolate* | mordacidade |
| – | *escuro* | egoísmo |
| – | *claro* | ciúme |
| Cinza | *(em geral)* | indolência |
| – | *chumbo* | indolência e tristeza |
| – | *claro* | indolência e timidez |
| – | *esverdeado* | indolência e falsidade |
| Vermelho | *acastanhado* | avareza |
| – | *fogo* | bestialidade |
| – | *cereja* | amor |
| – | *rosado* | amizade |
| Azul | *claro* | misticismo sonhador |
| – | *escuro* | religiosidade |
| – | *lilás* | elevada espiritualidade |
| Amarelo | *(em geral)* | intelectualidade |
| – | *avermelhado* | forte intelectualidade |
| – | *ouro* | elevada intelectualidade |
| Violeta | *(em geral)* | devoção e afeição |

*(E. B.)*

## Psicometria

*Definição:* Dá-se este nome à faculdade possuída por certas pessoas, especialmente dotadas de, pelo contato com objetos, conhecer as circunstâncias principais em que tal objeto ou objetos estiveram envolvidos.

Todos nós somos mais ou menos *psicométricos:* a psicometria é o primeiro e mais simples grau da magia pessoal.

*Modo de experimentação*

Segurar um objeto qualquer na mão direita e aplicá-lo sobre a fronte.

Fechar os olhos e esperar. Ao fim de alguns instantes – principalmente se houve o cuidado de esvaziar a mente de todo pensamento – percebe-se uma lembrança estranha à pessoa; então, vê-se a que se relaciona o objeto.

*Prática ordinária*

O treinamento permite que se adquira a experiência da psicometria: é essencial que se pratique todos os dias, às mesmas horas, durante o mesmo período de tempo.

Convém colocar-se na obscuridade ou à luz amortecida do dia, de maneira a evitar distrações. O melhor serviço consiste, de início, em servir-se de cartas ou cartões-postais vindos de pessoas conhecidas; misturados, serio aplicados sucessivamente à fronte, com os olhos fechados.

Para cada um dos objetos, deve-se permanecer nesta posição uma média de cinco minutos. Não é conveniente impacientar-se, mas permanecer em estado de calma, sem deixar que os pensamentos divaguem.

Em pouco, começa a formar-se uma imagem diante dos olhos: é aquela relacionada às circunstâncias da carta ou cartão (o aposento em que cada um foi escrito, lugar em que foi colocado no correio, etc). No começo, as imagens são descoloradas e imprecisas, mas com a prática, vão ganhando detalhes: surgem os personagens e outras circunstâncias.

Após um período de tempo mais ou menos longo, segundo o grau de aptidão do operador, ele não tardará a tornar-se um psicometrista hábil, isto é, a ver uma imagem nítida e precisa, ao primeiro contato de uma carta ou cartão-postal.

Da mesma forma, ele se servirá de todo tipo de objetos, sobretudo de objetos antigos, para perceber circunstâncias retrospectivas.

O exercício da psicometria é absolutamente isento de risco.

*(Dht.)*

## Radiestesia

Estudada depois que foram abandonadas certas ideias preconcebidas sobre o psiquismo, a *radiestesia* certamente não parece mais baseada na Magia.

Não obstante, ela se classifica na categoria da Magia pessoal – porque implica um desenvolvimento das possibilidades humanas (normais ou supranormais), desenvolvimento este que deve ser levado em conta.

Durante muito tempo, no entanto, ela foi considerada como oriunda da pura bruxaria.

Eis o que diziam os autores antigos:

Para descobrir fontes e tesouros, usa-se uma vareta, cortada verde e com a casca intacta – de carvalho, freixo, nogueira ou aveleira. A vareta deve ser naturalmente bifurcada em uma das extremidades, em forma de V aberto.

Ao segurá-la, a ponta fica voltada para o alto, as duas ramificações em V ligeiramente encurvadas e apertadas entre as palmas das mãos, voltadas para fora.

Desta forma, percorre-se lentamente o terreno a explorar.

De quando em quando, bate-se com o pé, sem que o calcanhar abandone o solo, a fim de que a vareta se ponha em movimento.

Quando se estiver acima da água ou do tesouro, a vareta se torce, chegando por vezes a ponto de quebrar-se.

*(Div. Aut.)*

A *busca de tesouros*, no entanto, também era objeto de práticas especiais em bruxaria. A mais difundida era a seguinte:

– Fazer uma vela, composta de cera e gordura humana;

– Colocá-la sobre um pedaço de nogueira ou aveleira, colhido pelos próprios meios e talhado em forma de ferradura;
– Transportar-se para os lugares onde, supõe-se, esteja o tesouro; acender a vela; quanto mais se chegar perto do esconderijo do tesouro, mais a vela cintilará; quando a chama se firmar, está-se sobre ele.

*(Div. Aut.)*

*Nota.* O emprego de *gordura humana* nesta fórmula é suficiente paia demonstrar que se trata de *goécia.*

*(P.P.)*

## Métodos Mágicos de Vidência

A *vidência pessoal* é um dom que pode ser comparado ao da psicometria – com a diferença de que nem todas as pessoas são videntes.

Pratica-se a vidência fechando os olhos e permanecendo sem pensar.

*(Div. Aut.)*

A vidência por *espelhos mágicos,* no entanto, é mais encontrada na nota das tradições da antiguidade.

A fórmula abaixo explica como se opera o treinamento:

– Escolhe-se como "sujeito" um menino de sete anos mais ou menos, ou uma menina de doze ou uma mulher muito nervosa;
– Sentar o "sujeito" diante do espelho;
– Colocar-se atrás dele e colocar a mão em sua cabeça ou estirar as duas mãos à altura de seu occipital (em geral, não é necessário qualquer passe magnético, posto que o "sujeito" não deverá estar adormecido).

Ao cabo de alguns instantes, se o "sujeito" for dotado, verá a passagem de nuvens sobre o espelho, depois o desenho das cores do espectro da luz e, finalmente, surgem as visões.

*(Sd.)*

Os *espelhos mágicos* têm uma correspondência planetária bem definida.

Os discos e espelhos negros são os aparelhos de Saturno, sendo empregados com um "sujeito" homem.

Os recipientes cheios de água são os espelhos da Lua, sendo empregados com um "sujeito" mulher.

Os hemisférios e bolas de metal são os espelhos do Sol, sendo empregados sem ajuda do "sujeito", pois são para visão pessoal.

*(Sd.)*

## Fórmulas para a fabricação de espelhos mágicos

***Primeira fórmula***

O espelho mágico é constituído por uma taça de cristal, cheia de água até as bordas.
Colocar a taça sobre uma toalha de linho branco. Colocar duas velas atrás da taça.
O "sujeito" senta-se diante da taça, de maneira a ver perfeitamente a superfície da água.

***Segunda fórmula***

Substituir, na fórmula anterior, a taça por uma garrafa de cristal em forma de bola, cheia de água, ou por uma bola de cristal magnetizado.

*(Cag.)*

***Terceira fórmula***

São diversas as substâncias empregadas para os espelhos:

Na Índia, emprega-se o ouro.
No Japão, emprega-se o jade polido.
Na Europa, emprega-se cobre, estanho, aço e cada metal planetário.

Fabrica-se uma chapa reluzente e polida, ligeiramente côncava. Acima, escreve-se em hebreu, com o sangue de um pombo branco e macho.

*Jehovah – Metatron – Elohim – Adonai.*

Embrulha-se em linho novo, limpo e branco. Faz-se a consagração no dia da Lua nova, à primeira hora noturna.

*(Sd.)*

***Quarta fórmula.***

Toma-se um cartão oval, com 10 centímetros de comprimento. Recobre-se um lado do cartão com uma folha de estanho e o outro com tecido negro.

Coloca-se este espelho na concha da mão, com os dedos assomando sobre as bordas e serve-se dele olhando-o com fixidez durante uns dez minutos, para que se obtenham visões pessoais.

*(D. P.)*

***Quinta fórmula***

Toma-se um vidro polido, sem ser estanhado.

Verter sobre o mesmo, inteiramente e sem ajuda de pincel, uma pasta esquentada em fogo brando, em um recipiente apropriado, composta de plumbagina (grafite) dissolvida em óleo de oliva.

Deixar secar por completo.

*(Sw.)*

Na falta de outro espelho mágico, pode-se operar, igualmente, por meio de uma unha reluzente ou a palma da mão esfregada em óleo, a fim de que fique brilhante.

*(S. Q.)*

## XVII – EMPREGO DAS DROGAS PSÍQUICAS

### Aumento artificial das possibilidades pessoais

Em todos os tempos – mais particularmente, no entanto, nas épocas em que a Magia assumia um caráter mais pessoal que cerimonial, em seguida à decadência iniciática – a ideia de serem

aumentadas as possibilidades de operar (por qualquer meio que fosse) conduziu ao emprego de drogas ditas psíquicas.

A verdadeira e Alta Magia, que sempre considerou os dons ditos excepcionais como decorrentes de poderes adquiridos pelo estudo e – em suma – pela iniciação, não apenas rejeitou teoricamente esse emprego, como ainda o proibiu rigorosamente no exercício operatório.

No tocante aos efeitos fisiológicos das drogas em questão, sabe-se que elas agem mais sobre o "sistema simpático" que sobre o "sistema nervoso". Sabe-se, portanto, o seu perigo.

Em sua maioria, tais drogas são narcóticos ou confeccionadas à base de narcóticos. Neste sentido, deve-se reconhecer que o narcótico menos nocivo – exceto quando usado imoderadamente, bem entendido – é o *tabaco.*

Entretanto, no que diz respeito à Magia pessoal, convém assinalar a ação nitidamente antimágica e quase antipsíquica do tabaco fumado. A ligeira anestesia da glote e do véu palatino, produzida pela fumaça de um só cigarro, impede que se efetue convenientemente os mais modestos exercícios, como a psicometria, por exemplo. Essa anestesia também é suscetível de perturbar ou impedir o "desprendimento do subconsciente", com ajuda do qual é praticada a leitura de cartas, a geomancia e todo outro meio de esclarecer o determinismo do momento cósmico, em função do "questionante" ou "consulente" (segundo o termo empregado).

Com ainda maior razão, uma atmosfera impregnada de tabaco, sem que pertença a um "salão de fumar" legítimo é contraindicada para qualquer operação de Magia, mesmo pessoal.

*(Div. Aut.)*

Sejam quais forem tais drogas destinadas a aumentar certas possibilidades mais ou menos manifestas, em detrimento da saúde física e moral, torna-se útil, em diversos sentidos técnicos, o conhecimento de preparações assinaladas por numerosos autores. As mesmas são bastante supersticiosas, de um modo geral, podendo algumas passar por legítimas Feitiçarias.

Tais preparações serão encontradas pouco adiante.

As aqui indicadas mostram uma natureza farmacêutica e assim é, mas pertencem a uma farmácia muito vizinha da Alquimia. Além disto, apresentam inúmeras denominações bizarras que – com dicionários especiais -resultam ordinariamente em vulgares corpos químicos (purgativos, em sua maioria). Tal acontece, porque um grande número de pretensos "produtos" de Feitiçaria jamais passaram de vulgares "artimanhas".

*(Doc. Part.)*

## Filtros diversos, empregados em Feitiçaria

*Preparação geral dos filtros.*

Tomar diversas substâncias adequadas ao objetivo proposto. Deixá-las secar no ar. Reduzi-las a pó.

Ajuntar uma parte de seu próprio sangue, seco e pulverizado, caso opere para si mesmo – ou do sangue da pessoa para a qual opera.

*Modo de emprego.*

Misturar uma pitada de pó obtido aos alimentos da pessoa sobre a qual se quer atuar.

*(Div. Aut.)*

Convém, no entanto, observar a *assinatura planetária* da pessoa sobre a qual se quer atuar (ou, melhor ainda, seu tema de natividade), operando, então, apenas em uma hora planetária favorável.

*(Px.)*

*Filtro para se fazer amar.*

1º – Tomar: Um coração de pomba; Um fígado de pardal; Uma matriz de andorinha; Um testículo de lebre. Preparar da maneira indicada.

*(P. M.)*

2º – Tomar as partes genitais de um dos animais de amor, quando estiverem na época do cio: Pomba; Rola; Pardal; Andorinha. Preparar da maneira indicada.

*(Ag.)*

*Filtro para adquirir coragem.*

Tomar os olhos, o coração e o fígado de um dos seguintes animais: Leão; Galo; Corvo; Morcego. Preparar da maneira indicada.

*(Ag.)*

*Filtro para adquirir ou conceder a facilidade da palavra.* Tomar os miolos de uma rã ou de um mocho. Preparar da maneira indicada.

*(Ag.)*

## Haxixe

*Haxixe* é uma palavra árabe, que significa *erva;* serve para designar a espécie de cânhamo denominada *canabis indica*, que passa, então, por erva.

O haxixe é preparado segundo a fórmula abaixo, denominada *Estrato gorduroso dos Árabes*, em farmácia:

Fazer ferver as extremidades floridas do cânhamo fresco, juntamente com manteiga e muito pouca quantidade de água, apenas para impedir que o cânhamo fique torrado. Coa-se, então, quando a água se evaporar e a manteiga estiver suficientemente impregnada.

Com o haxixe, pode-se preparar electuários, pastas e pastilhas, acrescendo-se aromatizantes como canela, baunilha, noz-moscada, essência de rosas, de almíscar, etc.

*(Dor.)*

Existe uma outra fórmula para o haxixe, porém de efeito muito fraco:

| | |
|---|---|
| Raiz de Canja | 5 a 10 cg. |
| Canabine ou haxixine | 5 a 10 cg. |
| Extrato alcoólico de haxixe | 10 a 20 cg. |
| Tintura alcoólica | 3 a 4 cg. |
| Extrato gorduroso francês | 2 gr. |
| Dawamesk da Turquia | 15 a 30 g. |
| Madjound da Algéria | 8 a 30 g. |
| Resina da Itália | 30 a 40 cg. |
| Resina da Borgonha | 50 cg. a 1 g. |

*(E. B.)*

## Unguento populéum

I – *Composição.*

| | |
|---|---|
| Brotos secos de choupo | 375,0 |
| Folhas recentes de papoula | 250,0 |
| – de beladona | 250,0 |
| – recentes de meimendro | 250,0 |
| – de erva-moura | 250,0 |
| Banha de porco | 2.000,0 |

*(Dor.)*

II – *Preparação*

Cozinhar as plantas na gordura de porco, em fogo brando. Quando a umidade tiver evaporado, juntar os brotos de choupo, devidamente triturados. Deixar digerir durante vinte e quatro horas. Coar em seguida, apertando com força. Deixar arrefecer e então separar o depósito que se formou. Jogar fora o depósito e fazer derreter novamente, caso se queira despejar em um boião.

*(Dor.)*

III – *Emprego*

Esfregando-se as artérias dos pés e das mãos com este unguento, ele acalma, provoca o sono e atrai sonhos alegres.

*(Car.)*

*Nota.* Durante toda a Idade Média, este unguento alcançou uma grande reputação como droga psíquica.

*(Div. Aut.)*

## Loção diabólica

I – *Composição e preparação*

| | |
|---|---|
| Terenbentina | 8 g. |

Dissolvê-la na gema do ovo de um pato selvagem. Acrescentar:

| | |
|---|---|
| Diascordium (ver a fórmula adiante) | 6 g. |
| Rosas vermelhas pulverizadas | 1,25 g. |
| Leite de cabra ou de jumenta | 240 g. |
| Hera terrestre | uma mão cheia. |
| Alquimila ou pé-de-leão | meia mão cheia. |
| Matricária | meia mão cheia. |
| Cabeça de hipericão | 4 pitadas. |
| Raspas de chifre de cervo | 2,50 g. |
| Príapo de lobo | 12 g. |
| Essência de baleia | 24 g. |

Cozinhar tudo em uma justa proporção de aguardente canforada.

Acrescentar:

| | | |
|---|---|---|
| Xarope de coral | ââ | 210 g. |

| | | |
|---|---|---|
| Consolda grande | ââ | 210 g. |
| Bálsamo | ââ | 24 g. |
| Amoníaco líquido | ââ | 24 g. |

Colocar em um recipiente de argila. Guardar em lugar fresco durante três meses. Acrescentar: Vinho de Malvasia: 3 litros.

II – *Aperfeiçoamento do preparo*

Colocar em garrafas arrolhadas e suspender ao sol durante todo um verão, de nove da manhã às três horas da tarde, se o tempo estiver bom.

III – *Emprego.*

Colocar três gotas deste licor em um litro de água comum. Amornar. Lavar com a mistura os pés, as mãos, a cabeça e o estômago, antes de dormir.

IV – *Propriedades psíquicas.* Dá sonhos proféticos.

*(Ad. S.)*

*Nota.* Na dose indicada, esta preparação nada tem de perigosa. É recomendada (pelo autor que a menciona) a todos aqueles que queiram fazer operações mágicas.

A fórmula comporta o *príapo de lobo,* que nada mais *é* senão o *lycopus europeus* (uma labiada), ao passo que a *essência de baleia é* geralmente denominada *cetina* ou *espermacete.*

*(P .P. -Dor.)*

## Pó de briônia

*Composição.*
Raiz de briônia pulverizada
Dose: 1 a 2 gramas.
Emprego: em cápsulas ou misturada aos alimentos.

*Propriedades:* análogas às da tintura de calumba.

*(Dor.)*

## Tintura de calumba

I – *Preparação.*

| | |
|---|---|
| Pó de calumba | 100 |
| Álcool a 56° | 400 |

Deixar macerar durante 15 dias. Coar comprimindo. Filtrar.

*(Dor.)*

II – *Emprego.*

A tintura de calumba é tomada pura ou diluída, com ou sem açúcar.

III – *Propriedades psíquicas.*

Esta preparação produz os mesmos efeitos que a hipnose: "O indivíduo que a tomar, permanece com suas forças corporais intactas, porém deixa de ter o vigor intelectual necessário ao raciocínio e ao pensamento. Em seguida, aceita como suas as ideias que lhe forem sugeridas e as realiza com tanta energia material, como se emanassem de seu próprio cérebro".

*(Lanc.)*

*Nota.* É recomendável usar desta preparação com extrema prudência.

*(Div. Aut.)*

## Discordium de Frascator

I – *omposição.*

| | |
|---|---|
| Carvalhinha | 15 |
| Rosas vermelhas | 15 |
| Bistorta | 15 |
| Canela | 15 |
| Dictamno de Creta | 15 |
| Estoraque | 15 |
| Genciana | 15 |
| Tormentilha | 15 |
| Semente de berberídia | 15 |
| Cássia liquea | 15 |
| Gengibre | 8 |
| Pimenta comprida (Piper longum) | 8 |
| Gálbano | 15 |
| Goma arábica | 15 |
| Bolus orientalis | 60 |
| Extrato de ópio | 8 |
| Mel rosado | 1.000 |
| Vinho de Espanha | 250 |

Dissolver o extrato de ópio no vinho.

Adicionar o mel rosado (bem cozido) depois, pouco a pouco, as demais substâncias, reduzidas a pó bem fino. Em seguida, fazer uma pasta homogênea.

*Propriedades psíquicas*: Calmante, soporífico.

*(Dor.)*

## Electuário satânico

I – *Composição.*

| | |
|---|---|
| Ænantol | 3 |
| Extrato de ópio | 50 |
| Extrato de betei | 30 |
| Extrato de quinquefólio | 6 |
| Extrato de beladona | 15 |
| Extrato de meimendro | 15 |
| Extrato de cicuta comum | 15 |
| Extrato de cânhamo indiano | 250 |

| | |
|---|---|
| Extrato de cantáridas | 5 |
| Goma adragante | Q.S |
| Açúcar em pó | Q.S |

Preparar da maneira indicada.

*(Gu.)*

*Emprego:* Emprega-se em uso externo, para a ida ao Sabath.

*Nota.* Stanislas de Guaíta recomenda extrema prudência no uso deste electuário. Aliás, ele não indica a dose.

*(Gu.)*

## Unguento infernal

I – *Composição*

| | |
|---|---|
| Gordura humana (substituível pela de porco) | 100 g. |
| Haxixe superior | 5g. |
| Flor de cânhamo | uma mão cheia. |
| Flor de papoula | uma mão cheia. |
| Raiz de heléboro pulverizada | uma pitada. |
| Semente de girassol moída | uma pitada. |

Colocar em um recipiente hermeticamente fechado. Encher esse recipiente com quantidades iguais de flores de cânhamo e de papoula. Aquecer em banho-maria, durante duas horas. Coar quando retirar do fogo.

II – *Emprego.*

À noite, antes de deitar, esfregar o unguento atrás das orelhas, no pescoço, ao longo das carótidas, as axilas e a região do grande simpático, para a esquerda, a curva das pernas, a planta dos pés, os punhos e a dobra dos braços.

III – *Propriedades psíquicas.*

Em sonhos, atrai a sensação de assistir ao Sabath.

*(Lanc.)*

## Lilium de Paracelso

*Composição e preparação*

| | |
|---|---|
| Antimônio | 4 |
| Estanho | 1 |
| Cobre | 1 |

Fundir juntos estes três metais. Pulverizar. E ajuntar:

| | |
|---|---|
| Salitre | 6 |
| Creme de tártaro | 6 |

Lançar em um crisol, por partes; depois, esquentar fortemente. Tornar a pulverizar. Introduzir, em seguida, bastante quente, em um balão de ensaio, contendo:

| | |
|---|---|
| Álcool a 90° | 32 |

Fazer digerir na estufa e filtrar.

*(Par.)*

*Nota.* As propriedades desta preparação, hoje já esquecidas, são principalmente retificar a polarização do indivíduo que estiver perturbado por seja o que for: desta forma, torna-se um medicamento astral de primeira ordem.

*(Doc. Fr.)*

## Tintura de Landerer

I – *Composição*

| | |
|---|---|
| Folhas de loureiro | 60 |
| Cravo da índia | 8 |
| Espírito de lavanda | 125 |
| Espírito de orégão | 125 |

Fazer digerir em calor brando. Acrescentar:

| | |
|---|---|
| Éter sulfúrico | 15 |

*(Dor.)*

II – *Propriedades especiais*

Aumenta os cabelos (mas os feiticeiros pretendiam que tais propriedades eram resultantes de suas "encantações").

*(Div. Aut.)*

## Alimentos de efeito psíquico

A couve dá sonhos tristes.
A favinha dá sonhos turbulentos.
O alho dá sonhos terríveis.
A cebola dá sonhos perturbados.
A melissa dá sonhos alegres.
O suco de álamo dá sonhos em verde.
Comer abundantemente uma das substâncias precedentes, sobretudo no final da refeição. A melissa deve ser tomada após a refeição.

*(Car.)*

## Pílulas para os sonhos

I – *Composição.*

| | |
|---|---|
| Casca da raiz da cinoglossa | 15,0 |
| Semente de meimendro | 15,0 |
| Extrato de ópio | 15,0 |
| Mirra | 23,0 |
| Incenso | 20,0 |
| Açafrão | 6,0 |
| Castóreo | 6,0 |
| Xarope de ópio | na proporção |

*(Dor.)*

Fazer uma massa homogênea e dividir em pílulas de 0,1.

II – *Emprego.*

Uma ou duas à noite, antes de deitar.

III – *Propriedades especiais.*
Atraem um sono agradável e sonhos deliciosos.

*(Div. Aut.)*

## XVIII – PRÁTICAS DERIVADAS DA MAGIA PESSOAL

### O Enfeitiçamento

O enfeitiçamento está classificado na Magia pessoal.

Consiste, propriamente falando, na ação de uma pessoa sobre outra. Visto desta maneira, já haveria enfeitiçamento, desde que se tenha qualquer *ascendente* sobre alguém: é o *modo inconsciente do "volt"*, comentado por certos autores.

Etimologicamente, no entanto, a palavra implica uma ideia de vontade: a feitiçaria – da qual depende a prática, principalmente – assim o compreendeu. Há, então, várias espécies de enfeitiçamentos a serem distinguidos:

1º – Inicialmente, o do inconsciente e consciente;
2º – Em seguida, o do ódio e depois o do amor;
3º – Finalmente, aquele que se exerce sobre o operador ou auto-enfeitiçamento e o exercido sobre outrem – os desta categoria podendo derivar-se de cada uma das precedentes.

Uma certa teoria – relativamente moderna – foi emitida para tentar explicar o fato do enfeitiçamento. O enfeitiçamento se opera através da vontade, agindo sobre os "fluidos do plano astral" ou, melhor, sobre os *elementos* fluídicos que nele se encontrarem. Estes serão, assim, lançados em uma direção qualquer, animados de um certo movimento vibratório e colocados no mesmo plano astral que o duplo (ou corpo astral) do ser sobre o qual se quer agir. Eles procurariam entrar em harmonia porque (segundo a teoria) se trata de uma das principais leis do plano astral e, por este meio, entrariam em contato com o duplo visado.

*(Ph.)*

*Nota.* Convém acrescentar que esta teoria – como multas outras do mesmo gênero – consideram um "plano astral" bastante próximo da Natureza terrestre, onde existem fluidos quase físicos (para uns) e *entidades inferiores* (para outros). Tal concepção, nascida da leitura de diferentes obras antigas (muitas delas asiáticas), reflete incontestavelmente uma tradição – de proveniência iniciática, porém de forma alterada. Existe verdade, mas confusamente expressa e, sobretudo, mal compreendida.

*(P.P.)*

É principalmente na prática mágica do enfeitiçamento que o operador deve prevenir-se contra o *choque de retorno.* A coisa só tem importância no *enfeitiçamento de ódio;* porque, se o sujeito (não tendo podido ou sabido garantir-se) não receber os malefícios contra ele lançados, "não for atingido pelo sortilégio", como se costuma dizer, esse *sortilégio* retornará ao operador, com o risco de enfeitiçá-lo definitivamente.

Concebe-se, ao contrário, que o retorno ao operador, do enfeitiçamento de afeição, só poderá fazer-lhe bem, de maneira que parece ser inútil prevenir-se contra o choque de retorno, nos casos de um *enfeitiçamento de amor.*

*(Div. Aut.)*

Para evitar o choque de retorno, os especialistas na matéria aconselham:

1º – O *desvio*, quando é subsidiariamente designado um segundo "objeto do enfeitiçamento", para o caso onde o principal não seja atingido; em tais situações, entretanto, existe a obrigação de fazer-se uma dupla cerimônia mágica.

2° – Pela *proteção*, quando então há o cuidado de operar-se somente dentro de círculos mágicos, o operador rodeando-se de pantáculos protetores e, em seguida, fazendo apelo a diversos *coagulados de força*, que proporcionarão uma *aura*, cujo papel será o de uma armadura astral (este método mostra maior afinidade com os princípios ritualísticos da Magia verdadeira).

*(Div. Aut.)*

## Fórmulas diversas de enfeitiçamentos de amor

### *Primeira fórmula*

Quando quiserdes fazer uma imagem para conciliar o amor entre duas pessoas e fazer com que seu amor e união sejam fortes e firmes, confeccionai uma imagem dos dois, mostrando semelhança com eles. Operai à hora de Júpiter ou de Vênus, com o signo do Leão no Ascendente, quando a Lua estiver no Leão, em bom aspecto com Vênus, quando ainda o Senhor da Casa VII formar Sextil ou Trígono com o Senhor da Casa I (ou Ascendente).

Juntai estas duas imagens, de maneira que elas se abracem e enterrai-as no lugar onde achardes que será mais vantajoso.

*(Px.)*

### *Segunda fórmula*

Fazer o tema astrológico do momento da questão e, para operar, esperar que o Ascendente do tema precedente se encontre bem situado, isto é, fora de qualquer aspecto com os planetas maléficos, de tal maneira que seu regente esteja em suas dignidades, formando sextil ou trígono com este Ascendente. É preciso notar que o amor será mais forte, se o aspecto for em trígono ou sextil. Se, pelo contrário, formar uma quadratura, o amor buscado será trocado em repulsa.

Fazer então uma primeira imagem, por ocasião do aspecto acima.

Em seguida, fazer uma segunda, no momento em que a cúspide da Casa XI do tema de fabricação da primeira imagem estiver no Ascendente, caso haja a intenção de provocar-se apenas amizade – porém em um momento em que a cúspide da Casa VII do tema de fabricação da primeira imagem estiver no Ascendente, caso haja a intenção de gerar o amor.

*Observação* – É preciso, tanto quanto possível, que o regente do Ascendente do tema de natividade da pessoa que quer "ganhar a amizade ou o amor" forme um aspecto favorável com o regente do Ascendente do tema natal da outra pessoa. Em seguida, unir as duas imagens e enterrá-las nas proximidades da morada daquele que busca a amizade ou o amor.

*(Px.)*

### *Terceira fórmula*

Operar no momento em que a primeira metade de Câncer se encontra no Ascendente, sob a condição de que Vênus esteja nesta parte do Zodíaco, assim como a Lua nos quinze primeiros graus de Touro e na Casa XII. Fazer então duas imagens.

Uni-las em seguida e enterrá-las no lugar em que more uma das duas pessoas.

*(Px.)*

***Quarta fórmula***

Operar quando a Lua estiver em conjunção com Vênus, em Câncer.

Fazer o tema do momento escolhido, de maneira a que a parte da Fortuna se encontre no Ascendente. Confeccionar, então, duas imagens.

Escrever sobre uma delas a cifra 200, ao número de duzentas e vinte vezes e, sobre a outra, a cifra 248, ao número de duzentas e quarenta e oito vezes.

Uni-las.

*(Px.)*

***Quinta fórmula***

Escreva em um papel o nome da mulher amada e enfiá-lo sob seu próprio travesseiro. À hora de amar, tomar o travesseiro e apertá-lo fortemente, como se fosse uma mulher, repetindo o nome várias vezes.

A mulher experimentará o amor.

*(Camb.)*

***Sexta fórmula***

Fazer a imagem da jovem, usando um metal frio e seco.

Operar quando o signo de Virgem estiver no Ascendente, com Vênus neste signo; será preciso também que Vênus se encontre entre sua conjunção e sua oposição a Saturno; a hora deverá ser a de Vênus, depois da primeira e até a nona.

Em seguida, fazer a imagem do jovem, quando Vênus estiver no signo de Virgem e passar para o grau do Ascendente do momento em que foi feita a primeira imagem – ou ainda, quando Vênus estiver no signo de Gêmeos, tomando-se o cuidado para que nenhum planeta maléfico esteja em aspecto sextil no Ascendente.

Feitas as duas imagens, uni-las.

*Observação* – Se Mercúrio estiver no signo de Gêmeos, este signo não deverá ser tomado como Ascendente.

Convém juntar as imagens feitas segundo esta fórmula, sobretudo quando a Lua estiver em oposição ao Sol (isto é, quando for lua cheia).

O enfeitiçamento será muito mais bem-sucedido, se a Lua estiver nos signos de Sagitário, Câncer ou Touro e em uma casa afortunada do tema.

O aspecto benéfico de Júpiter também aumentará a potência do enfeitiçamento, sobretudo se este astro estiver no signo de Peixes ou de Câncer.

*(Px.)*

***Sétima fórmula***

Tomar qualquer partícula do corpo da pessoa a ser enfeitiçada: saliva, sangue, roupa usada, cabelos, unhas, etc.

Ajuntar uma partícula idêntica da pessoa que deseja se fazer amar.

Embrulhar tudo em uma fita vermelha, sobre a qual são traçados os nomes das duas pessoas, escritos com o sangue de uma delas.

Enrolar a fita, de maneira a que os nomes se toquem.

Encerrar tudo no corpo de um pardal.

A pessoa que deseja ser amada deverá levar este feitiço sob a axila durante algum tempo; depois a jogará ao fogo e a destruirá.

Enquanto o feitiço estiver sendo destruído, tal pessoa irá procurar aquela a quem ama: esta se encontrará enfeitiçada.

*(L. S. M.)*

*Observação concernente aos enfeitiçamentos de amor*

*A* imagem deve ser feita em cera virgem, se a mulher for virgem e em cera comum, se ela não for mais virgem. Uma vez feita a imagem, devem ser pronunciadas as palavras:

*Veni de sancta sede Adonay timor qui omnia ad voluntatem nostram coarctabit.*

Incensar em seguida. Conjurar depois.

*(Cl. 2)*

## Fórmulas diversas de enfeitiçamento de ódio

I – *Pela figura*

Fazer uma imagem do indivíduo a ser enfeitiçado. Crivá-la de alfinetes e pregos. Conjurar. Enterrá-la em seguida, perto da moradia do indivíduo a ser enfeitiçado.

*(Div. Aut.)*

*Observação* – Pode-se crivar a imagem de uma só vez, a fim de obter-se um resultado violento ou sucessivamente, para que o resultado seja mais lento.

II – *Pelo coração*

A imagem pode ser substituída pelo coração de um cordeiro ou de um bezerro.

Abri-lo e recheá-lo de farpas de madeira. Pode também ser recheada com alfinetes e pregos, em forma de cruz. Conjurar. Enterrá-lo em seguida perto de uma sepultura recente.

*(Lanc.)*

III – *Pela imagem*

O enfeitiçamento clássico é feito com a ajuda de uma figura, modelada em cera e representando o "sujeito". Na composição dessa figura, é bom que se acrescente qualquer partícula do corpo do "sujeito", a fim de que seja operado o transporte fluídico.

*(Gu.)*

IV – *Pelo sapo*

A figura é substituída por um sapo, ao qual se dá o nome do "sujeito".

*(Gu.)*

V – *Pelo cabelo*

Operar em uma sexta-feira, à hora de Vênus; conseguir algum cabelo do "sujeito". Durante os nove dias que se seguirem, em cada um dar um nó no cabelo. No nono dia, isto é, no sábado, à hora de Saturno, bater no cabelo, que o inimigo sentirá os golpes.

*(Div. Aut.)*

*Observações concernentes aos enfeitiçamentos de ódio:* Se, ao invés do cabelo, empregar-se um coração de carneiro ou de bezerro, é necessário que se opere sobre este coração um transporte de fluido de pessoa a ser enfeitiçada, através de alguma partícula pertencente a seu corpo. Em seguida, opera-se da mesma forma.

*(Div. Aut.)*

Em geral, os enfeitiçamentos de ódio devem ser executados à noite.

Se a Lua estiver em uma de suas Moradas infortunadas, auxiliará a operação.

Um aspecto maléfico da Lua com Marte ou Saturno, colocados no signo de Gêmeos ou Câncer, favorece os resultados.

*(Px.)*

## Modalidades de Vampirismo

Denomina-se *vampirismo* ao fato de um ser (humano ou pseudo-humano) aspirar o fluido vital de um outro ser (humano).

Assim, o vampirismo é uma forma de enfeitiçamento e, como este último, deve ser classificado na Magia pessoal.

Pode ser distinguido de várias maneiras:

1º – O *vampirismo egoísta*, quando o vampiro atua por sua própria conta;
2° – O *vampirismo altruísta*, quando o vampiro atua por conta de terceiros.

Por outro lado, o vampirismo pode ser:

*a)* Inconsciente;
*b)* Consciente.

Em geral, o vampirismo é praticado por um ser mais idoso sobre um "sujeito" menos idoso.

As forças vitais que um vampiro aspira de um indivíduo beneficiam-no em detrimento de sua vítima.

*(Div. Aut.)*

O vampirismo afeta formas variadas. Quando duas pessoas se vêem constantemente, não é raro que uma ganhe um certo ascendente sobre a outra. Então, a pessoa dominante subtrai, consciente ou inconscientemente, uma parte dos fluidos daquela que é dominada. Trata-se de uma das formas de vampirismo mais difundidas (daí que, por vezes, os processos dos tribunais criminais fornecem ao júri uma impressão positiva).

Em uma certa Magia – verdadeira, mas degenerada – utiliza-se este fenômeno, formando uma *egrégora voluntária,* que então demonstra sua "influência" ao redor – frequentemente para o mal, mas também para o bem. Admite-se que, desta forma, o vampirismo poderia alcançar uma intensidade bastante forte – muito maior, em todo caso, que se o vampiro fosse uma única pessoa. Numerosos arrebatamentos de frenesi que são constatados historicamente nas multidões e nos povos não têm outra origem, embora os documentos deixem de atestá-lo: é somente através de pontos de referência, muito particulares, que se pode chegar a suspeitar disso.

Entretanto, a forma de vampirismo mais corrente é aquela a que se deu o nome de *mau olhado.* Geralmente, tal fato é encarado como "superstição": uma delas, sem dúvida, é a crença popular no mau olhado (bastante difundida na Itália), conhecida como "olho mau". De qualquer modo, o fato existe, devidamente constatado; evidentemente, não é tão comum como se afirma embora seja inegável.

*(Doc. Fr. – Doc. Part.)*

A pessoa pode prevenir-se contra o vampirismo fechando as mãos, com os polegares sob os outros dedos, afastando os pés quando na vizinhança da pessoa que se suspeita seja um vampiro e tendo o cuidado, bem entendido, de manter a firme vontade de não permitir a subtração da menor parcela de sua "aura".

*(E. B.)*

Pode-se completar o gesto da mão, tendo o polegar fechado contra a palma, o médio e o anular dobrados sobre ele e projetando o indicador e o mínimo. Trata-se do gesto denominado "formar os chifres".

*(Ita.)*

Para conseguir-se uma proteção particularmente eficaz, coloca-se ao peito a mão formando os chifres, na altura da região do grande simpático, com os chifres voltados para o exterior.

*(Boh.)*

A simples tomada de contato com o sistema fluídico geral da Terra por vezes é suficiente para evitar o vampirismo passageiro, ocasionado por um mau encontro (isto *é,* com alguém cujos elementos planetários sejam opostos aos seus). Entra-se em contato com o sistema fluídico terrestre, tocando-se o ferro, por exemplo, um metal bom condutor, mas é preciso que o mesmo esteja em comunicação com a terra.

*(Pa.)*

Os pantáculos consagrados são uma excelente proteção contra o vampirismo.

*(Div. Aut.)*

## O Espiritismo

Na época atual, incontestavelmente seria supérfluo dar-se uma definição para o *espiritismo.* Suas doutrinas, suas práticas e seus métodos encontram-se bastante difundidos, para que alguém os ignore. Poderiam ser discutidos mas, legitimamente, não se poderia dizer que são desconhecidos: após mais de setenta anos, pelo menos, conquistaram – filosoficamente – o direito de serem citados e – cientificamente – de serem levados em consideração.

Entretanto, é conveniente acrescentar – embora o fato possa parecer chocante – que as práticas espíritas também derivam da Magia pessoal.

Até os tempos modernos, o fenômeno das *mesas que giram* e o das *encarnações mediúnicas* era considerado como pertencente à Magia: afirmava-se, inclusive, que à bruxaria. Na antiguidade – onde o espiritismo era perfeitamente conhecido – conhecia-se como "mágicos" aqueles que produziam fenômenos semelhantes; na Idade Média, os *médiuns* foram queimados vivos, como bruxos. Efetivamente, eles existiram em todos os tempos.

Nada mais lógico que classificar o espiritismo na Magia pessoal -posto que se trata de *comunicação* com personalidades invisíveis de um *além* que não é mais físico. A questão não consiste em saber se as personalidades possuem ou não uma "existência" real: aqui, neste momento, é algo fora de propósito. Ela se enquadra, contudo, na categoria de estudos sobre a Magia, porque o espiritismo comporta "práticas" cujo caráter se encontra bastante próximo daquelas que acabaram de ser passadas em revista.

É verdade que não se trata de Alta Magia, mas, de qualquer modo, é sempre Magia. Deve-se lhe reconhecer o valor, neste sentido. Aliás, já foi constatado que o domínio da Magia se estendia muito além do que se poderia imaginar.

Se as concepções e práticas de uma determinada Magia forem exatas e errôneas – se os objetos utilizados forem de acordo ou desajeitadamente imitados – se as personificações evocadas forem reais ou imaginárias, que diferença isto faz ao pesquisador consciencioso? A Magia permanece como uma forma de atividade humana – e o principal é descobrir seus motivos.

Conhecer o motivo das coisas continua sendo, desde a mais alta Antiguidade, o melhor *caminho para a sabedoria.*

FIM